RECREAÇÃO FILOSOFICA.

RECREAÇÃO FILOSOFICA, OU DIALOGO

Sobre a Filosofia Racional, para instrucção de pessoas curiosas, que não frequentárão as aulas.

PELO

P. THEODORO D'ALMEIDA

da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, e da Academia das Sciencias de Lisboa, Socio da Real Sociedade de Londres, e da de Biscaia.

Sexta impressão muito mais correcta que as precedentes.

TOMO VII.

Trata da Logica.

LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. V.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço, e Privilegio Real.

INDICE

DO QUE SE TRATA
nesse Tomo VII.

TARDE XXXVI.

Introducção á Filosofia Racional.

TARDE XXXVII.

Da nossa Imaginação, e modo, com que obra.

TAR-

TARDE XXXVIII.

Dá-se noticia do Entendimento, e das suas Idéas.

TARDE XXXIX.

Das enfermidades do nosso entendimento, e seus remedios.

TAR-

TARDE XXXX.

De outras enfermidades do entendimento; que lhe vem de fóra, onde se trata da Arte Crítica.

TARDE XXXXI.

Do bom uso das nossas idéas.

TARDE XXXXII.

Do Juizo, ou sentença, que dá o nosso entendimento.

TAR-

TARDE XXXXIII.

Do discurso bem formado.

TARDE XXXIV.

Dos Sofismas, ou discursos maliciosos.

§. V.

TARDE XXXXV.

Do Methodo.

RE-

RECREAÇÃO FILOSOFICA
REPARTIDA POR VARIAS TARDES.

TARDE XXXVI.

Introducção á Filosofia Racional.

§. I.

Da utilidade da Logica, ou da Sciencia de cultivar o entendimento.

Eug. DOu parabens á minha fortuna, amigo Teodosio, e Silvio, por me ter enganado nos meus discursos; pois torno a gozar da vossa companhia muito mais cedo do que esperava. Nunca tive gosto de

errar, senão na occasião presente; por quanto attendendo á perigosa enfermidade de Teodosio, e aos novos empregos com que vos via a vós, Silvio, embaraçado; julguei que nunca mais poderia gozar da vossa conversação com socego; e não posso encarecer-vos as saudades continuas que me causavão aquellas bellas tardes, que levámos aqui n'outro tempo todos tres, ora passeando pelas praias do ameno Téjo, ora pelos vossos jardins deliciosos; recreando-se entretanto o pensamento com as admiraveis bellezas, que cada dia me hieis fazendo ver com os olhos do entendimento: olhos que eu trazia bem fechados. Mas agora para bem meu me sahírão falsas todas as minhas idéas, e me vejo outra vez gozando da vossa companhia; por isso digo, que nunca gostei de errar, senão no caso presente.

Silv. Se errastes no vosso discurso, tendes desculpa; que eu tambem cri de certo que Teodozio fallecêra.

Teod. Com razão se diz, que ha agradaveis enganos; e muitas vezes o nosso maior verdugo he o proprio entendimento, formando discursos funestos, e sendo Profeta melancolico de casos tristes. Eu já por mui desenganado não sou assim, nem me quero nunca affligir com futuros, e futuros incertos; e me abstenho quanto posso de formar discursos tristes sobre o que póde acontecer: por quanto, ou o caso ha de acontecer na realidade, ou não; se não ha de acontecer, para que me quero affligir em vão, sendo Profeta falso de

ca-

casos infelizes? e se o caso ha de acontecer; basta que então me afflija: e tomára eu nem ainda então considerar nelle; quanto mais muitos tempos antes. Deste modo me poupo a dous males: hum, que he affligir-me; outro, que he errar, que sempre he defeito. Olhai, amigo Eugenio, os olhos d'alma são o entendimento; e errar hum homem com o entendimento, sempre he olhar torto, que he defeito que todos abominão. Outros usão de outra comparação, e dizem que os discursos do entendimento são os passos da nossa alma; e quem não discorre, dizem elles, tem a alma entrevada; e quem discorre mal, ou com erro (dai-me licença para a expressão, que he propria) tem a alma cambaia, porque não dá passos direitos. Vós rides-vos?

Eug. Rio-me, porque acho galanteria, e propriedade na comparação; e pasmo do descuido que ha ainda nas Côrtes; porque tendo todos os pais cuidado de reprehender seus filhos, se os vem olhar torto, e mandando-os aprender a dançar, para ficarem com boa postura do corpo, e andarem com graça, nunca os reprehendem de discursos errados. Pelo menos a mim nunca me dérão a minima instrucção sobre esta materia, cançando-se em ma dar boa em outras de muito menos importancia; e confesso que depois que conversámos aqui sobre a Fysica, he que eu comigo mesmo entrei a tomar mais algum cuidado em discorrer com acerto; porém que posso eu aproveitar numa cousa tão difficil, sem instrucção, nem conselho?

Teod. Muito faz o trato com pessoas que discorrem maduramente, e com fundamento, para não errarmos a cada passo; porém muito mais aproveita para isso o fazermos algumas reflexões, que ou a propria experiencia, ou a de muitos varões sabios nos tem obrigado a fazer sobre o nosso entendimento, e modo de o cultivar. Eugenio, o nosso entendimento he como hum campo de si fertil, e vigoroso, que sempre está produzindo: se não tem cultura, produz cardos, abrolhos, ortigas, e mato bravo: se o cultivão, dá frutos deliciosos, e flores engraçadissimas.

Eug. O' quem me déra poder tornar atrás hum par de annos na minha vida, para applicar á cultura do entendimento o tempo que gastei na dança, e n'outras artes de menos importancia. He infelicidade, que sendo o nosso entendimento huma parte tão nobre, e tanto mais nobre que o corpo, gaste hum cavalheiro tres annos em saber como ha de endireitar hum pé, ou tirar o chapéo; e nem hum dia gaste em endireitar o seu entendimento!

Teod. Não vos afflijais, que em tempo estamos de dar remedio a isso. Essas artes, em que empregastes a puericia, tambem são boas; e a grande arte ou sciencia de cultivar o entendimento, pede maior idade: e agora a podeis aprender.

Silv. Era melhor que esta instrucção fosse antes da Fysica; que esse he o seu lugar proprio.

Teod. Amigo Silvio, eu não me arrependo de

não

não ter dado a Eugenio antes da Fysica, como he costume nas aulas, instrucção sobre esta materia: a casualidade assim o dispoz; e eu acho conveniencia no que succedeo por acaso, por quanto depois de tratarmos da Filosofia Natural, ou do Corpo, então he que fica o lugar proprio de tratar da Filosofia Racional, ou da alma; pois estas materias são mais delicadas, por menos sensiveis. Além de que a primeira salla deste grande palacio da Sabedoria convém que seja a mais clara, e alegre para convidar, e attrahir a todos a que entrem nos seus gabinetes mais reconditos, e escuros. Eu faço comvosco, Eugenio, na cúltura do entendimento como fazem os Lavradores com aquelles que de novo se applicão á cultura dos campos. Nos primeiros annos, sem lhes darem preceito algum, vão com elles lavrando as terras; e depois que a prática os tem meio ensinados, então ajuntão os dictames, ou regras, pelas quaes se devem governar, e guiar em todas as mais sementeiras, e lavouras; e cahindo estes dictames sobre a prática que já tem, os percebem melhor, e depois com facilidade os praticão. Assim fiz eu comvosco: peguei-vos como pela mão, e fui discorrendo por todo o mundo: hoje vos acautelava huma equivocação, á manhã tirava hum erro, o outro dia vos ensinava a suspender o passo até apparecer lugar seguro, em que podesseis firmar os pés para o discurso; e agora, que tendes já exercicio de discorrer com prudencia, estais capaz de receber

ber com facilidade todos os preceitos para a cultura do vosso entendimento.

Eug. Sou contente : e se vedes que eu posso, sem mais estudos, ter instrucção nesta materia, não ha razão em ma demorardes. Amigos, vós sabeis o meu genio, vamos a isso, que já estou impaciente.

Silv. Deixai-vos disso, Eugenio, que passado pouco tempo vos haveis de aborrecer; fiai-vos de mim, que por experiencia vos fallo. Olhai que estas materias não são como as da Filosofia Natural : as Côres, os Insectos, os Ceos, e outras cousas semelhantes, são de si mui agradaveis, e encantão a alma : isto agora são Methafysicas mui altas, e abstracções delicadissimas, que nem as haveis de perceber. Além de que não vos hão de servir de nada, porque não haveis de andar a argumentar pelas aulas.

Teod. He cousa pasmosa, Eugenio, que sendo Silvio, e eu tão amigos, como sabeis, tão pouco concordamos nas maximas do Entendimento. Silvio, o saber a Filosofia racional, isto he, a que trata do bom uso da razão, não pertence só a quem quer gritar nas aulas, e andar amotinando as escolas, serve para toda a pessoa : e se não dizei-me : Se todos necessitão de entendimento para julgar das cousas, e discorrer; todos necessitão de usar bem deste entendimento para julgar bem das cousas, e discorrer com acerto : e assim a todos será utilissimo o saber evitar todos os erros, que ahi podem occorrer. Se hum homem se distin-

tingue dos brutos só pelo juizo, quanto melhor souber usar do seu juizo, mais homem he, e mais se differença dos brutos. Admirome na verdade que os homens caprichem daquellas qualidades, e prendas, em que os brutos lhes levão vantagem, como v. g. força, ligeireza, voz, etc. e que gastem annos, e annos em se adiantarem aos outros homens nestas prendas; e que da mais nobre qualidade que tem, qual he o uso da razão, fação tão pouco caso, que se contentem com o que deo a natureza, sem lhes dar cultura alguma.

Eug. Amigo Silvio, vós que estudastes estas materias, não sentís o damno, que experimenta quem as não sabe; e aqui se verifica o commum adagio *Pouco se lhe dá ao rico das miserias do pobre.* Eu me sujeito, Teodosio, a todo o trabalho; se não perceber tudo, sempre entenderei alguma cousa.

Silv. Sempre me parece trabalho inutil.

Teod. Não soffro isso. Porque ha de ser inutil a Eugenio a Filosofia Racional?

Silv. Porque não ha de seguir os estudos especulativos: não ha de argumentar nas aulas; nem ha de ser Oppositor ás cadeiras, que he o para que me tem servido a Logica, que eu aprendi.

§. II.

§. II.

Da inutilidade da Logica dos Antigos.

Teod. AGora já concordo comvosco; tendes razão, Silvio, e eu sou desse mesmo parecer. Eugenio, não fatigueis a vossa cabeça com a Logica que aprendeo Silvio, porque pela sua mesma confissão só serve para disputar, e armar huns taes sofismas, que na cousa mais certa, e palpavel fica hum homem tão embaraçado, que não póde sahir do labirintho. Não he assim, Silvio?

Silv. Pois ahi he que se vê quem sabe bem Logica, e quem tem juizo delicado. Sobre humas *Contradictorias*, sobre os *Entes da razão*, sobre as *Ubicações*, tenho eu argumentos que o homem mais experto, se ainda os não leo, infallivelmente fica tão embaraçado, que em dez annos se não desembaraça.

Teod. Eu vos explico, Eugenio, algumas palavras daquellas para entenderdes melhor o que Silvio está encarecendo. Argumento das *Contradictorias* he provar que huma mesma cousa póde ao mesmo tempo ser, e não ser. Argumento sobre os *Entes da razão* he sobre aquellas cousas que se fingem, que nunca houve, nem póde haver, que são hum impossivel. Argumento sobre as *Ubicações* he sobre hum corpo estar aqui, ou alli. Vede vós agora se vos achais com capacidade de provar

que

que huma cousa ao mesmo tempo póde ser, e não ser; e enredar sobre isto de tal modo os outros, que ainda que conheção que he hum desproposito, e falsidade manifesta, hão de dizer que sim: e o mesmo digo das outras cousas: achais-vos com animo de aprender esta grande sciencia?

Eug. Não por certo, nem quero tal saber: e de que me serve cá isso? eu não quero quebrar a minha cabeça com esses *Entes da razão*, se são cousa que nunca póde acontecer: nem quero provar se não o que póde ser verdade. Eu acho, que se a mim me persuadisse disso mesmo que provava, e que huma cousa podia ao mesmo tempo ser, e não ser, que me prendião por doido, e que o menos era sangrarem-me.

Silv. Será doudice; mas poucos chegão a saber bem essas doudices.

Teod. Eugenio não quer dizer isso. Só diz que se elle se persuadisse seriamente desses discursos que formava, que estaria fóra de si. Mas, Eugenio, estes grandes Filosofos nestas disputas não dizem o que sentem: elles bem sabem que o que dizem he falsissimo; mas para enredar os outros, vão com muita cautéla cavillosamente escondendo o fio, por onde os que respondem podem atinar com a porta do labyrintho, em ordem a embrulhallos, e prendellos.

Silv. Essa he a maior destreza do verdadeiro Filosofo. Olhai, tres fins me ensinavão a mim, que havia no argumentar; e não sei se

me

me dizião que isto he de Aristoteles. Hum era fazer negar o concedido; outro fazer conceder o negado; outro obrigallo a dizer algum impossivel.

Teod. E tudo vem a ser o mesmo; porque conceder o negado, ou negar o concedido, he dizer que sim, e que não; e isto bem grande impossivel he.

Eug. Pois, Teodosio, não he isto o que quero.

Teod Nem he isto o que eu vos aconselho, e acho muita razão a Silvio; porém ainda digo o mesmo que no principio dizia, que he precisissimo a todos cultivar o seu entendimento, e saber as regras, com que se hão de evitar enganos. Silvio cuidava que eu vos queria ensinar a fazer enganos, e a *arte Sofistica*, que he capaz de fazer cahir nos erros mais palpaveis aos que não se acautelão; e eu quero-vos ensinar o contrario, que he escapar dos erros, que a nossa natureza, e precipitação nos costuma metter em casa, e isto a todos convem. Não he assim, Silvio?

Silv Não o nego, nem o posso negar.

Teod. Logo não he tempo perdido o que gastar Eugenio nesta Arte de acautelar erros, e enganos. Eugenio, vai grande differença entre a Filosofia Racional dos Antigos, e a dos Modernos; e nisto não he menor talvez a opposição que tem entre si, do que a que tem na Filosofia Natural. Eu não quero ser Juiz entre partes de maior entendimento que o meu: mas como Deos me não cativou o entendimen-

mento se não nos Mysterios da Fé, deixou-me liberdade para que eu comigo, e comvosco, aqui em particular conversação, diga o que entendo, e siga o que melhor me parecer. Não condemno tudo o que dizem os Antigos, nem louvo tudo o que dizem os Modernos: nos Antigos acho muita delicadeza, e ás vezes he bem inutil, mas em partes he precisa: nos Modernos acho muita utilidade, mas algumas cousas se misturão, que são superfluas. Enganar-me-hei como os outros, pois sou homem como elles; mas deixo-vos a mesma liberdade, de que uso; tomai o que vos parecer util, e desprezai o que for superfluo: e cada qual tem tanta licença para julgar do que eu digo, como eu tenho para julgar do que dizem os outros; ninguem me faz nisso injúria, como eu a não faço a ninguem, segundo creio.

Silv. Como vos sugeitais á mesma lei, de que usais, não ha razão para se queixarem de vós.

§. III.

Dá-se huma idéa da Logica, que se ha de tratar.

Teod. QUero agora dar-vos hum como plano, ou breve desenho da instrucção, que vos hei de communicar, para que vejais com huma vista de olhos se ella he,

he, ou não util, não só a vós, mas a todo o homem, que tem uso da razão. O nosso entendimento tem quatro differentes actos, que são Idéas, Juizos, Discursos, e Methodo.

Silv. Olhai, Eugenio, cá o nosso entendimento dos Antigos, como mais pequeno, accommodava-se só com tres actos, que erão Aprehensão, Juizo, e Discurso; agora lá o entendimento dos senhores Modernos he cousa mais alta, e tem mais outro acto, que he Methodo; e lá humas certas idéas, que são cousa mais relevante; nós cá não temos disso.

Teod. Hoje, Silvio, achais-me de bom genio, para concordar comvosco. Mas deixai-me explicar estes nomes a Eugenio, e depois vos responderei. Por esta palavra Idéa quero significar os actos, que vós tendes no entendimento, quando aprehendeis huma cousa, e ficais suspenso, sem dizer nada sobre ella; sem dizer que he, ou que não he. Isto chamavão os antigos *Aprehensão*, e os modernos Idéa; porque he huma como imagem do abjecto: chamai-lhe vós como quizerdes: O segundo acto chama-se Juizo, e he quando a alma diz, que sim, ou que não: v. g. quando digo *a Filosofia he util: as honras são estimaveis: a falsa gloria não he digna de se buscar*, *etc.* O Discurso he quando de hum juizo vamos tirando outro, o qual em certo modo lá estava como escondido, v. g. quando digo assim: *A todo o Pai se deve honra: Deos he meu Pai; logo devo dar honra a Deos.* Das primei-

meiras duas proposições, ou Juizos, a que chamão *premissas*, tomai sentido nos nomes; destas duas premissas tirei o terceiro Juizo, que lá estava dentro, como escondido, e digo, *que devo dar honra a Deos.*

Silv. Até alli todos vamos concordes; vejamos agora o quarto acto.

Teod. Assim como para haver discurso he preciso ordenar os Juizos de sorte, que primeiro se ponha hum, e depois delle se tire outro, que delle nasce; assim tambem para se averiguar huma verdade, ou para se provar o que já se descobrio, he preciso dispôr de tal modo diversos discursos, que huns vão dando caminho aos outros; e esta ordem boa nos discursos he que os modernos chamão Methodo. Bem vedes que raras são as verdades que se descobrem, ou provão só com hum discurso, ou *syllogismo*, que unicamente conste de duas até tres proposições: de ordinario são precisos muitos discursos. Ora estes mesmos silogismos, ou discursos, dispostos de hum modo conduzem a alma direitamente ao fim que pertende; e postos de outros modo, nada fazem; ou pelo menos, com muito mais embaraço, e confusão; e por isso se canção os modernos em tratar do Methodo, ensinando a dispôr por sua ordem os discursos, para se conseguir o fim que se pertende. E não he crivel quanto importa este bom Methodo, principalmente para a clareza, e evidencia das cousas. Quando tratarmos delle então o haveis de crer; por ora só me contento com que

vós,

vós, Eugenio, entendais o que nós significamos por esta palavra Methodo.

Eug. Se só isso quereis, socegai, que tenho percebido.

Teod. Estes quatro actos do entendimento são communs a todo o homem, que usa da razão; e nos valemos delles não sómente para as aulas, e para as sciencias, mas para todos os negocios, e interesses, que tratamos: logo se houver alguma Arte, que nos ensine a regular bem estes actos, esta tal arte será de summa importancia a todos.

Silv. Se pela luz da razão hum homem não discorrer bem, perdidos, e escusados são os dictames da Filosofia.

Teod. Eu bem vejo que o lume natural da razão vai ensinando a muitos; e pessoas ha, que sem alguma instrucção discorrem bellissimamente; porém a arte aperfeiçoa a natureza, quando ella (como de ordinario acontece) tem defeitos. A Musica, a Dança, a Eloquencia nos offerecem exemplos mui proprios. Pessoas ha que naturalmente são affinadas, e tem hum ouvido pasmoso para tomar qualquer cantiga, e ainda Arias, e as repetem com huma graça admiravel. Eu conheci em Lisboa huma menina de cinco annos, a quem ouvi cantar huma Aria de Terradellas ao cravo, sem faltar ao compasso.

Silv. Eu presenciei cousa mais rara; porque vi hum menino por nome Pedro, affilhado do grande Duque de Lafões D. Pedro, e filho de hum Italiano muito meu amigo, que na idade

de de dous annos, posto no colo de sua mãi, cantava alguns pedaços de huma Aria Italiana com as palavras ainda balbucientes; mas com ar, e tom da solfa que costumava ouvir todos os dias em sua casa.

Teod. E com tudo ainda nessas pessoas he utilissima, e precisa a Musica; quanto mais o será nos que não tiverem tão pasmosa inclinação. Fazei agora argumento da voz para o entendimento; e confessareis que a todos he util a Arte de saber governar bem os actos do entendimento, por maior que seja a natural rectidão delle.

Eug. Teodosio, não me demoreis mais essa instrucção.

Teod. Não vo-la darei agora; mas começarei a dispôr-vos com outra instrucção precisa, para que quando entrarmos aos preceitos da Logica, os percebais com facilidade, e useis delles com fruto.

Silv. Pois que lhe quereis ensinar antes da Logica?

Teod. Logica, Eugenio, chamão os Filosofos a *Arte que nos ensina a usar bem do nosso Entendimento*; e antes que vos dê os preceitos desta Arte, convém que saibais como obra o nosso Entendimento, por quanto esta noticia he precisissima para acautelar muitos erros: e em vão vos explicaria os preceitos da Logica, se não tivesseis bem distinguido em vós mesmo o que he *Imaginação*, ou *Fantazia*, do que he *Entendimento*; para não attribuirdes aos actos da huma faculdade o que se

diz

diz dos actos da outra: e a esta sciencia que trata da alma chamão *Psycollogia*, ou *Animastica*, e pertence á Metafysica: mas eu quero tratar este ponto antes dos dictames da Logica.

Silv. Esse estilo, e methodo he para mim novo, e ás avessas de todo o commum.

Teod. Concordarei nisso facilmente; mas eu não quero que por essa razão o tenhais por bom, nem deveis tambem só por isso condemnallo por máo. Meu amigo, nos mysterios que não pertencem á Fé, nunca quiz tirar a ninguem a liberdade que Deos lhe deo; nem quero, como já disse, que ninguem me prive da minha. Cada qual dê razão de si; eu dou a razão do que faço, e espero que a experiencia me não faça arrepender. E já de aqui protesto de usar de outra grande liberdade; e vem a ser, que na Logica só tratarei o que me parecer util á cultura do Entendimento, e tudo o mais, ou seja dos Modernos, ou seja dos Antigos, deixarei de parte. Faço de conta que estou aqui conversando com os meus amigos em prática familiar; e assim estou dispensado do estylo das aulas de obsequiar á ninguem com ceremonias fundadas no uso: seguirei o caminho que me parecer melhor: que os demais, Eugenio, tambem nos farão o mesmo, e por nosso respeito não se hão de desviar nem hum só passo do que mais lhes agradar.

Eug. Eu me entrego á vossa direcção, como hum cégo se entrega á de quem o vai conduzindo: consiga eu o ter cultura no meu

En-

Entendimento, e sou contente seja pelo methodo que mais vos agradar.

Silv. Chegando a tratar de alguma materia, eu havia de tratar de tudo o que lhe pertence pela ordem, que tratão os livros dos Professores.

Teod. Contar-vos-hei huma historia, que agora me lembra: estando em casa de hum meu amigo casualmente me encontrei com hum doudo, com que se divertião: e eſtava mui empenhado em dar ao filho morgado ainda de tenra idade varios dictames, que erão sobre o modo de comer com politica, e trinchar: entre outros dictames bons dava-lhe eſte, que me fez rir. Dizia: Tudo se deve fazer com ordem, e tudo completamente: e esta era a sua maxima fundamental, que allegava para tudo: quando vos derem (dizia elle) no vosso prato huma rôla, por exemplo, deveis sempre começar pelas pernas, que esta he a ordem natural; e não vos achando com animo de a comer toda, he melhor não a abocanhar; porque as cousas devem-se fazer completamente.

Eug. O pobre cavalheiro ficava prohibido de comer leitoa, perú, e outras cousas semelhantes, porque não podendo comer estas cousas completamente, não as devia comer. O certo he que não ha principios tão certos, de que se não possa fazer applicação ridicula.

Silv. Bem vos entendo a parabola.

Teod. O caso he mui diverso. Mas, Eugenio, esta nossa conversação he o pasto da vossa al-

ma; he licito a cada hum principiar por onde mais lhe agradar; e deixar tudo o que lhe parecer inutil.

Silv. Fazei o que quizerdes, que eu nisso não tenho prejuizo.

Teod. Ora bem: começaremos á manhã a tratar do Entendimento, e da Imaginação para verdes como obrão estas faculdades: e ainda que não tratemos de luzes, e côres, e outros objectos agradaveis aos sentidos; para a vossa alma tudo o que he Instrucção importante, he conversação amena, e deliciosa. Não vos assusteis com as más informações, que Silvio vos dá, que a Filosofia Racional não he tão secca, e injucunda como elle espera. Toda a vez que a alma conhecer claramente huma verdade, que antes lhe estava escondida, tem hum gosto, e contentamento muito maior, do que o que costumão causar os deleites dos sentidos. De hum Filosofo dos antigos lemos, que meditando n'um ponto de Geometria deo n'uma verdade, que até alli tinha andado bem escondida; e foi tal o contentamento daquelle homem, que como louco sahio pela porta fóra a gritar, *achei*, *achei*, isto he, a verdade, que buscava: e não sei que pudessem fazer tal impressão de alvoroço, e contentamento os divertimentos dos sentidos. Pois seguro-vos, Eugenio, que mais secca, e injucunda he a Geometria, que a Filosofia Racional, que havemos de tratar; e não tem tão geral utilidade: que he cousa que tambem recreia muito. Não obstante tudo isto, parece-me que Sil-

vio de má vontade se accommoda a esta conversação.

Silv. Enganais-vos; porque fui criado com altas Metafysicas, e disso entenderei mais, que das vossas máquinas Pneumaticas, e leis do movimento, com que me quebrastes a cabeça. Mas estou vendo que ainda as mesmas Metafysicas, e as Logicas que eu estudei, e soube muito bem, tal volta lhes haveis de dar, que eu mesmo me não entenda com ellas.

Te d. Tudo poderá ser; porém o vosso engenho tudo suppre. Vamos a saber novidades da Corte, que ouvi dizer já tinhão chegado os Regimentos, e he tarde para começar de novo esta Instrucção.

Eug. De lá venho hoje: contar-vos-hei o que souber.

TARDE XXXVII.

Da nossa Imaginação, e modo com que obra.

§. I.

Dá-se noticia do que he a nossa Imaginação, ou Fantasia.

Silv. JA' estamos, Teodosio, todos juntos: vinde, e não vos demoreis, que está Eugenio suspirando pela vossa conversação, como quem nella espera ter a recreação mais amena, segundo hontem dizieis.

Eug. Não vos enganastes, que assim he.

Teod. Perdoai á demora, que foi inevitavel; e aqui venho já satisfazer a desejos tão bons. Ora, Eugenio, vós quereis instrucção sobre a *Filosofia Racional*, ou *Logica*; mas he preciso saberdes o que entendo por esta palavra, que não he outra cousa mais do que a *Filosofia, que trata como ha de ser o bom uso da nossa razão, ou do entendimento.* O Entendimento sim he huma potencia da alma, ou, para dizer melhor, he a mesma alma em si espiritual; porém em quanto está unida ao corpo não obra, como obraria, se estivesse só. Deos os tem prezos, e ligados por tal modo, que

que quando a alma obra, sempre obra o corpo; não digo que obrão os membros externos, como braços, pés, etc. mas obra o corpo; porque obra a nossa *Imaginação*, ou *Fantasia*, a qual he parte do corpo, e reside no cerebro.

Eug. Já vós me fallastes da Fantasia n'outro tempo; porém duvido se me equivocarei: repeti outra vez o que entendeis por esta palavra.

Teod. Fazeis bem em vos acautellar; e algum dia vereis, que he hum bellissimo dictame, para evitar muitos erros, nunca disputar de cousa alguma, sem vos certificares bem do que se entende por essa palavra, sobre que he a disputa.

Silv. He boa impertinencia, se sempre estiverdes com isso.

Teod. Explicado huma vez, fica explicado para sempre. Por *Imaginação*, Eugenio, entendo *aquella faculdade que nós temos para pintar dentro de nós mesmos qualquer imagem dos objectos sensiveis*; vós com os olhos fechados ás vezes estais considerando nos jardins amenos, nos exercitos acampados, e outras cousas semelhantes, que á maneira de huns velocissimos bastidores, se estão correndo, e mudando a cada passo, como, e quando vós quereis, e ás vezes são elles pintados com tanta viveza, que pouco maior seria, se visseis esses objectos com os olhos.

Eug. E só temos essa faculdade a respeito do sentido da vista, ou tambem chega aos demais sentidos?

Teod.

Teod. Tambem; porque quando vós estais pintando na Fantazia, ou Imaginação os nossos exercitos acampados, se quereis, fingis, que ouvis descargas de artilharia, o toque das caixas, trompas, pifanos, clarins, etc. este som, que se vos representa não pertence aos olhos, mas aos ouvidos. Do mesmo modo podeis representar-vos, que descarregais golpes, que os recebeis, e sentis dôr, e isso pertence ao Tacto. O mesmo digo dos mais sentidos.

Silv. Por isso se chama *sentido commum*; porque he como hum thesouro das especies, ou imagens, que mandão para dentro os cinco

Eug. Lembrado estou que assim se me tem dito muitas vezes.

sentidos externos.

Teod. Daqui tiro por consequencia huma proposição, que quero gravar bem na vossa memoria; porque ha de ser como fundamento para outras muitas verdades; e quero que tenhais o trabalho de irdes escrevendo em hum papel separado esta, e outras proposições principaes, que vos advertirei, para depois terdes em breve summa toda a substancia da Instrucção, que quero dar-vos, e possais dentro de poucos minutos renovar na memoria huma perfeita instrucção sobre a cultura do Entendimento, e communicalla, se vos parecer, a outros dentro de hum quarto de hora. Alli tendes papel, ide pondo esta proposição em primeiro lugar.

Eug. Com gosto faço essa diligencia, porque me prometteis tanta utilidade. Dizei lá.

Teod. *A Imaginação, ou Fantazia sómente póde representar as imagens dos objectos sensiveis, que se percebem pelos sentidos exteri res.* (Proposição primeira) A razão he; porque se a Fantazia he hum thesouro das especies, ou imagens dos cinco sentidos, só póde ter imagens dos objectos sensiveis, porque só estes podem ser percebidos pelos sentidos externos, e mandar para lá as suas imagens, e representações.

Prop. I.

Eug. Isso fica clarissimo, nem preciso de escrever a razão.

Teod. Porém he necessario advertir, que a Imaginação póde representar eftes objectos que percebeo pelos sentidos externos de hum modo mui differente do que por elles se percebêrão; porque póde a Imaginação separar muitas cousas, que nos sentidos externos estavão juntas, e unir muitas que eftavão separadas. Exemplo: posso representar na Imaginação huma figura com cabeça de Mulher, pescoço de Ganço, cauda de Serpente, azas de Morcego, garras de Leão, etc. Ora nefta figura tudo quanto se me representa entrou pelos olhos, porém não entrou do modo, que se representa na Imaginação. Entrárão estas Imagens separadas, e eu as ajuntei.

Silv. Outro exemplo costumão pôr que não he improprio, e he: quando eu ajuntando a especie de *diamante* com a especie de *monte*, concebo hum monte feito de hum unico diamante inteiro. Este ajuntamento de Idéas he obra da Imaginação: a qual he a minha con-

so-

soladora, porque me valho della para me divertir no tempo das minhas tristezas: ponho-me a fingir na minha Imaginação as cousas mais bellas, e admiraveis, que nunca houve no mundo, e me recreio como se as visse, e presenciasse.

Eug. Tendo tão facil remedio nunca podeis estar triste, e facilmente curareis todas as melancolias.

Teod. Queixa he essa, que nunca conheci em vós. Mas indo ao ponto: tambem a nossa Imaginação póde separar os predicados que estavão juntos. V. g. separar do diamante a sua dureza, e fingir hum diamante mole; ou separar do Leão a sua braveza, e fingillo com a mansidão de Cordeiro, etc. Donde se segue outra Proposição (segunda) que haveis de apontar: *As imagens da Fantazia podem ser mui diversas de tudo o que se percebe com os sentidos externos.*

Prop. 2.

Eug. Cá vou assentando no papel, e na memoria: a razão não a aponto, porque a minha propria experiencia me ensina isto mesmo nos sonhos, em que estou vendo cousas que nunca houve no mundo.

Teod. Então como a nossa alma está embaraçada para o governo da sua casa interior succedem mais desordens. Accrescentai agora estoutra verdade (Proposição terceira): *A Imaginação nunca póde em objecto algum representar predicado, ou attributo, ou qualidade se não sensivel; isto he, que possa entrar pelos sentidos:* v. g. representando-me hum homem,

Prop. 3.

só

só me póde representar a sua figura, e gentileza, voz, movimentos, etc. porém não me póde pintar a sua alma, pensamento, juizo, bondade, etc. porque nenhuma destas cousas he predicado sensivel, que entre pelos sentidos externos.

Eug. Segue-se da primeira proposição, que escrevi; porque se a Fantazia não póde representar se não objectos sensiveis, não póde nessas imagens representar, senão os predicados, ou qualidades sensiveis; porque só estas he que entrárão pelas cinco portas dos sentidos externos; e só o que entra pelas portas se póde guardar no thesouro, ou armazem commum, que assim podemos chamar á Imaginação.

Teod Vejo que me percebestes admiravelmente: vamos agora adiantando o discurço para ver de que serve ao entendimento esta Imaginação. O commercio entre a alma, e corpo, ou entre a imaginação, e entendimento, he huma cousa maravilhosa, e daquellas, que eu julgo inexplicaveis: a seu tempo fallaremos disso; mas por agora quero advertir-vos, que graveis na memoria huma Proposição (quarta) mui importante; e vem a ser: que *quando o Entendimento forma os seus actos espirituaes, tambem a Imaginação, e o cerebro trabalhão a formar algumas imagens corporaes, e sensiveis.* Importa muito advertir bem nisto.

Prop. 4.

Silv. Para pôrmos isto por certo, não vejo eu que haja fundamento.

Teod. Vejo-o eu: e he bem vulgar a experien-

cia.

cia. Toda a pessoa que por tempo dilatado está cuidando com applicação n'algum objecto, por mais espiritual que elle seja, a cabeça vai cansando, e depois doendo; e se a cabeça doe, he sinal que o cerebro trabalhou; porque os actos espirituaes da alma per si sós não podem fazer dôres de cabeça.

Silv. Isso assim he: dôr de cabeça não a póde haver sem algum movimento do cerebro, ou dos nervos, que a mortifiquem.

Teod. Ainda mais: cada hum depois de ter meditado largamente em cousas espirituaes, e subtilissimas, se se examinar a si mesmo, achará que, em quanto esteve discorrendo, tinha presente á sua alma alguma imagem sensivel; e desta imagem costumamos achar vestigios em nós, depois de estarmos cuidando muito tempo n'uma cousa; isto he o que fatiga, e cança a cabeça; e tanto mais, quanto cada hum com mais viveza quer formar em si mesmo esta imagem. Advirto, que esta tal imagem não he preciso que seja pertencente aos olhos; ás vezes he imagem de algumas palavras, outras vezes de alguma sensação corporea, e dôr dos membros; como v. g. quando nós representamos as injúrias, que nos disse hum inimigo, ou as dôres, que padeciamos com os golpes, que nos dava, etc.

Eug. Socegai, que já advirto nisso que dizeis.

Teod. Agora me occorre outro argumento, pelo qual igualmente se convence que sempre a Imaginação acompanha com algumas imagens corporaes os actos do Entendimento. Vós não

po-

podeis negar que o vinho, o somno, o nimio mantimento, e apoplexia difficultão, ou impedem totalmente os discursos do Entendimento.

Silv. Não o nego: mas que tirais vós dahi?

Teod. E como póde o somno, ou vinho impedir os actos da alma, que he huma substancia puramente espiritual? que impressão póde fazer o vinho no espirito? ou que dominio tem o comer, ou os humores nas acções da alma, que he tão espiritual como hum Anjo? Mais difficil he que hum corpo mova hum espirito, do que mover huma rede aberta hum raio do Sol. Qual he logo o modo, com que póde o somno, ou o vinho, ou a apoplexia impedir, ou prender o Entendimento que não possa fazer os seus actos, ou pelo menos que lhe sejão mais difficultosos?

Silv. Vós o direis.

Teod. Eu o digo: como a alma não póde obrar estes actos sem que ao mesmo tempo o Cerebro, ou a Imaginação trabalhe formando as suas imagens, e isto por causa da união maravilhosa entre a alma, e corpo; tudo o que impede o uso da Imaginação, e movimento ordenado do Cerebro, impede tambem os actos da alma, e o uso do Entendimento: e eisaqui porque os bebados, os somnolentos, ou os que estão enfermos de certas enfermidades não podem discorrer bem.

Eug. Agora acabo eu de entender huma cousa, que sempre foi para mim digna de admiração: Tinha hum criado que era vivo, e

ha-

habil para tudo : deo huma quéda, e recebeo hum grande golpe na cabeça; mandei-o curar da ferida, e sarou com facilidade; porém ficou léso do juizo para sempre.

Silv. Actualmente tenho eu hum enfermo, que de huma maligna que teve, supponho que fica privado do juizo.

Teod. Eugenio tem hum visinho em Lisboa, a quem succedeo caso bem contrario por casualidade mui semelhante á do seu criado. Sendo rapaz, e estando com outros plantando por brinco huma ridicula orta, hum seu companheiro lhe deo casualmente com a enchada na cabeça: fez-lhe hum golpe lastimoso: daqui seguio-se que sendo até então mui rude, depois foi muito habil para os estudos, e hoje he dos Ministros que temos na Corte de melhor nome. Porém em todos esses casos se dá a mesma razão; porque as enfermidades, e golpes grandes na cabeça podem causar mudança consideravel no Cerebro, e orgão da Imaginação; e esta mudança humas vezes embaraça, outras facilita os movimentos que são precisos, para que a imaginação acompanhe os actos do Entendimento, que são puramente espirituaes.

Eug. Supposto o que tendes dito, não ha cousa mais natural.

§. II.

§. II.

Das Idéas da nossa Imaginação, ou Fantazia.

Teod. ESTES movimentos pois com que o Cerebro se fatiga quando o Entendimento trabalha, he razão que tenhão hum nome, para fallarmos delles, quando nos for preciso, sem tanto rodeio. O nome que eu lhe ponho he o de *Idéas da Imaginação*: alguns lhe chamão *Idéas Fantaſticas*, que he nome mais estrondoso. Por tanto *Idéas da Imaginação chamo eu áquellas Imagens interiores, sensiveis, e materiaes formadas no Cerebro, que representão os objectos, que percebemos pelos sentidos externos.* Tomai bem sentido nestas definições, quero dizer, explicações das palavras, que isto evita muitos enganos: e já daqui vedes, que as *Idéas da Imaginação são couſa material, e corporea*: (Proposição quinta) porque são movimentos do Cerebro, assim como he cousa material, e corporea a pintura, que se faz na retina dos olhos, ou a que se faz nos quadros dos Pintores.

Prop. 5.

Eug. Eu julgo, que as *Idéas* da *Imaginação* são huma especie de quadros, ou pinturas, que ornão a casa interior, por onde passeia a nossa alma.

Silv. Eu lhe chamarei bastidores, que a alma corre a cada passo, e quando quer, nos quaes

co-

como em perspectiva está vendo tudo quanto vai pelo mundo.

Teod. Ambas as comparações são proprias, e dellas me sirvo agora para accrescentar o que queria; e vem a ser (Proposição sexta) que *estas idéas da Imaginação, quando são de objectos materiaes, podem ser mais, ou menos proprias, e representar os seus objectos com mais ou menos miudeza*, que he o mesmo, que succede ás pinturas. As quaes humas vezes nos representão os objectos tão miudamente, que até lhe vemos as pestanas dos olhos, e outras vezes apenas nos representão ao longe huns vultos confusos; o mesmo acontece ás pinturas da *Imaginação, ou Idéas da Fantazia.* As vezes são estas pinturas tão vivas, e o seu colorido he tão forte, que pouco menos impressão fazem na alma, do que farião se fossem ajudados com a vista dos olhos; e nas mulheres costumão ser muito mais vivas estas Idéas da Imaginação.

Prop. 6.

Silv. Tenho encontrado pessoas de Imaginação tão viva, que sonhando tomavão sustos verdadeiros, de sorte que entravão em convulções, e accidentes, como lhes pudéra succeder, se na realidade acontecesse o que lhes representava a propria *Imaginação.*

Teod. Essa viveza da Imaginação ás vezes serve admiravelmente de ajudar ao Entendimento para fazer os seus actos espirituaes com maior perfeição, se o objecto he corporeo, e sensivel; he tambem grande circumstancia para os Oradores, e Poetas; porque se servem

das

das pinturas que ella faz para formarem as suas Imagens poeticas, com as quaes recreião o entendimento dos que os ouvem, e os fazem quasi ver ocularmente os objectos mui remotos; e daqui se origina serem muito perfeitos, e vivos os actos do entendimento com que a alma conhece esses mesmos objectos materiaes, e sensiveis.

Eug. O nosso Camões traz ás vezes humas Imagens tão vivas, e tão proprias, que não falta senão ver com os olhos, o que elle está pintando. Tal he aquella pintura de Tritão, na Estancia 17. do livro 6. que diz:

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Huns limos prenhes d'agua; e bem parecem
Que nunca brando pente conhecêrão:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que alli se gérão:
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

Silv. Tendes razão, que ouvindo essa descripção, não falta senão ver com os olhos esse objecto.

Teod. Porém quando nós consideramos nos objectos insensiveis essas imagens da Fantazia, quanto mais vivas são, tanto peior effeito fazem em certo modo.

Eug. Que entendeis vós por objectos insensiveis? são os nimiamente pequenos, como dissestes na Fysica?

Teod.

Teod. Não; e fizestes bem em perguntar. Objecto sensivel he o que pertence a algum dos sentidos externos, como v. g. pedra, páo, luz, fogo, côres, som, doçura, etc. porém quando não pertence a nenhum dos sentidos externos, chama-se insensivel; como v. g. a alma, Deos, os Anjos, o amor, o odio, os pensamentos, as dúvidas, a virtude, o sim, ou o não; tudo isto são cousas, que não pertencem aos sentidos externos.

Eug. E porque não pertencem aos sentidos externos?

Teod. Porque não tem luz, ou côr alguma, e assim não pertencem aos olhos; não tem som, e não pertencem aos ouvidos; não tem alguma doçura, ou cheiro, ou qualidade por onde pertenção ao olfato, gosto, ou tacto.

Eug. Já entendo: porém a mim parecia-me, que nós pelos ouvidos vinhamos no conhecimento dos pensamentos, e do amor, odio, virtude, sim, ou não.

Teod. Não vos equivoqueis, Eugenio; huma cousa he o amor, outra he a palavra, que o significa; os ouvidos percebem a palavra *amor*, porque he hum som, que pertence aos ouvidos; e se for escrita n um papel, são quatro letras, que pertencem aos olhos: porém o amor em si mesmo, isto he aquella doce inclinação da alma para algum objecto, que lhe he agradavel, ao qual em certo modo abraça, e une comsigo; isto não sei que seja cousa pertencente aos ouvidos, nem aos olhos, porque não tem côr alguma, nem algum som.

Os

Os sentidos podem perceber alguns sinaes do amor, v. g. olhar deste, ou daquelle modo, o abraçar estreitamente o tal objecto, ou algumas palavras doces, que são testemunhas ordinariamente do affecto interior; porém mui diversa cousa he ver os sinaes do amor, ou ver o mesmo amor; assim como he mui diverso ver os criados, e a carroça, que costumão acompanhar ão Rei, do que ver o mesmo Rei em pessoa.

Eug. Já advirto na minha equivocação.

Teod. Ora sirva-vos de lição o vosso mesmo erro; e gravai bem na memoria este dictame: *Não he o mesmo ver as circumstancias, que costumão acompanhar hum objecto, do que ver esse mesmo objecto.* (Proposição setima) Faço esta advertencia, por quanto por falta della cahem em mil embaraços pessoas de muito bom juizo, como pelo discurso desta nossa Instrucção ireis vendo. Mas isto não he deste lugar: vamos ao que hia dizendo. Estes objectos insensiveis, e que não pertencem aos cinco sentidos externos, tambem não pertencem á Imaginação; pois, como disse, a Imaginação he hum thesouro, que sómente tem o que lhe entrou pelas cinco portas dos sentidos exteriores. Alguns chamão a esses objectos insensiveis, *objectos insensatos.*

Prop. 7.

Silv. Assim lhe chamão muitos livros.

Teod. Vamos ávante. Sabei pois, Eugenio, que *dos objectos insensiveis não póde a Imaginação formar Idéa propria*: assentai lá esta Proposição (oitava) a qual, supposto o que

Prop. 8.

vos disse, fica evidente: por quanto se a Imaginação só póde pôr nas suas imagens aquelles predicados, que entráo pelos sentidos (pag. 24.), e por outra parte os objectos insensiveis não tem predicados, que pertenção aos sentidos externos (pag. 33.) fica bem claro que destes objectos não póde a Imaginação formar imagem, ou Idéa propria, que lhes convenha; e assim tão impossivel he formar a Imaginação Idéa propria de amor, ou de hum Anjo, etc. como he impossivel ver eu com os olhos o cheiro, ou provar com a lingua a musica, ou cheirar as côres, etc. A qualquer sentido, ou faculdade he absolutamente impossivel, que represente objecto fóra da sua esféra; e tudo o que he insensivel he fóra da esféra da Imaginação.

Eug. E como remedeia isso a imaginação, quando lhe he preciso formar Idéa desses objectos?

Teod. Pinta-nos com predicados alheios, e emprestados: v. g. quer representar hum Anjo, que he espiritual, e objecto insensivel, como disse, representa-o como hum mancebo gentil, com azas: quer representar o Padre Eterno, e pinta hum velho venerando com barbas, posto em huma nuvem, ou sobre hum globo. Quando o Entendimento considera nestes objectos insensiveis, a Imaginação vai trabalhando em formar essas idéas improprias, e emprestadas, para, do modo que póde, acompanhar os actos espirituaes do Entendimento. A's vezes contenta-se a Fantazia com representar os nomes dessas cousas insensiveis, em

que

que a alma discorre, e nos parece estar lendo esses nomes, ou ouvindo essas palavras: outras vezes representa-nos as acções exteriores, que costumão acompanhar os objectos insensiveis. V. g. quando com o Entendimento considero no *não querer*, que he hum acto espiritual da alma, com que ella repugna a alguma cousa, que se lhe propõe; como essa resolução da alma, que he hum acto meramente espiritual, e por isso insensivel, não se póde pintar na Imaginação, só se pintão os movimentos externos da mão dando para os lados, ou da cabeça, ou outro qualquer gésto do corpo, com o qual testemunhamos o acto interior de *não querer.*

Eug. Como a Imaginação ha de acompanhar de algum modo os actos do Entendimento, e não póde pintar huma imagem propria desse objecto; ou faz della hum arremedo, como quando pinta hum Anjo, ou ao menos representa alguma cousa, que pertença a esse objecto, e com isso se contenta.

Silv. Pois se a Imaginação não póde formar desses objectos Idéa propria, de que lhe serve formar esses arremedos?

Teod. Não me he licito conhecer o segredo das obras de Deos, e penetrar os motivos, por que elle assim o dispoz; creio de certo, que isto alguma serventia tem, ou utilidade, pois Deos nada fez de balde: mas para o caso presente basta sabermos por experiencia, como com effeito sabemos, que isto assim he. Porém supposta a uniáo entre a alma, e corpo,

talvez será hum effeito necessario desta união; não se poder menear a alma, sem que a Imaginação tambem tenha seus movimentos. O que a experiencia persuade, he que assim acontece, e que estas imagens da Fantazia, posto que improprias, servem de fazer perseverar o Entendimento nos seus actos espirituaes: e he isto tão certo, que ás vezes até se valle a alma de olhar para paineis, ou tornar a ler algumas palavras, para ser excitada de uovo ás mesmas considerações; por quanto he certo que a vista dos paineis, ou a lição das palavras imediatamente serve para avivar essas imagens da Fantazia: o que he sinal evidente de que ellas servem de excitar, ou de conservar o Entendimento nos seus actos espirituaes.

Silv. Nestas cousas, como não são ponto de escola, não me quero embaraçar; seja como vós quizerdes.

Teod. Está bem: fique pois estabelecido o que temos dito da Imaginação, que tudo he preciso para saber como obra o Entendimento; e á manhã trataremos dessa materia, que não quero misturalla com esta; porque ficará a conferencia mui comprida; e em materias mais injucundas, e mais especulativas, não convém que sejão as conferencias largas.

Eug. Isso he que eu estou desejando ouvir; mas como dá facilidade á intelligencia levar estas cousas de vagar, estou por tudo.

TAR-

TARDE XXXVIII.

Dá-se noticia do Entendimento, e das suas Idéas.

§. I.

Das Idéas do Entendimento em commum.

Teod. ORa já que estamos juntos, não mortifiquemos mais a Eugenio, e vamos ao que importa. Haveis de saber, Eugenio, que o *Entendimento* não he outra cousa senão a nossa mesma alma considerando-a em ordem aos actos de conhecer; e quando a considerámos em ordem aos actos de querer, ou não querer, chama-se vontade. E daqui logo se segue huma consequencia importantissima, que haveis de imprimir na memoría; e vem a ser, que *o Entendimetno he cousa espiritual, e tambem os actos do Entendimento são puramente espirituaes.* (Proposição nona.) Prop. 9.

Silv. Fica bem claro; porque sendo a alma espiritual, e o Entendimento sendo a mesma alma, bem se segue que tanto o Entendimento como os seus actos devem ser puramente espirituaes. Até aqui, Eugenio, crede sem susto.

Teod.

Teod. Ora lembre-vos isso, Silvio, e ficai bem certo, que a nossa alma sendo puramente espiritual, não tem, nem póde ter acto algum de conhecimento ou percepção, que não seja puramente espiritual. Digo isto, porque não sei se ainda quereis, como algum dia (1), que a sensação das dores seja acto corporeo, sendo huma percepção da alma, que he espiritual.

Silv. Deixemos agora isso, que já passou esse ponto.

Teod. De boa vontade. Voltando pois ao nosso intento: bem grande he logo a differença que ha entre o Entendimento, e a Imaginação; como tambem entre os actos da Imaginação, e os do Entendimento, se os tomarmos na sua natureza; porque os actos da Imaginação, ou Fantazia são movimentos do cerebro, que he huma cousa material, e corporea; pelo contrario os actos do Entendimento são acções da alma, e cousa espiritual: não póde pois haver maior differença do que a que ha entre huns, e outros actos considerados em si mesmo, pois se distinguem tanto, como a materia, e o espirito.

Eug. Por certo que não póde.

Teod. Bem estamos: sendo pois diversissimos na natureza os actos do Entendimento, e da Fantazia, resta saber se são diversos na representação; por quanto duas cousas em si mui diversas podem representar o mesmo objecto. Ponhamos exemplo: esta palavra *Deos* es-

(1) Tom. IV. Tarde XIX. §. IV.

escrita he bem differente na naturêza, do que pronunciada; escrita são quatro riscos de tinta, e pronunciada he hum pouco de ar movido; e quem duvída que a tinta he mui diverça do ar; porém com tudo ou pronunciada, ou escrita, sempre representa o mesmo objecto.

Eug. Já vejo o que me quereis dizer, e me parece que adivinho aonde se encaminha o discurso: quereis dizer que ainda que os actos da Imaginação sejão diversissimos na natureza dos actos do Entendimento, com tudo sempre representão o mesmo objecto.

Silv. Inferístes bem; estais adiantado, Eugenio.

Teod. Não inferistes bem, nem vos quero tão adiantado. Não corrais diante de mim, que haveis de tropeçar, e cahir em algum erro; pois o caminho não he muito desembaraçado.

Silv. Pois em que errou Eugenio?

Teod. Em dizer, que os actos da Imaginação sempre representavão o mesmo que representavão os actos do entendimento.

Silv. Isso he certissimo: e he hum axioma expresso do Filosofo: *Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu*; isto he, que nada representa o Entendimento que primeiro se não representasse nos sentidos; e por conseguinte nas idéas da Fantazia, ou Imaginação: e assim o mesmo objecto, que representão os actos do Entendimento, já estava representado pelas idéas da Imaginação.

Teod. Eu não nego que isso seja axioma de Aris-

Aristoteles; mas seja ou não seja, que eu com isso não me embaraço, digo que isso não he assim.

Silv. Pois nem nesta materia tendes o Filosofo por texto?

Teod. Não: olhai, Silvio, Aristoteles teve maior juizo do que eu; elle que se defenda a si, que eu me defenderei a mim. Vamos nós com a nossa Instrucção por diante; e no que vos parecer falso, impugnai-me; porque se eu vos achar razão, seguir-vos-hei; e no que eu tiver razão, me seguireis; e deixemos quem está morto.

Silv. Sempre hei de venerar a sua doutrina até morrer.

Teod. Tenho pena que elle não saiba disso, para vos ser agradecido a hum affecto tão constante. Mas deixemos isso, Eugenio, o que vós dissestes ás vezes he assim, e ás vezes não: Huas vezes as Idéas do Entendimento, e da Imaginação representão o mesmo, como v. g. quando temos huma idéa da pedra, do diamante, do rio, das arvores, etc. porque então esses mesmos predicados, ou qualidades, que representa a Imaginação, são o mesmo que tem a Idéa do Entendimento; porém muitas vezes não he assim: donde quero que escrevais na memoria esta Proposição mui importante (decima). *As Idéas da Imaginação ás vezes são semelhantes na representação ás do Entendimento, outras vezes são mui dissemilhantes.*

Prop. 10.

Eug. Não me esquecerei.

Silv.

Silv. Fazei-me a mercê de pôr alguns exemplos, que o provem.

Teod. Com boa vontade. Em tres casos costuma haver grande differença entre as Idéas da Fantazia, e as do Entendimento, e vem a ser nas Idéas das cousas espirituaes, nas idéas das cousas negativas, e n s Idéas, tambem das cousas corporaes; quando são difficultosas de pintar com exacção: logo fallaremos dos primeiros dous casos, que ahi ha de haver muita pendencia; agora para vos socegar fallarei do terceiro. Dizei-me, Silvio, se eu conceber tres exercitos, hum de 50 mil homens, outro de 50 mil menos hum, outro de 50 mil e mais hum homem, poderei ficar certo de que são entre si desiguaes?

Silv. Podereis; nem disso póde duvidar alguem.

Teod. Logo as Idéas espirituaes, que no Entendimento fórmo destes tres exercitos, são tão proprias de cada hum, que me mostrão a differença que vai de hum ao outro exercito, de sorte que não póde a Idéa de hum Exercito quadrar, ou ajustar aos outros exercitos.

Silv. Quem duvída disso?

Teod. Vamos agora ás Idéas da Imaginação. Quando eu considero n'um exercito de 50 mil homens, representa-se na Imaginação huma multidão de homens formados em fileiras, e batalhões, como hum grande canavial de espingardas, e baionetas; porém esta pintura he tão confusa, que se faltar hum só homem em todo este exercito, eu não posso perceber a differença.

Eug.

Eug. Em táo grande multidáo nem com os olhos percebemos a differença, quanto mais com a Imaginaçáo.

Teod. Ai tocastes vós agora na razáo verdadeira. Nós já ajustámos, que a Imaginaçáo era hum armazem, ou thesouro onde se ajuntaváo as imagens, que recebiamos pelos sentidos externos.

Silv. Assim foi.

Teod. Logo se os olhos ainda os mais perspicazes náo podem formar imagem táo propria, e exacta deste exercito, que se conheça nesta pintura a differença de mais, ou menos hum homem; tambem a náo podemos perceber na pintura da Imaginaçáo; supposto o que confessais de que só o que entra pelos sentidos he que se acha lá na Imaginaçáo.

Silv. Entáo como formais dahi argumento?

Teod. Deste modo: as Idéas do Entendimento, que formámos dos tres exercitos, sáo táo proprias, que a de hum náo póde quadrar a outro; e se percebe a differença dellas.

Silv. Quem percebe cá differença táo pequena nesses exercitos, ainda fallando das Idéas do Entendimento?

Teod. Quem percebe? eu, e vós, e todos os mais. Dizei-me; vós náo podereis dizer com toda a certeza, que todos estes tres exercitos sáo desiguaes?

Silv. Posso.

Teod. Logo estais certo de que hum tem differença dos outros, excedendo-os, e como podeis estar certo disto, sem que a Idéa de cada

hum vos represente táo exactamente o seu objecto, que possais nelle conhecer a differença que tem.

Silv. Está feito.

Teod. Logo he certo que as Idéas do Entendimento pintáo esses objectos de sorte, que a pintura de hum náo póde quadrar a nenhum dos outros: por outra parte as Idéas da Fantazia sáo táo confusas, que a de hum póde servir aos outros; porque náo percebo a differença dessas tres pinturas. Logo as Idéas do Entendimento representáo algumas miudezas, que náo representáo as da Imaginaçáo; que isto he o que eu queria provar.

Silv. Vós fazeis caso de humas miudezas, e impertinencias, que parecem escusadas.

Teod. Vós vereis que consequencias se tiráo destas miudezas; mas continuando com o que dizia Eugenio, temos já que as Idéas da Imaginaçáo sendo de sua natureza totalmente dissemelhantes das Idéas espirituaes do Entendimento, com tudo no que toca á representaçáo, ainda das cousas corporaes, humas vezes sáo semelhantes, e outras dissemelhantes.

Eug. Fico nisso, e me náo esquecerá esse exemplo que propozestes.

Teod. E muitos mais exemplos ha, como v. g. huma figura de dez mil angulos, da qual na Imaginaçáo se faz idéa assás confusa, de sorte, que ou tenha mais dous, ou menos dous, náo haverá differença na pintura. E pelo contrario o Entendimento dos Geometras faz desta figura táo exacta Idéa, que della fórmáo de-

demonstrações, que por nenhum modo quadrão a outra qualquer figura.

Eug He a mesma razão; e já vejo que o Entendimento he muito mais delicado nas suas Idéas, do que a Imaginação.

Silv. Dizei vós o que quizerdes, que por conta dessas miudezas não deixo hum Proloquio assentado pelos Filosofos ha tantos seculos; que *nada representa o Entendimento, que primeiro o não tenhão representado os sentidos.*

§. II.

Das Idéas do Entendimento ácerca dos objectos negativos.

Teod. NAõ posso deixar de louvar huma tal fineza; e principalmente feita a quem vo-la não póde agradecer. Mas onde vós, Eugenio, haveis de conhecer huma grande differença entre a Imaginação, e o Entendimento he nas idéas dos objectos negativos. Olhai, Eugenio; *a nossa Imaginação só póde formar Idéas de cousas, que tem ser positivo.* (Proposição undecima). E a razão he, porque conforme fica dito, só as cousas, que podem entrar pelos sentidos externos, se pintão na Imaginação; e claro está, que as cousas, que não tem ser, não se podem perceber pelos sentidos; e por consequencia só aquellas cousas que tem ser se podem pintar na Imaginação.

Prop. 11.

Silv. Essas cousas nem se podem perceber pe-

lo

lo Entendimento: com que, em quanto a isso estão iguaes a Imaginação com o Entendimento.

Teod. E quem vos disse, que o Entendimento não podia formar idéa das cousas que não tem ser, nem apparencia do ser, v. g. que não podia o Entendimento formar Idéa do *nada*, ou da falta e carencia de todas as cousas?

Silv. Do *nada* como se póde formar Idéa verdadeira, ou pintura? Meu Teodosio, isto he bem claro; ver eu que n'uma casa não está nada, he não ver ahi cousa alguma; se eu vejo o chão, tecto, e paredes, e não vejo mais nada, vejo que nada está na casa; com que assim he no Entendimento, conceber eu o *nada*, ou negação, he não ter Idéa nenhuma; em eu não tendo Idéa de cousa alguma positiva, já se diz que concebo o *nada*; porém isso he fallar impropriamente; porque eu do *nada* como posso formar Idéa positiva? se Idéa he huma pintura, como póde haver Idéa do *nada*? não me fareis o favor de me pintar o *nada* n'um painel? só o podereis pintar não pintando no painel cousa alguma, mas isso he fallar impropriamente. Isto mesmo dizem os Modernos; e até o vosso Wolfio, que vós pondes nas nuvens.

Eug. Amigo Silvio, agora acho-vos razão; e se me dais licença, Teodosio, queria fazer huma pergunta.

Teod. Dizei.

Eug. E de que nos serve isto, e armar questões sobre nada?

Teod.

Teod. Reparais bem: mas por ora só vos quero dizer, que este ponto quem o passar em claro, ha de escorregar em mil erros, quando for a discorrer: Eu vos farei notar a seu tempo muitas utilidades, que a não serem tantas, crede que não vos trataria deste ponto, que he delicado. Agora vou a Silvio. Confesso que alguns Modernos dizem comvosco; e bastava só o grande Wolfio para authorizar essa opinião, porém tenho authoridade maior da parte contraria.

Silv. De quem?

Teod. Da razão que me convence; e da experiencia minha, e vossa, e de todos os que quizerem reflectir nella. Por isso fazendo huma grande cortezia a Wolfio, se elle vai para huma parte, eu o deixo ir, e tomo para outra, guiado da experiencia, e da razão que me obriga.

Silv. Ora vamos a contender com essas armas; e dizei-me como se póde pintar o *nada*, ou representar na cabeça o que he cousa nenhuma?

Teod. Responderei logo; mas primeiro quero que me digais isto: a palavra, que diz *nada*, não he huma palavra verdadeira; e tão verdadeira como estoutra, que diz *tudo*?

Silv. Ninguem o duvida: quer huma palavra, quer outra constão de duas sylabas; e se as escrevermos, constão de quatro letras.

Teod. Bem está: e que significa essa palavra, que diz *nada*? que significão essas quatro letras?

Silv.

Silv. Significáo o nada, isto he, a falta de todas as cousas.

Teod. Bem: logo se huma palavra positiva, e verdadeira significa o *nada*, isto he, a falta de tudo: tambem huma Idéa do Entendimento sendo positiva, e verdadeira poderá significar o *nada*, isto he, a falta de todas as cousas. Tão difficil he representar o *nada*, como significar o *nada*: por quanto a significação he representação ao Entendimento. Logo se vós me concedeis, que eu com huma palavra positiva, e verdadeira significo o que he nada, tambem com huma palavra intellectual, ou idéa positiva posso representar esse mesmo *nada*. Meditai nisto de vagar, Silvio, porque não está o caso em responder de repente: revolvei no Entendimento esta razão, e se achardes disparidade, então ma dareis.

Eug. Valha-me Deos: a razão de Silvio convencia-me, mas a vossa prende-me de sorte, que não sei como lhe hei de responder.

Teod. Mais: vamos á experiencia de todos. He certissimo que nenhum póde discorrer com o Entendimento sem ter nelle Idéa, ou conceito disso mesmo ácerca do que discorre. Não he isto certo?

Silv. Ninguem duvída disso.

Teod. Logo se nós todos tres agora estamos discorrendo com os Entendimentos sobre o *nada*, he certissimo que todos tres temos no Entendimento Idéa, ou conceito que nos representa o mesmo *nada* de que discorremos. Vedes, Silvio, que vindes a confessar, que

ten-

tendes agora no vosso proprio Entendimento isso mesmo que ateimaveis que não podia haver no mundo?

Silv. Ahi ha engano, e equivocação, seja ella aonde for.

Teod. Sabeis vós o que me lembra? he huma resposta bem galante, que deo em Lisboa a hum amigo meu certo homem de muito juizo, que todos veneramos. Atacavão-no bem em certo ponto: vio-se elle convencido; e porque era homem mui prudente, sincero, e virtuoso, depois de parar hum pouco, disse: *Esse argumento o que prova he, que eu não sei responder; mas não prova, que isso seja assim; muitas respostas poderá ter essa razão, que a mim me não occorrão.* Celebrou-se o dito, e achárão-lhe novidade, e galantaria. Assim sois vós agora: dizeis, ahi ha equivocação; seja como for.

Silv. Ora respondei-me a este argumento, que absolutamente não tem resposta, por ser evidentissimo: A Idéa, que representa o *nada*, nada representa; e se nada representa, não he Idéa, porque toda a Idéa tem por essencia o representar. Que respondeis a isto, Teodosio?

Teod. Por esse mesmo discurso, que tão evidente vos parece, vos provarei eu mil falsidades. Quero-vos provar, que não dissestes agora nada, nem fallastes. Olhai, e tomai bem sentido: Quem diz *nada*, nada diz: Vós dissestes *nada*, porque fallastes delle: logo nada dissestes; e se nada dissestes, estivestes callado; porque quem falla, alguma cousa ha de dizer.

Eug.

Eug. Em que labyrinthos de enredos estou mettido? isto não he para mim.

Teod. Não vos assusteis, que de proposito vos fiz entrar neste labyrintho para verdes quanto sentido he preciso ter nos discursos, para não tropesar. Este argumento que poz Silvio he de Wolfio, daquelle pasmoso homem, que mereceo justamente a muitos o titulo do maior Filosofo do seu seculo. Mas sendo tão grande homem, equivocou-se; e para se conhecer a sua equivocação, voltei o argumento contra Silvio em huma materia tão palpavel; e agora o quero explicar mais. Olhai, Eugenio, quem quizer provar, que na lingua Portugueza não ha esta palavra *nada*, prova huma grandissima falsidade; porém deduz-se do argumento de Wolfio assim: o que significa *nada*, nada significa; o que nada sifinifica, não he palavra, que pertença á nossa lingoa, porque todas as suas palavras significão: logo na nossa lingua não ha palavra que signifique *nada*.

Eug. Tirai-me por vida vossa o meu juizo deste tormento. Aonde vai aqui o erro do Entendimento? Tudo quanto dizeis he verdade, e o que vindes a concluir he hum despreposito claro. Deixai-me examinar isto: o que significa *nada*, nada significa, isto he certissimo: vamos agora adiante: o que nada significa, não significa, tambem isto he certissimo: o que não significa não he palavra da nossa lingua; disto não há dúvida: e concluis, logo a palavra, que diz *nada*, não se

acha na nossa lingua Portugueza, e isto he loucura concedello, estando actualmente usando della. Ora desembaraçai-me, Teodosio, este enredo.

Teod. O erro está em não reparar, que as mesmas palavras postas de hum modo dizem huma cousa, e trocadas dizem outra cousa diversa: *nada significa*, quer dizer que a palavra he hum som bruto, sem significação alguma; e *significa nada*, quer dizer que a palavra significa a exclusão de todas as cousas.

Ponhamos mais exemplos. *Não respondo* quer dizer que me calo; e *respondo não*, quer dizer que fallei, mas que não concordei nisso, que me pedião. Do mesmo modo *não sei*, quer dizer que ignoro: *sei que não*, quer dizer cousa mui diversa: *não entendo*, quer dizer que tenho falta de percepção: *entendo que não*, quer dizer cousa diversissima.

Eug. Já percebo onde ha o engano.

Teod. Respondendo agora a Silvio. A Idéa do Entendimento, que representa o *nada*, he positiva, e huma Idéa verdadeira, e dahi não se infere que nada representa, porque isso quer dizer cousa mui diversa: assim como acontece na palavra *nada*, ou pronunciada, ou escrita; se disser esta palavra significa o *nada*, logo nada significa; não digo bem, porque confundo termos mui diversos, que se equivocão. A seu tempo vos darei a origem desta diversa intelligencia de termos tão parecidos; mas adverti, que as mesmas palavras trocando-se, vem

vem ás vezes a significar cousas diversas; por isso he falsissima aquella proposiçáo, que vós ambos, e o senhor Wolfio daveis por certissima *o que representa nada, nada representa*; aqui he que vai toda a malicia, como tendes visto nos exemplos que vos puz.

Eug. Já vejo porque tambem he falso dizer: o que significa *nada*, nada significa: he falso dizer; o que diz *nada*, nada diz, e está calado: he falso o dizer: o que escreve *nada*, nada escreve.

Silv. E em que ficamos? que eu náo disse nada, nem fallei cousa alguma?

Teod. Dissestes como o homem de melhor entendimento especulativo, que conhece a Alemanha; e assentando nisso, quero concluir o que hia a dizer, para Eugenio gravar na sua memoria; e vem a ser, que o *Entendimento pelas suas Idéas Espirituaes póde representar naõ só as cousas positivas, mas tambem as exclusões, ou faltas dessas mesmas cousas.* (Proposiçáo duodecima) v. g. póde fazer Idéa da riqueza, e da falta total da riqueza, que he a pobreza. Póde fazer Idéa da nodoa, que he positiva, e da falta total da nodoa, ou da limpeza, que he negativa: e já daqui se vê a grande differença que ha entre a Imaginaçáo, e o Entendimento. A Imaginaçáo só póde representar o que he positivo; mas o Entendimento póde fazer Idéa das cousas negativas, e até do mesmo nada, e daqui se responde ao que disse Silvio, que quando eu náo vejo n'uma casa cousa alguma, vendo as

Prop. 12.

suas paredes, e tectos, vejo que não está nàda. Nisto concedo; porque os olhos tambem são como a Imaginação, que só podem representar o que hé positivo; e as cousas negativas sómente as vem os olhos, e Imaginação impropriamente; porque não vê o que essas Idéas negativas excluem; v. g. vejo a pobreza, porque não vejo effeito nenhum dè riqueza. O entendimento para discorrer necessita de formar Idéas das cousas positivas, e negativas. Perdoai, Eugenio, alguma mortificação, que estas abstracções vos causárão, que não vos pude dispensar deste trabalho; porque sem isto não se póde absolutamente explicar (quanto ao que entendo) como o entendimento conhece a Deos, e as cousas espirituaes, nem como julga prudentemente em mil casos. Dou-vos o tempo por testemunha.

Eug. Isso que me dizeis do modo com que conhecemos a Deos, he cousa mui importante: vamos a saber como o entendimento o conhece.

§. III.

§. III.

Das Idéas, que o Entendimento tem por consciencia, ou experiencia de si mesmo.

Teod. ANtes que fallemos do conhecimento de Deos, ou dos Anjos, convém fallar do conhecimento que o entendimento tem de si mesmo; porque este degráo he preciso para subir ao conhecimento de Deos. *Conciencia*, Eugenio, chamamos nós á sciencia, que a alma tem de si mesma. E como o entendimento pela propria experiencia conhece em si muitas cousas, dizemos que fórma muitas idéas pela propria experiencia, ou consciencia. Todo o homem sabe que está cuidando, que discorre, que affirma, que duvída, que nega, etc. Hé logo forçoso que tenha alguma idéa da affirmação, da dúvida, dos pensamentos, do discurço, etc.: por quanto he principio assentado entre todos, que não podemos conhecer que temos, ou não temos alguma cousa, sem formar della algum conceito, ou idéa. Não he assim, Silvio?

Silv. Esse principio, ou maxima he inegavel; por quanto sem eu fazer algum conceito de huma cousa, he impossivel que possa persuadir-me, que a tenho, ou que a não tenho.

Teod. Logo se todo o homem sabe que tem pensamentos; todo o homem tem no entendimen-

mento idéa do pensamento : pela mesma razão, se sabe que duvída, ou que affirma, ou que nega, tem idéa da dúvida, idéa da affirmação, e idéa da negação, etc. Logo *o nosso entendimento tem idéas dos pensamentos, das dúvidas, e dos mais actos, e isto por propria experiencia, ou consciencia.* (Proposição 13.)

Prop. 15.

Eug. Já não posso duvidar que nós temos idéa dos pensamentos, das dúvidas, e dos actos do nosso proprio entendimento; que mais quereis agora dizer?

Teod. Estas idéas não vem de fóra, porque pelos sentidos externos só entrão objectos sensiveis. O que tem luz, ou côr, ou figura entra pelos olhos, o que tem algum som entra pelos ouvidos, etc. Ora dizei-me, Eugenio, que côr, ou que figura tem o nosso pensamento, que sabor tem o negar, ou que cheiro tem o duvidar? Nenhum por certo. Logo os actos da nossa propria alma, com que affirmamos, duvidamos, ou negamos, não pertencem aos sentidos; e se não pertencem aos sentidos, e são objectos insensiveis, tambem não pertencem, nem se podem pintar na imaginação, conforme ficou estabelecido (pag. 35.).

Eug. Isso não tem dúvida?

Teod. Talvez que Silvio a tenha : porque ha de defender quanto poder, que o nosso Entendimento não tem idéa alguma, que não se ache nos sentidos, ou exteriores, ou interiores, conforme o proloquio do Filosofo, que já tocámos : e como tem concedido que o nosso entendimento tem idéa dos seus pensamentos, e

das

das dúvidas, e das affirmações, etc. se agora conhecer como está obrigado) que a imaginação não póde formar idéa destas cousas; forçosamente ha de confessar que muitas idéas ha no entendimento, que não ha na imaginação, nem nos sentidos: e fica desvanecida a authoridade daquelle proloquio.

Silv. O proloquio não póde fallar nesse sentido.

Teod. Pois perdoai, que cuidei que fallava: como o proloquio diz absolutamente que nada ha no entendimento que primeiro não estivesse nos sentidos (1), cuidei que se contradizia o tal proloquio, confessando vós, que no entendimento havião essas idéas dos proprios actos, as quaes nem se achavão nos sentidos internos, nem externos, nem por lá tinhão entrado.

Silv. Tende mão, que tambem vos contradizeis; já tendes dito, que quando o entendimento faz os seus actos espirituaes, sempre a Imaginação fórma as suas imagens em correspondencia delles (pag. 36.) Mas agora.....

Teod. Agora digo o mesmo que disse: confesso que a imaginação sempre acompanha o entendimento com alguma imagem material; porém estas imagens não são imagens dos pensamentos, nem semelhantes ás idéas da alma; são imagens de cousas sensiveis, e bem diversas. V. g. das acções, que fazemos com a mão, ou cabeça, quando negamos; ou das palavras que dizemos quando duvidamos; ou de

(1) *Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu.*

de outra qualquer cousa, que costuma acompanhar os actos da alma. Não attribuais aos actos da alma o que só se acha nás idéas da imaginação; porque daqui he que procedem erros, e equivocações innumeraveis.

Silv. Tomára já ver que erros são esses.

Teod. Não tardará muito. Mas já temos outro caso, Eugenio, em que as idéas do Entendimento são (como eu dizia) mui dissimilhantes das idéas da imaginação; convém a saber, quando o Entendimento fórma idéa dos seus actos espirituaes.

Eug. Fico nisso, e não me esquecerei.

§. IV.

Das idéas do Entendimento ácerca de Deos; e outros objectos espirituaes.

Teod. O Principal officio do nosso Entendimento ha de ser o conhecimento do seu Creador; e esta he huma vantagem passmosa, e a mais estimavel dos homens a respeito dos brutos; pois estes só vem o que he material, e sensivel; porém os homens podem ter conhecimento até das cousas espirituaes, e totalmente insensiveis: e nisto haveis de saber, Eugenio, que ha grandissima equivocação, ainda em homens muito doutos; e que fará em vós, e nos que não tiverem meditado muito nisto? Não tem faltado quem diga, que nós fallando das cousas espirituaes,

só

só formavamos no Entendimento idéa das palavras, com que as significavamos; e por nenhum modo das mesmas cousas em si.

Silv. Isso he huma loucura; porque então os póvos de diversa lingua, ainda que fallassem da mesma cousa, farião della tão differente conceito, como são differentes as suas palavras: e sendo tão diversas as idéas de Deos, como poderião concordar no juizo que elles fazem de Deos? Hum Grego dizendo *Theos*; hum Hebreo dizendo *Adonai*; hum Inglez dizendo *God*; hum Francez dizendo *Dieu*; hum Italiano *Iddio*; hum Hespanhol *Dios*; e nós dizendo *Deos*, fariamos do supremo Senhor tão diverso conceito, como são estas palavras: e não poderiamos concordar nos juizos, que formassemos do Senhor; pois que todo o juizo se funda, e estriba no conceito, ou como vós dizeis, idéa, que formamos do sujeito de quem se trata.

Eug. Eu discorria por outro modo, e lhe achava outro absurdo; e vem a ser, que se ouvisse dizer a hum Hebreo *Adonai*, sem saber o que elle queria dizer; como eu ouvia a palavra tão perfeitamente como elle, havia de fazer a mesma idéa, que elle fazia, não sabendo eu a sua lingua; e assim, sem entender a lingua, havia de concordar com elle no que dizia de Deos; o que he cousa summamente absurda.

Teod. Ambos vós discorrestes maravilhosamente; e eu só digo que essa opinião he daquellas que não me merecem o trabalho da impu-

pugnaçáo: ólho pará ellas, e deixo-as ao longe. O que eu desejo saber he a opiniáo de Silvio.

Silv. A minha opiniáo (que creio he a communissima, nem sei que ninguem diga o contrario) he que nós sómente por semelhança corporea, e imagem impropria he que podemos formar idéa de Deos; e o mesmo digo de qualquer cousa espiritual: isto convence-se pela experiencia, e pela razáo natural: pela experiencia, porque nós só concebemos no Entendimento ao Padre Eterno como hum velho venerando sentado em huma nuvem; concebemos hum Anjo, como hum mancebo com azas; concebemos o Espirito Santo como huma pombinha branca; e tudo o mais he assim: de sorte que o conceito, e idéa, que formamos de Deos, he táo diverso da realidade, como he diversa huma mascara emprestada do objecto verdadeiro que com ella se apresenta; e como he diverso hum velho de barbas do Padre Eterno.

Teod. Ora vós haveis de perdoar-me, que quero me expliqueis isso bem, para o poder perceber de todo. Dizeis que a idéa, ou conceito, que formamos de Deos, he táo diversa do mesmo Deos, como he o corpo do espirito, e huma mascara he diversa do objecto, que com ella se encobre.

Silv. Assim he.

Teod. Supposto isso, tambem o juizo formado sobre essa idéa, que o Entendimento tem de Deos, ha he ser mui diverso da realidade; pois,

como vós já confessastes (pag. 56.), e todos dizem, o juizo, e os discursos que formamos de qualquer cousa, se fundão na idéa que della tem formado o Entendimento; e como a idéa he errada, e mui diversa da realidade, tambem os juizos, e discursos, que sobre ella se fundão, hão de ser errados, e mui differentes do que succede na realidade.

Silv. Não me entendestes: nós bem sabemos, que Deos não he corpo, mas o que dizemos, he que o nosso Entendimento nunca o póde conceber senão com apparencia corporea; e toda a idéa que nos representa a Deos, o representa com semelhança de Corpo.

Teod. Como estas cousas são mui delicadas, não vos admireis de eu as não entender logo; tende paciencia, que quero entender bem isto. Dizeis-me que toda a idéa, que formamos de Deos, no-lo representa como se fosse corpo: está bem; ora como podemos nós crer, e persuadir-nos que Deos não he corpo? Direi o fundamento da minha dúvida. Nós não concebemos fogo sem calor, nem a neve sem frialdade, nem chumbo sem pezo; e por isso todos se persuadem que o chumbo he pezado, a neve he fria, o fogo quente: e quem dissesse o contrario, seria reputado por fatuo: porque a idéa que formava desses objectos lhe estava mostrando esses predicados, que lhes negava; e eis-aqui porque eu dizia, que se nós nunca podessemos conceber a Deos senão como cousa corporea, não havia modo, por onde o Entendimento podesse crer que Deos não era corpo.

Silv.

Silv. Não vedes, que essa semelhança corporea he como huma mascara?

Teod. Mas para eu saber que essa apparencia he mascara, e que Deos não he assim como se me representa, cuidava eu que era preciso ter alguma idéa, ou conceito de Deos como he em si, e depois olhar para essa apparencia corporea; e depois, combinando huma cousa com outra, dizer que não concordavão; e que Deos em si era mui diverso da mascara com que se me representava ao Entendimento.

Silv. Pois sim. Eu comparando a Deos em si mesmo com tudo o que he corpo, ou semelhança corporea, sei que são cousas bem oppostas, e diversissimas

Teod. E como podeis vós comparar a Deos em si mesmo, com tudo o que he semelhança corporea, sem terdes huma idéa que de huma parte vos represente a Deos em si mesmo, isto he, livre de toda a semelhança alheia; e de outra parte a idéa do corpo, para dizerdes que as duas idéas erão oppostas, e os seus objectos tambem diversos? Eu se sempre visse a João mascarado de preto; para crer que elle não era preto na realidade, era-me preciso ter alguma idéa de João em si, para que combinando-o com a mascara, dissesse que aquella côr, ou apparencia não era sua. Porém vós dizeis, que eu nunca, e por modo nenhum podia conceber a Deos sem o ver cuberto com essa apparencia corporea: como posso logo persuadir-me que essa apparencia não he sua? Contar-vos-hei o que succedeo a

hum

hum Theologo com hum Herege dos que chamão Antropomorphitas, que dizem que Deos he corporeo: argumentava elle contra o Theologo, e dizia assim: Porque credes vós que Deos he sábio, senão porque não podemos conceber a Deos, nem formar delle idéa alguma, sem conceber sabedoria, e todas as perfeições? logo se eu nunca posso conceber a Deos, sem que nessa idéa vá figua corporea, do mesmo modo que vós inferís que Deos he sábio, infiro eu, que Deos he corpo. Eu fiquei afflicto; porque não entendi bem a resposta do Theologo; tomára que vós ma desseis; porque sou Catholico como vós, e creio firmemente, que Deos não he corpo, nem tem semelhança disso.

Silv. Essa semelhança corporea que achamos na idéa de Deos, he emprestada, e não he propria.

Teod. E por onde sei eu que he emprestáda, se nunca posso conceber a Deos, senão assim? Para eu saber que huma apparencia não he propria de hum sujeito, mas emprestada, he preciso ao menos poder conceber esse sujeito sem ella: logo se eu não posso nunca conceber a Deos, sem que essa idéa, ou conceito mo represente corporeo, como posso eu dizer que essa semelhança he emprestada? Outro tanto dirá o Herege da sabedoria, e demais perfeições que forçosamente encontramos na Idéa de Deos. Amigo Silvio, fallemos sinceramente, e em boa paz, isso não he assim; e nós bem *podemos no Entendimento formar de Deos*,

Deos, e do espirito idêas proprias, que nos representem esses objectos como diversos de tudo o que he corpo. Assentai, Eugenio, na vossa memoria esta Proposição (14.).

Prop. 14.

Silv. Pois hé crivel, que tantos homens de juizo assentassem no contrario, sendo falso!

Teod. Não vos admireis, que eu vos direi a origem dessa equivocação. Confundião as idéas do entendimento com as da imaginação, e attribuião ás idéas da alma o que he proprio só das da fantazia. A experiencia ensina, que quando cuidamos em Deos, a imaginação nos pinta alguma figura corporea; o mesmo he cuidando nos Anjos, etc. porém essa imagem corporea, que em nós sentimos, he só na imaginação, e não no entendimento. A imaginação representa huma cousa, e o entendimento representa outra totalmente diversa; e eis-aqui apparece outra vez falso o proloquio, que defendeis; que *nada ha no entendimento, que primeiro não se ache nos sentidos.* No entendimento temos idéa de Deos, tão propria, que só a Deos convém, e não póde quadrar a outra cousa; e esta idéa, que não possa quadrar a corpo algum, não se acha nos sentidos; por quanto já está concedido, que na imaginação, e sentidos só se póde pintar imagem sensivel, e material.

Eug. E já são quatro casos, em que vós falsificais esse proloquio: o primeiro hé nas idéas espirituaes do exercito, ou figuras de muitos mil angulos: o segundo nas idéas espirituaes de cousas negativas: o terceiro nas idéas dos pro-

proprios pensamentos: o quarto nas idéas de cousas espirituaes.

Silv. Tomára saber como são essas idéas proprias de Deos; de Deos, que he incomprehensivel.

Teod. Eu o digo: que entendeis vós por idéa propria de qualquer objecto?

Silv. Idéa, que não possa quadrar a outro nenhum, senão a elle.

Tesd. Bem está: ora a idéa de Deos, que nós formamos no entendimento, assim he. Eu vos digo como o entendimento a fórma; e depois me direis se fica proprio o retrato. Quando o pintor quer retratar hum homem, vai pondo todas as feições, que nelle acha; e se poz alguma, que elle não tem, vai-a tirando; de sorte que pondo o que tem, e tirando o que não tem, lhe fica proprio o retrato. Assim faz o entendimento, formando a idéa de Deos: todas quantas perfeições acha nas creaturas, ou seja pela propria consciencia, ou seja pelo uso dos sentidos, vai ajuntando n'uma parte, e vai tirando todas quantas imperfeições ahi acha; e tendo feito huma idéa toda cheia de perfeições, excluindo todas as imperfeições, tem feito idéa de Deos. Ponhamos isto em praxe: pela propria consciencia, ou experiencia de si, tem o entendimento idéa do ser, da existencia, e da intelligencia mental; tudo isto são perfeições, e põe isto no retrato de Deos; mas acha em si ignorancia, e dúvida; e fórma por contraposição humas idéas positivas, que excluem estas imperfeições, e diz

sem

sem ignorancia, *sem dúvida*, e vai ajuntando isto á idéa do ser, e existente, e intelligente. Olha mais para as creaturas externas, e vê força, poder, e ajunta as idéas dessas perfeições ao retrato de Deos; porém vê ao mesmo tempo nas creaturas fraqueza, vê morte, vê nascimento, e fórma idéas oppostas, que digão *sem fraqueza*, *sem principio*, *sem fim*; e tudo isto vai para o retrato de Deos. Torna a olhar, e vê nas creaturas grandeza, vê tambem a figuta, limite, materia, etc. e põe no retrato de Deos a idéa da grandeza; e vendo que figura, limite, e materia são imperfeições, fórma outras idéas contrarias que as excluão; e ajuntando as idéas de perfeição com as idéas exclusivas de imperfeições, vai pondo tudo no retrato de Deos, e diz assim: Hum ser, que existe, sem principio nem fim; que he intelligente, sem dúvida nem ignorancia; que he poderoso sem fraqueza, que tem grandeza sem figura que o termine, que não tem materia que o faça palpavel, etc. Pergunto agora: e ainda que o entendimento não aperfeiçoe mais o retrato, achais vós, Silvio, que elle póde servir a objecto algum fóra de Deos?

Silv. Certamente não.

Teod. Pergunto mais: e Deos tem isso que se representa no retrato?

Silv. Tem.

Teod. Ainda pergunto mais: e o retrato tem alguma cousa, que Deos não tenha?

Silv. Não.

Teod.

Teod. Logo este retrato, posto que seja imperfeito, e tosco, he tão proprio de Deos, que só a elle quadra, e a mais nenhum objecto póde servir.

Silv. Então escusado he esperar pela Bemaventurança, se nós já neste mundo podemos conhecer a Deos como em si he.

Teod. Amigo Silvio, vai grande differença do retrato, que formamos de Deos só pela razão, ao que formaremos guiados pelo lume da gloria. Mas havendo grande differença, podem ser proprios ambos os retratos. Exemplo: o retrato, que Eugenio tem de seu tio o Commendador, he hum retrato bellissimo.

Eug. Não ha dúvida, que sahio propriissimo; e he dos melhores, que o nosso Francisco Vieira tem feito. E até o primeiro desenho, que elle fez com o lapis, com razão o estimo, e tenho debaixo de vidro em sua moldura, porque he propriissimo: e não forão senão quatro riscos de lapis, que n'um instante deitou no papel, estando olhando para meu tio; e depois por esse desenho he que se governou para o retrato, que tenho na livraria.

Teod. Ora alli tendes, Silvio, a resposta do que me dissestes: quem duvida, que vai grande differença do pequeno desenho do lapis ao outro retrato grande, e bem colorido? e com tudo ambos sao retratos proprios do Commendador; e todos os que os vem, logo o dizem. A differença entre elles está, que o pequeno representa algumas feições do rosto, as principaes no que toca a figura, e por maior; que

he o mais que póde fazer a ponta do lapis; mas o retrato grande representa essas mesmas feições com muito maior miudeza, mais perfeição, e maior viveza; representa a côr propria do semblante; e além disso muitas outras cousas que o retrato pequeno não póde representar, por ser escuro, pequeno, e em grosso. Ora eis-aqui, com a devida proporção, como he a idéa, que formamos agora de Deos, a respeito da idéa, que formaremos na gloria. Esses predicados, que conhecemos em Deos pelo lume da razão, e da Fé, esses mesmos conheceremos pelo lume da gloria; porém com muito maior perfeição, claridade, e viveza: além disso veremos muitos predicados, que não achamos agora cá no nosso retrato escuro, e grosseiro. E ainda a comparação não fica tão exacta, como eu queria; e o ficará, se comparardes o conceito que fazemos do Commendador, vendo sómente esse retrato de lapis grosseiro, com o que fariamos vendo o mesmo Commendador vivo, e fallando; porque sempre vai muito do vivo ao pintado. Ora nós cá neste mundo contentamo-nos com este retratinho pequeno, que trazemos cá na cabeça, feito ás escuras com o dedo do entendimento; e na Gloria veremos a Deos claramente face a face. Esta comparação he pouco mais ou menos a de S. Paulo: o Santo Apostolo diz, que cá vemos a Deos como em espelho; ora este espelho sim he pouco limpo, e não muito cristalino; mas sempre representa a figura propria do objecto, de sorte que

só

só a elle convém, posto que pequena, confusa, e escura; porém no Ceo veremos a Deos, não em espelho, mas como em si he. Parece-me que ha de haver differença.

Silv. E bem grande.

Teod. Concluamos logo, Eugenio, que o entendimento fórma do espirito, e de Deos idéa propria; isto he idéa, que convém a Deos, e só a Deos póde quadrar. Agora essa idéa impropria, alheia, e emprestada, que nos representa a Deos, como hum velho venerando, ou ao Anjo, como hum mancebo gentil com azas, etc. tudo isso são idéas da imaginação, a qual he cousa mui diversa do entendimento. Ora eu não duvido, que muita gente rustica faça no entendimento idéas de Deos, e dos Anjos semelhantes ás da imaginação; porém isso he erro, de que eu não tenho culpa. Eu conheço hum homem tão rustico, que se gabou de ter venerado huma estupenda reliquia, e não acabava de encarecer a sua preciosidade; e perguntando-lhe que reliquia era, respondeo que era hum osso da perna de S. Miguel. Vede que conceito fazia este barbaro do Santo Arcanjo; mas deixemos despropositos de gente rustica.

Eug. Já agora entendo o fim, que tivestes em me explicar com tanta miudeza o modo, com que obrava a nossa imaginação, e que differença tinhão os seus actos dos actos do entendimento; pois já vejo que de confundir huns actos com os outros nasce atribuirem esses Filosofos ás idéas do entendimento a improprie-

dade, e ficção, que sómente se acha nas idéas da fantazia. E que dizeis a isto, Silvio?

Silv. Digo o mesmo que dizia; porque ninguem me ha de tirar da cabeça, que as idéas do entendimento dependem dos sentidos. E dos mesmos Modernos tenho noticia que todos, ou quasi todos dizem isto.

§. V.

Da Origem das idéas do Entendimento.

Teod. O Que causa mais admiração he, que tambem eu o digo; posto que com sua moderação. Isso he cousa mui diversa do que temos tratado. Silvio, vós acabais de dizer, que vos não hão de tirar da cabeça, que as idéas do entendimento dependem dos sentidos: assim he pela maior parte; mas dependendo dos sentidos, nem por isso ficão semelhantes ás idéas dos sentidos. Não havemos de confundir a origem das idéas com a sua representação Póde huma idéa trazer a origem de huma cousa, e ser diversissima della, e mui dissemelhante na representação. Por tanto, Eugenio, ainda as idéas da alma, que tem a sua origem nos sentidos, nem sempre são semelhantes ás idéas dos sentidos. Explico-me com hum exemplo. Promettêrão dinheiro a hum pintor para fazer hum retrato de Cezar; aqui a origem daquella pintura foi a promessa do dinheiro; o retrato depende do di-

dinheiro, mas não he semelhante ao dinheiro, nem o representa; só he semelhante a Cezar, porque só representa a Cezar. Assim póde acontecer ás idéas do entendimento.

Silv. Visto isso, já concedeis que todas as idéas nascem dos sentidos, pois eu cuidava, que me querieis persuadir as idéas innatas de Platão.

Eug. Que quer dizer *idéas innatas*?

Teod. Fazeis bem em não deixar passar palavra, sem que a entendais. Idéas innatas são as idéas, que nascem juntamente comnosco, e não se adquirem com o tempo, nem estudo. Muitos Filosofos dizem, que as idéas do entendimento são impressas por Deos na nossa alma, quando a creou, á maneira de sinetes impressos na cêra: outros se explicão por outro diverso modo. Eu não me embaraço com isso, porque o meu intento he dar a Eugenio instrucção do que lhe póde ser util, e nesta questão pouca utilidade conheço; por quanto ainda os mesmos que a seguem, confessão que as impressões dos sentidos conduzem para despertar estas idéas; e quando os contrarios dizem, que estas idéas dos sentidos são precisas para o entendimento formar de novo as suas, respondem elles, que não; e que só são precisas para a excitar. Seja como quizerem; que a vós, Eugenio, só vos importa saber como apparecem no entendimento as suas idéas.

Silv. Não lhe podeis dar outra origem senão a dos sentidos.

Teod. Pondo de parte a opinião de que as idéas

são

são innatas, e nascem comnosco: digo, que *por quatro modos póde a alma adquirir as suas idéas; ou por imitação, ou por exclução, ou por consciencia, e reflexão sobre si mesma, ou finalmente por abstracção, e precisão.*

Prop. 15. (Proposição 15.) Quando os sentidos externos, ou a imaginação offerecem á alma huma imagem de objecto material, como da pedra, v. g. ou do fogo, a alma fórma huma idéa espiritual, que representa os mesmos predicados, que vê na idéa da imaginação, daquelle mesmo modo que faz hum pintor, quando fórma huma cópia de algum retrato; e a isto chamo eu formar idéas por *imitação.* Assim acontece quando o entendimento cuida de objectos materiaes. Advirto, que ás vezes sahem estas idéas do entendimento mais exactas, outras vezes mais confusas; como v. g. quando formamos idéa de hum exercito; mas então não he a imitação perfeita.

Eúg. Este primeiro modo percebo eu bem: vamos agora ao segundo.

Teod. O segundo modo he por *exclusão*: como quando a imaginação nos representa huma cousa, e o entendimento a exclue, e bota fóra, e faz idéa do contrario. Ponhamos exemplo: a imaginação offerece a idéa de nodoa, e formamos a idéa contraria, isto he de limpeza: ou quando a imaginação nos representa crime ou dinheiro, e nós formamos a idéa contraria, de innocencia ou de pobreza, etc. O entendimento tem esta virtude; porque, como disse, fórma idéas negativas; isto he idéas, que sen-

do

do em si tão positivas, e verdadeiras, como as outras, representão só a exclusão de algumas cousas: e para isto foi aquella pendencia tão renhida sobre se se podia, ou não, ter idéa do *Nada*.

Eug. Bem me lembro, e já vou conhecendo utilidade, onde eu cuidei que não podia havella.

Teod. O terceiro modo he por *consciencia*, ou reflecção sobre si mesmo; e isto acontece quando o Entendimento reflecte sobre si, e conhece os seus actos; v, g. quando conhece, que tem pensamentos, que duvída, que nega, que affirma, que fica suspenso, etc. Estas idéas de dúvida, affirmação, ignorancia, etc. todas vem ao entendimento por reflecção sobre si mesmo; e não lhe he preciso olhar para fóra de si, para ver os seus proprios movimentos. Falta o ultimo modo, que he *abstracção*, ou *precisão*.

Eug. Não entendo essas palavras.

Teod. Eu vo-las explico. Quando hum homem tem dous predicados, e nós olhamos para hum, e não fazemos caso do outro, isto he, não dizemos que o tem, nem que deixa de o ter, chama-se a isto prescindir, ou abstrahir daquelle predicado. Exemplo: quando tratamos das guerras, e dizemos, que tal Coronel fez esta, ou aquella acção, não dizemos se elle era fidalgo, ou mecanico, gentil, ou feio, rico, ou pobre; prescindimos de tudo isso. Ora por modo semelhante quando o Entendimento, depois de ter considerado n'uma flor formosa, re-

repara na formosura, e não faz caso de ser, ou não ser flor, dizemos que por precisão, ou abstracção fórma idéa da formosura: do mesmo modo conhecendo que huma proposição he verdadeira, reparo de novo na sua verdade, e não faço caso de que affirme isto, ou aquillo; mas sómente em que hé verdadeira, neste caso por abstracção, ou precisão fórmo idéa da verdade. Este quarto modo he posterior aos outros tres, porque já suppõe as outras idéas; e tanto das que temos por imitação, como das que temos por exclusão, como em fim das que temos por consciencia, ou reflecção sobre nós mesmos, podemos formar outra idéa por abstracção. Eis-aqui vereis, Silvio, por outro modo a summa importancia daquelle ponto, que tratamos, se podia o entendimento ter idéa positiva das negações, ou do *Nada*.

Silv. Pois que importancia descobris vós agora nessa questão para o ponto presente?

Teod. Eu o digo: quem affirmar, que para eu ter idéa de hum homem que não he bom, basta ter idéa de homem, sem ter idéa da bondade, necessariamente ha de confundir as idéas de *exclusão* com as idéas de *abstracção*, ou *precisão*; e o mesmo effeito ha de fazer no meu entendimento o excluir a bondade, negando-a, do que prescindir della, não atendendo a ella. Ora isto he huma confusão mui nociva, porque vai mui grande differença de huma cousa a outra; porque quando concebo hum homem que não he bom, posso seguramen-

mente dizer delle, que he máo; e quando concebo só hum homem, sem olhar para a sua bondade, não posso dizer que seja, ou não seja máo; mas fico indifferente para o negar, e para o conceder. E isto he ponto, de que se seguem mil equivocações, e erros.

Silv. E em que pondes vós a differença da precisão, e da negação?

Teod. Ponho-a nisto: idéa, que prescinde, he idéa, que representa o objecto, e que não representa o outro predicado, de que prescinde; e idéa exclusiva, ou negativa, he idéa que representa o objecto, e representa nelle a falta, ou ausencia do tal predicado, que se exclue; v. g. idéa que sómente diz Pedro, prescinde do dinheiro, porque não representa o dinheiro; idéa, que diz Pedro pobre, consta de duas idéas: huma, que representa a Pedro, e outra, que representa a exclusão, ou falta de dinheiro. Isto he cousa mui diversa.

Silv. Muito tinhamos ahi que averiguar, se isto fosse em conclusões públicas; mas considero que he huma instrucção particular: vamos adiante.

Teod. Ora está bem: supposta a permissão, que nos dais, já agora se póde averiguar aquelle ponto, se todas as idéas tem a sua origem dos sentidos, ou se dependem delles.

Silv. Eu estou nisso firmissimo: para mim he ponto averiguado.

Teod. Tambem alguns Modernos o dizem; e o seu fundamento he, porque se hum menino nascesse surdo, e cégo, não poderia ter idéas

al-

algumas; e já a experiencia tem dado alguma prova; porque se conta de hum menino, que foi alimentado nos bosques entre as féras, talvez pela piedade de alguma loba, como se creo de Remo, e Romulo, ou por alguma cabra, como he muito usual entre a gente pobre; e depois se via, que nos seus modos, e gritos, e gestos não tinha differença das féras. Eu se hei de dizer o que entendo, o caso de nascer hum menino sem sentido algum, he imaginado, e não consta se já aconteceo, porque ao menos o sentido do tacto costuma não faltar de todo, ainda áquelles, de quem parece que a natureza se esqueceo: e muito menos consta se esse menino teria, ou não algumas idéas no pensamento. Porém filosofando nesse caso, que talvez será possivel, digo, que mui facilmente poderia achar-se a sua alma sem idéa (se não segui-mos a opinião daquelles Filosofos que dizem, que a essencia do espirito he cogitar actualmente.)

Silv. Nunca tal segui.

Teod. Boa gente o segue. Vamos ao caso que questionamos: esse homem poderia ficar facilmente sem idéa alguma na alma; porque como na imaginação não se achava nenhuma idéa, que tivesse vindo dos sentidos, a alma as não podia fazer por imitação; e por conseguinte nem tambem por exclusão, porque eu não posso conceber exclusão de huma cousa, sem primeiro ter feito idéa positiva dessa mesma cousa. Demais, como a imaginação não podia trabalhar, talvez que pela mesma

uni-

uniáo que tem a alma com o corpo, e o cerebro com o entendimento, a sua alma não poderia trabalhar, e por conseguinte não podia rereflectir sobre si mesma, nem sobre a sua existencia; e deste modo nem por reflexáo, ou consciencia poderia ter idéa; e já daqui ficava sem as idéas por abstracçáo, e precisáo; porque esse quarto modo suppõe, e depende dos tres primeiros, como disse: logo mui facilmente poderia o homem ficar sem idéa nenhuma na alma.

Silv. Vós dizeis isso a medo! e que talvez!

Teod. Sim. Porque quem sabe se a alma então poderia reflectir sobre si mesma, e dizer, eu existo, eu cuido, etc. Com que deixemos isso assim, que para a instrucçáo de Eugenio importa pouco averiguallo, que são casos methafysicos, que nunca succedem. Tiro porém huma consequencia, que todas, ou quasi todas as idéas vem por este modo a depender dos sentidos. Humas, como são as de imitaçáo, porque estas lhe servem de hum tal, ou qual modélo; outras, como são as de reflexáo, ou consciencia, porque sem o uso de algum sentido a alma ficará talvez como sopita sem acçáo nenhuma, supposta esta mutua uniáo, e dependencia entre a alma, e o corpo; e como as idéas de exclusáo, e abstracçáo dependem das outras idéas, vem por este modo todas, ou quasi todas as idéas a ter dependencia dos sentidos.

Silv. Porque lhe pondes esse quasi todas?

Teod. Porque se a alma por si só puder reflectir sobre a sua existencia, e depois sobre a

sua

sua mesma cogitação, e pensamento, então poderá ter algumas idéas, que absolutamente não dependão dos sentidos: porém serão mui poucas. Pelo que, Eugenio, por remate de toda esta questão, assentai comvosco, que *posto que as idéas do entendimento dependão de algum modo dos sentidos, nem sempre são semelhantes ás idéas dos sentidos*: pois esta Proposição (16) he assás importante.

Prop. 16.

Eug. Não me ha de esquecer, por isso mesmo que foi muito debatida.

§. VI.

Da natureza, e differença entre as nossas idéas, juizos, e discurços.

Silv. AGora saiamos a passear pelo jardim, que insensivelmente temos levado a tarde toda dentro em casa, sem que para isso houvesse causa urgente. Vamos respirar hum ár mais fresco, e não sejamos descortezes com a benigna natureza, desprezando os favores que nos concede.

Eug. Vós estaveis agora com mais espirito de Poeta, que de Filosofo.

Silv. Já lá vai o tempo, em que tomava estes pontos em caso de honra: vamos a passeio.

Teod. Seja muito embora, que Silvio tem razão; e demos tambem hum passo com o discurso. Até aqui temos visto, Eugenio, a natureza das idéas do entendimento: agora em pou-

poucas palavras vos explicarei qual he a natureza dos juizos, e do discurso, para entrarmos á manhá a saber as regras, por onde vos haveis de governar com segurança. Já sabeis, Eugenio, que as *Idéas são hum acto da alma mudo, e suspenso, com que ella olha para o seu objecto, sem delle affirmar, ou negar cousa alguma* Hide sempre fazendo memoria dessas deffinições.

Eug. Descançai, que com o lapis cá vou assentando n um papel todas as proposições, que são fundamentaes, para depois as recommendar á memoria.

Teod. Fazeis bem: agora digo que o *Juizo he hum acto da alma, com o qual affirmamos, ou negamos do objecto alguma cousa.* De sorte, que em quanto olhamos para o objecto, e por mais predicados que vejamos nelle, não affirmamos nada, nem negamos, fica esse acto na classe de méra Apprehensão, ou Idéa; porém se affirmamos, ou negamos qualquer predicado, já fazemos juizo.

Eug. Deixai me pôr exemplos, a vèr se percebo. Digo eu na minha mente: Hum homem branco, nobre, valoroso, sabio; até aqui he meramente idéa; e se eu disser: há hum homem branco, etc. já fórmo juizo.

Teod. Dizeis bem: porque no primeiro acto ficais suspenso, no segundo não ficais suspenso, porque dizeis que na realidade ha esse homem. Advirto, que todas as vezes que nos admiramos, ou perguntamos, esses actos pertencem á classe das idéas, porque não affirma-

mamos, nem negamos. E daqui nasce, que em todo o juizo ha de haver verdade, ou falsidade; e este he outro sinal infallivel de hum acto ser juizo, ou proposição, que vem a ser o mesmo; por quanto, se no que digo ha propria verdade, ou rigorosa falsidade, he sinal que affirmo, ou nego alguma cousa; e senão póde haver verdade, nem falsidade, he sinal que o acto não passou de idéa.

Silv. Nisso, que vós dizeis da verdade, ou falsidade de qualquer juizo, tenho eu mil difficuldades; como tambem contra o modo de definir, ou explicar o juizo.

Teod. Se são difficuldades, que vos fação duvidar seriamente do que disse, exponde-as, porque não quero que Eugenio assente como fundamento da doutrina que esperamos, cousas ou falsas, ou duvidosas; porém se essas difficuldades são as que servem para nas aulas enredarem os entendimentos, ainda sobre aquillo que todos dão por certo, guardai-as para divertimento das aulas, que eu não quero ensinar a Eugenio a esgrimir contra o vento. Dizia hum homem de juizo, que os argumentos das aulas contra estes pontos, de que ninguem dentro do seu coração duvidava, não erão outra cousa mais, que lições de esgrimir contra o ar, dando-lhe estocadas, e murros, e cobrando grande raiva contra ninguem.

Silv. A verdade he, que eu nunca duvidei que todo o juizo affirmava, ou negava alguma cousa. Como tambem sempre tive por certo, e indubitavel, que affirmando o juizo, ou negan-

gando alguma cousa, sempre havia de haver nelle verdade, ou falsidade. Mas sempre são estas humas subtilezas dignas de muita estimação, porque são de grande preço.

Teod. Não duvído; mas será para quem as quizer comprar: para mim não; e assim se todos tres concordamos no mesmo, passemos adiante. Digo pois, Eugenio, que *o entendimento para formar o seu juizo, deve antecedentemente ter ao menos duas idéas: huma do sujeito, de quem falla; outra do predicado, ou atributo, que lhe concede, ou que lhe nega.* (Proposição 17.) V. g. se digo, que *a alma he imortal*, devo primeiro ter idéa da *alma*, isto he, do *sujeito* da proposição; e devo tambem ter idéa da *immortalidade*, que he o *atributo*, ou *predicado*, que se affirma da alma. Então o entendimento comparando huma idéa com outra, vendo se tem connexão entre si, ou se huma se involve na outra, diz que a alma he immortal. Do mesmo modo nos juizos, ou proposições negativas, sempre he preciso que o entendimento primeiro tenha idéa do sujeito, e idéa do predicado, ou attributo, para ver se póde excluir huma idéa da outra; e assim depois de examinar a idéa de *materia*, e tambem a idéa de cousa *cogitante*, diz deste modo, *a materia não he cogitante.*

Prop. 17.

Eug. Isso percebe-se mui bem, e fica na minha memoria essa proposição.

Teod. Advirto, que as proposições, que chamão Logicas, isto he, formadas em todo o rigor Logico, devem ter ao principio a idéa

do

do sujeito, depois dizer *he* ou *não he*, e no fim devem ter o predicado; como quando digo *a alma he espiritual*; *a alma não he materia*; porém todas as demais proposições se podem reduzir a este modo, ainda que vulgarmente tenhão outra formatura; v. g. quando digo: *Pedro bem rico he*; aqui depois do sujeito *Pedro*, vai logo a idéa do predicado *bem rico*, e depois a affirmação. Mas reduzindo-se a proposição Logica, deve-se armar assim: *Pedro he bem rico.* Advirto mais huma cousa, em que póde haver grandissima equivocação; e vem a ser, que toda a affirmação, ou negação se deve reduzir ao verbo *he*, ou *não he*. Por isso se disser *o varão justo despreza o mundo*, deve-se reduzir a esta proposição *o varão justo he desprezador do mundo.* E deste modo tambem se conhece qual he o predicado, que não he a palavra *mundo*, mas a palavra *desprezador do mundo.*

Eug. A proposição não tinha essa palavra *desprezador.*

Teod. Não a tinha expressa, mas estava envolvida na palavra *despreza*, que val o mesmo que estas duas *he desprezador*; e só na palavra *he* está a verdadeira affirmação: o demais he predicado, ou atributo da proposição. Advirto isto, porque serve, Eugenio, para evitar muitos enganos.

Silv. Haveis de saber, Eugenio, que todos os mais verbos, que não disserem *he*, ou *não he*, se devem reduzir daquelle modo: v. g. *ama*, quer dizer *he amante*: *caminha*, *he caminhante*: *estima*, *he estimador*, &c. *Eug.*

Eug. Não me esquecerá essa lição.

Teod. Tambem quero acautelar, que ás vezes o sujeito da proposição está occulto, e se deve entender, ou suppôr manifesto, posto que não se exprima com as palavras; como v. g. quando digo *ignoro os futuros*, quero dizer: *eu sou ignorante dos futuros.* O sujeito he *eu*, a affirmação está na palavra *sou*, e o predicado não he *os futuros*, mas *ignorante dos futuros*, de sorte que na palavra *ignoro* se incluem estas tres *eu sou ignorante.*

Eug. Já estou bem capacitado disso, eu o conservarei na memoria.

Teod. Vamos ultimamente a dizer o que he *Discurso*, para rematar a conferencia. O discurso, Eugenio, suppõe dous juizos; e quando o entendimento conhece, que hum se inclue no outro, ou nasce delle, então fórma o discurso. V. g. *a sciencia he ornato da alma; logo a sciencia he estimavel*, tenho duas proposições; a primeira chama-se *antecedente*, a segunda *consequente*; e na palavra *logo* exprimo o acto do entendimento, com que conheço que a segunda nasce da primeira, e que em certo modo nella se incluia.

Eug. E para ser bom o discurso, que se requer?

Teod. A seu tempo vos darei as regras; porém agora basta dizer-vos, que quando a segunda proposição verdadeiramente não estava dentro da primeira, não he bom o discurso, ainda que ambas as proposições sejão verdadeiras em si; como quando digo: *Pedro he homem, lo-*

go he rico ; não discorro bem , porque o ser rico não se inclue dentro do ser homem : do mesmo modo se disser *a virtude he louvada dos homens* , *logo he louvada de Deos* ; naõ discorro bem , porque a segunda proposição não nasce da primeira ; pois o ser louvado de Deos não he cousa , que se encerre no ser louvado dos homens. E basta isto por ora , que já tendes luz bastante para poderdes entender as regras , que vos hei de dar para evitar os erros nos actos do entendimento ; que este he o unico fim , que me proponho nesta instrucção. Agora quero mostrar-vos as obras , que tenho feito no meu jardim ; e haveis de achar nelle grande mudança desde o outro tempo , que o passeaveis.

Silv. Não ha dúvida , que está muito mais delicioso , Eugenio.

Eug. Vamos a ver isso , que de todos os modos me recreais ; mas quero que vejais se nesta memoria , que fui fazendo com o lapis , me esqueceo alguma proposição importante da instrucção que me tendes dado.

Teod. Tenho visto que sois bem exacto : aqui se encerra a substancia do que vos ensinei.

TAR-

TARDE XXXIX.

Das Enfermidades do nosso entendimento, e seus remedios.

§. I.

Da Cegueira, que os Pyrrhonios falsamente dizem que tem o nosso entendimento.

Teod. ORa vinde, Silvio, que hoje vos hei de tomar o officio, e me hei de metter a Medico.

Silv. Sendo vós tão bom Fysico, estais meio habilitado para a Medicina, segundo o nosso proloquio *ubi desinit Physicus, incipit Medicus.*

Eug. Ainda vós não acabais de crer que eu não entendo latim.

Silv. Aos proloquios se deve huma tal veneração, que não he licito torcer-lhes as palavras, e Teodosio bem me entende.

Teod. Mas não he essa a Medicina, de que eu fallo: vós curais as enfermidades do corpo, e eu hei de hoje tratar das do entendimento, que tambem elle tem seus achaques, e são assás perniciosos, e necessitão de cura. Por isso eu disse, que hoje vos havia de tomar a occupação.

Silv. Eu cedo della de boamente, porque náo estudei essa casta de Medicina.

Eug. Teodosio, fallemos claro: dizei-me, que enfermidades são essas do nosso entendimento, porque quero que tomeis o pulso ao meu, a ver se o tenho achacado.

Teod. O nosso entendimento sempre caminha para ver, e abraçar a Verdade. Este he o fim, para que Deos o creou: e assim como os olhos náo tem outro fim, nem outro officio, senáo ver as côres, e a luz, assim o entendimento náo póde ter outro fim, senáo conhecer, e abraçar a verdade. Daqui vem, que a differença de hum a outro Entendimento, pela qual he mais, ou menos estimavel, sómente está em achar a verdade mais promptamente, ou abraçalla com mais firmeza, e segurança. Muitos andáo por ahi abraçando-se com erros feios, e monstruosos, cuidando elles que são bellissimas verdades: outros andáo em busca della, e tendo-a bem perto, nunca a podem alcançar. Estes taes tem o entendimento muito enfermo. Porém náo he táo geral esta enfermidade, que se estenda a todos, como alguns querem. Muitos Authores ha, e de boa opiniáo, que seguem a sentença dos antigos Pyrrhonios, ou dos Academicos, os quaes diziáo, que nós neste mundo nunca podiamos chegar a conhecer claramente a Verdade, nem a ter segurança de que a possuiamos, e tinhamos alcançado (1). Estes homens queriáo

(1) Francisco Motteo Vaicrio: Pedro Daniel Huetio: Pedro Bælio, e outros.

rião fazer transcendente por todos os entendimentos huma queixa falsa, que na realidade não tem. Convem pois desvanecer-lhes esta imaginação, e tirar-lhes isto do pensamento.

Silv. Não desprezeis essa opinião, porque eu ha poucos dias a encontrei em hum homem famoso, o insigne Portuguez Francisco Sanches, filho de Braga, que compoz hum livro admiravel, com este titulo: *Da muito nobre, primeira, e universal sciencia, que nada se sabe.* Este Author segue acerrimamente essa opinião, e bastantemente me persuadi de que tinha razão.

Teod. Eu a não desprézo: quero impugnalla, porque me parece falsissima: E creio, que querendo cada qual dizer na realidade o que sente no seu coração, ha de confessar, que o seu entendimento não he tão enfermo, que não possa conhecer, e alcançar de certo muitas verdades. Para não perder tempo, Eugenio, convém advertir vos, que ha tres castas de *certeza*: *certeza moral*, *certeza fysica*, e *certeza metafysica*: a certeza moral se dá, quando huma proposição só com grandissima difficuldade póde ser falsa, v. g. se disser que ElRei de Prusia ha de estar mui contente com esta batalha que ganhou.

Eug. Seguramente que o está; e isso he bem certo.

Teod. Não obstante essa segurança, que tendes da sua alegria, absolutamente, e sem milagre póde ser que o não estime, por algumas circunstancias particulares que ignoramos. Esta

cer-

certeza pois chamamos sómente *Moral*: ha outra mais forte, que chamamos *Fysica*; a qual se dá, quando a proposição só por milagre póde faltar: e deste modo costumão ser certas aquellas cousas, que vemos com os olhos, e palpamos com as mãos. Porém esta não he a certeza absoluta, e a perfeita, de que se trata.

Eug. Pois ha cousa mais certa, do que o que se vê com os olhos?

Teod. Nas feitiçarias, e em alguns milagres succede isso, vendo huma cousa que não he como se vê; por exemplo, na Eucharistia vemos pão, apalpamos pão, e com tudo alli não ha pão.

Eug. Já caio no que dizeis.

Teod. Certeza *Metafysica*, e absoluta só se dá, quando a proposição nem por milagre póde faltar. Ora esta certeza dizião os Academicos, que a não havia em proposição alguma, porque hum homem prudente de tudo absolutamente havia de duvidar.

Eug. A verdade he, que parece que elles tinhão razão; porque que cousa he tão certa, que absolutamente não possa faltar, ao menos por milagre, ou feitiçaria?

Silv. Essa opinião, como já vos disse, não me desagradou; porque dizião elles (se me não engano) que neste mundo estavamos tão escarmentados de enganos, que com prudencia os deviamos temer em tudo; pois até os nossos proprios sentidos nos enganavão: e como não achamos motivo, que nos livre deste sus-

to,

to, sempre nos he licito duvidar de qualquer proposição, e receiar que o que nos parece verdade, seja della só huma apparente mascara. Lembra-me que usavão de huma comparação galante: se hum escravo fugisse a seu senhor, mandaria fazer a diligencia pelo achar; porém seria diligencia bem ociosa, e inutil, se os que a fizessem não levassem sinaes certos desse escravo. De sorte, que sem estes sinaes, ainda topando com elle cara a cara, o não conheceriáo, porque não levavão sinaes, por onde o distinguissem dos mais homens. Assim (dizem elles) somos nós com a Verdade, andamos em busca della; mas como não temos sinaes certos da verdade, os quaes não possão tambem achar-se no erro, e na mentira; ainda dando com a verdade cara a cara, ficamos na ignorancia se ella o he, ou se he algum erro disfarçado, que pareça verdade, sem que o seja na realidade. Nesta incerteza pois sempre o entendimento fica com escrupulo, e nunca fica certo que alcansou a verdade. Eu confesso que acho este discurso mui conforme á razão: de sorte, que se ao menos, quando os nossos sentidos dessem testemunho de qualquer cousa, isso não pudesse ser falso, já nós tinhamos em quem nos fiar para casos duvidosos; mas se até os nossos proprios olhos nos mentem, de quem nos havemos de fiar? Por isso estes Filosofos dizem (e tem boa gente desta opinião) que não ha nada certo, tudo he duvidoso; e ninguem póde neste mundo conhecer a verdade com tal

cer-

certeza, que não possa prudentemente duvidar della. Socrates tinha esta proposição por maxima fundamental, e dizia: *Huma só cousa sei, que nada sei.*

Teod. Já esse Filosofo se alargava muito; porque dizia que sabia ao menos de certo essa sua ignorancia; quando outros até dessa sua mesma ignorancia duvidão. Mas vamos ao caso: vós, Silvio, quereis sustentar o partido dessa opinião, e na realidade a seguis?

Silv. Supponhamoe que a sigo, quero ver como me convenceis: já daqui digo, que duvído de tudo, ide lá buscar os argumentos que quizerdes: eu já duvído delles; ora convencei-me.

Eug. Desse modo não será facil.

Teod. Duvidai quanto quizerdes; mas haveis de responder sempre alguma cousa, e não haveis de ficar mudo.

Silv. Isso sim: mas já vos digo huma resposta geral, e he dizer *duvido disso*: venha o que vier, não respondo mais do que isto.

Teod. Está bem. Mas vós, quando me dizeis que duvidais, creio que existis.

Silv. Não ha dúvida que existo; e como podia eu dividar, sem que existisse?

Teod. Logo já estais certo de huma cousa, que he a vossa mesma existencia?

Eug. Estais convencido; escorregastes, Silvio, miseravelmente.

Silv. Ora digo que duvído, se existo, ou não existo.

Teod. Está bem; mas quando duvidais, estais bem certo que duvidais?

Silv.

Silv. Duvido, e torno a duvidar, e sempre duvidarei; e estou certissimo que duvído.

Teod. Logo já estais certo de huma cousa; e quando a cabeça vos andasse tão perturbada, que duvidasseis da vossa existencia, nunca poderieis duvidar dessa vossa dúvida, isto he, que tinheis esse pensamento: ora se pensais, e cuidais, e duvidais, por certo que existis; pois huma alma, que não existe, não póde pensar, nem duvidar. Está logo todo o homem certo ao menos, que elle existe, que pensa, que conhece, e de outras verdades, que a sua propria consciencia lhe está mostrando aos olhos da alma.

Silv. Não posso negar isso, nem ninguem o negará; mas elles não fallavão nesse sentido.

Teod. Mas já temos que he falso o systema de dizer, que nada se sabe com total certeza. Mais: Vós duvidais, ou podeis duvidar, que 2 e 3 são 5? que o triangulo não he círculo? que a bondade he amavel? que a paz he agradavel á natureza? Póde alguem duvidar, que huma cousa não póde ao mesmos tempo ser, e não ser o mesmo? póde duvidar, que qualquer objecto ou he, ou deixa de ser como se diz? póde duvidar disto alguem? dizei-me o que entendeis lá dentro da alma.

Eug. Essas cousas são tão manifestamente claras, que parece impossivel que se duvide dellas.

Silv. Os Pyrrhonios havião de duvidar dellas.

Teod. Com a bocca, concederei isso; mas com o juizo, he impossivel. Quem quizesse conven-

vencer estes homens, havia de atacallos com as suas proprias acções; porque elles dizendo que nada se sabia, na praxe governavão-se como os outros que sabião. Ora para divertimento fingi que estais na presença de hum destes Filosofos, que queria viver como homem sério, isto he, que queria conformar as suas acções com o seu systema, e juizo. Fallar-lhe-hieis, e elle não responderia; porque duvidaria se esse som, que sentia nos ouvidos, era verdadeiro, ou imaginado: duvidaria se ouvia, ou não ouvia: quereria andar, mas não moveria hum pé; pois ainda olhando bem, e reparando, e vendo a casa direita, tinha obrigação de duvidar se alli estava algum barranco, por onde se precipitasse.

Eug. Apalparia primeiro com o pé, como faz quem vai ás escuras.

Teod. Não seria bastante essa diligencia, porque tambem tinha obrigação de duvidar se tinha pé, duvidar se topára com o chão, duvidar se ainda topando com elle, o enganava o tacto; pois os sentidos na sua opinião são os mais velhacos criados, de que a alma se póde servir, porque a cada passo a enganão. Teria fome, estaria a huma meza bem provída, e delicada; mas sem comer, duvidando, se era o que parecia, ou se serião cobras disfarçadas, ou rosalgar bem preparado. Nós, que não duvidamos tanto, iriamos comendo, e elle nem atinaria com o prato, porque duvidaria se os olhos o enganavão; duvidaria se a boca lhe ficava para baixo, ou para cima

do

do nariz, e não saberia aonde havia de conduzir o bocado, que acertava a tomar do prato. Vós rides:

Silv. Creio que não chegava a tanto a sua loucura.

Teod. Huma das cousas, de que elles devião duvidar, era se dormião, ou estavão acordados; se os objectos, com que tratavão, erão como sonhos, ou verdadeiros: em fim duvidavão da existencia dos córpos; pois sómente os sentidos são unicos testemunhos, que podem testificar da sua existencia; e nos sentidos, que são enganadores, ninguem se póde fiar.

Silv. Tambem nós dizemos isso mesmo, e com tudo esta dúvida não nos embaraça, que obremos como os rusticos, que nada duvidão do que lhes dizem os sentidos.

Teod. Vamos de vagar, Silvio, Nós confessamos, que os sentidos são enganadores; mas nem sempre podem enganar, e por isso nenhum homem sesudo póde duvidar da existencia dos córpos. Além de que, estes Pyrrhonios, quando pagavão, e recebião, nunca deixavão de assentar como cousa certa, que dous tostões com hum fazião tres, e que quatro erão mais que tres, e tres mais que dous. Nunca duvidavão, que tendo pago, era absolutamente impossivel ter deixado de pagar. Pelo que com igual segurança, e desembaraço se meneavão em todas as suas acções, como fazemos nós, os que não temos tantas dúvidas.

Eug. Meu Doutor, tomáreis vós muitos destes

pe-

pelo vosso bairro, que tinheis muitos doudos que curar, e muito lucro que receber da vossa Medicina.

Silv. Os Pyrrhonios, Eugenio, não duvidavão de tudo por falta de juizo; antes pelo terem he que conhecião quão facilmente nos podemos enganar, ainda com os objectos que vemos, e apalpamos.

Eug. Mas não obstante o juizo, que vós dizeis tem esses Filosofos, se eu acaso encontrar alguns delles, os tratarei como se costumão tratar os doudos de doudice parcial: para estes o melhor remedio he não lhes fallar na materia em que prende a sua doudice, nem lhes admittir conversação nesse ponto; e succede ás vezes que só com isto se curão perfeitamente: assim tambem farei eu com os Pyrrhonios: como elles governão a sua vida como os mais; tratão os seus negocios como os outros; conversão, estudão; e fallando nas mais materias, e questões, são como qualquer dos outros Filosofos; nem lhes fallarei neste ponto, nem lhes admittirei conversação nelle; e curando-os por este modo, viverei com elles como com os outros homens.

Teod. Bom remedio por certo, e creio será o unico para os curar de todo.

Silv. Medico sou eu, mas ainda assim me não atreveria a receitallo.

Teod. Podieis sem escrupulo, que lhes não causaria prejuizo. Mas indo ao ponto principal, já vedes, Eugenio, e ficai firme nisto, que *quem tiver o juizo em seu lugar*, e *fal-*

lar

lár serio , ha de confessar que muitas cousas se podem saber com toda a certeza , e evidencia ; (Proposição 18.) isto he , que se póde dar sciencia de algumas cousas. Confesso que ha muito erro , muita ignorancia , e muita mentira ; mas tambem ha muitas cousas certissimas , e das quaes não podemos obsolutamente duvidar na nossa alma , por mais que affectamos dellas. Os primeiros principios de Geometria , e as noções claras dos objectos , os principios da Arithmetica , os principios da Moral , são cousas innegaveis. Que Deos he poderoso , que a virtude he amavel , que o círculo não he triangulo , que quatro e hum são cinco , etc. Pelo que não he o nosso entendimento tão enfermo , que nada veja claramente , sem ser por peneiras (como dizem) ; nem he tão couxo , que não possa dar hum passo direito. Mas como muitas vezes erra , ainda quando menos o teme , convém ir descobrindo as suas enfermidades , para lhes dar opportuno remedio.

Prop. 18.

Eug. O caso he , que todas estas enfermidades são muitas vezes mais nocivas , que as do corpo , porque ha erros bem perniciosos ; e quem não tiver o entendimento são , cahirá nelles , e padecerá bem graves damnos. Vamos a este ponto , Teodosio.

Teod. As enfermidades do nosso entendimento são de duas castas : humas são interiores , outras exteriores : das interiores , e proprias da mesma natureza do entendimento , as principaes são duas ; a saber : *Tenaçidade* , e *Preci-*

ci-

cipitação, ou *Leveza*. Das exteriores, ou que lhe vem de fóra, tambem as principaes são duas: huma, que procede dos *sentidos do corpo*, que enganão a alma, que se encosta nelles, e a fazem dar grandes quédas: outra, que nasce da *authoridade dos outros*, em quem o entendimenro se fia; e por cuidar que vão por caminhos direitos, os segue; mas he enganado, porque levando-o por mil precipicios, o fazem dar lastimosas quédas. Convém pois tratar de cada huma destas enfermidades em particular, para lhes acudirmos com o remedio. Comecemos por huma, que o faz tropeçar, e cahir muitas vezes; e de tal modo, que o mesmo entendimento o não percebe, ainda depois de cahir.

§. II.

Da Enfermidade do nosso entendimento, que chamão Tenacidade.

Eug. QUal he essa enfermidade do entendimento, que o faz tropeçar tanto?

Teod. He ser tenaz, e demasiadamente firme no que huma vez julgou. A *Leveza*, e a *Tenacidade* são os dous extremos viciosos de que se deve acautellar todo o bom juizo; humas vezes erramos por leves, outras por tenazes; a leveza faz que julguemos precipitadamente sem o devido exame; a tenacidade faz

faz que desprezemos o exame, por assentar que he cousa indubitavel o que huma vez julgámos, e por nos persuadirmos tacitamente que nos está mal dizer sim, depois de termos dito que não.

Silv. A verdade he, que hum homem ha de ter constancia no que diz, e não parece bem dizer hoje huma cousa, e á manhã outra.

Teod. Se isso se faz sem causa grave, não parece bem; porque he sinal de leveza, a qual he defeito: mas fazer essa mudança com causa racionavel, he Docilidade, a qual he huma boa qualidade que faz mais estimavel qualquer entendimento. Porque he proprio do homem sabio o mudar de opinião: o que se deve entender, quando se descobre de novo razão maior, que o antigo fundamento. Os homens, que tem de si mesmos grande opinião, são muito sujeitos a este achaque da Tenacidade.

Silv. Quando se ajuntão a authoridade dos annos, e dos empregos, e a pública opinião, mais desculpa lhes acho; porque sempre he desar, e fica mal a hum grande Mestre, tido, e havido por Oraculo, o deixar-se vencer em argumento.

Teod. E parece bem, que esse grande Mestre tido, e havido por Oraculo, diga publicamente hum desproposito?

Silv. Isso não.

Teod. Pois meu amigo, huma opinião falsa, em quanto a sua falsidade estava escondida, não fazia vergonha a ninguem. Todo o homem

mem erra, e os mais elevados juizos são os que mais tem errado; porém se essa falsidade começa a apparecer, e ma querem mostrar, já he hum desproposito fechar eu os olhos para a não ver, e torcer o rosto, e abraçar-me com o erro antigo, e dizer, *não ha tal*, *não ha tal*, sem dar razão, nem admittir razão. Pelo que esses que chamais grandes homens, por não quererem confessar a sua equivocação, que a ninguem fica mal confessalla, mostrão pubblicamente tres defeitos seus; hum o seu erro, outro a sua teima, e tenacidade em o defender, outro a sua cegueira, não vendo a razão, que os outros lhe querem mostrar; e talvez já he bem clara aos circunstantes.

Silv. Pois então em me contradizendo o que eu digo, devo logo ceder!

Teod. Não digo isso, tudo tem seu meio.

Eug. Pois que regras hei de seguir, quando alguem impugnar a minha opinião?

Teod. Eu vo-las ensino. A primeira he não atálhar o outro, quando me quer impugnar; isto além de ser pouca politica, e má creação, he causa de não se averiguar a verdade. Ora dizei-me: como posso eu pezar bem o fundamento de quem me impugna, se eu não o quero ouvir? mal percebo huma palavra, logo atiro comigo a suspeitar o que quer dizer, e começo a dizer: *Não*, *Não*. Eu tenho cahido neste defeito muitas vezes, quando tinha mais fogo, menos estudos, e menos prudencia: aqui o confesso, e por isso escarmentado de errar muitas vezes por causa de

não

não attender ao que me querião dizer, tenho feito esta reflecção: além disso *devo attender ao que elle falla com animo indifferente, e meramente politico.* O primeiro, a quem ouvi fazer esta reflecção, foi o nosso grande Bento de Moura (homem de muito maior merecimento do que vulgarmente se cuida): a este ouvi esta judiciosa reflecção: muitos, dizia elle, quando se questiona algum ponto, em quanto eu fallo, não attendem ao que digo, mas estão cuidando no que hão de dizer, quando eu acabar de fallar; e como não attendêrão ao que eu disse, sahem depois com hum desproposito, que não ata nada com o que eu tinha dito. E accrescento, que devemos ouvir com animo indifferente, pára podermos dar o pezo, e valor, que essas razões tem; e isto como quem entra em dúvida, e não só por ceremonia. Muitos ouvem politicamente; mas estão com hum surrizo, e abanando hum pouco a cabeça, como quem diz: *Coitadinho, como estás enganado*; isto he hum grande impedimento para conhecer o pezo das razões, que me estão expondo; porque em quanto não olhamos direitos para huma cousa, não podemos vella bem, nem julgar prudentemente do que ella he em si: ora hum homem que attende por força de politica, e está desprezando isso que ouve, rebentando por fallar, não olha direito para o que lhe dizem: e assim não lhe dá o merecimento que essas razões tem, e fica no que dizia; e por mais que lhe

preguem, não se affasta hum só ponto da sua primeira sentença.

Silv. A verdade he, que vós tendes razão: mas se nos pozermos n'uma geral condescendencia, lá vai o espirito da disputa, em que os Portuguezes excedem as demais nações da Europa.

Teod. Amigo Silvio, haveis de distinguir espirito de disputa, e espirito de teima; o disputar he louvavel; o teimar he vicio; disputar he dizer, e dar razão, ouvir, e responder a ponto: isto he huma cousa louvavel, e precisa para averiguar a verdade; mas teimar, he dizer *não*, *porque não*, ou tambem dar por razão do que disse, essa mesma razão, que já me tem desfeito, e destruido. Nos Portuguezes ha grande fogo, grande viveza de engenho, e promptidão, que são cousas mui proprias para huma boa disputa; mas em grande parte delles ha muita teima; e quanto mais teimão, melhor lhes parece que disputão, o que he erro.

Eug. Ora donde procede esta tenacidade: dizei-me as suas raizes, se as tendes descuberto, para a desarreigar de mim totalmente.

Teod. Primeiramente nasce do que já disse, de estarmos persuadidos, que nos está mal mudar de opinião, e deixar-nos convencer de outrem. Isto he hum erro muito grande, e prejudicial, e muito commum, especialmente nos homens que se reputão grandes: daqui procede, que entrando em qualquer disputa,

en-

entrão com este animo : Eu hei de ficar victorioso, seja como for : hei de ficar dizendo no fim isto mesmo que agora digo no principio. Quasi todos entrão com este dictame ; e sendo assim, forçosamente ha de haver tenacidade ; porque como eu hei de no fim ficar com a minha opinião, não tenho remedio senão a torto, e a direito ir sempre dizendo o mesmo, e agarrar-me ao que disse, venha o que vier em contrario.

Eug. Ora isso he muito máo systema.

Teod. Por tanto, Eugenio : Quem entra em disputa, para evitar o defeito da Tenacidade, utilmente usará das seguintes maximas : Primeira : *Póde ser que eu esteja enganado.* Segunda : *Não me está mal mudar de opinião, quando achar outra, que mais se chegue á verdade.* Terceira : *Devo abraçar a verdade, ainda que venha da bocca de hum idiota, ou inimigo* (Proposição 19.). Ponde lá este dictame no vosso memorial. Prop. 19.

Eug. Já o hia fazendo.

Teod. Com estas maximas he mui facil disputar-se bem, e conhecer-se a verdade no fim da disputa, sem haver teima, nem tenacidade. Em eu me persuadindo de que mui facilmente póde ser que erre, já olho com outra attenção para o que me diz o contrario, e posso dar todo o valor, que merecem as suas razões ; mas de ordinario, quando eu assento firmemente que digo bem, só cuido no que hei de responder ; como quem diz : não ha que tratar no que hei de seguir ; o caso está

como me hei de defender de quem me perturba. Não, meu Eugenio; entrai sempre em disputa com animo indifferente, e prompto para seguir, ou para mudar da vossa primeira opinião, desejando unicamente conhecer a verdade.

Silv. Ainda assim, eu não quizera que já mais me convencessem em disputa alguma.

Teod. Tambem eu o não quero, porque não quero ter erro; mas se o tiver, e me convencerem, gostarei de me dar por convencido, que nisso tenho o lucro de conhecer a verdade. E se me hei de levar da estimação mundana, por ser docil, e sincero e entendido ganho a gloria que perdi por inadvertido. Mais gloria ainda para com os sabios; (que he quem no mundo nos póde tentar com a sua estimação) mais gloria, digo, conseguio ainda para com o mundo Santo Agostinho com o seu livro das *Retratações*, em que se desdiz de muitos erros, do que com muitos outros escritos cheios de muita doutrina, e de grandes agudezas do seu pasmoso engenho. E olhando para os nossos dias, contar-vos-hei o que succedeo a hum homem de muito juizo. Tinha dado hum conselho a hum seu Principe; e succedeo, que no voto que déra, se descobrírão muitos inconvenientes; conhecendo-os o Principe, os lançou em rosto a quem lhe déra o conselho: elle porém tanto que os vio, promptamente mudou de opinião, e voltou o voto para a parte contraria; persuadindo o Principe com todo o ardor, que dalli

em

em diante nunca lhe pedisse, nem se fiasse no seu voto só, principalmente nas materias em que não podia a longa experiencia ser fiadora do acerto. Ficou o Principe summamente gostoso da docilidade, e com a prompta mudança do voto, á vista dos inconvenientes: e ganhou para com elle muito maior credito, e opinião, do que perdêra com o menos acerto. Não ha cousa que mais bem pareça, do que estar hum homem grande persuadido de huma opinião, e ouvir da bocca de hum menino huma palavra talvez dita por acaso; e então parar, pezalla, fazer-lhe (como dizem) boa anatomia, e depois perder o amor á sua opinião, e dar com tudo por terra, e abraçar-se com o que aprendêra da boca do menino. Isto só o faz hum homem, que he verdadeiramente grande, que ama sinceramente a verdade, e não se ama a si cegamente. Crede, amigos, que ser hum homem grande, he ter huma alma superior ás paixões; e quem he escravo dellas, especialmente do seu amor proprio, he bem pequeno, e faz ás vezes papel bem ridiculo; porque os circumstantes, que estão livres de paixão, olhão para a razão do contrario, e olhão para a delle, e fazem ás vezes bem differente conceito do que elle faz; e como o vem tão pago de si mesmo, e da sua opinião, põem-se a rir, e vem a ser assumpto de riso, quando o pudéra ser de louvor, se examinando atentamente o que lhe dizem da parte contraria, cortasse por si em obsequio da verdade; ou ao menos mos-

tra-

tra-se, que se não cedia, não era por timbre, mas por achar alli maior força de razão, dando a conhecer hum animo prompto a mudar a toda a hora, que da outra parte conhecesse pezo maior, que fizesse inclinar a balança do juizo.

Silv. Eu não posso negar, Teodosio, que tendes razão: só digo que não haveis persuadir isso a quem estiver, como eu, criado com outras maximas.

Teod. Contentar-me-hei com o persuadir a Eugenio, que ainda não tem essas maximas erradas, ou preocupações falsas: e como a sua instrucção he que me obriga a estes discursos, contento-me, se lhe forem uteis a elle; e se elle se deixar persuadir, consigo todo o meu fim. Mas he magoa ver, que nenhum homem se envergonha de confessar que está doente, e chamar o Medico; e fica mui contente se elle o livra da queixa que padecia; e ha de hum homem, que têm hum erro na cabeça, (que he enfermidade da alma) envergonhar-se de confessar, que está enfermo, e ter pena que o curem? que ridicula cousa seria ir hum homem bem vestido, tropessar, e cahir na lama, e não querer que o ajudem a levantar, e alimpar os seus vestidos das manchas? A vergonha deve ser de cahir; mas depois que todo o mundo sabe que cahe, não he vergonha levantar-me, nem limpar-me. O mesmo digo do erro: conheço que cahi, conheço que errei, devo logo logo levantar-me, e ficar muito agradecido a quem me ajudou a erguer,

e

e purificar-me daquella mancha. Eugenio, tomai bem sentido nisto, que este vicio accommette a todos; e todos tem este achaque no seu entendimento, e he bem feliz o que delle estiver livre, ou menos opprimido.

Eug. Podeis consolar-vos, que me acho bem persuadido do que dissestes contra a tenacidade; e farei muito por me preservar deste vicio do entendimento, supposto ser táo nocivo, e me dizerdes que he táo geral.

Teod. Vamos agora a tratar de outro achaque encontrado, que he a *Leveza*, e nímia *precipitação* no julgar: e somos táo miseraveis, que ás vezes padecemos ambas as enfermidades juntas, sendo mui faceis em dar a sentença sem o devido exame; e tenazes em estar por ella, dizendo como Pilatos *quod scripsi, scripsi*, ainda que erremos como elle errou, e conheçamos como elle o erro. Quem assim he, Eugenio, (deixai-me explicar assim) tem o entendimento aleijado de ambas as pernas; porque coxea, e cahe para partes oppostas.

§. III.

§. III.

Da Precipitação, que he outra enfermidade do entendimento: e da sua primeira raiz, que são as paixões.

Eug. EU estou persuadido, amigo Teodosio, que entre todas as materais, que tendes tratado, depois que conversamos familiarmente, nenhuma ha tão importante como esta.

Silv. Ainda vós não vistes toda a sua importancia, porque ainda não ouvistes as reflecções que sobre ellas se farão.

Teod. Armai-vos, Eugenio, de paciencia, que hei de explicar-me a meu modo; porém crede que nem huma palavra vos darei, que me pareça inutil ao fim da vossa instrucção.

Eug. Tenho paciencia; e para vos ouvir, me não he precisa; pois com summo gosto recebo a vossa instrucção.

Teod. O nosso entendimento he velocissimo no julgar, e naturalmente impaciente de demora, e suspensão, e desta summa velocidade, e impaciencia grande procede a *precipitação* dos nossos juizos; porque olhando para o objecto, ainda que nelle não vejamos o predicado de que se trata, se vemos qualquer indicio de o ter, logo nos sentimos propensos a julgar que o tal predicado nelle se acha: de sorte que he preciso fazer força ao entendimento para o sus-

suspender. A primeira raiz destes males, que he a mais fertil, e abrange a todos os homens, são as paixões: aqui ou mais, ou menos todos tropeção. Quando hum juizo lisongea a nossa paixão, seja qual for, sentimos huma incrivel força para o formar, e qualquer indicio nos parece muito mais infallivel, do que na verdade he. Ponhamos exemplos práticos. Os louvores externos são hum indicio do interior conceito, e estimação, que fazemos da pessoa, a quem louvamos; e os obsequios exteriores indicio do rendimento do animo, e desejo de o servir. Quando estamos sem paixão, isto he, quando olhamos de fóra, e isto nos não pertence, facilmente conhecemos a falsidade destes indicios; e que muitas vezes se beija a mão, que se deseja ver cortada: porém quando os louvores, e obsequios são a nosso respeito, custa muito a ter mão no juizo, para não crer que são sinceros, e nascidos de hum coração benevolo.

Silv. Quem tem juizo não crê nessas cousas, e de tudo duvída, e com razão.

Teod. Eu digo o mesmo de quem tem o juizo livre, e desembaraçado; mas quando os louvores, e obsequios são a nosso respeito, são rarissimos os que tem o juizo livre, e desembaraçado, e que não se sentem arrastar para fazer conceito de que são verdadeiros os affectos do animo que elles indicão: aliàs qual he a razão, por que todos naturalmente se alegrão, quando os louvão, e porque se sentem, quando se lhes negão estes louvores, ou quando

do se impugnão? Apenas se conta de hum, ou outro homem grande que saibão desprezar os louvores.

Eug. Ha poucos dias, que encontrei n'um livro hum successo, que comprova o vosso pensamento. Quiz hum eloquente Orador recitar na presença de certo Emperador do Oriente (não me lembro do nome) quiz recitar o seu Panegyrico que tinha composto com delicadeza de estylo, e bom gosto de Eloquencia; e o Emperador lho não consentio, e lhe disse: Fazei antes o Panegyrico dos Capitáes antigos, a fim de que as suas façanhas nos dem lições a nós; por quanto o fazer o elogio de hum homem vivo, he fazer zombaria delle; principalmente se he Principe; porque não he tanto louvallo, porque tenha obrado bem, he lisongeallo para conseguir algum premio. Quanto a mim, eu digo-vos, que em quanto for vivo quero ser amado; e louvado sómente depois de morto.

Teod. Ora quantos exemplos me contais vós destes? cada qual, Silvio, vê bem que os outros miseravelmente se deixão enganar dos elogios, e obsequios; porém se são a nosso respeito ou de pessoas que muito amamos, em fim se ha paixão, logo cremos que entre muitos falsos louvores, aquelles são sinceros.

Silv. A fallar a verdade isso assim he.

Teod. Quereis ver outro principio generalissimo da precipitação do nosso juizo, procedida da paixão? ora reparai na variedade que ha de opiniões sobre qualquer materia, que não seja

cas

das notorias, e evidentes; mas observareis que sempre, ou quasi sempre, quando ha contenda, cada qual julga pertinazmente a seu favor; de sorte que nascendo a variedade de opiniões parte da limitação do nosso juizo, e parte da escuridade da materia, parece que tão facil seria julgar eu a favor de mim, como contra mim: pois ser ou não ser favoravel aos meus interesses huma opinião, não faz nada para ser verdadeira ou falsa. Mas difficultosamente se achará que disputem duas pessoas entre si, tendo cada qual por verdadeira a opinião, que lhe he menos favoravel.

Si v. Eu pelo menos nunca tal encontrei.

Teod. Aqui se vê logo que a paixão propria de cada hum faz precipitar a sentença do nosso entendimento, impellindo-nos a que demos por certo, e infallivel qualquer indicio da verdade que desejamos. De hoje por diante ireis vós, Eugenio, reparando no que encontrareis, e achareis mil confirmações do que digo.

Eug. Neste pouco tempo tenho feito já reflecção no que mais vezes me tem acontecido, e acho que tendes muita razão.

Teod. Convém agora tirar por consequencia dous dictames práticos, e precisos para julgar bem em qualquer materia. Primeiro: *Toda a vez que o juizo que formamos he conforme á nossa paixão, ou interesses, devemos prudentemente duvidar delle, ao menos em parte.* (Proposição 20.). Segundo: *Toda a vez que o juizo, que formamos, he contrario á nossa paixão, ou interesses, devemos pruden-*

Prop. 20.

te-

Prop. 42. *te dallo por verdadeiro* (Proposição 21.). Fazei lá a vossa memoria. Ponhamos exemplos, e demos razão dos dictames. Olho eu para a acção de hum homem, e julgo que he de hum merecimento mui distincto; se for meu amigo íntimo, devo prudentemente crer, que não he tanto o merecimento, como se me representa; como quem faz rebate, e desconto por causa da paixão. Darei a razão disto n'um simile, com que me explico. Quem vai por huma ladeira abaixo correndo com grande velocidade, se quer parar no fim da ladeira não póde; e com o impeto que leva, passa muito além do termo que se propunha: assim he o entendimento; quando dá algum passo para onde o leva a sua inclinação, e propensão; como o animo tem paixão para huma parte, e o entendimento vai para ahi mesmo, não vai simplesmente, vai com impeto, e propensão, e força; e nesses casos se senão vai reprimindo, sempre passa ávante do termo justo, onde queria parar; e por isso convém tornar atrás hum ponto, e descontar ora mais, ora menos, conforme a força da paixão, e a facilidade, com que se formou o juizo; pois daqui he que nasce a precipitação. Pelo contrario, quando subimos a ladeira assima, e violentos, nunca passamos além do termo, que queremos, antes de ordinario descahimos, e ficamos mais abaixo do que pertendiamos, e falta alguma cousa para tocar no ponto justo: e deste mesmo modo acontece ao entendimento, quando vai arrastrado para

for-

formar juizo, e dar sentença contraria aos nossos interesses, e paixões: aqui pouco perigo ha de *precipitação*, e de ordinario a paixão, que puxa para a parte contraria, faz que o entendimento não toque no ponto determinado da verdade pura.

Eug. Por isso os louvores na boca dos inimigos são os mais estimaveis, porque se suppõe extorquidos á força do merecimento tão grande, que se não póde occultar, nem negar.

Teod. Tiremos agora por consequencia outro dictame, e demos outro passo. Se devemos sempre dar desconto nos juizos, que formamos conformes á nossa paixão? *Nos juizos que formamos de nós mesmos, devemos sempre fazer desconto grande.* (Proposição 22.). Este dictame he importantissimo; e prova-se pelo antecedente: porque se toda a paixão favoravel ao juizo, o faz ser demasiado; a paixão do amor proprio, que he fortissima, e geral em todos, necessariamente nos ha de fazer entrar por excesso nos juizos que fazemos a nosso favor. Disse que esta paixão he geral; porque ainda aquelles, que della se julgão isentos, estão prezos della; e tanto mais miseravelmente prezos, quanto mais isentos se julgão desta prizão, porque estão mais cegos. (Eu não fallo daquelles, a quem o continuo estudo sobre si mesmos, e a graça poderosa do Espirito Santo tem feito extinguir os defeitos da natureza.) Hum dos homens, que mais isentos se julgava desta paixão, era Cice-

Prop. 22.

ro

ro (1); pois escrevendo a Catáo, dizia, que se no mundo havia algum homem bem remoto dos louvores vãos, e do povo, não só por genio, mas por discurso, e estudo, era elle; e com tudo sabemos que tinha por si huma paixão fortissima de amor proprio, que o cegava. Elle conta hum caso mui galante, que lhe aconteceo, o qual prova bem isto. Vinha elle da Sicilia, onde tinha feito hum bom governo; e imaginava, que por toda a Italia não se fallaria n'outra cousa: eis-aqui o primeiro erro nascido do amor proprio: chegou a Puzolo, e hum seu conhecido lhe pedio novas de Roma, perguntando-lhe se havia muito tempo, que viera de lá. Já aqui Cicero ficou pasmado, e lhe disse, que não vinha de Roma, mas sim do seu governo. Oh já sei (respondeo o outro) não advertia, que vós vindes de Africa. Aqui se duplicou a admiração de Cicero, e respondeo cheio de colera: Qual Africa? eu venho de Sicilia. Outro terceiro sujeito que acertou a achar-se presente, e se suppunha mais bem informado, acudio, dizendo: Que he isso? vós não sabeis que Cicero esteve governando em Seragoça; e ainda que Seragoça era na Sicilia, não era nesta parte da Sicilia o governo de Cicero. Elle cheio de ad-

(1) Libr. 15. Epist. 4. ad Catonem: *Si quisnam fuit unquam remotus et natura, et magis etiam, ut mihi quidem sentire videor, ratione, atque doctrina ab inani laude, et sermonibus vulgi, ego profecto ipse sum.*

admiraçáo, e confuso, retirou-se bem corrido do que lhe acontecêra.

Silv. Náo lhe podiáo dar melhor receita para o curar da vaidade, e inchaçáo de animo que trazia.

Teod. Pois náo bastou esta cura táo forre para remediar a sua enfermidade; era muito antiga, e tinha (como costuma succeder a homens grandes) raizes mui profundas. Escrevendo a Luceo (1), lhe pede que quando na historia, que compunha, chegasse ao seu governo, náo se ligasse escrupulosamente ás leis da verdade, e da historia; mas que désse alguma cousa á amizade; e que enfeitasse essa parte ainda muito mais, do que sentia, e que lhe pedia isto muito, e muito.

Eug. Que feia cousa!

Teod. Ahi vereis como esta paixáo he fortissima: pois a homens de bom juizo, e que se prezáo de a náo ter, arrastra, e obriga a fazer acçóes bem contrarias ao seu intento. Vede vós agora que desconto deve hum homem dar ao juizo favoravel, que fórma de si.

Silv. Eu ha poucos dias houvi hum Prégador famoso, e depois fallando-se na sua presença com grande elogio do seu Sermáo, respondeo huma cousa, que faz bem ao caso. Olhai vós, di-

(1) Lib. 5. Epist. 12. *Itaque te plane etiam, atque etiam rogo, ut et ornes ea vehementius, etiam quam fortasse sentis, et in eo leges historiæ negligas . . . . . amorique nostro plusculum etiam, quam concedit veritas, largiaris.*

dizia elle, quem se não quizer enganar com os louvores dos amigos, deve dar-lhe o desconto que se dá aos Microscopios. O Miscroscopio costuma constar de tres vidros, que medeião entre o objecto, e os olhos. Cada qual só por si augmenta muito a figura do objecto; e quando chega aos olhos, persuadem-se elles que huma pulga he huma monstruosa lagosta; assim somos nós com os louvores dos amigos: a verdade pura primeiro que chegue ao nosso entendimento, passa por tres vidros, que a augmentão com engano; o primeiro he o juizo do meu amigo, a quem as minhas cousas parecem melhores do que na realidade são, porque he amigo, e tem paixão por mim, e já aqui vai hum engano: o segundo vidro he a lingua; porque quando hum meu amigo me louva, diz de ordinario hum bocadinho mais do que entende; e lá escapa huma palavra de lisonja, e cumprimento; e temos segundo engano: o terceiro vidro he o meu juizo, que ás palavras do amigo accrescenta alguma cousa, por força de amor proprio; e ainda a minha idéa encarece o seu elogio mais do que elle diz, fazendo mais firmeza nas palavras que mais me lisongeião, e louvão. Com que, meus amigos, da verdade pura ao conceito, que fórma hum homem de si, governado pelos amigos, que o louvão, val tanto engano, como nos Microscopios se acha.

Eug. Esse era Filosofo Moderno, meu amigo Silvio; vede vós de quanto serve o ter noticia dos Microscopios, a que vós chamais vidros

de

de Estrangeiros para enganar o povo.

Silv. Eu cá me governo sem isso : mas indo ao ponto , o certo he que mui preciso he ter hum amigo sincero.

Teod. Não basta : he preciso hum estranho, ou hum inimigo para nos fiarmos no seu voto; porque o dos amigos he suspeito , e muito mais o nosso proprio. Ora o que digo dos juizos a nosso favor, ou a favor dos nossos amigos , digo pela mesma razão dos juizos que formamos dos nossos contrarios , ou inimigos. Nunca os seus defeitos hão de ser na realidade tão feios , como se me representão ; porque a minha paixão tambem nisso me ha de enganar. Esta proposição he huma verdade importantissima , e certissima. Tende-a por primeiro principio no seu genero.

Eug. Eu creio , que disso procede parecer-nos bem huma mesma acção , se he de amigo nosso , e aos seus inimigos delle parecer-lhes muito mal.

Teod. A acção mais santa , e louvavel cahindo nas mãos de hum inimigo , taes voltas lhe póde dar , e hum tal geito , que ainda sem faltar á substancia da verdade, fique bem feia. Mas não nos demoremos nisto demasiadamente, vamos ás outras raizes da precipitação, e do erro nos nossos juizos.

§. IV.

Da segunda origem da precipitação do juizo, que he o costume.

Eug. A Demora nesta materia julgo eu que não será inutil, porque isto evita muito erro.

Teod. Não faltarei ao preciso. A segunda fonte pois, ou origem da *precipitação*, que temos em julgar, he o *Costume*, de sorte que cada hum facilmente faz o juizo, que muitas vezes tem feito, e o entendimento com muita difficuldade pára no caminho, que muitas vezes tem andado: daqui nasce, que sem considerar bem no que diz, dá sentença, e fórma o seu juizo, o qual muitas vezes sahe errado. Eugenio, o ter eu dito mil vezes, que huma cousa he assim, não faz que ella o seja na realidade; e se eu teimar, e o disser déz milhões de vezes, nem por isso he mais verdade do que se nunca o dissesse. Confesso, que ás vezes me vem impaciencia, quando disputando com algum, querendo dar-me razão da opinião, que defende, me diz: *Sempre assim o entendi.*

Silv. Isso não he razão, porque se segue dahi que sempre o entendeo mal.

Eug. Tenho ouvido dar aquella razão a muito boa gente; mas agora conheço que he resposta pouco solida.

Teod. Convém dar disto mesmo alguns exemplos. Vós ambos sempre julgastes, que o fogo era leve, e que de sua natureza subia para cima, assim como a pedra desce para baixo; e com tudo sabeis agora que nisto sempre julgastes mal; pois em si he corpo pezado, como dissemos em seu lugar (1). Vós sempre julgastes que este ar, em que vivemos, não era corpo pezado, nem viviamos opprimidos por elle, e com tudo já me confessastes ambos, que sempre errastes nisso (2). Ambos julgastes desde a infancia, que a Lua, e Planetas erão astros, que por si proprios brilhavão, e resplandecião, e com tudo vós mesmo fostes obrigados a confessar, que não tem mais luz de si, que huma pedra, ou parede (3). A cada passo estamos conhecendo erros, em que nunca tinhamos advertido: e que outra cousa he isto, senão huma lição, que nos dá Deos, que não ha que fiar no nosso entendimento, por ter sempre seguido huma opinião, ou formado hum juizo; ainda que isso fosse sem entrar em duvida. Achamos coutinuamente homens tenacissimos, e persuadidos de erros mui palpaveis; e a razão que lhes faz ter essa tenacidade he terem sempre formado o tal juizo; e lhes parece cousa impossivel, que seja errado, e que nunca em tal erro advertissem.

H ii *Silv.*

(1) Recreaç. Filosofic. Tom. III. pag. 32.
(2) Tom. III. pag. 249.
(3) Tom. VI. pag. 42.

Silv. A verdade he, que isso lá faz sua força ao entendimento. Agora crer eu, que mil vezes olhei para hum objecto, e que todas as mil vezes me enganei com elle! isto lá custa a crer.

Teod. Mas por mais que vos tenha custado a crér, ultimamente não o tendes podido negar em muitas cousas.

Silv. Assim he.

Teod. E agora depois de verdes praticamente que tendo estudos, e perspicacia natural, e boa applicação, ainda assim olhando para hum objecto dez mil vezes, dez mil vezes vos enganastes, já se vos não ha de fazer tão difficil o crer isto mesmo em outros casos.

Silv. Por certo que não; pois não ha cousa que mais nos persuada, que temos falta de vista, que acharmo-nos enganados pelos olhos em muitos casos; e eu comparo os enganos do nosso entendimento aos dos olhos.

Teod. A razão disto he; porque olhar mil vezes para hum objecto sem reflexão, nem curiosidade de o examinar, he o mesmo que olhar huma só vez, e de passagem; por isso não nos devemos admirar, que olhando mil vezes, nunca vissemos esse engano, que nos fazem conhecer no fim da vida. Agora se nós olhassemos muitas vezes, e de cada huma sempre com dúvida se nos enganavamos, e examinassemos o objecto por differentes faces, como firmando bem a vista do entendimento, então desse modo não era mui facil escaparnos o engano todas essas vezes; posto que

bem

bem podia absolutamente ser, por não ter o nosso entendimento o soccorro preciso. Daqui vem, que hum rustico, por mais que duvide se o ar péza, ou se o fogo he leve, em quanto o não soccorrem com alguma explicação, ou doutrina, sempre ha de ir julgando, e crendo que nenhum desses córpos hé pezado. Pelo que convém tomar sentido neste dictame prático: *Não devemos dar huma cousa por certa, fundados em que sempre a tivemos por verdadeira: convém examinalla do proposito* (Proposisão 23.).

Prop. 23.

Eug. Descançai, que me acautellarei daqui em diante.

TAR-

TARDE XXXX.

De outras Enfermidades do entendimento, que lhe vem de fóra, onde se trata da Arte Crítica.

§. I.

Das Preoccupações que nascem dos Sentidos.

Teod. VInde, Silvio, que hoje tendes de impacientar-vos muito; porque não sómente tómo o officio de Medico, mas o de Cirurgião, e tenho que fazer varias anatomias, e incisões, que vos poderáõ molestar, por vos tocarem talvez em partes mui sensiveis, e delicadas.

Silv. Já estou assás costumado a isso. Mas que anathomias são estas? deixemos metaforas: que materia preparais hoje para a conversação?

Teod. Descobrir a origem das enfermidades, que ao nosso entendimento vem de fóra; e são duas principalmente as suas raizes: huma, que está no nosso corpo; outra fóra delle. As enfermidades, que hontem examinámos, são proprias do nosso animo; o qual pecca, e cahe ora por tenaz, ora por ligeiro, e precipitado, im-

impellido pelas proprias paixões: hoje trataremos daquelles achaques que nascem não do entendimento, mas do corpo, isto he, dos proprios sentidos; e tambem dos que tem sua origem nos outros homens. E quanto aos proprios sentidos, são elles os que mais nos enganão, e fazem crer mil erros, e com grande firmeza; que isto he o peior.

Eug. Agora fico eu admirado; e não sei de quem me fie, pois até os meus proprios olhos dizeis vós que me enganão; e que me enganão muito.

Silv. Não duvideis, Eugenio, do que Teodosio vos diz; por quanto he certo, que muitas vezes não reparamos bem nas mesmas cousas que nos parece que vemos, e que ouvimos: outras vezes estamos muito distantes, e não alcança lá a nossa vista, e facilmente nos parece que he homem, o que na realidade he hum bruto, que anda a pastar pelos campos. Naquillo que nos persuadem os nossos olhos estando sãos, e em boa distancia, e fazendo nós reflexão, nisso não póde haver engano; porém no que vemos precipitadamente, e com pouca consideração, ou quando os sentidos estão enfermos, nisso he que póde haver engano. Vós tendes hum criado, que quando eu o curei da Itericia, me dizia que tudo quanto via lhe parecia amarello: eis-aqui hum caso, em que os proprios olhos sempre mentem.

Teod. Não sómente nesses casos costumão os nossos sentidos enganar-nos. A's vezes por mais reflexões que façamos, ainda estando os senti-

tidos sãos, e em toda a sua perfeição natural, se a externa advertencia nos não faz suspender o juizo, cahimos miseravelmente em erros. Com exemplos vos convencerei. Olhai bem para o Ceo n'uma clara noite, reflecti bem, e vereis que o Ceo parece azul, e que tem figura de abobeda; e tudo he engano, como já vos mostrei (1). Vereis que a Lua he brilhante, e mais luminosa que as estrellas; que he maior que ellas, e pouco menor que o Sol; e tudo já vistes que era engano (2). Vereis que Venus he redonda, ou estrellada; e he engano, porque tem a mesma figura que a Lua (3). Vereis que nas conjunções he muito maior, e se augmenta a sua luz; e he engano, pois então está mais desfalcada, semelhante á Lua no terceiro dia depois de ser nova, como já vos mostrei evidentemente (4).

Eug. Assim he, bem me lembro, e da razão porque isso era, e devia ser assim.

Teod. Ainda mais. Quem se não ha de persuadir, a governar-se pelos sentidos, que o Sol he muito maior que qualquer Estrella? e he cousa absolutamente incerta, e mui facilmente *Sirio*, ou o que chamão *Cão grande*, será maior que o Sol. Quem se não ha de persuadir, se der credito aos seus olhos, que o Sol, Lua,

(1) Recreação Filosofica Tom. VI. pag. 5.
(2) Tom. VI. pag. 42. 103.
(3) Tom. VI. pag. 139.
(4) Tom. VI. pag. 139.

Lúa, e estrellas estão engastadas nessa abobeda azul, que nos cobre por toda a parte? e he hum fortissimo engano.

Silv. Ahi nasce o engano da distancia grandissima em que estão esses objectos.

Teod. E quem me ha de a mim determinar qual he a distancia certa, na qual se estiver o objecto, me possa eu fiar dos meus olhos? Para hum espirito escrupuloso sempre aqui fica esta dúvida. Mas vamos adiante. Bem perto de mim está qualquer vidro polido, e vejo-o muito bem, e apalpo-o, para que o sentido do tacto confirme o da vista, e julgo que he mui liso, e com tudo isso he engano, pois as moscas, e outros insectos achão muitas prominencias, e cavidades, onde se segurão, e prendem, tendo os pés para cima sem cahirem: e além disso sei de certo, que os pós, com que se pule o vidro, forçosamente hão de fazer, e deixar nelle infinitos regos. Logo já me posso enganar no que vejo com meus olhos, e palpo com minhas mãos; ainda estando os sentidos sãos, e perfeitos, e os objectos perto de mim. Mais: Bem perto de mim estão os grãos de arêa, e vejo que são redondos; e he engano, como conheço, se usar de microscopio; bem perto de mim estão as vossas mãos, que me parecem mui lisas; e vendo-as com qualquer *lente convexa*, pondo-as no seu foco, se vem mais asperas, e grosseiras que as do mais rustico cavador.

Silv. Já me fizestes rir com isso huma tarde.

Teod. Bem perto tenho eu aquelle cópo de agua

da

da chuva, e vós vedes que está clarissima, e que não têm nada; e Eugenio lhe vio comigo esta manhã mais de dez mil bichinhos a nadar, que os observámos com o microscopio. Bem perto estamos das embarcações ancoradas, quando passeamos pelo rio no escaler; e indo elle á véla, e seguido, ninguem ha de duvidar, se der credito aos olhos, que os Navios desmastreados correm para baixo; quando isso na realidade he engano, e impossivel, pois nós somos os que vamos para cima. Em fim, seguindo o systema Copernicano, (que hoje todos confessão ser possivel, e não ter nada contra a experiencia, como já vos mostrei), quem havia deixar de persuadir-se, que o Sol se movia, e a Terra estava parada; e tudo isso nesse systema he falso, pois a Terra he que se move como hum grande navio, sem que o percebão os que nelle desde o nascimento sempre navegárão. Não digo que succede assim, pois nesse ponto não fallo agora: digo que se fosse assim, como todos hoje concordão que póde ser, todos, fiando-se dos sentidos, e achando-os conformes huns com outros, e vendo que a experiencia de todos os demais homens confirmava a nossa, crerião, que a Terra estava quieta, e com tudo isso todos se enganarião.

Eug. Bem aviados estamos, e quem se ha de livrar de tantos enganos?

Teod. Dos outros sentidos ainda com mais razão podemos desconfiar, porque os olhos são os que mais credito costumão ter. Que enganos

nos não temos pelos ouvidos? quantos a cada passo se enganão com o *Ecco*?

Eug. Os homens com os Eccos são como os bugios com os espelhos, os quaes se persuadem que lhes fica o objecto daquella parte, donde lhes vem o som, ou os raios da vista.

Teod. Ahi tendes vós mais outro argumento do engano dos olhos. Ora deste modo he que podemos examinar a persuasão dos olhos, os quaes nos bugios não são mais deffeituosos que em nós: e se elles se enganão mais, he porque em nós a razão, e experiencia nos desengana; mas quanto á persuasão dos olhos, nos bugios, e em nós he a mesma razão; e igual em ambos o engano que elles nos causarião, se a experiencia, e a razão nos não acautellassem.

Eug. Eu estou pasmado de tanta falsidade no que mais credito me merecia até aqui.

Teod. Vamos aos demais sentidos. O olfato quanto nos engana, sendo o mesmo corpo cheiroso a hum, a outro fetido? O mesmo he do paladar: muitas vezes hum homem julga suave, e bom hum manjar, que outro julga muito mal temperado. Todos se queixão dos guizados; e dos mesmos sentidos nascem esses diversos effeitos, e engana-se quem attribue isso aos objectos. Vamos ao tacto, que esse he o em que muitos se fião mais.

Silv. Pelo menos S. Thomé para elle appellava nas suas duvidas, pois queria ver, e apalpar.

Teod. Pois tambem o tacto nos engana dez mil vezes. Com a vossa mesma mão estando

fria,

fria, se a metteis em agua hum pouco tepida, julgareis que está quente; e se metterdes a mão mais abaixo, que entre o braço na agua, certamente vos parecerá fria.

Eug. Essa he a questão que tinha algum dia com os meus criados, quando me preparavão a agua para o banho: elles examinavão-na com a mão, e protestavão que estava quente; eu hia a metter-me, e sempre a achava fria, e me arrepiava todo.

Teod. E não dais na causa?

Eug. Já vós ma explicastes n'outra occasião, dizendo, que como a pelle do braço está sempre defendida com o vestido, conserva calor maior que o da agua tepida, e por isso ha de achalla fria: e como a mão desse braço, porque anda patente ao ar, costuma andar fria, e mais fria que a agua tepida, por isso forçosamente a ha de achar quente; e daqui vem a origem do erro.

Teod. Ora, Silvio, hide-vos fiar do vosso tacto, e dizei-me se haveis de crer, que a agua está fria, e quente no mesmo tempo; ou dizei-me qual dos dous tactos mente, o da vossa mão, ou o do vosso braço? Qualquer delles que minta, nos prova o que vamos dizendo. Por onde, Eugenio, tomai este Dictame importante: *Devemos fazer grande reflexão, para nos não enganarmos com os nossos sentidos, ainda estando sãos, e bem proporcionados, e em distancia competente* (Proposição 24.). Donde se vê, que não approvo a regra geral que dá Fortunato de Brixia na sua

Prop. 24.

Ar-

Arte Critica (1), e o Grande Vernei (2), e outros: *Que tudo quanto os sentidos sãos, e bem dispostos uniformemente nos persuadem, he verdade*; porque se falsifica com os exemplos que já allegue; onde não ha milagre algum, nem cousa que inverta as leis da natureza. E fallando absolutamente, ainda he mais falsa, olhando para o que succede no Mysterio da Sagrada Eucharistia; porque todos os sentidos sãos, e bem dispostos, uniformemente nos persuadem que alli está pão, e vinho; e enganão-nos, porque a Fé nos ensina, que não está pão, nem vinho, mas sim o Corpo, e Sangue de Nosso Senhor JESU Christo.

Silv. Pois se isso he assim, como me tendes quebrado a cabeça com as vossas experiencias fysicas, sendo que todas ellas são testificadas pelos sentidos?

§. II.

(1) Num. 338.
(2) In Logic. pag. mihi 200.

§. II.

Dos enganos que podem occasionar as experiencias da Fysica.

Teod. VEm a tempo a dúvida, e estimo-a, para vos dar a resposta. Nem todas as experiencias fysicas merecem credito; e muito menos aquella segurança, que o entendimento, quando está desejoso da verdade, deve procurar nos seus juizos. Contar-vos-hei huma historia, que vos ha de fazer rir, mas he verdadeira. Certo Filosofo (hum dos grandes homens entre os Peripateticos) entrou em dúvida se os corpos de diversa gravidade especifica cahião com igual velocidade; e para se tirar das dúvidas, foi tentar a experiencia. Louvo a resolução; mas vede o grande apparato, e exacção da experiencia. Péga dos primeiros corpos que encontrou á mão, que erão huma pena, e huma côdea de pão, chega á janella, que não era muito alta, e larga tudo a hum tempo, e vê (diz elle) que tudo chega ao chão tambem a hum tempo: e sem mais exame volta para dentro, senta-se na cadeira, e escreve como Theorema mathematicamente demonstrado, que todos os corpos, ainda que fossem de mui differente gravidade especifica, descião com igual velocidade. Ora supponho que vós lembraris das experiencias que vistes em con-

tra-

trario, e que bem credes que isto hoje he huma como eregia em materia fysica.

Eug. Bem me lembra de que o contrario se assentou entre nós, e que a experiencia bem exacta o confirmava.

Silv. E temos experiencia contra experiencia?

Teod. He cousa que não póde ser, por quanto a verdade he huma. Silvio, para que as experiencias nos não enganem, convém que nellas concorrão quatro circunstancias: primeira da *pessoa*, segunda do *modo*, terceira do *tempo*, quarta da *intenção*, com que se fazem: por qualquer destas circunstancias nos póde vir o erro, e ficar authorisado com as experiencias. Quanto á primeira circunstancia: *A experiencia deve ser feita por pessoa intelligente na materia*; as pessoas que o não forem, não podem reparar, e acautellar mil perigos, por onde póde entrar o engano. Hum homem ignorante, ou ainda que grande letrado n'outra materia, novato nesta, e sem uso, nem reflexão, nem estudo, que casta de experiencias póde fazer, senão tiver muita cautéla, e advertencia? Além disso: *Devemos na experiencia usar de instrumentos exactos, e não genericos, e improprios*, porque muitas vezes dos instrumentos vai o erro. Quantos erros não temos tido na Geografia, que se tem emendado, e vão cada dia emendando? e a maior parte delles nasceo dos instrumentos não serem algum dia tão exactos como agora são. A terceira circunstancia he do tempo, porque *a experiencia fysica para nos dar segurança, de-*

ve

ve ser feita com vagar, *e repetida muitas vezes*; huma vez só, podia ser acaso; agora sendo muitas vezes repetida a experiencia, e ver que sempre succede o mesmo effeito, e principalmente sendo por diversos homens intelligentes, e sempre com a devida attenção, e cautéla, já então isto dá grande fundamento para se acreditar como verdadeira.

Silv. Tudo assim será; mas a intensão, que he a ultima circunstancia que pediz, essa a reputo por escusada: seja qual for a minha intensão, sempre a experiencia ha de mostrar a verdade.

Teod. Enganais-vos, porque a intenção céga muito, e faz ver o que não ha: terrivel cousa he ir eu buscar experiencia para provar o que quero que acreditem, porque já o juizo não entra livre; e segundo o adagio, *cuidava o cégo que via*, *e cuidava o que queria*; nada ha mais facil de ser enganado, que o nosso entendimento, quando elle já está propenso a crer huma cousa. Quem já vai a cahir, com o mais leve impulso se precipita. Por isso homens de juizo disserão despropositos, v. g. que no Ceo se podião ler os Decretos da fortuna, usando dos caracteres das estrellas (1), e lhes parecia que lião lá no Ceo todos quantos factos a imaginação lhes queria lá pintar. Mas não vamos a este erro tão estravagante: vamos ás hypotheses de que todo o mundo se vio

(1) Veja se a Origenes, Plotino, Reuclino, Pico Mirandolano, Enrique Cornelio Agripa, Bras Vignerio, e Athanazio Kirker.

vio cheio no seculo passado. Todas quantas hypotheses se armavão, achavão presidio nas experiencias fysicas: Veio o grande Newton, e mostrou que tudo era falso; e estava o erro em que a preoccupação fazia de tal sorte ver, e applicar as experiencias, que provavão o que querião. Eis-aqui pois como por dous modos nos póde enganar, a *antecipada opinião*. Hum, porque não deixa o juizo livre para ver bem o que succede, examinando como deve ser, todas as circunstancias, a ver se se engana; outro, porque infere o que não deve inferir: de sorte que de ordinario o experimento he verdadeiro; mas a consequencia, que delle tiramos, não he bem tirada.

Eug. Ponde-me alguns exemplos, que estou nessa posse.

Teod. Fez certo Filósofo, ou Quimico (1) huma experiencia, em que determinada mistura de limalha de ferro com enxofre mettida debaixo do chão, passado tempo se inflammava, e a fazia tremer: até aqui he verdade, inferem daqui muitos: logo todas as vezes que a terra treme, procede de semelhantes mineraes que se misturão; e esta consequencia não he boa, porque muitas outras cousas podem concorrer para fazer tremer a terra. Ponhamos outro exemplo, que acclara o ponto. Tem hum Peripatetico assentado neste ponto (que he quasi dogma nas suas escólas), *que a Natureza tem horror ao vácuo*, e faz qua-

(1) Lemery.

tro experiencias sobre a subida da agua na seringa, e bombas, etc. e sem a menor dúvida crê, que ha no mundo este horror do vácuo, e que as experiencias quotidianas o persuadem. Nas experiencias não ha dúvida; mas o erro está na consequencia que dellas se tira, devendo-se attribuir, como já vos mostrei, ao pezo do ar, isso que se attribue ao imaginado horror do vácuo. As experiencias fysicas, amigo Eugenio, provão bem huma proposição, quando aquelles effeitos não podem proceder de outra causa senão da que se aponta; o que se conhece facilmente, quando maduramente se attende a todas as circunstancias, com que se fazem as experiencias.

Silv. Na verdade confesso, que todas essas reflexões hão de ser de summa importancia para a prática, mas acho-as hum pouco impertinentes: quem se puzer a seguir todos esses dictames, muito pouco ha de caminhar para diante, ficando suspenso a cada passo.

Teod. Para não tropeçar, e não cahir, sempre foi conselho prudente, e preciso caminhar de vagar, e olhando com reflexão para todos os lados. Eu não ensino a Eugenio a correr no caminho das sciencias, quero ensinallo a não tropeçar: este he o meu intento.

Eug. Isso he que eu desejo: reduzi-me pois tudo isso a algum dictame, que conserve na memoria, para a seu tempo observar nas experiencias fysicas.

Teod. Observai este dictame: *As experiencias fysicas para merecerem credito, devem ser*

fei-

feitas por pessoas intelligentes, e com instrumentos proprios, e com animo desinteressado; e devem ser repetidas (Proposição 25.); de todas as clausulas deste dictame vos dei já a razão. Se o desprezardes, muitas vezes o erro vos enganará, vindo cuberto, e authorizado com a capa formosa das experiencias fysicas; como tem succedido a muitos, cujo entendimento tem o achaque de *crer de leve*; e em ouvindo o nome de experiencia fysica, logo abaixão a cabeça, e dão as mãos, e crem o que se lhes diz como cousa indubitavel. Isto he achaque, meu Eugenio: usai deste remedio para vos livrar delle.

Prop. 25.

Eug. Como nada estimo mais que a verdade, farei muito por me acautellar dessas enfermidades de entendimento, que me fazem trocar a verdade pelo erro.

§. III.

Do outro achaque do Entendimento, que he crer em qualquer authoridade; e primeiramente da authoridade do povo.

Teod. CUrada, ou acautellada esta enfermidade do Entendimento, convém livrallo de outra não menos danosa, que he a nimia credulidade a qualquer authoridade.

Silv. Os animos de indole docil, e sincera são mais propensos a este achaque.

Teod. Convém acautellar a Eugenio, por essa mesma razão; e levando a materia methodicamente, devemos estabelecer dous principios, dos quaes se deriva como consequencia tudo o que nesta materia hei de dizer. Como a authoridade de qualquer pessoa se funda em que nem essa pessoa esteja enganada em si, nem nos queira enganar a nós, devemos estabelecer estas duas maximas fundamentaes.

1 *Não merece credito o dito de pessoa alguma, quando duvidamos se quem o disse se enganou* (Proposição 26.)

Prop. 26.

2 *Não merece credito o dito de pessoa alguma, quando duvidamos se essa pessoa nos quiz enganar* (Proposição 27.)

Prop. 27.

A razão he bem manifesta, porque ou a pessoa se engane a si, ou me queira enganar a mim, já he falso o que me diz; e por conseguinte duvidando eu de qualquer destas cousas, fica duvidosa a verdade.

Eug. Nisso estou, e nisso creio que todo o mundo está, e esteve sempre.

Teod. Posto isto, vamos examinar huma por huma as authoridades que costumão fazer-nos cahir em muitos erros, e venha primeiramente a do Vulgo. Para com a gente não cultivada com estudos, he incrivel a força que tem a authoridade do vulgo.

Silv. Valem-se do Proloquio *vox populi vox Dei.*

Teod. Alguns trocão esse proloquio *vox populi vox diaboli*; mas o caso he, que nem hum, nem outro he verdadeiro geralmente. Quando to-

todos de diversas gerarquias, e genios, e profições, etc. concordão sempre em dizer o mesmo, parece difficil o errar; fallando regularmente: por isso dizem que esta voz he voz de Deos; porém muitas vezes como o povo he gente ignorante, e tumultuaria, e sem prudencia, vão cégamente atraz do que lhes pareceo, e errão; por isso dizem, que a voz do povo he do demonio. As circunstancias são as que nos devem fazer digna ou de attenção, ou de desprezo a voz do povo. De ordinario a authoridade do vulgo he huma das mais fecundas raizes dos erros que trazemos da infancia. Quanto não custa a arrancar do animo de hum homem a idéa que tem de *fado*, de *desgraça*, e de *sina*, e daquelle tão celebrado *tinha de ser*? Tudo isto são humas idéas de erros geraes, e perniciosissimos, que temos no animo, unicamente fundados na authoridade do vulgo. Sempre ouvimos fallar em *sina*, em *fado*, em *desgraça*, etc. e cremos firmemente que ha sina, e fado; e que por isso crê o vulgo que huns homens são insperadamente felices, outros sem remedio desgraçados.

Eug. Pois vós negais que haja sina no mundo?

Teod. Vedes, Silvio, como Eugenio estava persuadido deste engano commum desde a sua infancia? Eugenio, não ha *sina*, nem *fado*, nem *desgraça*: tudo isso são palavras vans, e idéas fingidas, e pagans. O que ha he sómente a *Providencia de Deos*; a qual olhando com summa advertencia, e cuidado para to-

todas as creaturas, e suas acções, determina para huns trabalhos, para outros felicidades. Ora quando nós vemos que a pezar de todas as nossas diligencias, ou embaraços vai sempre continuando a perseguir hum homem certa serie de infelicidades, e trabalhos, devemos crer que isto he especial Providencia do Senhor, o qual constantemente vai conduzindo a creatura ao fim que tem destinado pelos meios que julgou proprios; e que perseverando nos seus fins, e nos seus meios, não muda de systema com os nossos rogos, nem se deixa vencer das nossas forças, e diligencias.

Eug. Ora já fico com menos esses erros, que desde a meninice sempre tive.

Teod. E que me dizeis á pessima creação, que costumão os pais dar a seus filhos, entregando-os a amas, e criados de pouco juizo, e nenhuma instrucção, e ás vezes tambem de pessimos costumes? Daqui forçosamente nascem mil erros, de que em quanto Deos nos não dá luz especial, não costumamos duvidar, estando firmes que são verdades certas; e se queremos examinar em que fundamos o nosso assenso, vemos que he, porque assim o ouvimos sempre á nossa ama, e criadas, com quem vivemos, que sempre são povo, e bem vil povo. Aqui entrão os dias que chamão *aziagos*, isto he, proprios para desgraças, como muitos dizem, que são as sestas feiras: e aqui entra a differença do pé direito ao esquerdo, tendo por máo indicio entrar n'uma casa com o pé esquerdo. Aqui devemos pôr o medo das

cou-

cousas más em lugares escuros; como se o demonio tivesse medo da luz do candieiro, e não pudesse apparecer de dia, como de noite. Devemos tambem contar o erro communissimo de que *o coração adivinha*; erro, de que hoje estão tenazmente possuídos muitos homens de juizo.

Silv. Na persuasão eu sou hum delles; e não me tirareis já mais isso da cabeça.

Teod. Não he agora aqui o lugar proprio de o fazer: só de passagem posso acautellar desse erro a Eugenio, cuja instrucção me pertence.

Eug. E deveis não acautellar-me só, mas curar-me; porque se isso he enfermidade do meu juizo, digo-vos que desde menino me sinto com esse achaque.

Teod. Da má criação dos pais, e amas vem esse mal. Ora dizei-me: Como póde o coração adivinhar, se elle não conhece? ou ainda tomando o coração pelo nosso animo, e espiriso, como póde qualquer disposição de animo ser causada pelo que está para succeder, se nem Deos mo disse, nem o demonio, nem creatura alguma o sabe para o communicar ao meu animo?

Silv. Assim he pela razão; mas a experiencia commum, e infallivel he prova bastante de que isso he assim, seja como for.

Teod. Não ha experiencia que o prove: e aqui devemos ter a cautella, que ha pouco disse das experiencias fysicas; primeiramente essa experiencia he do vulgo, que não sabe reparar no que deve; demais disso sendo certas

as experiencias que allegão, não sabem inferir o que dizem. Todo o fundamento disto está em huma como ladainha de successos tristes, que sobrevierão a certa melancolia natural, que tinhamos no coração; e quando apparece o tal successo triste, todos dizem: *Ah, que bem me adivinhava o coração*; todos ouvem isto, ninguem o contradiz, e todos o vão crendo, sem a minima dúvida. Havendo no nosso animo já esta crensa, qualquer successo funesto, que casualmente veio depois de alguma tristeza, se attribue a esta presaga noticia do coração; e ficamos summamente firmes em que o coração adivinha. Ora para este argumento ter alguma apparencia de força, era preciso provar que nunca vinha aquella melancolia ao coração, sem que depois apparecesse successo funesto; e isto he falsissimo: mas como ninguem faz tanto reparo na tristeza, quando não apparece o successo triste, não fazemos delles memoria. Ponhamos exemplo: Passarão-se 364 dias n'um anno, em que não quebrei perna, nem braço, nem vazei olho, etc. e n'um só dia deste anno me succedeo alguma destas desgraças: pontualmente noto o dia em que me succedeo, sendo hum só; e 364, em que nada triste me succedeo, não os noto, nem tal cousa já mais me lembrou fazer: assim he no nosso caso. Se quatro successos funebres se seguírão a alguma natural melancolia, são notados com grande advertencia; e se quarenta vezes tive melancolia, sem que algum caso triste depois

acon-

acontecesse, não reparo nisso, nem fallo em tal. Orà he huma *incoherencia* reparar em quatro successos, e não reparar em quarenta. Além disso quantos successos tristes vem depois de huma grande alegria? Muitos; tanto assim, que he sentença do Espirito Santo, que *no fim da alegria costuma vir a tristeza* (1); e com tudo não basta ver ahi claramente que o coração não adivinhou, para o tirar dessa falta posse, quando basta hum, ou outro casual successo para lhe dar a prerogativa ridicula, e impossivel de adivinhar. Isto só podia ser por milagre, e obra de Deos, e em alguns casos por arte diabolica. Mas o persuadir-se da natural adivinhação, he erro só desculpavel em crianças, porque só para com ellas tem authoridade o vulgo.

Eug. Vejo que tendes razão; e praticamente vou conhecendo que não basta huma pessoa não ter nunca dúvida de huma cousa, para que ella seja verdadeira.

Teod. Não convém fazer esta Instrucção muito diffusa; por isso não vos aponto mais exemplos. Rematemos pois aqui com o dictame oportuno: *Não devemos fazer caso algum do dito do vulgo* (Proposição 28.). A razão he, porque o vulgo muito facilmente se póde enganar a si; e pela maxima que assima puzemos, havendo este perigo, não ha authoridade que mereça credito. Vamos adiante.

Prop. 28.

§. IV.

(1) *Extrema gaudii luctus occupat.* Prov. 14. 13.

§. IV.

Dos erros, que nos vem da authoridade dos Doutos.

Eug. HE pasmar ver como estamos por toda a parte cercados de inimigos da Verdade, porque os erros do vulgo entrão em tudo; e desde a infancia acompanhão hum homem, que não tem estudos, até o deixarem na sepultura.

Teod. Tambem os que tem estudos padecem seus achaques no entendimento, dos quaes os mesmos estudos são a causa. Quantos erros não tenho eu tido na cabeça, fundados na authoridade dos Doutos? e quantos tenho ainda sem os conhecer, e terei até o fim de minha vida? Feliz he aquelle que tem menos, pois nenhum ha que esteja livre absolutamente deste mal. Ora eu advirto duas cousas logo no principio para maior clareza: primeira, que não fallo senão da authoridade puramente humana, por quanto na authoridade Divina bem podemos descançar que não póde induzir-nos a erro; pois nem Deos como infinitamente *Sabio* se póde enganar; nem póde enganar-nos a nós, sendo infinitamente *Bom.* A segunda cousa que advirto he, que eu não desprézo a authoridade humana, porque então seria louco rematado; sómente digo, que a authoridade hu-

humana costuma ser occasião de nós crermos muitas cousas, sem as chamar a maduro exame; e por isso admittimos muitos erros, que não admittiriamos, se não fosse a capa honrada da Authoridade humana, com que se cubrírão; são como inimigos disfarçados, que buscão vestidos dos amigos, para que vindo assim cubertos, entrem em nossa casa, sem lhes perguntarem quem são. Digo pois, Eugenio, que *a Authoridade humana, ou seja de algum homem insigne, ou da commum opinião dos Doutos, posto que mereça muita veneração, não deve dispençar-nos de examinarmos muito, ou por nós, ou por pessoas intelligentes, e desapaixonadas, isso que elles dizem, para o admittirmos por cousa certa* (Proposição 29.). Observai este dictame, se quereis errar pouco.

Prop. 29.

Silv. Ainda assim, a fallarmos sinceramente, amigo Teodosio, todo o mundo condemnará de atrevimento a temeridade de negar eu, ou outro como eu, o que commumente dizem os homens Doutos de Profissão, e ainda algum que seja insigne na materia. Não digo eu que será atrevimento o negar, mas até o pôr isso em dûvida: especialmente se a doutrina está de posse de muitos annos.

Teod. Concordo comvosco, que he atrevimento; mas ha certos atrevimentos louvaveis. Ser huma sentença proferida por hum homem insigne, ou muitos, e ser crida por muitos annos, indicio he de ser verdadeira; mas este indicio não he tão forte, que nos dispense do exa-

exame, para lhe darmos credito firme. Se o mundo seguisse essa vossa opinião, bem podia ter a certeza de acabar enterrado em innumeraveis erros, que algum dia forão seguidos dos primeiros homens, e de que ninguem então duvidava. Houve algum atrevido que duvidou; chamou-os a exame, conheceo-se a sua falsidade, e forão desterrados para sempre da República dos entendidos. Ponhamos exemplos, antes que Eugenio mos peça.

Eug. Estou nessa posse.

Silv. Ahi vem o pobre Aristoteles sem dúvida.

Teod. Virá, mas bem acompanhado. Grandes homens disserão que não havia, nem podia haver Antipodas; creo-se isto muito tempo: houve quem se atrevesse a examinar o ponto: vio-se que era erro mui grosseiro e claro, e ninguem já dalli por diante o seguio. Grandes homens disserão que havia região do fogo; que havia horror do vácuo; que o fogo era leve; que o ar não pezava; que os insectos nascião da simples corrupção; todo o mundo nesses tempos cria estas doutrinas sem escrupulo: houve quem se atreveo a examinar estes pontos, conheceo-se que erão erros, e desterrárão-se para sempre, com bem mágoa do vosso coração, Silvio. Mais: quantos homens grandes tem havido no mundo na Medicina antes de *Harveo*? He certo que innumeraveis: com tudo nenhum delles conheceo a circulação do sangue; assentavão que tinha fluxo, e refluxo. Veio Harveo, e deixou esta verdade tão clara, que hoje pomos as mãos na cabeça de que

ho-

homens professores não conhecessem o que huma criança podia conhecer, como já vos mostrei em seu lugar (1). Ora hide lá crer na authoridade dos Doutos, para não examinar se o que elles dizem he assim, ou não.

Silv. Só os Modernos, Eugenio, não são sujeitos a erros: supponho que não peccárão em Adão; e não experimentão as miserias, a que todos os Antigos estamos sujeitos.

Teod. Tambem os Modernos errão; e tambem entre elles muitas vezes o erro leva apôs si a commum torrente; e se conserva nessa posse muitos annos, até que alguem o esbulhe della, e restitua ao throno a desconhecida verdade. Que authoridade não teve nas Escollas Modernas o Grande Descartes? com os seus Vortices, e Turbilhões se póde dizer que revolveo todo o Orbe litterario; e quasi sem o perceber, meio mundo se achou Carteziano: veio Neuton com outros, e claramente mostrou a cegueira de muitos, que com a cabeça baixa, e olhos fechados, mais adoravão, do que seguião este systema: lá virá tempo talvez, em que se conheça que tambem errão muitos, que em tudo adorão a Neuton, como oraculo do Templo da verdade; e querem que por singular excepção não pague á natureza o forçoso, mas desgraçado tributo, que paga todo o homem, de ser sujeito a engano. O mesmo digo de Leibnitz, e dos que vierem atrás de

(1) Recreação Filosofica. Tom. IV. Tarde XXI. §. I. pag. 265.

de nós. Mas se quereis, Silvio, a razão, por que nos Antigos se descobrem mais erros que nos Modernos, he porque elles usárão muito pouco da *Arte Critica*, nem examinavão as cousas com tanta fadiga, e diligencia, como se faz hoje, em que para examinar de certo qualquer ponto, não se poupão despezas, nem fadigas, nem ha descanço. Agora duvida-se mais, então havia mais lisonja, por isso se errava mais. Tambem me occorre outra razão: por isso mesmo que as opiniões são antigas, tem havido mais tempo para se lhes perder o amor, e para apparecerem os inconvenientes: póde ser que essas opiniões, que hoje são modernissimas, quando forem antigas, sejão tão desprezadas, como hoje são as dos primeiros Filosofos. Pelo que, meu amigo, ser a opinião muito antiga, pouco lhe augmenta o pezo da sua authoridade.

Silv. Ora eu não posso soffrer isso: parecia-me que a antiguidade, e posse em que está huma opinião, sempre devia conciliar veneração, e credito.

Teod. A antiguidade por si só nem deve conciliar estimação, nem desprezo das doutrinas; a opinião hoje mais antiga algum dia foi modernissima; e a que hoje he moderna, algum dia ha de ser muito antiga; e com tudo huma opinião nunca com os annos he mais verdadeira, nem menos do que sempre foi. Pelo que ser huma opinião muito antiga per si só, não deve conciliar-lhe veneração: pois não são estas as cans que são veneraveis. Pelo mesmo mo-

modo ser huma opinião moderna, não a faz mais estimavel; antes sendo nimiamente moderna, por isso mesmo fica suspeitosa; e isto acontece por dous motivos, ou razões: huma, porque toda a novidade tem huma certa belleza que alegra os olhos, e muitas vezes engana: segunda, porque estando ainda vivos os Authores da opinião, he mais facil haver lisonja que mova a seguillos. Depois de esfriar o amor dos Authores, então nos cegamos menos com o que elles disserão, e em fim o tempo aconselha muito, e muitos enganos mostra. Pelo que, Eugenio, gravai na memoria este dictame: *Quem quizer conhecer a verdade com segurança, ha de examinar o ponto com animo indifferente, olhando meramente para os motivos intrinsecos, ou razões fundamentaes da opinião, e não fazendo caso do numero, nem antiguidade, nem qualidade dos authores que a seguem* (Proposição 30.) Advirto porém, que não podendo examinar dignamente a certeza da questão, olhando para os merecimentos da causa, podemos fundar-nos na authoridade, para dar credito, não firme, mas receoso; por quanto sempre a authotidade dos homens Doutos deve fazer algum pezo, para crermos que alguma razão acharão, quando seguírão aquelle ponto: e tambem porque não se lhe descubrir inconveniente, ou falsidade em muitos annos, lá persuade de algum modo que o não ha; pelo que só póde ser fundamento para dar assenço receoso, mas não firme e seguro, e que dispense de exame.

Prop. 30.

Silv.

Silv. Ora quando vemos que toda huma Escola segue de tempos antiquissimos huma doutrina, bem póde qualquer homem de juizo firmemente crer que he verdade; pois não se póde presumir que elle só tenha mais juizo, do que milhares de Doutores, que se achão a favor da opinião contraria, seguida de toda huma Escola.

Teod. Não digais isso, meu Silvio, porque não ha maior occasião de perpetuar erros, do que são as Escolas fechadas. Chamo *Escolas Fechadas* ás que não dão liberdade para seguir cada qual o que em sua consciencia entender. Duzentos mil Doutores de huma escóla acertão tanto como hum só Doutor: porque como infallivelmente hão de dizer todos os duzentos mil aquillo, que disse o que foi cabeça dessa escóla: se elle acertou, acertárão todos os duzentos mil; mas se errou, todos os duzentos mil errárão. Persuadirem-se, que o primeiro que foi levantado em cabeça de escóla, não podia errar, he quererem persuadir huma cousa que ninguem prudentemente póde crer. E se concede que a cabeça da escóla podia errar, então tanta authoridade fazem duzentos mil Doutores a dizer o mesmo, huns atrás dos outros, como se o primeiro, que podia mui facilmente errar como qualquer. Elles não se podem escandalizar disto: vemos hoje em mil questões todos os Tomistas a hum lado, todos os Escotistas a outro, dizendo o contrario: hum destes exercitos acertará; mas o outro certamente erra: ora ahi tendes duzen-

zentós mil Doutores a adorar de joelhos hum erro: crêde agora lá na authoridade das Escólas. He tal a escravidão que ha em muitas Escólas, que se algum entrou em dúvida do que he ponto de Escóla, deve resistir-lhe como tentação contra a Fé, e sacudir para muito longe o tal pensamento. Porque o caso não he examinar se o ponto he, ou he assim na realidade; mas sómente se he, ou não da mente de Aristoteles, ou deste, ou daquelle Author. Mas deixemos este ponto. Sómente digo, que he huma escravidão intoleravel obrigarem a tantos mil homens que sujeitem todo o seu juizo ao que disse outro homem; do qual não consta que ficasse isento da penção de homem, que he errar. Errou Santo Agostinho tantas vezes, como consta do seu livro das Retractações: errárão tantos homens grandes, e não poderá errar hum cabeça de Escóla? Além de que, quando se encontrão as Escólas humas com as outras em qualquer ponto, como succede a cada passo, sabemos de certo que a verdade só está de huma parte, e que a outra toda em pezo erra; e como esta opposição he frequentissima, sabemos de certo que são frequentissimos os erros, que levão apôs si todos os votos de huma numerosissima Escóla. Ponde, Eugenio, os olhos nisto, e vereis que pezo deve fazer a authoridade humana, principalmente dos Doutos de Escóla.

Eug. Não cuidei que havia essa escravidão de entendimento fóra das materias da Fé; mas vamos adiante.

Teod. Falta dar a razão mais fundamental disto.

to. Todo o fundamento, por que poderiamos crer no que dizem, se origina de que nem elles se enganão a si, nem nos enganão a nós, como fica explicado. Ora todos os homens, por doutos que sejão, tem perigo de se enganarem a si mesmos; e quando entra nelles o que chamão *espirito de Escóla*, guardão com tal religião a doutrina do Mestre, que fundamento nenhum basta para o desemparar. Ainda que seja preciso torcer as palavras, e darlhes sentido violento, a doutrina do Mestre nunca, e por modo nenhum se ha de desemparar: ora isto he huma paixão manifesta, e toda a paixão, como já vos mostrei, occasiona erro, e céga o entendimento: pelo que, quanto a mim, mais fé merecem dous authores bons, seguindo livremente huma resolução, do que toda huma Escóla; porque esses Authores podião julgar sem paixão, e todos os da Escóla julgão com paixão, e dão grande suspeita de estarem preoccupados; e sendo assim, não merecem tanto credito como os Authores livres, que ao menos não tem a suspeição manifesta de estarem preoccupados com o espirito de Escóla.

Silv. Se elles vos ouvissem, mui obrigados vos ficarião.

Teod. Se me ouvissem em público, havião de mostrar-se escandalizados; se me ouvissem em particular, os bons havião de dizer que tinha razão; e assim o dizem. Sabei que os que julgão sem paixão, andão rebentando debaixo do jugo intoleravel da escravidão em que vivem,

sem

sem poderem dar hum passo fóra do caminho dos seus Mestres. Elles mesmos se me tem queixado, lamentando-se de que para não serem privados das suas cadeiras, e desprezados entre os seus, são obrigados a seguir o contrario do que entendem. Se lhes dèssem liberdade, serião os progressos nas Escólas admiraveis; porque os engenhos, principalmente dos Portuguezes, são grandes; mas a escravidão das Escólas lhes prohibe a cultura; e os ata de mãos, e pés. Porém vamos adiante.

Eug. Como nenhum de nós está sujeito a essa escravidão, não nos afflijamos.

Teod. Mas sempre quiz advertir isto, porque he huma cousa, que authorisa muito qualquer doutrina, ser seguida por mais de dous mil Doutores; que tantos, e mais se achão muitas vezes n'uma Escóla: e como póde ser que esta doutrina seja falsa, temos que o erro vos podia entrar em casa, sem que desconfiasseis delle: pois sendo todo o erro de sua natureza vil, vós o achaveis tão respeitado, que trazia após si mais de dous mil criados nobres que o seguião.

Eug. A verdade he, que ha humas taes circumstancias, que parece tirão toda a suspeita de engano. A não se fazer a reflexão que tendes ponderado, quem havia de desconfiar que mais de dous mil homens doutos se enganassem! Mas já vejo, que sendo estes dous mil contra outros dous mil, os quaes em Escóla differente dizem o contrario, forçosamente ha de conceder-se que erros ha, que tem a seu

favor mais de dous mil votos, e votos de homens doutos.

Teod. Quem está mais sujeito a esta miseria, e infelicidade são os que em idade tenra aprendem as sciencias. Está hum pobre estudante, que começa a aprender huma sciencia, feito (como nós dizemos) pexinho de Santo Antonio, ouvindo a seu Mestre, homem de grandes annos, e estudos, condecorado com o seu grão, com a cadeira pública, e com a grande reputação entre os Cavalheiros, e povo. Eisque este seu Mestre com hum tom decisivo dá huma doutrina, dizendo que he certa, e acarréta huma serie de nomes, que o pobre estudante nunca ouvio, e cuida que são outros tantos oraculos; e accrescenta o Mestre, que todos aquelles Authores dizem aquillo mesmo. Depois de passagem adverte, que alguns Estrangeiros disserão o contrario, lá fundados em quatro ridicularias das suas mathematicas, e marmotas (isto he assim como vos digo); mas que a verdade, que seguem todos os homens Doutos, he a que elle tem dito. Ora neste caso como póde este pobre estudantinho ter nem pensamento de dúvida do que pronuncía aquelle, que elle cuida ser hum grande oraculo do templo da Verdade? Parece-lhe, que se chega a ter huma leve lembrança de dúvida contra aquella doutrina, já isso he crime: e assim crê firmissimamente o que lhe disse o Mestre, e vai para casa, e nunca mais entra em dúvida; e se viveo oitenta annos, outros tantos fica firme no que aprendeo: ora

acon-

acontece ás vezes, que isto que se dá por tão certo, he tão falso como o Horror do vácuo, a Simpathia, e Antipathia, a geração dos Insectos, e ser o ar leve, etc.

Eug. Eu confesso, que acho desculpa aos pobres discipulos.

Teod. Mas não a haveis de dar aos Mestres. Elles não fazem escrupulo de enganar os innocentes. Dão por certo o que não he certo, e por indubitavel o que tem muitas dúvidas. Isto he crime diante de Deos, e diante dos homens. Eu não me escandalizo que errem; todos errão; mas não atem as mãos, e pés aos pobres discipulos, que estando ligados, nunca se livrão do erro. Digão: aqui ha duas opiniões, eu sigo esta que me parece melhor, por estas razões; e deixe-lhes liberdade, e curiosidade de examinar a opinião contraria, quando elle não tenha a caridade, e paciencia de lhes expôr com sinceridade os seus fundamentos; digo *com sinceridade*, porque a não ser assim, melhor he não lhos expôr.

Silv. Sempre he mais util dar-lhes alguma luz dos fundamentos contrarios, seja como for, do que deixallos em jejum na materia.

Teod. Não sigo isso; Os fundamentos expostos por quem segue a opinião contraria, senão o faz com animo sincero, de tal sorte se pintão, que parecem muito diversos do que são. Os Hereges quando expõem aos seus os Dogmas da nossa Fé Romana, e os fundamentos da nossa Religião, de tal sorte os pintão, e com taes ditos, chistes, e mofas, que

os

os innocentes que os ouvem, fazem conceito que nós somos pouco menos tollos, que os Gentios da America: e acontece, que se em algum livro bom dos nossos acertão a ler sinceramente os nossos Dogmas, ficão pasmados da decencia, naturalidade, belleza, e uniformidade da doutrina da Igreja, e da connexão de seus Dogmas. Assim fazem muitos Mestres com os seus discipulos: expõem-lhes com hum tal desprezo a opinião contraria, e seus fundamentos, que os discipulos a reputão por loucura rematada.

Eug. Melhor era deixallos só com a noticia de que havia outra opinião; pois a seu tempo elles a podem examinar, e os seus fundamentos sinceramente.

Teod. Eu tenho-me demorado neste ponto mais do que queria; mas he porque a authoridade dos Doutos he huma grandissima porta, por onde entrão no nosso entendimento innumeraveis erros disfarçados. Esta authoridade dos Mestres he que fez gemer todo o mundo nos seculos da Barbaridade, debaixo de hum Tyrannico poder, que sobre os nossos juizos tinhão os antigos erros. Ora em hum mal tão nocivo, e tão geral, convém descubrir até as ultimas raizes. A razão pois, amigo, por que esta authoridade he capa de muitos erros, não he sómente pela fraqueza do nosso juizo, que como de homens he sujeito sempre à enganos; mas tambem porque os Mestres, quando chegão a certo ponto de gloria, e fama entre os póvos, não querem consentir que al-

guns

guns dos discipulos sobresaia, e venha a disputar-lhes a gloria de que elles gozáo. Por isso os Mestres de Filosofia do meu tempo não consentiáo que os seus discipulos estudassem Mathematica, nem que fossem ás aulas de experiencias Fysicas. Por isso os Medicos do vosso tempo não queriáo que os que se applicaváo á Medicina, fossem ás públicas Discecçóes que fazia no Hospital o *Santuche*, e outros depois delle: e muitos conhecereis vós tão ignorantes de Anatomia, que qualquer rapaz das Escólas modernas lhes dá quináos, como aconteceo diante de mim a hum grande Medico da Camara, que disse, e teimou ser cousa difficil de saber quantos sistoles, e diastoles tinha dentro de hum minuto o coração de qualquer homem.

Silv. Em tomando o pulso com huma mão, e tendo o relogio na outra, estava vencida toda essa difficuldade.

Teod. Hoje ha muitos Medicos, e tem tanta differença dos antigos a sua instrucção, que não sei explicallo. Mas indo ao ponto, não só erravamos, porque os públicos Professores se enganaváo a si, mas porque queriáo enganar-nos a nós, ou pelo menos queriáo que, quer fosse, quer não fosse engano; nós não sahissemos da sua opinião.

Eug. Ahi entra a paixão do amor proprio, e cahimos na regra geral, que onde ha paixão, ha tal ou qual erro, ou grande perigo de o haver.

Teod. O que digo dos Mestres que fallão; digo

go tambem dos Mestres mudos, quero dizer, dos livros. Huma das cousas que apadrinha muito os erros, e os faz passar sem exame da Crítica justa, he terem seus Authores composto obras mui volumosas. Quem vê que hum Author escreveo vinte volumes de folha, fica com hum tal conceito desse homem, que imagina ser de esféra superior, e isento da miseria dos outros homens: e não adverte que bem podia errar n'uma, e muitas cousas; e não obstante isto, ser hum grandissimo homem, como aconteceo a Santo Agostinho. Se bem reflectirmos, quanto mais volumosas são as obras de qualquer Author, mais erros hão de trazer; e isto por duas razões: primeira, porque fallando muito mais, he natural que mais vezes paguem o tributo de todos os que fallão: segunda, porque sendo a vida breve, e as obras muito longas, não podião examinallas, e purificallas tanto como se fossem obras mais pequenas. Amigo Eugenio, obras muito perfeitas, hão de ser mui pequenas, aliàs não podem ser muito examinadas, e purificadas. Quanto maior estimação merece o pequeno volume de Melchior Cano *de Locis Theologicis*, do que obras muito volumosas de outros? Quanto melhores são as pequenas obras de *Menochio*, e *Tirino*, que os 14 volumes em folha do *Abulense*? Quanto mais estimação merece o *Racionario de Petávio*, que os Annaes volumosos de *Saliano*? O mesmo se póde dizer de outros Authores. E daqui vem outra preoccupação, que faz mal a muitos; e vem a ser, que

os

os Authores que escrevem de toda a materia, sobem de tal fórma de opinião para com elles, que julgão grande crime chamallos a juizo, para serem no tribunal da Crítica examinados os seus ditos. Ora fallando sem paixão, hum homem por isso mesmo que se applica a muitas materias, póde mais facilmente descuidarse em algumas cousas, aliàs não he homem. Pelo que, Eugenio, nunca vos leveis destas circumstancias para crer, sem primeiro examinar, ou por vós mesmo, se o podeis fazer, ou por pessoas que tenhão boa crítica, e fallem com intelligencia, e sem paixão.

Eug. Descançai, que vou dispondo o meu animo para não crer de leve.

Teod. Tambem ha nos authores outra circumstancia, com que nos preoccupamos, que he a sua religião, ou virtude. Na verdade que a virtude de hum homem conduz muito para lhe darmos credito, e não duvidarmos do que diz, pois não ha perigo de que maliciosamente nos engane; mas a sua virtude não prohibe que elle esteja enganado; e assim crendo cégamente o que elle diz, ficaremos enganados com elle. Convém pois fazer reflexão na materia de que se trata; por quanto materias ha, em que mais devemos crer a hum herege, do que a hum Santo Padre. Ponhamos exemplo em Medicina: não dareis vós, Silvio, mais credito a *Boerhaave*, que he herege, do que a Santo Ambrosio, que nunca talvez saberia tomar o pulso? O mesmo digo em Anatomia, em Historia, em Filosofia, ou Poesia, quanta

pre-

preferencia fazem muitos gentios, e hereges a muitos catholicos? Pelo que, a religião, e virtude conduz para que nos não enganem por malicia, mas não para que elles não estejão enganados. Nos Santos Padres encontramos cousas que pertencem ou á Historia Natural, ou á Mathematica, e outras sciencias, que hoje nos fazem rir. Santo Hilario não conheceo sal da terra; e ha tanto, ou mais que o sal da agua, e foi hum homem doutissimo; porém elles applicavão-se ás Letras Sagradas; e naquelles tempos nem Mestres tinhão, nem livros, nem instrumentos, nem tempo para muitos destes estudos, andando, como era justo, e louvavel, applicados aos ministerios do seu caracter Apostolico. Além disso erão homens, não erão Anjos, havião de enganar-se n'algumas cousas. Por isso nunca allegueis Santos Padres para pontos de Historia Natural, ou sciencias naturaes, excepto se elles por outra parte forão iminentes nessas sciencias; porque então constando disso, a sciencia na virtude he oiro sobre azul, e merecem muito mais credito, porque nem ha o perigo de nos enganarem, sendo santos, nem tanto perigo de se enganarem a si, sendo doutos, e instruidos nessas materias.

Silv. Estais hoje mui rigido: a nada perdoais.

Teod. Se me não achais razão, ensinai-me, que eu prometto ceder á razão, se chegar a conhecela. Mas eu creio que dou razão do que digo; e se quereis authoridade, ide ler neste ponto qualquer que trate da Arte Critica, e

ve-

vereis que não ponho doutrina nova tirada da minha cabeça.

Eug. No modo, com que se porta Silvio, confessa que vos acha razão.

Teod. Porém com tudo, meus amigos, convém evitar hum extremo, em que podem cahir os demasiadamente Críticos, e todos os extremos são perigosos; e se a condescendencia nimia em obsequio da Authóridade he perigosa, tambem o he o *espirito de contradicção.* Alguns homens ha tão soberbos (demos ás cousas o seu nome), que sempre estão promptos para contradizer tudo quanto os outros dizem, e isto he máo: o espirito de duvidar de tudo costuma ser bom; mas ha de ser duvidar receando, porque assim se averigua a verdade; mas o duvidar teimando, e negando affoitamente, costuma ser muito máo, porque assim erra-se muito mais: e genios ha tão inimigos de ir por estrada, por onde vão outros, que tomão sempre por oiteiros, e saltão barrancos, e despenhadeiros, sem querer tomar a estrada, só por não ir atrás dos outros que por ella vão; e já se vê que estes taes hão de precipitar-se mais aqui, mais alli, e quebrar a cabeça. O modo de caminhar seguro he ir sinceramente, sem espirito de lisonja, nem de contradicção: não he bom nem crer de leve, nem impugnar de xofre: devemos ouvir, attender, reparar, olhar bem para diante, e para as ilhargas; isto he para as consequencias, e para as circumstancias, e resolver com vagar; porque sempre ouvi dizer, mais valia acertar de vagar,

gar, que errar depressa. Fugi, meu Eugenio, da escravidão do entendimento, mas tambem fugi da libertinagem do espirito: tudo he paixão, ou seja adulação, e lisonja, ou preguiça, e amor do proprio descanço, ou espirito de singularidade, e não querer pôr o pé em pégada alheia: tudo faz errar, segundo o que vos disse já, fallando das paixões. Tomai bem sentido nisto.

Eug. A doutrina, que hoje me tendes dado, casa-se tanto com a razão, que me parece impossivel esquecer-me della.

§. IV.

Do erro, que nos póde vir pela authoridade de Testemunhas.

Teod. DEmos mais hum passo, e seja para materia mais frequente, e não menos importante.

Silv. Esta, que acabamos de tratar, bem importante he, e assás frequente.

Teod. Ainda mais vezes nos vemos em precisão de dar credito ás testemunhas, ou seja para os factos historicos, ou para os casos de Direito, ou para mil encontros familiares, que occorrem a cada passo; pois nada he mais frequente, que fiarmo-nos para qualquer juizo, e determinação, do que nos dizem os que são testemunhas, ou de vista, ou de ouvido.

Silv. Ahi todo o credito depende da verdade

das testemunhas. Se são verdadeiras, poucas fazem grande authoridade; se o não são, nem muitas fazem authoridade alguma.

Teod. Todo o ponto está em que as testemunhas nem se enganem a si, nem nos queirão enganar a nós; por isso he preciso attender a muitas circumstancias, que os Críticos advertem. Eu irei apontando as que me occorrerem. Devemos pois attender a quatro cousas: ao numero das testemunhas, á qualidade dellas, ao modo de depôrem, e á materia que testificão.

Silv. Agora hei de vos ouvir com mais gosto, pois talvez que a vossa crítica me sirva para certa demanda que me vexa: nella me opprime hum grande numero de testemunhas falsas, e poderei dar mais alguma luz ao meu Advogado, para lhes dar as contraditas.

Teod. Não zombeis, porque póde ser que vos seja util a conversação. Primeiramente no que toca ao numero de testemunhas, guardai esta regra: *Toda a vez que as testemunhas, ainda que sejão muitas, tiverão a origem de huma, não se devem reputar por muitas, mas por huma só.* (Proposição 31.). Exemplo: fez-se huma morte em determinado sitio; houve hum homem que disse, e publicou que fora Fernando; espalhou-se por toda a Cidade, que elle fora o matador, e vem depôr a juizo vinte ou trinta testemunhas, todas só de ouvido, e dizem que era fama ser Fernando o matador. Isto posto, convém examinar, se esta fama nasceo só daquelle homem que o disse; porque sendo assim, todas estas trinta teste-

Prop. 31.

mu-

munhas valem só por huma; porque se esta fosse malevola, ou se enganasse, sem dúvida que mentiáo todas as demais que nella se fundaváo. Eu acho hum costume perverso entre muitos, que se prézáo de bons Christáos, quando necessitáo de testemunhas para qualquer depoimento, fazem que alguem conte aquelle caso diante de varios amigos, e depois chamáo os amigos a juizo para deporem unanimemente que ouvíráo aquelle dito. Elles juráo verdade; mas deve-se averiguar a quem o ouvíráo: e conhecendo-se que tudo nasceo de hum só homem, devem-se reputar por huma só testemunha, e náo se lhes deve dar maior authoridade, que a de huma só pessoa que o testifique.

Eug. Isso he huma cousa summamente conforme á razáo.

Teod. Todo o motivo, Eugenio, por que o numero das testemunhas augmenta a sua authoridade, e merece mais fé, está em que náo he táo facil mentirem sete, v. g. como mentir só huma; nem tambem he táo facil enganar-se sete, como enganar-se sómente huma. Mas communicando-se a noticia de hum homem aos sete, se o primeiro se enganar, ou quizer mentir, todos os demais se enganáo tambem, e náo dizem a verdade, posto que sejáo pessoas de grande probidade.

Silv. Essa circumstancia em consciencia deve sempre ser examinada.

Teod. Por causa desta doutrina muitos factos, que corriáo entre os homens por cousa indubita-

ta-

tavel, já na opinião de muitos Críticos merecem sua dúvida. Que cousa mais constante entre os Doutos, que a celebradissima guerra de Troia; e com tudo não falta quem duvide (1) se ouve ou não tal guerra no mundo, porque todos os infinitos Oradores, Poetas, Historiadores, Filosofos, assim Gregos como Latinos, que fallão nella, se vem ultimamente a fundar na authoridade de Homero, ou de hum certo Siargo Poeta mais antigo: e este por ser hum só, e Poeta, não merece tão firme credito, que baste a dar hum facto por cousa indubitavel. Eu não digo que a não ouve, mas sómente aponto este exemplo, para verdes como póde huma cousa falsa chegar a ser testificada por quasi todos os Authores, quando todos elles se fundão n'um só.

Silv. No direito ha hum proloquio, que o dito de hum he dito dé nenhum (2), isto he, que não merece fé.

Teod. Com tudo tal he muitas vezes a testemunha (ainda sendo unica), que por si só faz grande authoridade: e esta he a segunda circumstancia a que se deve attender; e vem a ser, a qualidade da testemunha. Por quanto *se a testemunha he de vista, faz muito maior authoridade, que se he de ouvido. Como tambem*

(1) Veja-se o Genuense na Logica, onde cita dos Modernos a Christiano Adão, Gerardo Groesio, Struvio, e João Baptista Vico: além do Dio Chrysostomo, e Metrodóro, que entre os Antigos pozerão este ponto em grande dúvida.

(2) *Dictum unius dictum nullius.*

bem se he testemunha de maior excepção , ou pela sua probidade , e letras , ou pela sua Dignidade (Proposição 32.). A razão he, porque a testemunha, sendo de vista, não he tão facil o enganar-se , como sendo de ouvido: tambem não he facil presumir , que minta ou hum homem de bem , ou hum homem de provada santidade. Ahi tendes vós , que o martyrio de S. João Evangelista , quando o mettêrão na caldeira de azeite fervendo , só consta de huma testemunha, que he Tertuliano ; e com tudo ninguem prudentemente póde duvidar delle.

Prop. 32.

Silv. Mas ás vezes quanto mais bons são os homens, tanto mais facilmente os enganão.

Teod. Eu quando dou preferencia ao bons , he no que elles testificão de propria sciencia, dizendo que o vírão , ou que sabem de certo , ou que ouvírão a tal , ou tal pessoa digna de credito ; de sorte que não démos mais valor ao seu depoimento , que aquillo que elles testificão sobre sua palavra ; porque nisso não he facil haver engano : agora quando elles se estribão sobre authoridade alheia , então já póde haver engano , por mais virtuosos que sejão , porque a sua probidade não livra do engano alheio.

Eug. Tambem conduz muito ser hum homem douto, porque esse sabe o que diz.

Teod. Conforme for a materia : se for materia que peça intelligencia especial, deve-se attender principalmente á sciencia ; se for materia que não peça especial noticia , e estudo , deve-

ve-se attender á virtude. Ponhamos exemplo. Morreo hum servo de Deos; e depois de morto ficou flexivel ou ficou de joelhos, ou houve esta ou aquella extraordinaria circumstancia: depõem de todas ellas varias testemunhas: digo agora, que no que toca a ser, ou não ser natural a postura; a effusão de sangue, o calor, a incorrupsão, etc. deve preferir-se huma testemunha douta em Fysica, e Medicina; ainda que seja hum heréje; e no que toca ao simples facto que todos presenciárão, deve preferir-se a testemunha mais grave, veridica, e prudente; a qual merece mais crédito, porque se suppõe que repara mais no que diz. Por tanto, Engenio, guardai esta regra pertencente á materia da questão: *Devemos attender á materia, á qualidade, e circumstancias do facto, para por ellas podermos dar o valor ao número, e qualidade das testemunhas* (Proposição 33.), e esta hé a terceira circumstancia, que eu tinha dito que deviamos observar; convém a saber: a que pertence á materia.

Prop. 33.

Eug. Não me ha de esquecer.

Teod. A quarta circumstancia he o modo, com que dão o testemunho: ás vezes o modo de jurar logo dá a conhecer ou a verdade, ou a falsidade do animo. O Santo Daniel inspirado por Deos, deste modo conheceo a falsidade das duas testemunhas, por cujo depoimento já a innocente Susana hia a ser apedrejada: chamou cada huma de per si; e examinando o lugar do crime que dizião ter visto, conheceo

que não se ajustavão, e por este modo ficou manifesta a sua falsidade (1). Outras vezes pela perturbação das testemunhas, ou encarecimento de palavras se conhece a sua paixão, e pela paixão se vem a conhecer quão pouco vale a sua authoridade; pois, conforme o que fica dito, onde ha paixão, ha engano, regularmente fallando ou em tudo, ou ao menos em parte: observai pois esta quarta regra, que dão os Críticos: *Não se deve attender sómente ás palavras, mas ao modo, e todas as circumstancias, com que se narra o facto* (Proposição 34.).

Prop. 34. *Eug.* Todas essas regras conservarei na memoria com facilidade, porque se ajustão muito com a razão.

Silv. Os Ministros, que devação dos crimes, tem nestes dictames boas regras para sentenciarem prudentemente.

§. VI.

(1) Daniel. cap. 13.

§. VI.

Do Erro, que nos póde vir pela authoridade dos Historiadores.

Teod. OS dictames, que se tem explicado, tem applicação amplissima, e sempre muito util; por quanto sempre importa muito o conhecer a verdade. Mas a materia, à que com mais geral interesse se devem applicar, he á Historia: aqui vos digo eu, que he precisa indispensavelmente toda a critica; porque estão os livros cheios de infinitas mentiras, e ás vezes tão divulgadas, e tão apadrinhadas, que o entendimento só por milagre deixará de abraçar muitos erros, se não usar de prudente, mas rigorosa critica. Os Historiadores, Eugenio, são como testemunhas que depõem daquelle facto, ou por sciencia propria, ou referindo-se a outros, e delles se deve entender tudo o que eu disse em geral das testemunhas; porém agora ajuntarei as melhores reflexões, que tenho encontrado nos que tratão desta materia, pertencentes aos livros de Historia, para distinguirmos a verdade da mentira.

Eug. Se fallais de Fabulas, e Novélas, não vos canceis, porque de certo tempo a está parte me aborrecem indisivelmente esses livros infames; e julgo tão perdido o tempo que se

emprega nessa lição, como o que se gasta em fallar com bobos.

Teod. Não fallo desses, fallo dos Historiadores serios, porque tambem nelles ha muita mentira: humas que nascem do seu entendimento, deixando-se elles persuadir do erro: outras que nascem da sua vontade, enganando-nos a nós maliciosamente. Em ordem ao credito que devemos dar aos Authores, varias circumstancias nos mandão observar os Criticos; e dão varias leis. Eu às vou explicando: tomai-as bem na memoria. Primeira: *Aos Poetas deve-se muito pouco credito, mais algum aos Oradores, e mais ainda aos simples Historiadores* (Proposição 35.) A razão he, porque nos Poetas a ficção propria da Poesia sempre mistura a verdade com a mentira; e por isso se o facto não nos consta de outra parte, fica muito duvidoso, ao menos nas circumstancias; pois não sabemos se esta, ou aquella circumstancia foi cousa verdadeira, ou méra ficção para ornato da Poesia. Isto faz, como ha pouco disse, diminuir a fé de Homero, celeberrimo Poeta Grego, sobre a guerra de Troia; e não falta quem diga, que tudo foi méra ficção, assim como o foi a guerra das Arrans, que se attribue ao mesmo Homero (1). Quantas mentiras não mistura com a verdade o nosso Camões no seu Poema Epico sobre a viagem do Gama ás Indias? ne-

Prop. 35.

nhum

(1) Genuense na sua Logica l. 4. c. 2. §. 12.

nhum prudente póde ter por certa qualquer das circumstancias que elle ahi narra, pois sabemos que como Poeta havia de fingir muito.

Eug. Pelo menos as apparições de Venus, os conselhos dos Deoses, etc. bem claras mentiras são.

Teod. E bem escusadas erão, especialmente quando elle mistura essas fabulas com as verdades reveladas da nossa Religião, de que o criticão severamente os homens mais doutos. Mas isso não he para agora. Falta dar a razão, por que os Oradores merecem mais fé que os Poetas; mas nunca credito franco e total, especialmente os Panegyristas. Os Oradores pois, se se deixão levar muito da sua fantazia, e enthusiasmo, como tem seu parentesco com os Poetas, tambem fingem, e pintão, e tambem se lhes deve fazer algum abatimento no que contão, porque lá costumão exaggerar as cousas que fazem ao seu intento. Especialmente nos Panegyricos dos homens vivos, e que estão presentes, deve haver grande cautéla; porque ahi he indispensavel a lisonja, que não he outra cousa senão mentira, para lhe darmos o seu proprio nome. Quem ha de prudentemente crer, que he verdade tudo quanto diz Plinio no pasmoso, e preciosissimo elogio de Trajano? Quem não ha de crer, que Cicero realçava com a sua bellissima eloquencia o que dizia de Pompeo? Toda a paixão mente; ou pelo menos dá grande entrada á mentira; e a lisonja, como tambem o odio, são grandes paixões. Não era

cer-

certamente Verres tão máo, como o pinta Cicero; nem Demosthenes tal, como o pintou Eschino seu adversario, quando lhe quiz embaraçar o coroa de ouro, que o Senado lhe pertendia dar; nem finalmente o mesmo Eschino era tão máo, como o fez parecer Demosthenes, defendendo-se extemporaneamente do que o accusava Eschino. Mas com tudo isto sempre merecem os Oradores muito mais credito do que os Poetas, porque não tem tanta liberdade para fingir; e a ficção, que se lhes concede, tem limites mui estreitos. Donde se vê, que com razão se escandalizão os homens de juizo, vendo mentir nos Panegyricos muitos Oradores sagrados, que são Ministros da verdade, e Oraculos do Espirito Santo: e não tem desculpa alguma para a lisonja dos seus Heroes; pois louvão homens mortos, cujas almas certamente nada se agradão de mentiras.

Eug. Sem eu ter feito nisso reflexão tão judiciosa, como vós podeis fazer, só por essa razão ultima me escandalizava de os ouvir: mas vamos adiante.

Teod. A segunda regra he, que *o Historiador, se não he homem de juizo maduro, e prudente, nem cita pessoas intelligentes na materia do facto, merece pouca fé* (Proposição 36.) A razão vem a ser, porque não tendo capacidade digna do emprego que toma, mui facilmente se engana a si, e por conseguinte tambem a nós: se he crédulo, dá por certas as cousas, sem as examinar, e se fia facil-

Prop, 36.

men-

mente sobre qualquer testemunho que ache, ou seja tradicção do vulgo, ou testemunho de authores pouco exactos. Por isso se o Historiador he bem instruido na materia do facto, por ser propria da sua profissão, merece muito mais credito, porque se suppõe nelle mais capacidade para examinar as circumstancias desse facto. Aqui está o ponto principal, examinar bem o que se escreve. Esta he huma das circumstancias que faz muito estimavel a Cronica dos Dominicos, composta pelo grande Fr. Luiz de Sousa, porque foi mui prudente, e bastantemente exacto nos documentos, sobre que se estribou para formar o corpo daquella Historia. Pelo contrario outros muitos Historiadores Ecclesiasticos tem as suas obras cheias de mentiras, porque tudo escrevêrão quanto achárão, e quanto lhe disserão, sem a menor averiguação. Se não fosse materia odiosa, eu vos apontaria alguns, que trazem mentiras intoleraveis. Este defeito he transcedente por todas as nossões, e por todas as materias, e por todas as idades. Que mentiras se não achão no *Aldrovando*, e no *Atanazio Kirker*? que mentiras não refere *Aulo Gelio* nas suas *Noites Aticas*, não obstante serem tiradas de authores Gregos antiquissimos? Que mentiras não encontramos em innumeraveis Itineraios, e Viagens que se tem publicado? Por isso, amigo Eugenio, quando entrardes a ler alguma Historia, convém primeiro, se isto puder ser, examinar o conceito que tem entre os literatos o seu Historiador: e quando delle não

ache-

acheis noticia, por ser mui moderno, ou pouco conhecido, ide fazendo reflexão na mesma Historia, e o vireis a conhecer.

Silv. Nos factos mais importantes devem sempre os Historiadores apontar os documentos, em que se fundão, para que não fique a nossa fé sómente sobre a sua palavra.

Teod. Alguns não estão por essa lei da Historia; dizem que devem examinar bem os documentos, mas não citallos no corpo da Historia, antes sim dalla aos Leitores limpa, e corrente: vamos adiante. A terceira regra he esta: *Os Authores contemporaneos, e domesticos merecem muito mais credito do que os estranhos, ou mui distantes no tempo; e quanto mais distantes forem, menos fé merecem, excepto se allegão testemunhas contemporaneas, ou proximas áquellas idades, e lugares* (Proposição 37.). Esta regra deve-se tomar, assentándo sobre as precedentes, isto he, suppondo n'um, e n'outro author capacidade, e prudencia. Sendo assim, deve preferir-se o contemporaneo, e domestico, porque este corresponde a testemunha de vista. Além disso he mais facil introduzir-se a mentira com o discurso do tempo, e distancia de lugares, porque vai passando o facto de boca em boca, e se accrescentão, diminuem, ou mudão circumstancias, que totalmente corrompem a verdade; e tambem se dá lugar a que maliciosamente se invente, e espalhe pelo vulgo ignorante, e crédulo alguma mentira. Por esta razão os melhores Críticos tem hoje dado por fa-

Prop. 37.

fabulosas innumeraveis historias, que nos seculos precedentes passavão por certas; por quanto examinando os Historiadores, achão que nem elles vírão os factos, por serem antiquissimos, nem allegão testemunhas proximas áquellas idades, que pudessem ou de vista, ou de fresca memoria receber a noticia desses successos. Por este principio (exceptuando a sagrada Escritura) nenhuma fé merecem as Historias que temos das cousas antes do Diluvio); porque as tradicções dos Egypcios, dos Carthaginezes, e dos Rabinos, não tendo monumentos proximos áquellas idades, em que se fundem, são mais fabulas de Poetas, do que historias serias: e fallando dos nossos, quem se não ha de rir, lendo a vida de Adão, a vida de S. José, as antiguidades de Evora, e outros livros que correm entre o vulgo? Quem foi buscar os Cartorios daquelles proximos tempos, em que de nada se fazia memoria, para ler os seus manuscritos, e tirar delles essas noticias? quem foi descubrir medalhas daquelles tempos, ou pinturas, e inscripções nas pedras, que são os monumentos da Historia? Por isso, fóra do que consta da Escritura, tudo o que se diz de Adão he materia de riso: o mesmo á proporção digo de outros assumptos.

Silv. Ainda assim, eu vendo muitos desses livros, escritos por homens doutos, e ás vezes com authoridades de Santos Padres, não me atrevo a dar essas noticias por falsas, especialmente se são livros antigos.

Teod.

Teod. Por mui antigos que sejão os livros, são modernissimos a respeito dos successos de que tratão; e assim a nimia distancia dos tempos lhes dá lugar a que alguma falsa tradição se espalhasse pelos que vivião no tempo dos Escritores. De mais, a authoridade dos Santos Padres não basta, quando estes forão muitos seculos posteriores, e não allegão fundamento bastante: podião ser muito santos, podião ser muito doutos, e de admiravel sabedoria nas letras Sagradas, que era a sua propria profissão, e não terem bastante Crítica. Além de qué, não sendo materia propria do seu ministerio sagrado, fundavão-se na voz do vulgo, ou de algum outro livro que achavão, de cuja authoridade não se punhão a tirar inquirições, e sobre a sua fé dizião o que lhes fazia ao ponto. Hum homem que vai escrevendo, e toca em alguma materia, de que não he Professor, não faz reparo em se valer do que achou em Plinio na sua Historia Natural, ou em Aristoteles na Historia dos animaes, ou em Mr. Colone na sua Historia Natural, ou no Padre Athanazio Kirker, ou em muitos outros: ora sabemos que estes Authores tem muitas mentiras; porém estas não se devem imputar a quem innocentemente se vale delles, usando desta, ou daquella noticia, que lhe serve para a sua reflexão judiciosa. Pelo que nada perde da devida estimação hum Author, ainda que seja hum Santo Padre, se se vale da tradição popular, ou noticia fabulosa, que elle tinha por verdadeira, usando della para il-

lus-

lustrar o que vai escrevendo. Por tanto a sua virtude, nem a sua litteratura por si sós não podem dar valor aos factos, ou nimiamente distantes, ou muito antigos. Eu achava galanteria a certo Cavalheiro Portuguez, que tinha ido por Embaixador á Persia: este quando alguem lhe contava noticia que elle tinha por fabulosa, despicava-se deste modo: *Olhe V. m. que lhe hei de contar historias da Persia*: como ameaçando-o de lhe dar noticia de Paizes tão remotos, que elle não pudesse conhecer a sua falsidade.

Eug. Não ha cousa mais facil do que mentir no que succedeo ha muitos annos, ou se attribue a regiões mui remotas, e quasi incognitas.

Teod. Ahi tendes a razão, por que he cousa temeraria o dar credito a essas noticias, quando não se allegão testemunhas proximas áquelles tempos, e lugares. Por isso os bons Historiadores da Antinguidade só se fundão nas Medalhas antiquissimas, talvez já mui consumidas do tempo; ou tambem em pinturas daquellas idades, em inscripções das lapides sepulchraes, ou das pyramides antigas: e daqui nasce a estimação que fazem os litteratos destas peças, que o vulgo despreza pelas ver feias, e velhas, e carcomidas dos annos. Mas nisto mesmo ás vezes se conhece o seu grande valor pela antiguidade que inculcão, e por ella são de grande authoridade para testificar factos mui antigos, que de outro modo ficarião ou incognitos, ou incertos. Vamos ás outras Regras que faltão.

Escritor, que costuma ser mentiroso, não merece credito: o que for apaixonado a favor do que conta, ou cuidar nimiamente em ornar o seu estilo, merece que se dê algum desconto ao que refere (Proposição 38.).

Prop. 38.

Por força desta regra nenhum credito se deve dar a Mafoma, quando conta os seus milagres, nem a outros Authores que aqui não nomeio, para não excitar inimigos.

Eug. E donde nos póde constar a nós que este, ou aquelle Author he mentiroso?

Teod. Póde constar da sua vida notoriamente perversa, como ás vezes acontece; e tambem dos mesmos factos que conta, por serem inverosimeis, ou trazerem circumstancias repugnantes.

Eug. Dos Authores mentirosos já sei que pouco caso devo fazer; mas vós tambem mandais ter cautéla com os apaixonados.

Teod. Sim, porque os Authores apaixonados naquelles pontos que lisonjeão a sua paixão, não merecem que lhes demos credito inteiramente, porque a paixão céga, e a cegueira faz errar. Quem ha de crer os Castelhanos, quando fallão contra os Portuguezes? quem ha de crer os Inglezes, fallando contra os Francezes? ou a estes, quando fallarem contra aquelles? quem ha de crer os Hereges no que dizem contra os Catholicos Romanos? quem ha de crer os Authores de huma Escóla, escrevendo dos da contraria? Eu fallo-vos com grande experiencia. Quasi todos augmentão ou pouco, ou muito. Já antigamente os Latinos

fa-

faziáo zombaria dos Gregos, pela summa soberba, e paixáo, com que se antepunháo ás demais Naçóes do Mundo, e por esta razáo náo lhes daváo credito no que diziáo em seu louvor, e desprezo dos outros.

Silv. A'cerca disso vos contarei hum caso galante, que me aconteceo Domingo passado, indo eu jantar com o nosso amigo o Commendador. Acertou elle a pegar n'um livro de Historia, e deo com huma noticia, que nos fez rir a todos quantos alli estavamos. Dizia o Author, (e era dos vossos Francezes) que o Cardeal de Richilieu, para diminuir a força da Hespanha, tinha dado o Reino de Portugal ao Duque de Bragança, que depois se chamou D. Joáo o IV. Quando isto ouvimos, náo pudémos conter o riso; e nos admirámos de que, sabendo até as crianças da rua a historia da nossa Restauraçáo, este Author a ignorasse: e com tudo náo era Castelhano, nem escrevia contra os Inglezes, para dizermos que a paixáo o cegou.

Teod. Bem sei que Author he esse: he o Abbade *Langlet du Fresnoi*, o maior homem de Historia que conhecemos; pelo menos o que mais que todos se cançou em methodo para a saber. Mas cegou-o a sua paixáo: náo digo paixáo de raiva, mas paixáo de amor nimio da gloria da sua Naçáo: quiz dar ao seu Richilieu a gloria (que náo seria pequena) de dar hum Reino a quem quizesse. Amigo, Silvio, os meus Francezes, como vós lhe chamais, tambem sáo homens como os outros, e es-

estão sujeitos aos mesmos achaques: lá tem as suas paixões, e tambem encarecem muito as suas cousas.

Silv. Ora graças a Deos, que já vos ouvi fallar sem paixão; agora vos dou credito.

Teod. Porém o amor da verdade me obriga a dizer, que de ordinario não encarecem tanto como os Hespanhoes.

Eug. E que tendes vós, Teodosio, contra os que escrevem Historias com estilo nimiamente ornado? pois me parece que tambem fallastes nelles na Regra que me déstes para me acautellar?

Teod. Digo, que o nimio cuidado, que o Historiador tem em ornar o estilo da sua Historia, lá o faz de algum modo suspeitoso, não na substancia, mas nas circumstancias. Fostes vós já, Eugenio, a S. Domingos de Bemfica?

Eug. Fui, e muitas vezes, porque tenho lá hum amigo intimo.

Teod. Ora á manhã pela manhã vos mostrarei no grande Fr. Luiz de Sousa a descripção desse Convento, e vereis huma cousa lindissima, de sorte que vai encantando a quem a lê. Quem se deixar levar dessa descripção, formará huma admiravel idéa da sua fabrica, como a mim me aconteceo, que ainda a não tinha visto; porém tão grande foi o appetite que concebí de lá ir, quanta a minha desconsolação, quando lá fui. Elle não falta em cousa nenhuma á verdade; porém de tal sorte a orna, e enfeita, que verdadeiramente engana, formando todos idéa muito diversa da realidade.

de. Huma fonte que tem hum satiro, de tal modo se descreve, que o pensamento concebe idéa de cousa extraordinariamente bella, e desta descripção nasce grande desejo de se ir ver; porém topa tudo isto n'uma figurinha de barro, com feitio de Satiro, n'um ridiculo nicho de pedra, assás tosca, e immunda dos limos, e da agua que sahe do tal satiro. Quando a lerdes, haveis de rir, recreando-vos com tudo de ver a força da elegancia daquelle excellente Historiador, que sem mentir, assim sabe ornar, e engrandecer. O mesmo digo do nosso Jacinto Freire na vida de D. João de Castro: e o mesmo se póde dizer de quasi todos os Panegyricos bons; nos quaes quem quizer acertar em cheio com o alvo da verdade, deve abaixar algum tanto a pontaria, porque a polvora levanta muito, especialmente nos grandes engenhos.

Eug. Agora já vejo a razão, por que os Historiadores, que ornão muito o seu estilo, merecem menos alguma fé no que toca ás circumstancias do facto.

Teod. Por conclusão desta materia vos havia de dar algumas outras regras, que commummente se achão nos que tratão esta Arte da Crítica; porém não quero que a sua multiplicidade vos faça confusão, e em huma só resumirei o que acho em diversas.

Para darmos credito a qualquer Historia, devemos de huma parte pezar a qualidade do facto, e sua difficuldade, e da outra pezar o numero das testemunhas, e qualidade del-

dellas; attendendo á sua prudencia, ao tempo, e distancia do lugar em que escrevêrão, ao modo de narrar, e paixão do animo, que inculcão, e á conformidade de todas as circumstancias; e testemunhos entre si; e para onde pezar a balança indifferente, para ahi deixemos ir o nosso juizo. (Proposição 39.)

Prop. 39.

Eug. Nessa regra incluis todas as quatro que me déstes ácerca das testemunhas; e as quatro que me dais ácerca dos Historiadores. Fica na minha memoria, e usarei della.

Teod. Hoje os Modernos usão bastantemente da Crítica; e fazendo justiça aos Historiadores mais antigos, nos poupão bastante trabalho, mostrando-nos claramente aos olhos ou a prudente diligencia delles em examinar os factos da Historia, ou a leveza com que affirmão sem fundamento as cousas, fundando-se unicamente no rumor confuso do povo.

§. VII.

Dos Erros que nascem da corrupção, ou má intelligencia dos livros.

Silv. COm effeito no tempo de hoje bem apurada está a Crítica; e não sei se diga que demasiadamente refinada.

Teod. O excesso nesta materia nunca póde ser mui prejudicial; a falta de Crítica sim. Mas ainda temos que obviar, meu Eugenio, outro perigo, e origem de grandes erros, e vem a ser a corrupção dos livros, e a sua má intel-

telligencia. Que importa que hum Historiador tenha todas as boas qualidades, que o fazem digno de fé, se o seu livro ou está corrupto, ou eu não entendo bem o que elle diz?

Silv. Nisso tendes muita razão; porque he cousa assás commum lerem muitos o mesmo texto do Historiador, ou qualquer outro livro, e ficarem com mui diversas opiniões, dando-lhe cada qual a sua intelligencia.

Teod. Primeiramente no que toca á corrupção, póde ella ter muitos principios; e disto trata excellentemente a Arte Crítica de *João Clerico* (1): aquelles livrinhos que hoje me vistes sobre o bufete, onde li esta materia para refrescar a memoria. E fallando dos livros antigos, maravilha grande seria que ás nossas mãos chegasse algum, que não esteja corrupto em muitas partes. Como só pelos annos de 1447. (se me não engano) teve os primeiros principios à Arte de imprimir, todos os livros que até esse tempo se publicárão, erão manuscritos; e nesse trabalho principalmente se occupavão os Monges daquelles tempos, homens que não podião ser peritos em todas as materias que tresladavão: daqui nascia, que havião de escrever muitos erros por falta de intelligencia, além daquelles em que ainda os mais intelligentes cahem por descuido. Os que dão papeis a copiar, sabem por propria experiencia quão desfigurados ficão quando cahem

(1) Arte Crítica P. 3. ses. 1. O mesmo se acha no P. Lamy da Congreg. do Orat. de França no Apparato da Biblia l. 2., e no *Dupin*.

nas mãos de copiador, que não he intelligente da materia.

Eug. Eu tenho padecido infinito com a copia de varios papeis curiosos, de que queria fazer huma collecção: todos me vem errados; e alguns absolutamente indignos de se conservarem.

Teod. Acresce, que serem as letras antigas, os pergaminhos velhos, e ás vezes rasgados, e carcomidos, como tambem ser a lingua differente da que tinhão os copiadores, tudo são circumstancias, que indispensavelmente farião errar: e de mais a pressa nos escreventes, a ignorancia ou inadvertencia nos que dictavão, a sua pronunciação pouco clara e distincta, era outra fonte de muitos erros. Além disso muitas vezes acontecia, que os copiadores vendo á margem dos livros algumas cotas, que cada qual fazia nos livros do seu uso, imaginavão que tinhão sido esquecimento, e emenda de quem escrevêra esses livros, e temerariamente mettião no corpo do livro o que achavão á margem. Outras vezes se punha huma palavra em lugar de outra, porque se julgava synonima, quando na realidade o não era; e tinha diversa força e energia: outras vezes huma palavra, que estava em abbreviatura, se não entendia bem, e se transcrevia sem que lhe dessem o seu valor, e já isto fazia mudar de sentido a oração. Tambem se encontrão ás vezes caracteres por antigos mui differentes dos que se usão; e quem treslada os confunde e troca; o que tambem acontece a quem copia Inscripções de sepulturas, e pyramides;

por-

porque os pedreiros ignorantes, e grosseiros de tal modo as abrírão, que causão grande confusão a quem as lê: e de tudo isto se originão muitos erros; de sorte que quem confere muitas copias do mesmo livro antigo, nunca achará que perfeitamente huma concorde com outra.

Silv. Eu sou tentado com ler todas as Inscripções que encontro, ou nas sepulturas, ou pyramides, ou fontes; e ás vezes nem para traz, nem para diante posso formar conceito das palavras, estando ainda bastantemente vivas as letras.

Teod. Nos livros antiquissimos se achão as palavras escritas sem pontos, e virgulas, e ainda sem separações dos vocabulos; o que dá grande difficuldade á leitura. E isto se acha não só nos Gregos, e Hebraicos antes do tempo dos Masoretas, mas nos Latinos tambem.

Silv. Nestes tenho eu encontrado muitas inscripções antigas bem pelo contrario, sempre separadas as palavras com pontos, como nós agora fazemos no fim de cada oração.

Teod. Assim fazião os antigos, e usavão sempre de caracteres grandes: depois mudárão para os dos Longobardos, mais semelhantes aos de hoje; e esta mudança se acha tambem nos livros Gregos, e nos Hebraicos, como largamente trata o Padre *Mabilhon* (1).

Eug. Não vos canceis tanto em me fazer cathalago dos muitos principios, donde podem nascer erros nos livros manuscritos, porque eu dis-

M ii

(1) De Re Diplomatica l. 5.

discorrendo pelo que vejo hoje nos papeis que leio manuscritos, infiro a confusão que trará comsigo a antiguidade.

Teod. Acrescentai agora outra causa de erros maiores, que nascêrão da temeridade dos Críticos. Muitos, que se mettêrão a emendar os erros, que trazião os livros, e as orações que achavão sem sentido, puzerão o que melhor lhes pareceo; e seria muitas vezes cousa bem diversa do que seus authores quizerão dizer, e disserão com effeito. A's vezes seria melhor que deixassem ficar o claro em branco, ou esse erro, ainda que fosse despropositado, do que emendarem-no mal: porque quem fosse lendo, se encontrasse algum erro grande, ou algum branco no meio da escrita, logo conhecia que alli havia engano, ou falta, e ficava sem saber o que o Author disse, mas não ficava enganado; e estando o livro mal emendado, quem lê vai na boa fé, e cuida que o Author disse o que certamente não disse: e quem duvída que o engano he peior que a ignorancia? Já se ouve paixão, ou interesse em depravar de industria o texto, como era facillimo haver, quem ha de depois dar no erro?

Eug. Mas nós hoje estamos livres dessas confusões, porque todos os livros de que usamos são impressos.

Teod. Assim he; mas se fallamos dos livros compostos antes de se introduzir esta Arte de imprimir, que são innumeraveis, todos forão impressos sobre a fé dos que lhes servírão de originaes; e todos os erros que essa cópia ti-

vesse, se transfundírão para a impressão. Este he o trabalho que hoje tem os bons Críticos, conferindo as impressões com os manuscritos mais antigos, que se conservão nas melhores livrarias, para deste modo corrigirem innumeraveis erros. Os Padres da Congregação de S. Mauro tem trabalhado muito nesta materia, e tem feito hum grande serviço á Igreja, reformando as impressões de muitos Santos Padres. Por estas razões, Silvio, nenhum homem prudente hoje se atreve a affirmar de certo o verdadeiro sentir de Aristoteles, porque as suas obras tiverão taes contratempos desde que elle as escreveo até que se traduzírão, e imprimírão, que, se o mesmo Aristoteles hoje resuscitasse, e lesse os seus livros, se não entenderia com elles.

Silv. Que he bem lamentavel desgraça.

Teod. Parece-me bem essa constancia: mas indo ao nosso ponto, nos livros mais modernos menos erros ha, porque os impressores se servírão dos originaes do proprio Author, que são mais correctos. Mas que erros não trazem as impressões ainda as melhores? Isto posto, Eugenio, tomai este dictame geral: *Não devemos crer logo francamente que tudo quanto vemos impresso com o nome de hum Author, foi dito por elle: convém certificar-nos que houve nisso prudente exame* (Proposição 40.). Para verdes quanto importa observar bem este dictame, quero, além do que está dito, allegar-vos alguns exemplos, que vos hão de fazer mais prudente, e acautellado. Primeiramen-

Prop. 40.

te

te no que toca aos Authores Gentios : como sendo alguns delles de grande nome , erão os seus livros mui procurados, e pagos por bom dinheiro, falsamente se publicavão em seu nome muitas obras de engenhos alheios, e assim corrêrão muitos seculos. Nos Escritores Ecclesiasticos tem acontecido andarem largo tempo misturados entre os livros verdadeiros, muitos apocrifos. S. Jeronymo a cada passo está fazendo menção delles , alguns publicados em nome de S. Pedro , outros em nome de S. Clemente seu discipulo, ou de S. Barnabé, e de outros. Não faltou quem se atrevesse a publicar hum Evangelho em nome de S. Thomé; e algumas Cartas com o titúlo de S. Paulo. Ao mesmo S. Jeronymo fizerão tambem esta injúria, imputando-lhe escritos estranhos; e tambem a fizerão a S. Gregorio , a Santo Athanasio, a Origenes, e a outros muitos.

Eug. Bem aviados estamos ; e quem se ha de fiar dos livos ? se até debaixo de nomes tão sagrados se mente tão sacrilegamente.

Teod. Eu vos darei as regras , pelas quaes os melhores Críticos tem descuberto essas falsidades.

Silv. Essas quero eu ouvir com attenção, porque importão muito.

Teod. A primeira he esta : *Se conferido qualquer livro com os antigos exemplares, os achamos discordes , devemos estar pelos antigos* (Proposição 41.). A razão he , porque mais fé se deve áquelle exemplar que he mais chegado ao tempo do Escritor ; pois só na suppo-

Prop. 41.

si-

sição de que aquella obra he feita por elle, lhe damos tanta fé, como ás suas palavras; e bem se vê que quanto mais antigo he algum exemplar, e mais chegado ao tempo do Escritor, mais facil he conservar-se pura a sua doutrina, e mais isenta de corrupção. Isto se entende não havendo especial razão de desprezar esse exemplar por alguma circumstancia, como póde acontecer: fallamos de regra ordinaria.

Silv. Isso he bem conforme á razão.

Teod. Segunda regra: *Se o que dizem os antigos de qualquer obra, concorda com o que nella vemos, deve julgar-se por genuina, e sã; se não concorda, deve julgar-se por suspeitosa, ou em todo, ou em parte* (Proposição 42.). Prop. 42.

Silv. Essa regra tem a mesma razão que a passada, e della se tira; porque he crivel que mais conhecimento tivessem da obra os antigos, e que forão mais chegados ao tempo do Escritor, do que nós que vivemos tão distantes desses tempos.

Teod. Terceira regra: *Obra, de que nenhuma menção achamos no seculo do seu Author, nem nos seculos imediatos, deve ter-se por suspeitosa, senão houver razão forte em contrario* (Proposição 43.). A razão he, porque não he crivel que ficasse essa obra (sendo desse Author) tão escondida, que ninguem nesse seculo, ou nos proximos tivesse noticia della; e tambem não he mui crivel, que tendo della noticia, não fallassem por algum incidente nes- Prop. 43.

sa

sa obra. Com tudo, como este argumento he dos que chamão *negativos*, não tem tanta força, que não possa haver nelle engano; e com effeito todos dão por genuinas as obras de *Phedro*, e *Quinto Curcio*, não obstante serem authores, de quem nenhuma memoria encontramos nos seculos proximos ao tempo em que escrevêrão; porém nelles se acha huma tal pureza de latinidade, e tal elegancia, que nenhum prudente duvída que elles escrevêrão naquella idade; e nem *Phedro* (como justamente ajuiza o Vernei com outros Críticos) podia ser posterior a Tiberio, nem *Quinto Curcio* a Vespasiano. Por isso nesta regra puzemos aquella excepção que dissemos.

Silv. E justamente.

Teod. Vai a quarta regra: *Aquelles livros, ou lugares delles, de que os Antigos duvidárão, ou que negárão, só com gravissimas razões se podem admittir* (Proposição 44.). A razão he bem clara, porque, regularmente fallando, melhor noticia havião de ter os antigos, do que nós, daquelles livros, que já no seu tempo estavão escritos. Com tudo póde acontecer, que pelos tempos adiante se descubrisse algum outro author até então escondido, como v. g. o Phedro, ou Quinto Curcio, e do seu testemunho, ou de alguma Inscripção novamente desenterrada, como a cada passo está succedendo, se deduzisse fundamento para se dar por legitimo esse lugar, ou livro, do qual os antigos duvidárão.

Prop. 44.

Silv. Mas a não haver essa razão, devemos

pru-

prudentemente encostar-nos aos antigos.

Teod. A quinta regra que dáo he esta : *Se no livro se achão Sentenças entre si oppostas, deve suspeitar-se que está corrupto : excepto se for cousa de mui pouca importancia, ou se o Author fallar só como quem se encosta á opinião dos outros, ou mostrar que se retrata* (Proposição 45.). A razão he, porque não he crivel que hum homem de juizo diga cousas encontradas, só se for cousa tão leve, e de pouco momento, que se supponha que o Author se esqueceo, e não reparou no que tinha dito. Tambem póde acontecer, que lembrando-se bem do que dissera, e considerando melhor no ponto, mudasse de sentença. Santo Agostinho fez isto muitas vezes, e o fazem todos os que amão a sinceridade. Outros nunca fallão segundo a propria opinião, mas sómente segundo a opinião commum, e ás vezes só por modo de disputa, e não como quem declara o seu sentir; e assim faz muitas vezes Cicero, e Quintilliano.

Prop. 45.

Silv. Tambem no Hippocrates se encontra alguma contrariedade; e dizem os seus Commentadores, que he por esse motivo que allegais.

Teod. A sexta regra he esta : *Livro, em que se faz menção de successos, ou de pessoas, ou de controversias posteriores ao Escritor; como tambem se usa de palavras, e estilo, que no seu tempo não havia, bem se vê que he apocrifo de todo, ou em parte* (Proposição 46.). Porque não havia o Author de fallar do que no seu tempo não havia, nem como

Prop. 46.

mo no seu tempo ainda se não fallava. Esta regra tem muita utilidade, e por ella se conhece serem apocrifos, ou corruptos muitos livros. Por esta razão negão os melhores Criticos que seja' de Santo Athanasio o Symbolo que se lhe attribue, pois vemos que nelle se faz menção de muitas Herezias que nascêrão muito depois; como são a de Nestorio, e Eutiches, posteriores ao Santo. Mas isto he de profissão alheia.

Silv. Deixemos isso aos Theologos.

Teod. Elles são os que mais necessidade tem destas regras, porque nas materias Ecclesiasticas he muito mais nociva a ficção, e mistura de sentenças, obras falsas, e espurias, com os legitimos partos dos Authores illustrados pelo Espirito Santo. Noutras materias não he tão nociva. A setima regra he esta: *Se o livro está cheio de desacertos, mentiras, e cousas indignas, não póde ser de homem douto, e serio; ainda que traga o seu nome: ao menos está mui viciado, e corrupto* (Proposição 47.) Por força desta regra, cuja razão he notoria, está assentado que muitos livros não são daquelles Escritores, com cujo nome se honravão. Em nome de Santo Agostinho andavão (entre muitas obras que elle nunca fez, nem podia fazer) huns Sermões aos Monges do hermo, e se nega hoje que sejão do Santo; porque nelles dizia cousas indignas, e mentirosas, como, por exemplo, que sendo Bispo de Hiponia, fora á Etiopia, e lá víra com seus olhos Centauros, e homens de hum só olho, e outras pataratas, de que todos hoje zombão:

Prop. 47.

báo : noutros tambem usa o Author, quem quer que he, de hum tão ridiculo jogo de palavras, que bem se vê que não podia ser de hum Prelado sério, santo, e douto, como Santo Agostinho era.

Silv. Que nem os Santos desse caracter estejão livres de falsos testemunhos, he grande miseria!

Teod. A regra oitava he esta : *Se o estilo he totalmente diverso do daquelle seculo, ou do que tem o Escritor n'outras obras certamente suas, deve-se ter por suspeita a obra : como tambem se o estilo he totalmente semelhante ao de outro Author, deve-se attribuir a elle, a não haver razão forte em contrario* (Proposição 48.). A razão he, porque cada Escritor tem o seu proprio estilo, que he como o caracter do seu animo : e assim como pelas feições do rosto conhecemos as pessoas, assim pelo caracter do estilo se conhecem os Escritores. Advirto porém, que deve haver sua prudencia no uso desta regra; porque assim como com a idade mudamos muito nas feições do semblante, assim mudamos tambem no estilo de dizer, especialmente se as obras são feitas em diversos tempos: e ainda que de ordinario o espirito dominante do estilo sempre se dá a conhecer em cada Author, com tudo he certo que com a idade, estudo, e gosto, se muda ás vezes de tal fórma o estilo, que nós mesmos estranhamos as obras que fizemos em idade mais fogosa, e menos madura. Tambem ás vezes acontece que hum imitta tanto

Prop. 48.

o estilo de outro, que com elle se confunde; e temos disto exemplo, e comparação: exemplo em hum discipulo de S. Bernardo, chamado Nicoláo, que totalmente lhe bebeo o estilo: comparação, por que tambem se encontrão irmãos gemios, e tão parecidos, que todos os estranhos os trocão, e confundem. Esta advertencia he de hum homem de grande authoridade na republica das letras, como he o Padre *Mabilhon* (1).

Silv. Concordo nisso: mas assim como he cousa mui rara encontrar nos semblantes essa quasi total semelhança, assim tambem he mui difficil encontralla nos estilos.

Teod. Resumindo agora, Eugenio, o que tenho dito ácerca dos livros genuinos, vos darei dous sinaes certos para os conhecer, cada qual delles bastantemente persuade que o livro he genuino; mas achando-se ambos juntos, fazem hum argumento certissimo. O primeiro sinal, ou (como lhe chamão) *Nota* dos livros genuinos, he este: *Se houver Manuscritos dignos de estimação, ou proximos á idade do Escritor, que tragão o seu nome: se o estilo, maximas, e opiniões são as mesmas que o Author mostra em outras obras suas: se os Escritores proximos áquella idade attribuem essa obra ao mesmo Author, e nada nella se encontra, que seja contrario á Historia daquella idade, ou seja indigna do Author, seguramente se lhe póde attribuir o li-*

(1) *De Studiis Monasticis*, p. 2. cap. 13.

livro, sem escrupulo (Proposição 4ª.). Esta regra he do Grande *Mabilhon*. (1). E já está assás explicada no que fica dito dos sinaes dos livros apocrifos, e corruptos.

Prop. 49.

O segundo sinal, ou Nota he este: *Se huma Tradicção perpétua, desde os tempos proximos ao Escritor, concorda com o livro, deve-se ter por genuino* (Proposição 50.) Esta regra he de Santo Agostinho, que a estabelece fortemente, argumentando contra Fausto, terrivel herege Manicheo. Tomai de memória a força, e fórma do seu argumento, porque lhe achei especial energia, e viveza, como pr pria deste grande Doutor; e com pouca differença diz assim (2): „ Eu não sei que vos „ hei de fazer, (diz o Santo ao Manicheo) „ quando vejo que a maldade de tal modo vos „ tem feito surdos ás authoridades da Sagrada „ Escritura, que tudo quanto dellas allego „ contra vós, achais que não forão palavras „ proferidas pelo Apostolo, mas fingidas por „ algum falsario em seu nome. Tão manifes- „ tamente contraria he á doutrina Christá a „ que vós ensinais, que não podeis defender „ esta como Christá, sem dizer que são fal- „ sas as Escrituras dos Apostolos. Ah, e co- „ mo sois infelices inimigos da vossa propria „ alma! Que papeis terão já mais algum pe- „ zo, e authoridade, se a não tem as Escri- „ turas Evangelicas, e dos Apostolos? Qual „ ha

Prop. 50.

(1) *No mesmo cap.* 13.
(2) Lib. 33. contra Fausto cap.. 6.

„ ha de ser o livro, de cujo Author estejamos certos, se duvidamos das Escrituras que „ a Igreja diz, e affirma que são dos Apostolos, e forão por elles propagadas, e por „ toda a parte do mundo tão altamente declaradas? E quereis que tenhamos como doutrina certamente dos Apostolos o que vós „ dizeis, citando authores, que existírão tantos tempos depois dos Apostolos!

„ Temos as obras profanas, de cujos Authores ninguem duvida, não obstante que „ alguns escritos lhas quizerão tirar, attribuindo-as a diversos engenhos; mas forão repudiados, ou porque os livros da questão não „ concordárão com outras obras, que certamente erão desses Authores; ou porque naquelle tempo, em que elles escrevêrão, não „ pódião publicar-se, e de então communicar-se „ até á posteridade. E para não irmos mais longe „ quantos livros se tem publicado em nome de „ Hipocrates, os quaes os Medicos nunca recebêrão como genuinos, sem que lhes valesse algum arremedo nas palavras, e noutras cousas; „ porque combinados com outras obras certamente de Hippocrates, não concordavão com „ ellas; e porque quando se publicárão, todos „ os mais escritos deste Author ninguem fez „ menção destes: ora se nos perguntasse alguem donde nos constava a nós que erão verdadeiramente de Hippocrates estoutros livros, „ por comparação dos que reprovamos como „ falsos; se alguem tal pergunta fizesse, ninguem lhe daria outra resposta se não rir;

„ por

„ por quanto havendo desde o tempo de Hip-
„ pocrates até o nosso tempo huma continua-
„ da, e successiva tradicção que o diz, duvidar
„ disso seria loucura. De Platão, de Aristo-
„ teles, de Cicero, de Virgilio, e de outros
„ Authores semelhantes, por onde consta aos
„ homens que compuzerão os livros que se lhes
„ attribuem, senão por huma continuada con-
„ testação em todos os tempos? Assim tam-
„ bem succede nos escritos Ecclesiasticos. Don-
„ de nos consta o Author verdadeiro deste,
„ ou daquelle Escrito, senão porque nesses
„ mesmos tempos em que o seu Author os es-
„ creveo, os communicou aos outros Chris-
„ tãos, e publicou, e desses homens a ou-
„ tros, e a outros por huma continuada noti-
„ cia se forão communicando; e crescendo
„ sempre com o tempo a sua firmeza, até
„ ultimamente chegar aos nossos tempos, de
„ sorte que se nos perguntarem o author des-
„ ses escritos, não temos a minima demora,
„ nem dúvida em dar resposta. Mas para que
„ vou buscar cousas tão antigas? Eis-aqui es-
„ tas mesmas cartas, que temos agora nas
„ mãos, se daqui a alguns tempos alguem ne-
„ gar que aquellas são de Fausto, e que es-
„ tas são minhas, com que o havemos de
„ convencer? se não com se ter communica-
„ do essa noticia desde estes que hoje sabem
„ disto, até esses que viviráõ nos tempos fu-
„ turos, por huma successão continuada.

„ Ora sendo isto assim, quem ha de ser
„ tão furiosamente cégo, (só se por malicia

„ se

„ se tiver deixado perverter pelos demonios
„ mentirosos, e enganadores) quem ha de ser
„ táo furiosamente cégo, que sendo a Igreja
„ dos Apostolos táo fiel, táo numerosa, e táo
„ grande a concordia dos Irmáos, negue que
„ Ella tenha fielmente guardado os seus Es-
„ critos, e communicado aos successores? ao
„ mesmo tempo que certissimamente sabe-
„ mos, que se conserváráo até ao presente as
„ suas Cadeiras Episcopaes; e que a quaes-
„ quer escritos, ou fóra da Igreja, ou dentro
„ della com facilidade isto acontece? „ Até
aqui he o argumento de Santo Agostinho, que
no original tem mais viveza, e força, do que
na minha traducçáo.

Silv. Na traducçáo sempre se perde alguma
força, e energia do original.

Teod. Mas indo ao nosso ponto, bem vedes
que o Santo dá por prova inegavel da verda-
de dos Escritos Evangelicos, e Apostolicos a
Tradicçáo continuada, e successiva desde aquel-
les primeiros tempos até os nossos.

Silv. Só tenho contra isso huma cousa, que me
faz alguma dúvida; e vem a ser, que esses
mesmos escritos que os Modernos Criticos dáo
hoje por apocrifos, parece que gozaváo dessa
posse fundada na mesma Tradicçáo continua-
da; e com tudo vemos agora que náo eráo
legitimos escritos dos Authores a quem ante-
cedentemente os attribuia a continuada Tra-
dicçáo.

Teod. Enganai-vos, amigo, porque esses escri-
tos apocrifos conhecem-se que o sáo, porque a
voz

voz commum que os attribuia a este, ou aquelle Escritor, não nascia daquelles primeiros tempos proximos a seus Authores; por quanto se nascesse desde esses tempos, não os darião os Críticos por apocrifos, e falsos. Forão os Críticos cavando bem, e examinando a Tradição até á raiz, e achárão-na falsa, e viciada, e derão toda a Tradicção por nulla. Eis-aqui para que he o trabalho immenso de ir desenterrar eddições antiquissimas, perganinhos velhos, letras Gothicas, e mui antigas; conferir exemplares dos mais antigos Cartorios da Igreja, para examinar não a rama, mas as ultimas raizes da Tradicção. O Grande Pedro Daniel Huerio na sua Demonstração Evangelica estabelece varios Axiomas, e no primeiro accrescenta a esta Authoridade de Santo Agostinho huma paridade que faz força. Diz elle: *Se isto não basta para dar por legitimos os Sagrados Escritos, digão os que isto negão, com que provão que lhes pertencem os bens hereditarios de suas casas? por certo que nem os titulos que conservão em suas casas, nem as Escrituras públicas dos Cartorios devem fazer mais fé que a Historia; antes menos porque os guardas destes titulos, e Escrituras são poucos homens, e ás vezes pessoas de pouca consideração; e os guardas, que conservão os titulos, e Escrituras da Historia, he o Mundo inteiro.*

Eug. Tendes razão: esse argumento he fortissimo.

Teod. Ora supposto isto, já tendes luz bastan-

te para de algum modo vos acautellar de innumeraveis erros, em que a maior parte dos homens tem cahido, originados da corrupção dos livros: falta ainda fechar outra grande porta, por onde costumão tambem entrar no nosso entendimento innumeraveis erros. Vamos a fechalla, se a conferencia vos não enfada, por ser longa.

Silv. Até eu estou com appetite de tratar esta materia, porque a acho importantissima; quanto mais, Eugenio, para quem nunca são as conferencias largas.

Eug. Por certo que fallastes a pura verdade.

§. VIII.

Dos erros, que nascem da má intelligencia dos livros.

Teod. SEndo assim, vou continuando. Que importa, meu Eugenio, que os livros estejão correctos, e que sejão verdadeiramente dos Escritores, a quem se attribuem, se nós não os entendermos bem, nem conhecemos todo o seu sentido? Eis-aqui pois a grande porta, que eu dizia, de muitos erros; e para isso dá a Crítica suas leis, e ha huma especial Arte, que chamão *Hermeneutica*.

Silv. A's vezes sobre lugares bem claros ao que parece, ha infinitas dúvidas; e das mesmas palavras tira cada hum sentidos bem oppostos.

Teod. Varias regras dão os Críticos, que eu de-

pas-

passagem aponto, porque por ora Eugenio se contenta com huma noticia mais ligeira, e breve. Agora dar-vos-hei luz que vos allumee, mas que não vos cegue, nem opprima; porque sendo a primeira luz nesta materia, não deve ser forte. Quando vos for preciso podereis estudar mais a fundo qualquer destas materias, que aqui se tocão de passagem.

Eug. Ensinai-me como julgardes mais a proposito.

Teod. A primeira regra he: *Quem quizer entender bem qualquer Escritor, deve lello na lingua em que elle escreveo, e entendella bem* (Proposição 51.).

Prop. 51.

Silv. Pois não basta ler as Traducções, sendo boas?

Teod. E tão facil he achar huma Traducção boa, e perfeita? Neste particular não digo o que sinto, por vos não escandalizar os ouvidos: se vós vos puzesseis a traduzir algum livro, conhecerieis praticamente a summa difficuldade, que ha n'uma perfeita traducção. Nem sempre ha palavras, que perfeitamente correspondão a outras palavras; além disso os Idiotismos, e modos de fallar de cada lingua, são diversissimos; as Frazes, a Energia, os Adagios, os Emphazes são intraduziveis perfeitamente. Eis-aqui donde nasce grande parte da difficuldade, que ha em entender a Sagrada Escritura, quando não sabemos o Grego, e o Hebraico; e por isso nas boas Traducções que temos, encontramos lugares, que nos ficão escurissimos, a que não sabemos dar senti-

tido, que nos satisfaça, e em todas as mais obras he o mesmo. Fugi de Traducções quanto puderdes, porque he difficillimo achar fielmente o mesmo pensamento do Author com a mesma graça, com que elle o expressou. Eu tenho visto traducções indignas, e que fazem summa injuria aos Authores, e tambem aos traductores. Nos livros de Mathematica, Filosofia, e outras sciencias mais facil he; nas obras de Oratoria, e Poesia, onde não está o ponto sómente no que se diz, mas no modo com que se diz, he muito mais difficil; e a fazer-se perfeita, tem na minha opinião muito mais merecimento do que o do proprio Author.

Eug. A's vezes ainda os que somos da mesma nação ignoramos a verdadeira intelligencia de algumas frazes de outra Provincia diversa daquella em que nos criámos; e para isso basta fazer qualquer pequena digressão fóra da Provincia, para se acharem termos novos, que não entendemos, se os não explicão.

Teod. Dizeis bem: ora ide lá entender perfeitamente hum livro d'um Author não só d'uma Provincia diversa, mas de Reino, e lingua estranha, fiando-vos em traducções feitas, Deos sabe como. Por isso he tão difficil a perfeita intelligencia dos livros Sagrados, porque forão escritos em Hebraico, e Grego.

Silv. Mas que remedio havemos nós de dar a isso, se não soubermos essas linguas, nem tivermos tempo, e commodidade de as aprender?

Teod.

Teod. Quem tiver idade, e houver de seguir estudos, não tem desculpa de não aprender ao menos o Grego, já que a nossa felicidade he tanta, que temos hum Principe que nos facilita estes estudos. Mas supponho que a idade, e occupações o não permittem, devemos sempre procurar a verdadeira intelligencia naquelles, de que nos consta que sabem bem a lingua, em que o Author escreveo, e não nos contentar com qualquer interpretação, seja de quem for.

Silv. Isso desse modo já he mais facil.

Teod. A esta primeira regra fazem alguns este prudente additamento, seguindo a Cicero (1); e dizem que dá muita luz, e ás vezes he cousa precisa para a perfeita intelligencia de alguns lugares, o saber a vida, costumes, e genio do Author, e os da sua Nação. A razão bem manifesta he, por quanto do genio, e dos costumes do Author se póde bem inferir o sentido em que fallou. A's mesmas palavras dá differente sentido hum varão Santo, todo inflammado no amor de Deos, ou hum homem perdido entregue aos vicios. Diverso fundo se deve suspeitar n'um homem astuto, que n'um singello: outro sentido dá hum Professor de sciencia, do que hum ignorante, ás mesmas palavras, que hum e outro proferem: por conseguinte os costumes, e genio dão muita intelligencia a alguns lugares. Do mesmo modo

(1) Cicer. de *Inventione*, libr. 2. cap. 4. Grotio, Puffendorf. e outros.

do se discorre dos costumes da Nação do Author, ou da sua escóla, pois que as frazes são tão diversas como as terras; e dos costumes das Nações depende a diversa intelligencia das frases.

Eug. Não cuidei que tanto era preciso para entender hum livro, além de saber a lingua, em que estava escrito.

Silv. A's vezes nem todas aquellas diligencias bastão para dar intelligencia verdadeira a alguns lugares escuros.

Teod. A segunda regra mais luz costuma dar, que he: *Não se devem tomar as palavras nuas, e descarnadas do contexto, e systema do Escritor; mas deve-se attender a todo o systema, e principios de que o Escritor se vale* (Proposição 52.). Por esta regra se resgatão de huma pessima reputação muitos Escritores, por quanto alguns espiritos turbulentos tomando entre mãos as suas palavras, e sentenças descarnadas de todo o contexto da mais obra, sentenceão a seus Authores sem piedade, e sem justiça. O grande Newton, Descartes, Wolfio, e Leibnitz, que injurias não tem supportado pelos lerem sem esta cautéla? Tenho porém por certo, que quem os ler com attenção, se os não seguir, que isso he livre, sempre ha de fazer delles outro conceito mais honorifico. Desta regra nasce, como consequencia, outro additamento; e vem a ser: *Não devemos interpretar o sentido do Author, accommodando-nos ás nossas opiniões, mas ás delle; nem indo já de preposito assentando,*

Prop. 52.

que

que segue ou que impugna o nosso partido; mas havemos de entrar no exame do seu sentir com total indifferença (Proposição 53.). Por quanto de outra sorte a nossa preoccupação nos enganará. Contra este dictame pecca quasi todo o mundo, principalmente os que estão ligados a alguma escóla: todos achão o que querem nas palavras do Mestre, a quem interpretão. Lembra-me, que dizia hum Professor de Filosofia aqui na Corte (era dos Peripateticos), que nunca abríra Aristoteles, que não achasse facilmente com que provar as opiniões, que queria estabellecer.

Prop. 53.

Silv. Esse defeito era da pessoa, e não de ser Peripatetico.

Teod. Nem eu digo isso: este defeito onde he mais commum, e mais nocivo, e abominavel he na intelligencia dos livros Sagrados. Os Prégadores, que violencia não fazem á Santa Escritura? Fazem-lhe dizer cousas, que nunca o Espirito Santo disse, nem podia dizer: e he este sacrilego abuso a cousa mais inrolleravel, que se consente publicamente sem castigo; e ainda mal, que ás vezes he recebido com applauso. Cheguei a ouvir a hum certo Prégador dos que chamão bons, o qual tudo quanto queria, achava nos livros santos, *que quem melhor prégava, mais mentia.* Este homem blasfemo, que se servia do Oraculo do Espirito Santo para instrumento da mentira, estava na opinião, que prégar bem he dizer cousas novas, e impensadas, que puchem por toda a admiração dos ouvintes. Seja o Senhor bem-

bembito, que já vejo na nossa Corte quasi desterrada esta peste.

Eug. Rapaz era eu, e bem pouco escrupuloso, e com tudo nunca gostava desses sermões que dizeis.

Teod. Peccavão todos esses homens na intelligencia dos livros Sagrados, porque pegavão das palavras Santas descarnadas do contexto; e ás vezes as truncavão maliciosamente. Outros as explicavão pela opinião particular de suas fantasias. Valha-me Deos, que me afflijo: deixemos isto.

Eug. Não vos altereis: ide continuando com as regras para a boa intelligencia de qualquer Escritor.

Teod. A terceira regra he esta: *As palavras do author devem-se tomar no sentido mais obvio, e literal: excepto se esse sentido for cousa absurda, ou encontrar as regras precedentes* (Proposição 54.). A razão he, porque todo o homem falla commummente no sentido natural, e obvio: e se he homem serio, quando falla por Enfase, ou Ironia, ou figura, sempre no contexto o dá a entender, ou das circumstancias se colhe. E tambem, sendo absurdo claro o sentido natural, isso mesmo he indicio mais que bastante para conhecermos que fallou no sentido metaforico, ou por Ironia. Contra esta regra peccão muitos Hereges, que ás palavras claras da Sagrada Escritura, que contém expressamente os Dogmas da Fé Romana, dão intelligencia figurada, e metaforica. Isto fazem os Calvinistas, negando a presen-

Prop. 54.

sença real de JESU Christo no Sacramento, quando o Senhor expressamente disse : *Este he o meu Corpo*; e accrescentou que era o Corpo, que havia de ser crucificado.

Silv. Tal foi tambem a interpretação de Clenomanes, se bem me lembro, quando tendo feito tregoas com os Gregos por alguns dias, antes delles se acabarem, de noite, os accommetteo; e achando-os descuidados, os destruio: dando depois a ridicula desculpa, que elle fizera tregoas por tantos dias, e não pelas noites; e que assim não havia faltado à palavra.

Eug. Ora isso he cousa indigna de hum homem serio.

Teod. Dizeis bem : e porque ? se não porque todo o mundo havia de crer, que elle fallava, como fallão os outros homens, dando áquellas palavras a intelligencia ordinaria, tomando por 20 dias 20 circulos perfeitos do Sol, cada hum no espaço de 24 horas.

Silv. Deste dictame bem manifesta he a razão.

Teod. Acrescento outra regra, que he a quarta: *Quando no Escritor se achão opiniões encontradas, deve-se ver se de proposito mudou de sentença; e sendo assim, devemos seguir a ultima; porém se não se conhece o animo expresso de ter mudado de opinião, havemos de ver onde fallou da materia mais de proposito, e este lugar deve preferir-se áquelles onde fallou de passagem; de sorte que conferindo entre si todos os lugares, em que falla da materia, devem preferir-se os mais claros, ou mais de proposito, ou mais repetidos,*

e

Prop. 55. *e os mais bem fundados* (Proposição 55.). De tudo isto he clara a razão, porque hum homem não diz cousas encontradas, senão ou porque muda de opinião, e então deve-se seguir a ultima; ou por descuido, e este não se presume onde o Author falla do ponto mais de proposito; nem tambem quando o repete muito, nem quando se funda em razões, que elle admitte, e não sómente toca como alheias; e por conseguinte deve-se julgar, que nestes lugares expoz o seu serio pensamento.

Silv. Mas ás vezes nada disto basta, por ser muito escuro o sentido do Escritor; especialmente acontece isto nas leis, segundo ouço dizer a alguns Ministros.

Teod. Para isso se dá outra regra quinta, e vem a ser esta: *Quando o sentido he duvidoso, ou escuro, deve-se interpretar por conjectura, e esta deve fazer-se sobre tres cousas, a materia, as circumstancias, e o fim* (Proposição 56.). Nas leis este he o melhor modo de conhecer o animo do Legislador, quando pelas palavras se entra em duvida delle. Este ponto para o explicar miudamente era preciso fazer sobre elle dissertação mui particular; basta o ter-vos dado humas sementes da verdade, das quaes vos podeis servir na praxe, quando vos for preciso, cultivando-as, para que vos dem fruto. Agora por remate da materia, e da conferencia de hoje vos digo, que no que toca á perfeita intelligencia da Sagrada Escritura, especialmente nos Dogmas da Fé, devemos com toda a submissão render o juizo a nossa Mãi

Prop. 56.

a

a Igreja Romana, a quem sabemos que JESU Christo com palavras claras, sinceras, e repetidas prometteo perfeita assistencia do Espirito Santo, para não errar. Agora vamos fallar com hum vizinho, que quando estavamos para começar a conferencia, chegou de Inglaterra; e pede a boa politica, que o vamos visitar, e saber algumas novidades.

Silv. Vamos, que bem dilatada tem sido a sua ausencia.

Eug. Eu não o conheço, mas estimo a occasião de o conhecer.

TAR-

TARDE XXXXI.

Do bom uso das nossas idéas.

§. I.

Do exame, que se deve fazer das nossas idéas, antes que sobre ellas formemos algum juizo, onde se trata das Definições do Nome.

Silv. VEnho impaciente, e venho tarde: muito tempo ha que devia vir, porque bem via que erão chegadas as horas de conferencia; mas o empenho que tinha em ver decidir huma questão, que diante de mim se excitou, me fez demorar até agora, esperando ver-lhe o fim; e não o consegui, porque o mesmo que disserão logo no principio, he o que ficavão dizendo agora, quando me vim.

Teod. Não vos admireis, que cousa he essa, que muitas vezes acontece; e de ordinario, por mais que dure huma destas pendencias, não se conhece no fim qual ficou vencido, nem qual vencedor, amarrando-se cada qual ao que huma vez disse, sem fazer a precisa diligencia para conhecer a verdade.

Eug.

Eug. Se elles tivessem ouvido os dictames, que vós prudentemente me haveis dado em ordem a evitar a tenacidade de juizo, e a sua precipitação, com facilidade se acabaria a contenda.

Teod. Se sómente dahi nascesse o erro, bom remedio era esse que dizeis. Mas haveis de saber, Eugenio, que mais dictames se devem observar para conhecer a verdade facilmente. Até aqui só vos dei os dictames que servem para tirar, e arrancar do entendimento as raizes do erro; agora convém dar-vos os dictames que servem para nelle semear os principios, por onde se póde vir a conhecer a verdade. Acontece muitas vezes que dous homens sinceramente querem conhecer a verdade, e estão livres da tenacidade, e da precipitação, não attendendo ás preoccupações da infancia, nem á authoridade do vulgo, nem dos doutos, e com tudo isso teimão, e não atinão nunca com a verdade, porque a não sabem buscar. Eis-aqui o motivo, que me obriga a dar-vos mais alguns dictames, que se encaminhão a bem julgar; e o primeiro seja este: *Antes que formemos juizo de qualquer materia, convém examinar seriamente as idéas sobre que se estriba esse juizo* (Proposição 57.). A razão deste dictame he bem manifesta; porque de não examinarmos bem as idéas, nasce equivocarmo-nos com ellas, e errado vai então o juizo, que nellas se estriba. Bem torto vai o edificio, quando logo o fundamento vai fóra do nivel, e do prumo.

Prop. 57.

Eug.

Eug. Entendo o dictame, conheço a razão; mas estou de posse de mo provardes com exemplos.

Teod. Seja embora; e diga Silvio qual era essa materia de disputa, que acaba de ouvir, pois nella mesma vos quero pôr exemplo: e vereis, que havia de pegar a teima (como costuma succeder pela maior parte) em não examinarem bem as idéas sobre que se formava o juizo de cada huma das partes, que contendião.

Silv. A disputa era sobre hum grande Sermão, que hontem se prégou na Patriarcal, por este estilo, que chamão á moderna. Os de huma parte o querião preferir aos Prégadores mais affamados do seculo passado, e até ao incomparavel Vieira; porém os da parte contraria não soffrião isto; e daqui nasceo a disputa em geral, sobre a preferencia deste estilo moderno ao antigo.

Teod. Não me enganei com o meu pensamento. Toda essa questão se acaba em dous minutos, ficando ambas as partes em paz, só com cada hum examinar bem as idéas, em que funda o seu juizo. Eu creio que ambos dizem bem, ambos acertão, tanto os que preferem o estilo moderno, como os que defendem e adorão o antigo; mas cada qual no seu sentido. Elles ambos usão das mesmas palavras, e parece que as idéas são as mesmas; porém examinando-as, são diversissimas; e sendo as idéas diversas, os juizos devem tambem ser mui differentes, a quererem julgar bem.

bem. Nesse caso, em que estaveis, questionava-se se o Sermão era, ou não era bom, e perfeito: quem quizesse acertar, não havia de dizer promptamente *sim*, ou *não*, ainda que o tivesse lido, ou ouvido com attenção; mas havia de examinar bem aquella idéa de *Sermão bom*, e ver o que quer dizer esta palavra. Se por esta palavra queremos entender hum sermão cheio de pensamentos agudos, e delicados, de noticias, e fabulas exquisitas, de periodos harmoniosos, e discursos com novidade, que excitem a admiração, facilmente concordaráõ todos, que os Sermões do Padre Vieira são summamente bons: não ha periodos mais harmoniosos, nem pensamentos mais agudos, e engenhosos, nem já mais Prégador algum prégou com mais novidade, e admiração. Nisto todo o mundo deve concordar; e neste sentido nenhuma comparação podem ter com elle os melhores Prégadores á moderna, (como dizem).

Silv. Tem boa dúvida: o Vieira he hum homem, que fez inveja ás Nações estrangeiras; e posto que desta materia não entendo, porque nunca estudei Eloquencia, com tudo assento firmissimamente, que he o primeiro Prégador do mundo; e graças a Deos, que já vos encontro huma vez concorde com o meu voto.

Teod. Sem dúvida que concordo, e me parece que concordaráõ todos os homens de juizo.

Silv. Agora vejo, que sois hum daquelles, que o tem bem no seu lugar.

Teod.

Teod. Agradeço. Mas se nós por *bom Sermão* entendermos, como entendem os Mestres da Eloquencia com Santo Agostinho, hum discurso Evangelico, verdadeiro, solido, e grave, que ensine, e desengane, que agrade, e mova os affectos santos, e consiga o fim para que forão na Igreja instituidos os Sermões, então todo o mundo ha de concordar tambem, que qualquer Sermão do Padre Bourdaloüe, do Padre Masillon, e dos que seguem os preceitos deste estilo, excede incomparavelmente os do Padre Vieira: e cada qual pelo que em si experimenta, o póde provar com evidencia. Não ha quem não confesse, que acabando de ler hum Sermão do Vieira, fica alegre, e satisfeito daquellas bellezas, que encantão na verdade; mas o coração lhe fica como estava d'antes, e as maximas do mundo ficão tendo o mesmo dominio no seu juizo (ponho de parte alguns poucos Sermões asceticos), e a inclinação aos vicios tão forte como de antes. Pelo contrario, lendo algum dos bons Sermões destes, que chamão Modernos, o entendimento fica mais convencido, e o coração mais atacado, quando se não ache rendido. Não he assim, Eugenio?

Eug. Não posso negallo sem aggravar a minha propria consciencia. Nem Silvio o negará.

Silv. Para converter peccadores não duvido que sejão esses Sermões melhores; porém nós o que queremos ouvir he hum discurso delicado, e com novidade, que nos recreie, e cause admiração.

Teod.

Teod. Inda mal que tanto se busca essa indigna delicadeza, e novidade. Porém nesse sentido não duvido concordar comvosco: sómente digo, que se esses contendores explicassem bem o que entendião por esta palavra *Sermão bom*, logo a contenda se acabava; por quanto n'um sentido todos darião a preferencia ao Vieira, n'outro todos a darião aos Modernos. Por esta razão vos digo, que antes de dar qualquer sentença nas questões, convém examinar bem o que se entende por aquellas palavras, sobre que principalmente roda a questão.

Eug. Ficai descançado, que não me esquecerá essa doutrina.

Teod. Ora eis-aqui porque os Modernos se canção tanto com as definições de *nome*.

Eug. Que quer dizer *definição de nome*?

Teod. Definição de nome he a expressão clara do que eu quero entender por este, ou aquelle nome. V. g. quando digo: *Eu chamo bom aquillo que serve bem para o fim, para que foi feito.* Estas definições são mui faceis de fazer, porque cada qual póde dizer o que no seu pensamento corresponde a esta, ou áquella palavra; e ninguem o póde contradizer, porque só elle sabe o que entende por esta, ou aquella palavra: nem os de fóra o podem impugnar, porque não estão dentro da sua cabeça. Verdade he, que não deve ninguem proceder incoherente, isto he, que se agora por esta palavra *bom* entendo isto, não devo daqui a pouco entender pela mesma palavra cousa diversa; por quanto essa incoherencia ori-

ginaria grande confusão; e sómente neste sentido me podem impugnar prudentemente alguma definição, que faça.

Silv. Tambem me devo accommodar ao uso commum para evitar a mesma confusão.

Teod. Dizeis bem: mas isso he quando acho hum uso constante, e bem estabelecido; e neste defeito tem cahido alguns authores, que sem motivo nenhum solido se affastão dos demais, dando ás palavras intelligencias diversas da costumada. Mas quando eu acho que á mesma palavra se dão diversas intelligencias, sempre he util explicar a minha; e se os contendores dão outra intelligencia, acaba-se a questão, concordando eu com elles no seu sentido, e elles comigo no meu; aliàs he questão de nome, só digna de rapazes.

Silv. Vós dissestes, que fazer estas definições de nome era facillimo; e eu sempre ouvi dizer, que era cousa mui difficultosa huma boa definição.

Teod. Duas castas ha de definições: huma, que se chama *definição de nome*, e he facillima, porque consiste em explicar eu o que entendo por esta, ou aquella palavra. Porém a *definição da cousa*, (como dizem) he mais difficil, porque nella sou obrigado a declarar quaes são os predicados essensiaes, que constituem essa mesma cousa, e isto tem maior difficuldade. Mas isto não he preciso para o que agora trato.

Eug. Pois que dictame quereis agora que eu tome na minha memoria?

Teod.

Teod. Este que já vos dei, e reputo por importante: *Antes que formeis juizo algum, convém explicar o que entendeis pelo sujeito, e o que entendeis pelo predicado, ou attributo, em ordem a que não haja equivocação* (Proposição 58.).

Prop. 58.

Eug. Nisso estou, e já tenho percebido a razão do vosso dictame. Eu o gravarei na memoria, e aqui o aponto, para não me esquecer.

Silv. Esse dictame não posso negar, que he utilissimo, mas he muito impertinente.

Teod. Seja embora, pois eu creio, que mais vale acertar de vagar, do que errar depressa: o meu ponto he ensinar a Eugenio a evitar erros, e não a dar sentença de repente. Por tanto, Eugenio, convém reparar bem na idéa do sujeito, e tambem na idéa do predicado, em ordem a que comparando huma com outra, prudentemente affirmeis, ou negueis hum do outro, formando o vosso juizo: e para isso não basta olhar para essas idéas, convém examinallas bem, e fazer-lhes sua especie de anathomia.

Eug. Pois ensinai-ma a fazer, ainda que seja de vagar.

§. II.

Que se deve fazer exame sobre as partes, de que se compõem qualquer Idéa. Onde se trata das Idéas simples, e compostas; confusas, e distinctas.

Teod. Algumas idéas ha, Eugenio, que logo á primeira vista se conhece serem compostas de muitas; e verdadeiramente mais se póde dizer, que são hum aggregado de idéas, do que huma só idéa: como v. g. idéa de *monte de ouro*, idéa de *homem sabio*, &c. Outras idéas ha, que ou são, ou parecem simples, como idéa da *verdade*, idéa da *existencia*, idéa da *côr*, ect. Quando as idéas são evidentemente compostas, devemos observar este dictame bem importante, que a Logica dá: *Antes que formemos algum juizo ácerca de alguma idéa, devemos dividilla, e examinar miudamente as partes de que consta* (Proposição 59.). A razão he, porque sem examinarmos bem cada parte de per si, não podemos saber se tem a idéa do sujeito alguma repugnancia com a idéa do predicado; e sem sabermos isto, temerariamente as ajuntaremos huma com outra.

Prop. 59.

Silv. Este dictame he tão conforme á razão, que por si mesmo se insinua.

Teod. Com este dictame vai outro equivalente, que vos quero dar, para explicar ambos com exem-

exemplos, pois essa prova he a mais congruente, mais clara, e mais util.

Eug. E tambem mais interessante, porque o animo se alegra, quando vê práticamente as utilidades que póde tirar. A' maneira daquelle que anda minando, que tem particular contentamento, se a cada passo que dá, vai achando ouro, ainda que pouco. Mas que dictame he esse que dizeis?

Teod. Antes que o dê, quero advertir-vos, que algumas idéas temos de certas cousas, tão confusas, que bem verdadeiramente não sabemos explicar a nós mesmos, de que partes se compõem esse objecto, que ideamos; como v. g. a idéa, que tem hum rustico do *relogio*, que sómente sabe que he hum engenho de mostrar as horas, mas não sabe de que partes consta essensialmente; por isso alguns rusticos ficão pasmados, quando vem bulir aquella máquina: e talvez alguns suspeitão, que tem lá dentro cousa viva, que faz aquelles movimentos. Pelo contrario, o relojoeiro, ou pessoa entendida, faz do relogio idéa mui distincta; isto he huma idéa, que separadamente lhe mostra as partes essensiaes de que se compõem o relogio; isto he, pendula, móla, e determinadas rodas, etc. Isto supposto, já sabeis, que *Idéas confusas chamamos áquellas, que nos representão o objecto, sem que com distincção nos representem as partes essensiaes, de que forçosamente ha de constar.*

Silv. Alli vai huma definição de nome.

Teod. Dizeis bem, ainda que zombais. Semelhan-

lhantemente, *idéas distinctas chamamos áquellas, que nos representão o objecto, e miudamente com separação as partes essensiaes, de que forçosamente ha de constar.* Postas estas definições, vai o dictame da Logica: *Para formar algum juizo, nunca nos contentemos com idéas confusas, devemos procurar as distinctas.* (Proposição 60.) A razão he, porque sem eu ter idéa distincta d'um objecto, não sei as partes essensiaes de que consta, e não sei bem verdadeiramente o que he; e assim não posso prudentemente dar sentença sobre elle. Que póde dizer hum rustico d'um relogio, estando espantado a olhar para huma torre, admirado de ver que de dia, e de noite vai andando o ponteiro, e que o sino nunca falta em dar as horas a seu tempo? Que póde dizer este rustico, que não seja sujeito a mil erros? Pelo contrario, aquelle que sabe muito bem de que partes consta o relogio, merece credito em tudo o que disser nesta materia. Tendes dúvida destes dictames, Silvio?

Prop. 60.

Silv. São huns dictames tão conformes á razão, que sómente loucos os poderão impugnar; mas acho-os mui escrupulosos, e que quem quizer observallos, poucos juizos ha de formar.

Eug. Mas serão mais certos.

Silv. Isso sim.

Teod. Pois este he sómente o nosso fim, acertar nos juizos que fizermos. Vamos a exemplificar os dictames, e seja o primeiro exemplo de vossa casa, Silvio. Lembrado estareis d'uma pendencia mui renhida, que ha entre

os

os Thomistas, e os outros Filosofos, sobre se a Logica he Prática, ou meramente Especulativa: tem-se gritado muito nas aulas de parte a parte, e ainda está por decidir a questão, e assim ficará até o fim do mundo. Mas dura á pendencia em quanto se não repara neste dictame, que explico. Por quanto a idéa que huns tem de *cousa prática*, consta de mais huma parte essensial, que se não acha na idéa, que os outros fórmão. Os que dizem que a Logica he doutrina prática, dizem que para isso basta ser *doutrina, cujos dictames se possão executar por via de direcção.* E como a Logica faz isto, ensinando-nos a discorrer, teimão que he prática, e daqui ninguem os tira. Os contrarios dizem, que para ser doutrina prática he preciso além disso, que a obra executada por via dos dictames seja *cousa externa*; e como os actos do entendimento, que são o objecto dos dictames da Logica, não são cousa externa, clamão em Ceo, e em terra que a Logica nunca foi, nem póde ser prática.

Eug. Ora eis-alli apartada de huma vez toda a pendencia.

Silv. Assim he. Mas se me dais licença, Teodosio, julgo esse dictame por escusado, depois de terdes dado o outro da definição de nome.

Teod. Não he superfluo, antes preciso para se formar bem a definição: este dictame, e outros, que vou a dar, concorrem para eu poder explicar bem qualquer idéa; e não só para isso,

so, mas para a formar bem, e coherentemente á que fórmão os demais homens: de sorte que a definição de nome he para explicar aos outros a idéa que eu tenho na cabeça; e estes dictames servem para eu conhecer bem o que he essa idéa, que costuma fazer-se, e para a formar bem direitamente conforme devo.

Silv. Estou satisfeito, continuai.

Teod. Vamos a outro exemplo de nossa casa. Dizem os Neutonianos, que entre todos os corpos celestes ha huma virtude attractiva, que mutuamente os pertende ajuntar. Os senhores Peripateticos dizem o mesmo do ferro, e do iman, e do alambre, e palhinhas, etc. e alegrão-se naturalmente quando ouvem fallar a qualquer Neutoniano nesta virtude attractiva, parecendo-lhes que já não poderemos negar a que elles admittem entre o ferro, e iman. Não he isto assim, Silvio?

Silv. Pois se vós admittis essa virtude entre todos os corpos celestes, com que consciencia podeis negar a que nós damos ao iman a respeito do ferro?

Teod. Vedes, Eugenio, que Silvio se persuade que he o mesmo a virtude attractiva dos Neutonianos, que a dos Peripatheticos? Pois sabei, que não ha cousa mais diversa. Os Peripatheticos dizem, que esta virtude não he corpo, por mais subtil que seja; nem tambem consentem que seja espirito; dizem que he huma qualidade occulta, e material; mas não materia, a qual faz aquelle effeito.

Silv. E que dizem os Neutonianos da sua virtude attractiva?

Teod.

Teod. Assentão, que se não he a Mão do Creador (a qual obra estes effeitos segundo as leis, que estabeleceo, quando ordenou a natureza), he algum fluido subtil, tendo por impossivel que haja essa qualidade occulta, que nem seja corpo, nem espirito. Por aquella palavra entendem sómente a propenção, e força para o movimento (seja qual for a sua origem); por isso parecendo estes systemas semelhantes em quanto usamos de idéas *confusas*, se conhece que são summamente oppostos, se queremos usar de idéas distinctas.

Eug. A verdade he, que em quanto nós confusamente olhamos para duas cousas, não podemos com prudencia affirmar que concordão, e tem parentesco, ou que repugnão ente si; e só depois que sabemos bem, de que consta cada huma dessas cousas, he que o podemos affirmar.

Teod. Advirto, que para ser distincta a idéa, basta que represente as partes essensiacs, de que se compoem o objecto; e não he preciso que represente miudezas accidentaes. No exemplo do relogio me explicarei. Para eu formar huma idéa distincta do relogio, basta que me represente as partes essensiaes ao movimento regular, proporcionado ás horas; e importa bem pouco que me represente se he relogio de algibeira, se de parede, se de ouro, ou de prata, etc. Passemos adiante.

§. III.

Convém examinar se as idéas são Respectivas, ou não.

Eug. ATé aqui vou percebendo muito bem.
Silv. São as cousas tão claras, que outro entendimento muito menor que o vosso as perceberia, e tão claras me parecem ellas, que me querem parecer superfluas.
Teod. Amigo Silvio, hum dos principios de grandes desordens nos juizos, e nas acções dos homens, he desprezarem muitas cousas, pelas julgarem superfluas, e ás vezes não o são. A experiencia vos desenganará bem depressa. Hum dos dictames, que vós julgareis bem superfluo, he este que vou a dar-vos agora, e na verdade he dos mais importantes. Algumas idéas ha, Eugenio, que dizem essensialmente ordem a outra cousa de fóra, como v. g. idéa de *semelhante*, que diz ordem a outra cousa, á qual ha de ser semelhante; idéa de *maior*, ou de *menor*; idéa de *igual*, ou *desigual*, etc.
Eug. Percebo clarissimamente. E como chamais a essas idéas, que dizem essa ordem a outra cousa?
Teod. Chamamos *idéas Respectivas*; pelo contrario as idéas que não dizem esta ordem, ou comparação a outras cousas, se chamão *Absolutas*, como v. g. a idéa de *páo*, ou *pedra*, ou *fogo*, etc. Ora convém muito separar humas

mas idéas das outras ; porque se acaso nós usamos d'uma idéa respectiva , como se fosse absoluta, infallivelmente tropeçamos.

Silv. Só algum cégo poderá tropeçar em cousa tão clara, e plana.

Teod. Não duvído ; porém sempre he caridade advertir aos cégos, que não tropecem; e sempre he boa a todos a advertencia, porque ha muitos que tem os olhos limpos, e não vem, porque padecem gota serena. Mas agora me occorre , Eugenio , fazer-vos huma pergunta; e para que me não esqueça , a faço já. Dizei-me : *Poderáõ duas cousas ser do mesmo tamanho; e sendo huma mui grande, ser a outra mui pequena?* Vós rides-vos da pergunta?

Eug. Parece-me que he impossivel.

Silv. Não digais isso com susto , que não ha perigo de erro.

Teod. Pergunto mais: E se eu disser, que huma cousa mui pequena , póde ser maior que outra disformemente grande, que direis vós?

Silv. Que dizeis hum grande paradoxo.

Teod. Ora estimo saber isso, porque estava cá n'um erro terrivel; e o caso está que ainda se me não póde tirar da cabeça : e tenho para mim que huma cousa sendo mui pequena, não obstante isso, póde ser maior que huma muito grande : e tambem digo , que sendo duas cousas bem iguaes, póde huma ser mui grande, e a outra mui pequena.

Silv. Se tal credes, he preciso que vos deixeis sangrar , porque tendes o cerebro offendido.

Teod. Talvez que vos não enganeis. Mas di-

zei-

zei-me : O meu cáo chamado Tigre náo me tendes dito, que he monstruosamente grande? Náo o podeis negar : tambem náo negareis, que o cavallinho Galego, em que os meus filhos andáo pelo jardim, he mui pequeno, e dos mais pequenos que tem apparecido na Corte.

Silv. Náo ha dúvida, que ainda náo encontrei nenhum táo pequeno.

Eug. Já sei onde vai a malicia: estais perdido, Silvio.

Teod. Pois ahi tendes huma cousa, que he estremosamente pequena, e ainda assim he muito maior que outra, que vós dizeis monstruosamente grande; porque sendo o cavallinho mui pequeno, sempre he maior, e muito maior que o cáo que vós confessais ser de disforme grandeza. Meus amigos, convém reparar muito nas cousas, e examinar se a idéa he *Respectiva*, ou *Absoluta*: nem isto he táo fàcil de conhecer, como se cuida, porque Silvio com toda a sua agudeza o náo advertio, e tropeçou na equivocaçáo. Se vós advertisseis, que a idéa *de Grande* era respectiva, náo terieis por paradoxo, e loucura dizer eu, que huma cousa mui pequena podia ser maior que outra muito grande : e agora náo o podeis negar.

Eug. Pois que, Silvio? Sois cégo, ou tendes gota serena, que assim tropeçastes?

Teod. Deixai isso, Eugenio. A idéa absoluta, amigos, como náo diz ordem, nem depende de outra cousa, por si só tem toda a sua significaçáo; e em qualquer proposiçáo, que se po-

ponha a idéa, sempre quer dizer o mesmo: por isso dizendo eu huma *vara*, hum *palmo*, ou huma *pollegada*, sempre digo o mesmo, quer diga palmo de páo, quer palmo de panno, quer palmo de pedra, etc. sempre a idéa de palmo quer dizer o mesmo, porque he absoluta; mas a idéa *de grande* he respectiva, e quer dizer: *Maior que as cousas ordinarias da sua especie.* Por isso hum coelho, que tiver dous palmos, he grande; e hum carneiro, que tiver só dous palmos, he pequeno, porque este he menor que o ordinario, e o coelho maior. Ora dizendo esta idéa ordem, e comparação a cousas diversas, claro fica que he respectiva; e que applicando-se aos *caens*, quer dizer hum tamanho; e applicando-se aos *coelhos*, outro; e applicando-se aos *cavallos*, outro; e daqui nasce toda a equivocação.

Silv. Ainda digo o mesmo, que são equivocações essas, em que só cahe algum cégo: eu me equivoquei na proposição, que como laço vós me armastes; porém eu não cuidava que vós me propuzesseis enigmas; se discorressemos sériamente, logo havia de perceber o engano; e ninguem me parece que errará em discurso sério por falta desse dictame, ou reflexão.

Eug. Seja isso assim muito embora: não gastemos com isto tempo. Ponde-me vós, Teodosio, mais exemplos, que me confirmem na intelligencia dessa doutrina.

Teod. Já sabeis, que David sendo hum pobre pastor, fez huma proeza admiravel, vencendo

o Gigante, homem de estatura monstruosa, e bem armado, e versado na guerra por muitos annos, e além disso dotado de hum animo audaz, e atrevido; circumstancia, que dobra as forças, e dá valentia. Ora supponde, que outro Gigante igual era accommettido por todo o exercito dos Israelitas, e que era vencido, e morto, e que eu dizia assim: *David matando a Goliat, fez huma proeza admiravel; o exercito todo fez outro tanto; logo o exercito todo fez huma proeza admiravel.* Que dizeis vós deste discurso?

Eug. Não me parece bom.

Teod. E com razão; mas o vicio está em que toma huma idéa respectiva como se fosse absoluta. Ser huma acção admiravel, he cousa que diz ordem ás forças com que se faz; e da comparação com essas forças he que nasce ser, ou não ser admiravel. Ora comparando aquella acção com as forças d'um homem só, como era David, he cousa rara; comparando-a porém com as forças de hum exercito, não he cousa, que se possa chamar proeza, nem causa admiração. Por conseguinte a idéa de *proeza admiravel* na primeira proposição quer dizer *cousa muito superior ás forças ordinarias de hum homem*; e na ultima, quer dizer *cousa muito superior ás forças ordinarias de hum exercito.* Vedes como debaixo da mesma palavra *proeza admiravel* se vem a entender cousas diversas? Pois eis-ahi onde está a malicia do argumento.

Eug. Confesso que he bem importante essa reflecção.

Teod.

Teod. Ponhamos outro exemplo. Dizia Silvio hum dia destes, que se conseguisse hum bom partido, que pertendia, que viveria bem contente em toda a sua vida: não he assim?

Silv. Assim o disse, e o digo; porque em hum homem conseguindo o que deseja, forçosamente ha de viver contente; e eu não desejo mais nada do que ter huma boa renda com pouco trabalho; e tudo isto comsigo, se me derem o partido que pertendo: vede agora como poderei eu deixar de viver contente?

Teod. Que dizeis áquelle discurso, Eugenio?

Eug. Parece-me bom.

Teod. Pois eu com a liberdade que me dá a Logica digo, que he erradissimo. Ainda que vos déssem esse partido, não vivereis contente; e para vosso desengano, basta ver que todo o mundo se engana com discurso semelhante. Todos andão suspirando pelas riquezas, crendo que acharáõ nellas huma vida tranquilla, e socegada; e todos se enganão, porque quanto mais ricos os acho, mais inquietos os vejo, e mais cheios de cuidados.

Eug. A verdade he, que praticamente com as riquezas vem os cuidados, e desinquietações.

Teod. Convém logo descubrir onde está o vicio do discurso, com que Silvio se engana, e todo o mundo com elle. Na primeira vista o discurso he bom, porque diz assim: *Quem conseguir tudo o que deseja, viverá satisfeito: eu só desejo riquezas: logo se conseguir riquezas, viverei satisfeito.* Mas na realidade o discurso he vicioso, como se conhece na ex-

pe-

periencia: e o vicio está, em que se não examina bem huma idéa respectiva, que nelle vai: *Viver satisfeito*, diz ordem aos desejos, que então forem presentes, e não aos desejos passados. Que importa, que com as riquezas satisfaça eu os desejos que antes tinha, se com ellas me vem outros muitos desejos, que não posso satisfazer? E não basta saber que huma idéa he respectiva; convém reparar bem nisso a que ella diz ordem, para ver se a proposição he verdadeira ou falsa. Aquella primeira proposição, *Quem conseguir tudo o que deseja, viverá satisfeito*, parece certissima; e he muito falsa; porque completos todos os antigos desejos, podem nascer outros de novo, que embaracem a satisfação do animo, e a tranquillidade: e a idéa de *satisfeito* diz ordem a todos os desejos, que poderão haver nesse tempo da satisfação, e não só aos desejos passados. Vede vós agora, Silvio, se he tão facil como vós dizieis acautelar estes erros, quando vós, e o commum das gentes cahem nelles; e vos enganais ainda em discursos serios, e bem graves.

Silv. Em tudo se requer miudeza, e cautéla.

Teod. E muito mais naquellas cousas que parecem claras logo na primeira vista. Pelo que deveis imprimir na memoria este dictame: *Convém examinar bem se a idéa he, ou não respectiva, e a que objecto diz ordem* (Proposição 61.). Já fica manifesta a razão deste dictame.

Prop. 61.

Eug. Não hé preciso repetilla, e não me esquecerei delle.

§. IV.

§. IV.

Não se ha de confundir a idéa das Cousas com a idéa dos seus Modos.

Silv. PRaticamente tenho visto, que onde menos se temem os perigos, ahi se devem elles temer mais, porque então mais se disfarção.

Teod. Convém logo fazer estes exames com vagar, para evitarmos os perigos que á primeira vista se não descobrem: e por este motivo se dão estes dictames, posto que sejão tão claros, e naturaes, que pareça que ninguem os ignora. Não os damos, porque o entendimento os ignore, mas para que faça nelles reflexão; pois vale o mesmo ignorar hum precipicio, ou não reflectir nelle. Isto supposto, continuemos. Duas castas ha de idéas: humas, que representão as cousas, outras, que representão os modos dellas; e bem vedes, que tem grande diversidade entre si: por tanto se confundirmos humas com outras, teremos grandes erros; nos exemplos vos instruirei melhor. Supponhamos, que eu discorro assim: *Vós hoje, Eugenio, comestes o que eu comprei: eu comprei humas perdizes cruas, logo vós comestes perdizes cruas.* Que haveis de responder?

Eug. Que isso não he assim, por quanto o vosso cozinheiro as tinha muito bem preparadas.

Teod. Mas não basta dizer que não, para responder a hum discurso, que vos obriga a dizer que sim. Vós não duvidais da primeira proposição; por quanto tudo o que appareceo na meza, foi comprado, e assim não duvidais que *só comestes o que comprei.*

Eng. Nisso não ha dúvida.

Teod. Pois tambem a não póde haver, que *eu comprei as perdizes cruas.* E com tudo a consequencia he falsissima. Convém apromptar o vicio deste discurso; e para vos não atormentar mais, eu o digo já. Aqui confunde-se a *idéa das cousas* com a *idéa dos seus modos.* Ser *perdiz*, ou ser *frangão*, ou ser *pato*, etc. são cousas; mas estar *cru*, ou *cozido*, estar *inteiro*, ou *trinchado*, são os diversos modos, com que póde estar a mesma cousa. Ora vós bem vedes, que coufundindo-se a *substancia* de qualquer cousa com o seu *modo*, se podem armar grandes cavillações, e enganos; e tal he o do discurso, que tratamos. Na primeira proposição que dizia: *Vós comestes o que comprei*, aquella idéa *o que comprei*, ou se póde tomar pela *substancia* da cousa que comprei, ou pelo *modo* dessa cousa: se o tomarmos pela substancia da cousa simplesmente, he verdade o que se diz; porque se comprei perdiz, comestes perdiz; se comprasse coelho, ou leitoa, ou rôla, isso mesmo havia de ser, o que vós comesseis: porém se aquella palavra *o que comprei*, quizerem tomalla não só pela *substancia* da cousa comprada; mas pelo *modo* com que estava quando a comprei, então fica

a proposição falsa, porque comprei as perdizes *cruas*, comprei-as *com pennas*, comprei-as *inteiras*, comprei-as *frias*, comprei-as *penduradas*; e de nenhum destes modos estavão quando vós as comestes: pelo que como na segunda proposição se falla no *modo*, com que estavão as perdizes, já se vê que maliciosamente se confunde a *substancia* com o *modo*, e se faz grande engano.

Silv. Já vejo que he necessario ser hum homem mui advertido para se não ver obrigado a conceder que comeo perdizes com pennas. Ora supponde vós, que eu fazia este discurso: *Pedro vendeo-me o que eu comprei: eu comprei perdizes cruas: logo Pedro vendeo-me perdizes cruas.* Que vos parece este discurso?

Teod. Parece-me bem, e não tem vicio; porque na primeira proposição aquella idéa, *o que comprei*, póde-se tomar não só pela substancia da cousa comprada, mas tambem pelo modo com que estava quando a comprei; pois ainda nesse sentido he verdadeira, por quanto daquelle mesmo modo que ellas estavão, quando as comprei, estavão quando elle as vendeo. Pelo contrario naquel'outra proposição: *Comestes o que comprei*, essa palavra deve tomar-se só pela *substancia* da cousa comprada, e não pelo *modo*; e como na segunda proposição deste discurso se faz menção do *modo*, temos passagem da *substancia* para o *modo*, no que está a cavillação, e engano.

Silv. Agora está bem entendido o dictame.

Teod. Quero-vos pôr outro sofisma galante,

 que

que póde fazer tontos aos mais expertos. Estaveis vós, Eugenio, ouvindo hum Sermão, e disse o Prégador: *Deos não he injusto*; porém por má percepção do vosso ouvido, não percebestes bem a primeira syllaba do *injusto*; e só ouvistes as duas ultimas, *justo*.

Silv. Isso he caso, que mil vezes acontece, não percebermos todas as syllabas, nem ainda todas as palavtas, que o Prégador verdadeiramente disse.

Teod. Ora supposto este caso, digo eu assim: *Tudo o que vós ouvistes, foi dito pelo Prégador. Vós ouvistes huma herezia, logo o Prégador disse huma herezia.* Que vos parece este discurso, Eugenio?

Eug. Máo, e pessimo.

Teod. E onde está o vicio?

Eug. Vós o direis; e talvez ahi haverá alguma equivocação do *modo* com a *substancia*.

Teod. Isso he. Olhai, amigo, qualquer palavra ou se póde tomar pela substancia do *som*, ou pelo modo com que se profere; isto he, ser *acompanhada*, ou *desacompanhada* de alguma outra voz ou syllaba, que mude, ou confirme a sua significação. Esta palavra *justo* foi proferida, e foi ouvida; mas foi ouvida de hum modo, e proferida de outro: foi ouvida só, isto he, sem a syllaba *in*, que desmancha, e destroe o que ella significa; mas foi proferida, acompanhada daquella syllaba *in*: ora vai grande differença nisto; porque se o Prégador disser *não he justo*, diz huma herezia; e se disser *não he injusto*, diz huma

ver-

verdade do Evangelho. Pelo que, examinando na primeira proposição aquella idéa: *O que vós ouvistes*, ou se póde tomar pela *substancia do som*, e então he verdade; pois todo o som que entrou pelos vossos ouvidos, sahio pela boca do Prégador; ou se póde tomar pelo *modo desse som*, e então fica a proposição falsa, porque a palavra *justo* sahio da boca do Prégador acompanhada com a syllaba *in* posta antes, e chegou aos vossos ouvidos desacompanhada, e só: logo não entrou pelos vossos ouvidos daquelle mesmo *modo*, como sahio da sua boca; e assim fica falsa a proposição, que *tudo o que ouvistes, desse mesmo modo foi dito pelo Prégador.* Ora como na seguinte proposição se falla de herezia, e isso depende não só da substancia do som, mas tambem do modo, com que se profere a palavra, e de não ter antes syllaba, que mude a sua significação, vem a ficar manifesta a cavillação, e que se fez passagem da idéa da *substancia* para a idéa do *modo*; e aqui vai o erro, porque confunde huma com outra, como se fossem o mesmo.

Eug. Estou pasmado da malicia que se póde esconder em discursos, que na primeira face parecião evidentissimos.

Teod. Por tanto gravai na memoria estoutro dictame da Logica: *Nunca confundamos a idéa, que representa a substancia em si, com a idéa, que representa tambem o seu modo* (Proposição 62.). Não vos dou aqui a razão deste dictame, porque já a sabeis.

Prop. 62.

Eug.

Eug. Que maior razão póde haver para se observar, do que vermos evidentemente que por causa de o desprezarmos, se precipita o juizo em mil erros?

Teod. A's vezes são esses erros em materia de summa importancia; e porei mais hum exemplo, que vo-lo dê a conhecer. Diz a Escritura, que Deos depois de crear o mundo, olhára para tudo o que fizerão as suas mãos, e que dissera que tudo era bom, e muito bom. Supponhamos agora, que hum Herege argumentava assim: *Tudo quanto ha neste mundo he obra da mão de Deos, e approvado por elle:* ora *neste mundo ha infinidade de peccados, desordens, e abominações: logo os peccados, as desordens, e as abominações são obra da mão de Deos, e approvadas por elle.*

Eug. Deos me livre de semelhante blasfemia; como se responde a esse argumento?

Silv. Ora deixai-me por curiosidade examinar isto. A primeira proposição parece certa, e tirada da Escritura, por quanto Deos he Creador universal; e nós não podemos dizer com os Maniqueos, que o imperio deste mundo está repartido entre Deos, e o demonio; e que Deos he Author sómente das cousas boas, e perfeitas, e o demonio das más, e imperfeitas: por conseguinte Deos he Author de tudo quanto ha no mundo: até aqui he certo. Demais, a Escritura diz, que Deos tudo approvára: atè aqui tambem he certo. Vâmos á outra proposição: ella diz, que neste mundo ha mil maldades, e isto he mais que certo; a con-

consequencia he blasfemia. Onde está o vicio, Teodosio, que eu não dou nelle?

Teod. Está na inadvertencia do dictame, que acabo de dar. Os peccados, e todas as maldades, que ha no mundo, não são cousas que existão, são *modos das cousas*, que no mundo ha. Todas quantas cousas ha no mundo são em si boas; porque tudo o que Deos fez he bom, e Deos he o Author, e Creador geral de todas as cousas; porém os modos destas cousas nem todos são bons. Ponhamos exemplo: a espada he creatura de Deos, e he boa; o sangue he creatura de Deos, e he bom; porém se derem huma estocada n'um homem á falsa fé, e o matarem, o homicidio he máo, e muito máo. Mas advirto, que o homicidio não he cousa, nem substancia, nem he creatura de Deos, he hum movimento da espada por dentro do corpo humano, e isto he hum mero modo: ora o modo da substancia não he substancia, nem cousa creada por Deos; por onde o vicio do discurso está naquella primeira proposição. Se disser: *Tudo quanto ha neste mundo he creatura de Deos*, he falsa; porém se disser: *Todas quantas cousas ha neste mundo são creaturas de Deos*, he verdadeira: vede a differença que ha, onde parece que a não havia. Huma proposição diz *tudo*, e he falsa; outra diz *todas as cousas*, e he verdadeira; porque os peccados não são cousas, nem tem *substancia*; são *modos* das cousas, ou da substancia, e por este motivo ficão comprehendidos na palavra *tudo*, e ficão exclui-

cluidos da palavra *todas as cousas*. De sorte, que os peccados não são creaturas de Deos, por quanto Deos só creou as substancias, e não os modos das substancias; e eu já vos disse na Fysica, que os *modos* da substancia não tem ser nenhum real, que possa ser produzido. Vedes, Silvio, quanta utilidade tem o systema dos Modernos, que vós tanto abominais?

Silv. Não quero fallar nessas doutrinas: passemos adiante, e não misturemos Fysica com Logica.

Teod. Temos logo, Eugenio, que convém separar muito as idéas das *cousas*, das idéas dos *seus modos*. Quem não adverte nisso, cuida que tanto vale huma cousa, como outra, e vê-se apertado. Quereis ver como daqui he que procedia o erro? Ora em lugar do *peccado* ponde qualquer substancia: ponde as féras, ponde as sevandijas, ponde o mesmo demonio, e vereis como na consequencia se prova bem que tudo isso he bom, não com bondade moral, mas com bondade Fysica; pois tudo he obra da mão de Deos, que creou todas essas cousas.

Silv. Lembra-me de ter lido em Santo Agostinho, que já hum Maniqueo persuadio o seu erro a certo Catholico mui irritado contra as moscas; porque lhe apanhou esta proposição, que ellas não erão boas, e que só o diabo podia ter sido author de semelhantes sevandijas.

Eug. Se elle tivesse ouvido o que nos tem dito Teodosio nas conversações passadas, acharia

ria as moscas táo bellas, e perfeitas, como os pavões, e passaros mais enfeitados pelo Author da Natureza.

Teod. Passemos adiante a fallar hum pouco dos concretos, e abstractos, que he doutrina mui importante.

§. V.

Das idéas dos Concretos, e Abstractos.

Silv. NEsta materia podeis demorar-vos quanto quizerdes, que assás me quebrárão a cabeça quando nas aulas andava, e tratavão desse ponto.

Teod. Não me demorarei senão o que for muito preciso, para dar a Eugenio a instrucção que desejo. E não obstante teres estudado esta materia fundamentalmente, talvez que encontreis nella alguma novidade; porém havemos de fazer hum concerto, que a Eugenio só direi o que for preciso para a instrucção que pertende ter; e o mais que for preciso para algumas disputas das aulas, particularmente o trataremos (1), em ordem a não confundir a Eugenio com as cousas que elle não entende, e por outra parte não deixar truncada esta materia na vossa presença, que sabeis dar todo o valor á sua importancia.

Silv. Seja muito embora.

Teod.

(1) Nas notas se dirá o que só serve para as aulas, e para quem tem intelligencia.

Teod. Haveis de saber, Eugenio, que quando ajunto qualquer objecto com huma cousa que lhe póde dar alguma denominação, faço hum *concreto*: á força de exemplos me farei entender com clareza. Ajunto o *homem* com as *riquezas*, e daqui nasce denominar-se *rico*; e fórmo este concreto *rico*: do mesmo modo se ajuntar a *pedra* com a *brancura*, resulta daqui chamar-se *branca*; faço outro concreto que diz *branco*. Ora este concreto *branco* compõe-se de duas partes: huma, que chamão *sujeito*, e vem a ser a *pedra*; outra, que chamao *fórma*, e vem a ser a *brancura*. Do mesmo modo o outro concreto *rico* compõe se de duas partes: huma, que he o *sujeito*, e vem a ser o *homem*; outra, que he a *forma*, que vem a ser as *riquezas*.

Eug. Como poderei eu conhecer qual dessas partes he *sujeito*, e qual he *fórma*?

Teod. Facilmente: aquella parte donde nasce a denominação, he a *fórma*; e aquella onde cahe a denominação, chama-se *sujeito*. Vós bem vedes, que das riquezas he que nasce o chamar-se Pedro *rico*; por isso as riquezas se chamão fórma do tal concreto, e homem he o sujeito dellas.

Silv. Não vos demoreis nisso, que he clarissimo.

Teod. Ora como todo o concreto consta de duas partes, eu posso olhar para huma direitamente, e como defronte, e para a outra olhar obliquamente, e como de ilharga. (1) Vê-se is-

(1) Nas Escólas se explica isto, dizendo que huma parte vai *in recto*, e outra *in obliquo*.

isto quando eu digo v. g. *Salomão foi rico*; na palavra *rico*, o que faz figura principal he só o *sujeito* das *riquezas*, porque eu não digo, que Salomão foi *riquezas*, mas que foi *sujeito*, que as possuio; ora dizendo eu isto, bem vedes, que o que eu affirmo deste grande Rei, não são as *riquezas*, mas o ser *sujeito* possuidor dellas; e dizendo eu: *Sujeito possuidor de riquezas*, lá ólho para as riquezas obliquamente, e como de ilharga; mas o que vai em principal figura ser predicado da proposição, e o para que eu ólho direitamente, he o *sujeito possuidor*; e as riquezas só são attendidas como cousa que pertence ao predicado.

Eug. Bem entendo tudo isso.

Teod. Adverti pois, Eugenio, que aquillo que verdadeiramente se affirma de qualquer sujeito, isso he o predicado: tambem advirto, que o affirmar deve ser pela palavra *he*. E assim quando uso da palavra *tem*, ou outro verbo, devo reduzir, e explicar a proposição por taes termos, que use da palavra *he*, para conhecer qual vem a ser o predicado; e por isso se digo: *Pedro tem riquezas*, devo reduzir essa proposição a esta: *Pedro he possuidor de riquezas*; e então se vê, que o que eu affirmo de Pedro *he o ser possuidor*, pois só delle he que se verifica que he o Pedro: com isto se acautelão muitos erros. Isto posto, vamos ao que importa muito. Já disse que o concreto tinha duas partes, *sujeito*, e *fórma*.

Eug. Assim he.

Teod. Disse mais, que podiamos olhar para huma

ma direitamente, e como defronte, e para a outra obliquamente, e como de ilharga.

Eug. Estou nisso.

Teod. Ora bem: agora accrescento, que posso fazer isto de tres modos mui diversos. O primeiro he olhar principalmente para o *sujeito*, e obliquamente para a *fórma*: o segundo he olhar principalmente para a *fórma*, e obliquamente para o *sujeito*: o terceiro olhar principalmente para o *sujeito*, e *fórma* tudo junto.

Silv. Nunca tal ouvi na minha vida: sempre me creárão, que só para o sujeito se devia olhar principalmente, e para a fórma sempre obliquamente, ou como dizemos nas escólas *in obliquo* (1).

Teod. Por isso eu dizia, que algumas novidades havieis de encontrar; mas depois particularmente fallaremos nisso. Por ora vou attender a Eugenio, e dar-lhe exemplos destes tres modos de olhar para as partes de que se compõem qualquer concreto.

Eug. Sempre com exemplos entendo as cousas melhor.

Teod. Se eu disser: *Salomão foi rico*, quero dizer que *Salomão foi sujeito*, que teve riquezas; e bem se vê, que o concreto *rico* significa principalmente o *sujeito*, e obliquamente lá olha para as riquezas, como cousa pertencente ao sujeito. Este he o primeiro modo.

Silv. Até ahi me ensinárão a mim.

Teod. Se eu disser: *O branco he côr*, uso de bran-

(1) Esta era a doutrina geral das escólas.

branco como concreto, o qual se deve explicar assim: *A brancura no sujeito he côr*; e bem vedes que olhamos principalmante para a fórma; e menos principalmente para o sujeito (1).

Eug. Tenho entendido, falta o terceiro modo.

Teod. O terceiro modo de explicar os concretos, ou de os resolver, he tomando principalmente o sujeito, e a fórma tudo junto. Como quando digo: *O arco essencialmente he torto*; aqui a palavra *arco* he hum concreto, e quer dizer *vara, e tortura juntamente.* Fazei reflexão neste modo de fallar, porque nelle attendo igualmente á *vara*, que he o sujeito, e á *tortura*, que he a fórma. Quereis ver co-

(1) Esta intelligencia, que era nova nas Escólas, a publicou o Padre João Baptista da Congregação do Oratorio de Lisboa, homem de immortal, e saudosa memoria, e a prova evidentemente: porque muitas proposições temos, que todo o mundo dá por verdadeiras, e não o podem ser, se não tendo esta intelligencia: exemplo seja esta: *O branco he côr*; se pozermos, como costumão nas aulas, o sujeito *in recto*, e a brancura *in obliquo*, hei de dizer *o sujeito da brancura he côr*; e isto he manifesta falsidade, se pozer tudo *in recto*; tambem he erro patente, porque faz este sentido: *O sujeito, e mais a brancura são côr*: logo só póde ter sentido verdadeiro, pondo a *fórma in recto*, e o *sujeito in obliquo*, dizendo, *a brancura no sujeito he côr*: á vista desta proposição se fórmão innumeraveis, que só podem ter este sentido.

como necessariamente devo explicar assim o concreto? reparai, que, se o explicar de outro modo, já a proposição fica falsa, quando todo o mundo concorda que he verdade dizer, *o arco essensialmente he torto.* Quereis ver como necessariamente lhe havemos de dar esta intelligencia? Ora vede: se explicasse o concreto do primeiro modo, pondo só o sujeito em principal lugar, diria assim: *A vara essensialmente he torta*; e isto he falso, porque a vara podia estar mui bem direita; se dissesse do segundo modo: *A tortura da vara essensialmente he torta*, pondo só a *forma* em lugar principal, tambem dizia huma falsidade clara, porque *a tortura não he cousa torta*; sim faz as cousas tortas, mas ella em si não he cousa torta. Logo sómente pondo em principal lugar a vara, e a tortura, he que posso dizer com verdade, que necessariamente he cousa torta; por quanto he cousa bem clara, que *a vara junta com a tortura* essensialmente são huma cousa torta (1).

Silv. Seja como quizerdes: não vos quero perturbar com os meus argumentos; em particular fallaremos.

Teod. Ora já temos, Eugenio, que qualquer concreto se póde tomar de tres modos, ou pondo em principal lugar só o *sujeito* delle, ou só a *forma*, ou tudo juntamente sem differença.

(1) Esta doutrina parece a mesma que se dava nas Escólas sobre os concretos Methafysicos; mas tem grande differença, como adiante se verá.

ça. A regra, que deveis seguir para o tomar ora de hum modo, ora de outro, he ver qual fica mais natural no sentido verdadeiro da proposição; por quanto se suppõe que todo o homem quer fallar verdade, e que o seu sentido he aquelle, no qual a proposição fica verdadeira (1).

Eug. Prevenistes com essa resposta a minha pergunta, porque hia a perguntar-vos a regra para meu governo nessa materia.

Teod. Isto supposto, vai o dictame importantissimo da Logica: *Nunca reputemos por huma mesma idéa aquelle concreto, que se toma por differentes modos* (Proposição 63.). A razão he, porque ainda que a palavra seja a mesma, e o mesmo concreto, vai grande differença em dizer *o sujeito da alvura*, ou dizer *a alvura do sujeito*, e nada he mais nocivo para o discurso, do que fazer confundir duas

Prop. 63.

(1) Se eu disser, fallando do assucar: *Este branco he doce*, ou *este branco he duro*, já se vê que tomo o concreto *branco* pelo sujeito *in recto*, e a fórma *in obliquo*, dizendo assim: *O sujeito da brancura he doce*, ou *duro*: se disser com os Neutonianos: *O branco compõe-se de sete côres primitivas*, bem se vê que quero pôr só a fórma *in recto*, dizendo: *A brancura de qualquer sujeito consta das sete côres*; se disser: *O branco essensialmente involve em si brancura*, manifestamente se vê que devo pôr *in recto* tudo; isto he, fórma, e sujeito, dizendo assim: *O sujeito, e brancura juntamente, são huma cousa que involve em si a brancura.*

duas cousas diversas, como se fossem huma mesma.

Eug. Conheço a razão, e cá vou gravando na memoria este dictame com os outros.

Teod. Para não nos affastarmos do nosso estilo, ponhamos exemplos em que se conheça o erro, que com este dictame se acautela. Digo eu, *o branco he côr, vós sois branco; logo vós sois côr*: isto he hum desproposito. Mas não basta canhecer isso, convém mostrar onde vai o erro. Por quanto a primeira proposição he verdadeira, a segunda tambem, e a disposição de ambas he boa, e com tudo isso a consequencia he falsissima. O erro deste discurso está em que confundo duas cousas diversas, tomando-as como se fossem só huma: na primeira proposição o concreto *branco* toma-se pela *alvura* no sujeito, na segunda toma-se pelo *sujeito* da alvura: isto são cousas mui diversas, e confundem-se, por parecerem a mesma cousa; e porque assentavamos que *branco* na primeira, e *branco* na segunda era tudo o mesmo, ficava o discurso summamente cavilloso, como acabais de ver.

Eug. Com este exemplo entendi melhor a doutrina, que me tinheis dado.

Teod. Deste mesmo modo se responde a mil outros sofismas, que se podem fazer em qualquer materia; e tendo diante dos olhos esse dictame, escapareis desses enganos. Nas aulas se tratão muitos outros pontos que omitto aqui, porque não são precisos para os discursos familiares, e ordinarios de Eugenio; porém

os

os que houverem de tratar as sciencias fundamentalmente, especialmente a Theologia Especulativa, devem fazer aqui grande reflexão, porque não ha materia em que mais facilmente se fação sofysmas. E como não basta conhecer que o são, mas he preciso conhecer tambem onde está o vicio, para o mostrar, e disolver a difficuldade, convém que os que houverem de frequentar as aulas, tenhão nisto hum pouco mais de cuidado, e não passem por esta materia com pé tão veloz. A vós, Silvio, communicarei algumas reflexões, que a experiencia me obrigou a fazer, as quaes a vós, Eugenio, não são precisas. Vamos agora a entreter-nos com a lição d'huma bella tragedia, que da Corte me mandou hum meu amigo, que he estudo, que diverte, e instrue notavelmente, e prouvéra a Deos que visse eu o Theatro reformado, assim como se vão reformando as Escólas.

Eug. Eu vos digo, que já gosto bem pouco das Comedias Hespanholas, pelas quaes algum dia tinha huma paixão inexplicavel.

Silv. Temos travada outra pendencia: ora vamos ouvir essa Tragedia, vamos chorar por divertimento.

Advertencia sómente para os que frequentão as Aulas.

OS concretos ou se podem considerar por ordem ás partes, de que se compõem, ou por ordem ao modo, com que se significão. Considerados por ordem ás partes, de que se compõem, dividem-se em *Fysicos*, e *Methafysicos*; e considerados por ordem ao modo, com que se significão, dividem se em *accidentaes*, e *essenciaes*: expliquemos estes quatro nomes. *Concreto Fysico he o que consta de partes Fysicas*, isto he, partes verdadeiramente distinctas entre si; de sorte, que huma se não possa affirmar da outra: exemplo, seja *rico* que consta de *sujeito*, e de *riquezas*; e eu não posso dizer este *sujeito* he *riquezas*, nem tambem estas *riquezas* são o *sujeito*. *O concreto Methafysico he o que se compõe de partes Methafysicas*, isto he, de partes, que sendo na realidade huma mesma cousa, sómente pelo fingimento do nosso entendimento se distinguem entre si: como quando digo *Deus*, e resolvo assim, *habens Divinitatem*, quero dizer *sujeito da Divindade*; porque verdadeiramente não se distinguem entre si estas duas partes, senão pelo nosso entendimento. Os outros dous concretos distinguem-se pelo modo, com que as partes se significão. *Concreto accidental he o que diz só huma parte in recto*, e a outra *in obliquo*; como v. g. *album*, quando quero dizer *habens albedinem. Concreto essencial he o que diz ambas as partes in recto*; como quando digo *homo*; isto he, *corpus*, *et anima simul*. Muitos confundem o concreto *essensial* com o *Methafysico*; e affirmão que o essensial diz ambas as partes *in recto per modum*

ha-

habentis, e outra vez todas as partes *in obliquo per modum rei habitæ*; nisto creio que ha grande equivocação; porque só se póde isto dizer dos concretos Metafysicos, nos quaes como as duas partes são realmente a mesma cousa, pondo huma *in recto*, verdadeiramente põe se ambas; e pondo-se outra *in obliquo*, verdadeiramente se põe ambas em obliquo, pela real identidade, que tem ambas as partes entre si: e por isso dizendo eu *Deus*, isto he, *habens divinitatem*, como o *habens* realmente he o mesmo que *divinitas*, pondo eu *sujeito* em *recto*, tambem ponho a *divindade*; e pondo eu a *divindade* em obliquo, ponho forçosamente tambem em obliquo o *habente*, ou o *sujeito*; e neste sentido se deve entender a commum doutrina, que estes concretos dizem ambas as partes *in recto per modum habentis*, e ambas outra vez *em obliquo per modum rei habitæ*. Mas esta doutrina nenhum lugar tem nos concretos, que constão de partes Fysicas, e que realmente se distinguem entre si; como v. g. *animatum*, quando o resolvo assim, *corpus et anima simul*: e por isso quem não advertir nisto, forçosamente se ha de equivocar muito. E nenhum embaraço ha para que hum concreto constando de partes bem distintas, como v. g. *animatum*, *album*, *dives*, etc. se expliquem de modo que digão ambas as partes *in recto*, como acima se mostrou; antes he isso precisissimo. Pelo que he cousa mui diversa *concreto essencial*, do que *concreto Methafysico*; póde o concreto ser essensial, e não ser methafysico; porque póde ter partes realmente disctintas: e póde ser Methafysico, e não ser essensial; porque póde representar huma cousa *in recto*, e outra em *obliquo*, como v. g. *habens divinitatem*, ainda que realmente tudo vá *in recto*, e tudo *in obliquo*; mas formalmente só

o *sujeito* he que faz a figura principal, e a fórma, ou quasi fórma faz a figura menos principal. Além disto ha ainda outro ponto que advertir. Muitas proposições ha, que todos dão por verdadeiras, e não o podem ser (segundo entendo) acommodando-as á doutrina commum; por exemplo estes: *Omne album necessario subjacet albedini*: *Omne animatum necessario unitur animæ*, etc. são verdadeiras; porque he impossivel haver branco, sem que esteja sujeito á brancura, nem haver animado sem estar unido á alma. Ora se eu resolver o concreto *animatum*, pondo só o sujeito *in recto*, he falsa, nem posso dizer com verdade: *Subjectum necessario unitur anima*; se puzer *in recto* só a fórma, ainda he peior; nem posso dizer com verdade: *Anima necessario unitur animæ*. Em fim, se puzer sujeito, e fórma tudo *in recto*, tambem he falsa, nem posso dizer: *Subjectum, et anima simul, necessario unitur animæ*. Logo he sinal que de outro modo diverso se deve resolver o concreto. O modo, com que me parece se deve occorrer a esta difficuldade, he o seguinte.

Ainda que os concretos *fysicos* são diversos dos *methafysicos*, com tudo póde hum concreto *fysico* passar para *methafysico*; não porque as partes, que erão realmente distintas, possão deixar de o ser, mas porque posso eu ora dividillo em partes realmente distintas, ora em partes sómente distinctas pela razão; sirva de simile huma pyramide, que constando sempre das mesmas partes, póde ser dividida ora em partes iguaes, e semelhantes, como se a dividir de alto abaixo, ora em partes desiguaes, e dissemelhantes, como se a partir horisontalmente. Assim tambem hum mesmo concreto, constando das mesmas partes, póde ora ser dividido em par-

tes

tes fysicas, ora em partes metafysicas. Ponhamos exemplo no concreto *album*, posso dividillo assim: *Subjectum habens* a huma parte, e *albedinem* a outra parte: deste modo he fysico, porque as partes são distintas; mas posso dividillo de estoutro modo: *Subjectum*, eis aqui huma parte, *habens albedinem*, eis-aqui outra parte; e deste modo são as partes metafysicas. Porque huma parte he o sujeito *secundum se*; e simplesmente, a outra he a denominação ou relação do sujeito para a fórma. Posta esta resolução, vê-se claramente como são verdadeiras as proposições assima; porque quando digo: *Album necessario subjacet albedini*, quero dizer *subjectum*; eis-aqui huma parte *habens albedinem*, eis-aqui outra, pondo ambas as partes *in recto*; o que se explicaria claramente com alguma particula reduplicativa, v. g. *ut*, deste modo *subjectum*, *ut habens albedinem*, para mostrar que *in recto* não só vai o sujeito *secundum se*, mas tambem a relação, que elle diz ao *obliquo*, que he a fórma, a qual fórma sómente entra ahi como connotado da segunda parte *habens*, e não como parte do concreto. E neste sentido bem se vê que he verdade dizer que *subjectum ut habens albedinem necessario subjacet albedini*, e tambem: *Subjectum ut habens animam necessario unitur animæ*, etc. pondo *in recto* tudo; e se pozermos *in recto* só *subjectum*, tudo he falso.

Poderá alguem dizer, que deste modo não se resolve o concreto; porque tanto vale o concreto todo, como só a segunda parte delle, *albens albedinem*. Porém deve advertir que isso mesmo confessão todos, quando eu digo: *Corpus molle*, *res videns*, *corpus durum*, *etc.* nos quaes tanto vale sómente a segunda parte do concreto, como todo elle: tanto vale dizer só o adjectivo *durum*, *molle*, ou *videns*,

co-

como só dizer *res videns*, *corpus durum*, etc. porque em todo o adjectivo se subentende o substantivo; e não obstante isso, ninguem duvida que quando eu digo *corpus durum*, faço certo composto, cujas partes são *corpus*, e *durum*, não obstante que deste modo tanto vale a parte, como o todo, que he o inconveniente, que oppunhão á nossa doutrina. Mas em hum, e outro caso se responde, que quando digo *subjectum habens*, expressamente faço menção do sujeito, e da denominação; e quando digo sómente *habens*, expressamente só exprimo a *denominação*, e se subentende o *sujeito.* Podem tambem dizer que a segunda parte não se póde conceber sem a primeira, e deste modo não podemos dizer que *album* consta de *subjectum*, e de *habens*; mas a isto se responde, que esta mesma condição tem muitos concretos methafysicos, nos quaes a primeira parte he indifferente, e a segunda he a determinação da primeira; e nunca se póde conceber a determinação sem se conceber a parte indifferente, como quando digo *linha curva*, ou *superficie plana*; que não posso conceber *planicie*, sem conceber *superficie*; nem conceber *curvatura*, sem conceber *linha*; e com tudo ninguem duvída, que estas duas cousas são partes dos compostos que dellas resultão. E por conseguinte ainda que *habens albedinem* não se possa conceber sem *subjectum*, com tudo dizendo eu expressamente *subjectum ut habens albadinem*, faço hum concreto methafysico.

TAR-

TARDE XXXXII.

Do juizo, ou sentença, que dá o nosso entendimento.

§. I.

Da natureza do juizo, e suas especies, pelo que toca á quantidade.

Eug. ORa não me direis, Silvio, sinceramente, que conceito fazeis desta Logica que Teodosio me vai ensinando?

Silv. Direi o que entendo, fallando com sinceridade: tudo me parece verdadeiro, tudo claro, tudo natural. Mas sempre a Logica de Aristoteles he outra cousa mui diversa: basta dizer que todos os homens doutos a reputárão sempre por huma cousa maravilhosa, mais alta, e mui sublime.

Teod. Ora não posso deixar de louvar muito a vossa fidelidade, pois assim venerais hum homem morto, que vos não póde agradecer esses obsequios; e o pior he que nem lhe chega lá noticia delles, para ao menos ter desejo de os gratificar. Porém não vos desconsoleis, que a Logica que eu ensino a Eugenio, he a mesma de Aristoteles, mas tratada por ou-

outro modo; nem a que vós estudastes nas aulas he tão genuina delle, que não tenha huma indisivel diversidade da que nós ainda hoje vemos nos seus livros: porém não percamos tempo. Como tudo, Eugenio, he verdadeiro quanto vos ensino, por confissão de Silvio, podemos continuar para diante.

Eug. Vamos ao que nos importa.

Teod. Tendo pois o entendimento formado duas idéas, tem faculdade para as comparar entre si, ou, para o dizer melhor, para comparar entre si os objectos que ellas representão: se acha que tem parentesco, e identidade, affirma hum do outro: se acha que as duas idéas tem entre si repugnancia, diz que os objectos não são a mesma cousa, e nega hum do outro. Por tanto nós *por juizo entendemos o acto do entendimento, com que elle diz que huma cousa he isto, ou que o não he.*

Silv. Vem a ser, a sentença da alma com que diz que he, ou que não he. Hum he juizo que affirma, outro he juizo que nega.

Eug. Isso he cousa corrente, e clarissima.

Teod. Não ha dúvida. Ora este juizo que fórma o entendimento se explica por vozes, e tambem por escrita: e daqui vem que as palavras, que dizem: *Esta cousa he isto*, ou *não he estoutro*, são proposições, ou juizos vocaes; e como são mais sensiveis que as do entendimento, nellas faremos nossa especie de anatomia, applicando aos juizos mentaes o que dissermos das proposições vocaes, guardando-se em tudo a devida proporção.

Eug.

Eug. Fico advertido.

Teod. Passemos agora adiante para explicar o que chamão *quantidade* da proposição. Todas as cousas visiveis são ou grandes, ou pequenas, e a isto chamão a sua *quantidade*; e do mesmo modo fallão das proposições, e juizos; não attendendo a serem mais compridas materialmente, mas a ser a sua significação mais, ou menos extensa, e ampla. Se eu disser: *Este homem he criminoso*, fallo só de hum sujeito, ficando a significação da palavra *homem* limitada, e preza áquelle determinado individuo; de sorte que nem comprehendo mais homens fóra daquelle, nem tenho liberdade para largar aquelle, e fallar de outro, porque a proposição diz *este* determinadamente. A esta proposição assim chamão *singular*. Ora se em vez de eu dizer *este homem*, disser *algum homem*, já fica a proposição mais ampla em certo modo, porque póde correr muitos, e escolher hum, ou outro; com tanto que não pégue se não de hum para fallar delle: a estas proposições chamão *particulares*, ou *dijunctivas*. Porém se eu não usar da palavra *este*, nem da palavra *algum*, mas da palavra *todo*, dizendo assim: *Todo o homem he criminoso*, já fica a proposição amplissima, porque no seu bojo (deixai-me dizer assim) inclue todo o genero humano. Tambem se dissesse *nenhum homem he criminoso*, era universal, e amplissima proposição, porque fallava de todos absolutamente: ora a estas chamão *universaes*. Isto creio eu que se entende bem.

Eug.

Eug. Quem o não entenderá?

Teod. Temos logo que ha tres *sinaes de quantidade*, quero dizer, tres particulas, que servem de dar a conhecer a *quantidade* da proposição; e vem a ser as que já apontei nos exemplos, *este*, *algum*, e *todo*; a primeira he sinal de *singularidade*; a segunda de *particularidade*; a terceira de *universalidade*. Além disso haveis de saber, que quando o termo de si he capaz de significar muitos, e se acha só sem ter nenhuma daquellas particulas, que são sinaes de quantidade, chama-se a proposição *indefinida*, e costuma tomar-se por huma generalidade menos rigorosa, em que se attende só ao mais ordinario, e frequente; por isso se disser *o homem he amigo das estimações*, não digo que todos os homens absolutamente são amigos das estimações, nem tambem que só algum homem he amigo dellas; mas quero dizer que de ordinario os homens são amigos de que os estimem. Isto se deve entender, quando pelas circumstancias se não collige outro sentido, por quanto ás vezes pelas circumstancias se vê que fallamos em caso historico, e singular, outras em materia essencial, e generalissima. Porém prescindindo de circumstancias, quando o termo de si significa muitos individuos, como v. g. *Homem*, *pedra*, *páo*, etc. e não tem particula que o estenda, nem que o limite, toma-se pela maior parte dos sujeitos, e pelo que communmente succede. Tendes percebido, Eugenio?

Eug.

Eug. E bem facilmente.

Teod. Pois eis-aqui tudo o que se diz ácerca da proposição : dizem que ha quatro especies de proposições, universal, singular, particular, e indefinida. A *universal falla de todos absolutamente, dando, ou negando o predicado de cada hum dos sujeitos de per si*; como quando digo: *Todo o homem he vivente*, que quer dizer, que este homem he vivente; o outro homem he vivente; e o outro tambem he vivente, etc.

Silv. Advertistes bem; porque se nós só damos o predicado a todos juntos, mas não a cada hum de per si, já a proposição não he universal.

Eug. Ponde hum exemplo.

Teod. Se disser: *Todos os Apostolos são doze*, dou o predicado a todos juntos, mas não a cada hum de per si.

Eug. Tendes razão; porque isso seria hum desproposito affirmar eu, que S. Pedro era doze, S. Filippe era doze, etc.

Teod. A *particular*, e *disjunctiva* tambem corre todos os individuos, dando, ou tirando o predicado de cada hum, como a universal; mas só com esta differença, que a universal corre todos, pegando em todos, e ajuntando-os, dizendo, *este*, e *aquelle*, e *aquelle*, e *tambem aquelloutro*, etc.: a particular porém corre todos; mas largando hum para pegar no outro, dizendo assim, *ou este*, *ou*, *se não for este*, *aquelle*, *ou*, *se não for aquelle*, *o outro*, etc.

Eug. Percebo a differença.

Silv. Adverti-lhe as proposições *dijunctivas.*

Teod. São raras, Eugenio, aquellas proposições que diz Silvio, e se fórmão com os predicados *preciso*, *necessario*, ou cousa semelhante, os quaes muitas vezes se não podem applicar a cada individuo de per si; mas só a todos juntos, depois de os irem juntando com a particula *ou*: como vemos nesta proposição *alguma embarcação he precisa para navegar*, onde o predicado nunca cahe em embarcação determinada, mas sobre todas; por isso não podemos dizer, ou esta embarcação he precisa para navegar, ou aquella he precisa, ou aquelloutra he precisa; mas devemos dizer assim: ou esta *embarcação, ou aquella, ou aquelloutra he precisa para navegar.* Vamos ás *indefinidas.*

Silv. Vós alli dissestes de passagem huma cousa para mim nova, porque sempre me creárão que a *indefinida* era o mesmo no valor que a *particular*, excepto em materia necessaria, porque então valia o mesmo que universal.

Teod. Essa era a opinião commua; mas o Padre João Baptista do Oratorio fez ver claramente, que nem ainda em materia necessaria a indefinida de si equivalia a universal; como quando dizemos o *animal he homem*, que não vale o mesmo que dizer: *Todo o animal he homem*; e com tudo he materia necessaria.

Silv. Está feito: agora não fallava nisso, fallava em vós dizerdes que a *indefinida* não equivalia a particular, mas a huma proposição

que

que fallasse do mais commum, e mais frequente.

Teod. Disse isso, e me parece que digo o que he mais conforme ao commum sentir: quem diz *o cavallo he animal brioso*, *o cão he agradecido*, *o Castelhano he fallador*, *o Italiano lisongeiro*, *o Alemão pacato*, etc. não se entende que quer dizer, que todos absolutamente, e sem excepção tem esses predicados: nem tambem nos persuadimos que essas proposições querem dizer sómente, que algum sujeito desses tem esses predicados: o que todos entendemos quando ouvimos estas proposições, he que querem dizer que de ordinario, e pela maior parte aquelles sujeitos tem esses predicados: vós haveis de ser testemunhas disto, e dizei fielmente o que entendeis, quando ouvis semelhantes proposições.

Eug. Eu ouvindo dizer, que o cão he agradecido, sempre entendi, que querião dizer que isso era o mais commum dos cães, o serem agradecidos; e Silvio poderá dizer de si o que entende.

Silv. Nessas proposições não posso negar que essa he a intelligencia; porém em muitas outras não será tão grande a extensão, como vós quereis: vê-se isto quando digo *o relogio parou*; *o homem fugio*, etc.

Teod. Já vos disse, que nos factos historicos, as mesmas circumstancias mostrão que fallamos de sujeito singular: nem então se verificava a vossa opinião, porque essas proposições não equivalem ás particulares, mas ás sin-

singulares : não quero dizer só que algum relogio parou, mas que aquelle determinado relogio , de que se fallava , parou : e isto he proposição singular, e não particular. Por onde, Eugenio, concluo, que no commum sentir a proposição indefinida corresponde a huma proposição universal moral , isto he , universal não rigorosa : por isso se dissermos *o homem tem cinco palmos de alto* : *o homem he preto na côr*, etc. nos dirão que dizemos cousas falsas ; e com tudo se essas proposições correspondessem só a particulares , serião verdadeiras na opinião de todos, porque o são estas : *Algum homem tem cinco palmos de alto*; *algum homem he preto na côr*, etc. Logo he sinal que aquellas proposições indefinidas dizem mais do que as particulares; e por isso são falsas , sendo as particulares verdadeiras. Fiquemos logo, Eugenio, em que quando ás circumstancias não dão a entender o contrario, a proposição indefinida corresponde á universal moral , isto he , áquella que falla do que commummente succede ; e se isto não he assim, appello para o tribunal do commum sentir dos homens.

Silv. Pois quando eu souber onde he esse tribunal, irei lá proseguir a causa: vamos a outro ponto.

§. II.

§. II.

Da certeza, ou segurança da verdade; e dos diversos gráos de probabilidade, que póde haver nos nossos juizos, e sentenças.

Teod. PAssemos agora a tratar de outro ponto mais importante, que he acertar com a verdade nos nossos juizos. A isto he que tudo se dirige, e sobre este ponto não vos enfastiareis de ouvir todas quantas reflexões eu julgar oportunas.

Eug. Naturalmente sempre aborreci a mentira; e o erro he para mim hum monstro o mais horroroso que póde imaginar-se, pois do erro nasce tudo que he abominavel, assim como da verdade tudo que he decente, bello, e proveitoso. Más vamos a essas reflexões que tendes feito.

Teod. Já vos tenho explicado com algum vagar, que o nosso entendimento não he táo cégo, como o querião fazer os Pirrhonios, os quaes querião que elle sempre andasse ás apalpadellas, sem nunca se certificar que tinha atinado com a verdade. Tambem vos mostrei que os seus olhos não erão táo prespicazes, que não se enganassem muitas vezes com o erro. Depois disso vos fui acautellando como pude de algumas geraes enfermidades do entendimento, e dos descaminhos que conduzião ao erro. Mas não vos dei a conhecer nem o sinal certo da verdade, com o qual podemos fi-

ficar seguros, e descançados, de que a conseguimos, e não nos equivocamos com ella; nem tambem vos mostrei os caminhos principaes, por onde podemos chegar a descubrir este sinal certo da verdade, e que he como caracter della. Ora isto tenho de fazer hoje, e as seguintes tardes, porque a este fim se encaminha tudo quanto se diz na Logica.

Eug. Eis-aqui huma cousa, pela qual ando suspirando ha muitos tempos: se me ensinaes isto bem, dou-me por bem feliz entre os mortaes.

Teod. Eu vos satisfaço; mas vamos de vagar. Para julgar pois com segurança que he verdade o que se me propõe ao entendimento, isto he, que o sujeito tem, ou que não tem o predicado, de que se trata, he preciso guardar muitas cautellas: eu as vou dizendo pouco a pouco n'alguns dictames certos. Primeiro: *Toda a vez que a idéa do sujeito tem dentro em si a idéa que achamos da parte do predicado, seguramente o podemos affirmar* (Proposição 64.). Ponhamos hum exemplo. Se eu disser: *Todo o arco he torto*, devo examinar a idéa do *arco*; e vendo claramente que envolve em si a idéa de *tortura*, a qual está da parte do predicado, conheço que essa proposição he certissima. Segundo dictame: do mesmo modo *se na idéa do sujeito observar alguma cousa, que repugne com a idéa do predicado, seguramente o posso negar* (Proposição 65.); e he tão evidente esta regra, que basta explicada n'um exemplo, para o en-

Prop. 64.

Prop. 65.

entendimento se convencer da sua verdade. Supponhamos que diz alguem: *O triangulo he redondo.* Nós olhando para a idéa de triangulo, achamos que tem esquinas; e comparando isso com a redondeza, logo achamos que repugnão estas duas cousas entre si; e por isso sem dúvida nenhuma dizemos que não, e claramente julgamos que o *triangulo não he redondo.*

Silv. Fazeis injúria a Eugenio, se consummis mais tempo, explicando cousas tão manifestas, e patentes, como essas.

Eug. Porém muitas vezes (e isto ha de ser o mais ordinario) ainda que eu examine bem a idéa do sujeito, e a do predicado, não verei claramente que huma inclua a outra, nem tambem verei nellas cousas, que repugnem.

Teod. Então devo reparar se vejo na idéa do sujeito algum sinal, que costume andar junto com o predicado, e por esse sinal me posso governar com a devida cautéla. Exemplo. Vejo hum homem a primeira vez, e propõe-se-me ao entendimento se será enfermo, ou terá saude. A idéa, que fórmo delle, compõe-se de todos os predicados, que lhe são essensiaes, e está tambem vestida dos accidentes, que nelle acho: em todos estes predicados não encontro nem a saude, nem cousa que indefectivelmente repugne a ella. Neste caso devo ver se posso achar algum sinal, que de ordinario costume andar com a saude, ou costume acompanhar a enfermidade: e como a palidêz demaziada costuma ser effeito da en-

fermidade, se nelle vejo huma extrema palidêz, digo: *Este homem he enfermo.* Pelo contrario, se o vejo nutrido, com boas côres, e ar risonho, como estes são de ordinario os sinaes, que costumão andar com a saude, digo sem escrupulo: *Este homem está são.*

Silv. Mas se lhe não tomardes o pulso, podeis facilmente enganar-vos: e só os Medicos, e nem todos, podem fazer nesse ponto juizo certo.

Eug. Vós puxais pela vossa jurisdicção: fazeis bem.

Teod. Provera a Deos que ao menos os senhores Medicos fizesem juizo certo sobre a nossa saude, ou enfermidade; mas he grande desgraça, que tambem elles se enganão. Agora a razão disto faz ao nosso caso, porque os sinaes que acompanhão qualquer predicado, são de differentes classes: ha huns, que sempre, e em todos os casos tem em sua companhia o predicado, e são sinaes absolutamente infalliveis; outros podem fallar em alguns casos rarissimos; e outros muitas vezes se achão sem o predicado, posto que o mais commum, e regular seja trazello em sua companhia. Ora destas tres castas de sinaes resultão tres differentes certezas, ou seguranças do entendimento, quando julga. Se o sinal he absolutamente infallivel, e nunca deixa de trazer em sua companhia o predicado, então, se affirmo o predicado, tenho *certeza total*, ou *methafysica* da verdade. Porém se o sinal póde falhar só em casos rarissimos, e por milagre, então

a

a *certeza* he sómente *fysica*, porque absolutámente podemos enganar-nos, se ahi houver milagre, ou feiticeria, ou caso raro da natureza. Ultimamente se o sinal póde muitas vezes falhar, posto que seja communissimo o estar com o predicado, posso prudentemente affirmallo; mas a *certeza* he sómente moral: e dahi para baixo á proporção, vai-se diminuindo a certeza da proposição, e entra a *probabilidade*, a qual tambem vai diminuindo, conforme vai diminuindo a difficuldade de estar aquelle sinal sem o predicado, até que degenera a probabilidade em méra *dúvida*, e a proposição fica temeraria, por quanto não se estriba em prudente fundamento.

Silv. Tudo vai da falencia que póde ter aquelle sinal do predicado, que eu vejo no sujeito; e á proporção das vezes, que esse sinal póde falhar, he o perigo do nosso engano, e o receio, e cautéla, que devemos ter na nossa affirmação.

Eug. Pelo que tendes dito, sómente o que eu vir com meus olhos, he que passo dar por certo, e absolutamente infallivel, com essa certeza que chamais methafysica.

Teod. De vagar, Eugenio, que ahi póde haver algum engano mui pernicioso, como vos disse ha poucos dias. Aquillo, que os nossos olhos claramente persuadem, tem bastante certeza, quando nem a Fé, nem razão forte o contradiz; porém nisso mesmo, que os sentidos claramente persuadem absolutamente, póde haver

engano, como já vos disse (1). Ainda que concordem os mais sentidos com o que dizem os olhos, e não sómente vós, mas todos os mais homens testifiquem isso mesmo, ainda nesse caso podemos absolutamente enganar-nos ou por feiticeria, ou por milagre, e poder de Deos. E para não irmos mais longe, vêde o que acontece no ineffavel Mysterio da Eucharistia. Os olhos persuadem que he pão, o gosto os ouvidos, quando se divide a Hostia, o tacto no seu pezo, em fim todos os sentidos uniforme, e claramente dizem, que alli está pão; e com tudo he falso: obrando o poder de Deos todas estas maravilhas, que os olhos não alcanção, porque o Omnipotente lhas esconde.

Eug. Qual he logo o fundamento, que póde dar de si huma certeza total, e absolutamente infallivel?

Tecd. São dous: hum natural, outro sobrenatural: o natural he a *evidencia*, isto he, ver eu claramente pela razão, que na idéa do sujeito se involve o predicado, ou algum sinal, que he absolutamente inseparavel delle, como quando digo *o triangulo he esquinado*, *o circulo he redondo*, ou tambem *o discursivo he espiritual*, etc. O fundamento sobrenatural, que me dá certeza methafysica, he o da Fé Divina; e vem a ser o testemunho de Deos, que nem se engana a si, nem me póde enganar a mim: e quando eu encontro este testemunho de Deos proposto pela Igreja Romana, fico certo absolutamente da verdade da pro-

(1) Pag. 125. et seq.

proposição, porque este sinal não se póde separar do predicado. Assim digo, que se baptizárão o menino como a Igreja ensina, ficou sua alma santificada, e em amizade de Deos, ainda que o discurso natural me não dê a ver a connexão infallivel entre aquelle lavatorio de agua, e a amizade de Deos. Fóra destes dous fundamentos todos os demais são absolutamente falliveis; porém com esta possibilidade absoluta de falharem, póde estar huma moral certeza, ou ainda certeza fysica: e conforme for esta connexão, ou parentesco do sinal, que vemos no sujeito com o predicado, assim he a segurança do nosso juizo.

Eug. Tenho entendido, e com muita facilidade.

Teod. Agora advirto, que o mesmo que se diz do sinal, que acompanha o predicado, se deve dizer á proporção do sinal, que lhe repugna, e o exclue: e por esta razão, assim como ver eu no sujeito hum sinal do predicado he fundamento para affirmar esse predicado, assim tambem ver eu hum sinal, que lhe repugna, he fundamento para o negar.

Eug. Isso he bem manifesto.

Teod. Supposto isto, firmai na memoria estoutro dictame: *Quando na idéa do sujeito não vemos nem o predicado, nem sinal, que costume acompanhallo, nem cousa, que lhe repugne, devemos abster-nos de conceder, ou negar o predicado* (Proposição 66.)

Prop. 66.

Silv. Isso he prudentissimo; porque como hei de dizer huma cousa sem fundamento? Se eu, não

não vendo o predicado, visse ao menos sinal delle, já o podia affirmar; mas sem isso, he temeridade.

Teod. E tambem he temeridade o negallo; porque muitas cousas póde ter o sujeito em si, sem que eu as veja na idéa, que delle fórmo. Deixai-me pôr hum exemplo bem trivial. Passo eu por casa de vosso tio Commendador; se o vejo á janella, já sei que está em casa com certeza fysica: se vejo a sua carruagem á porta, tambem julgo prudentemente que está, porque he sinal mui provavel de que ainda não sahio, posto que isto póde absolutamente ter fallencia. Se vejo carruagens alhéia á sua porta, tambem por esse sinal posso com bastante probabilidade julgar, que está em casa. Mas se vejo a porta fechada, já sei com moral certeza que não está em casa; porque nunca se costuma fechar a porta de dia, estando elle em casa. Porém supponhamos que vejo a porta aberta, e que não vejo carruagem, nem criados, nestes termos devo suspender o meu juizo; porque julgar que está fóra, he temerario, pois póde estar em casa; julgar que está em casa, he temerario, pois póde ter sahido; o seguro he dizer *não sei.*

Silv. Para isso, meu Teodosio, não vos canseis em dar dictames a Eugenio, que elle sem mais Logica, do que a que Deos lhe deo, assim julgou sempre, quando passou por casa de seu tio.

Teod. Amigo Silvio, eu busco estes exemplos familiares, porque conduzem muito para a in-

tel-

telligencia do dictame; mas o dictame não o dou para esses casos familiares, nos quaes se não erra: além de que esse erro não valia nada: dou o dictame para materias de importancia, e para muitos casos, em que pessoas de muitos estudos costumão cahir. A experiencia vo-lo ensinará. Agora concluo com advertir a Eugenio, que a maior parte dos homens trocão as palavras nesta materia com perigo de engano. Muitas vezes dizemos, que vemos hum predicado no sujeito, e tal não vemos, por quanto sómente vemos hum sinal do predicado; e como este sinal muitas vezes he fallivel, vimos a enganar-nos nisso mesmo que dizemos ter visto, que he assás commum.

Silv. Tal deve ser hum sujeito, de quem o nosso amigo * * * diz com bem graça, fazendo acção viva, que já tem duas covas na cara de dizer, pondo os dedos nella: *Eu o vi com estes olhos*; e que com tudo nunca abríra a boca que não mentisse.

Teod. Já lhe ouvi essa expressão, que tem bem força, e energia. Mas ainda sem serem homens tão mentirosos como esse, costumão enganar-se a cada passo nisso mesmo, que testificão de vista. De ordinario se vemos a hum homem, que lhe treme a falla, os olhos sintilão, o rosto se faz vermelho, os membros estão inquietos, e a voz alterada, dizemos que vimos a sua cólera, sanha, e ira; e com tudo sendo isto tudo movimentos do animo, não se podem ver: sómente vemos alguns sinaes exteriores, que costumão acompanhar aquellas

in-

interiores paixões da alma ; mas esses sinaes não são o mesmo que aquellas paixões, antes póde acontecer que sejão huma méra demonstração fingida do animo, que na realidade não está, mas só se quer mostrar encolerizado. Isto vedes vós no theatro, quando os representantes se mostrão em furia contra aquelles, que talvez bem ternamente amão. Por tanto acautellai-vos bem, ainda naquellas cousas, de que vos persuadis que vedes com vossos olhos ; porque muitas vezes só vemos huns sinaes do predicado, e sem escrupulo dizemos que vemos o tal predicado.

Eug. Agora vejo que he mais frequente, do que eu cuidava, o errar ; e enganarmos-nos, ainda naquillo que nos parece que vemos com os olhos : e no que toca ás paixões do animo, e movimento do nosso interior, irei com cautéla em julgar ; porque quando muito só podemos ver huns externos sinaes dos movimentos interiores, os quaes costumão ser falliveis.

Silv. Aqui ficão condemnados desde logo os que pela fisionomia do rosto, e suas feições, e movimentos querem julgar das inclinações, e costumes, e do animo interior.

Teod. Não se póde negar que algum indicio muitas vezes dá o semblante daquellas paixões, que ha no interior; mas esse juizo sempre he perigoso, e não passa de provavel, posto que póde ser tão circumstanciada esta probabilidade, que chegue a evidencia moral.

§. III.

§. III.

Examina-se a verdade dos juizos, cujos sujeitos não existem.

Silv. VO's ides pondo taes apertos a Eugenio, que elle naturalmente vai a dar no Pirrhonismo, e chegará a duvidar de tudo.

Eug. Por ora como sou aprendiz na materia de julgar, bom he que o faça sempre a medo. Vós sois Mestre já mais exercitado, podeis julgar affoitamente.

Teod. Meu Eugenio, crede-me: os homens de mais estudos, mais experiencia, e mais entendimento são hoje os que mais receião errar. Mas não convém duvidar do que he evidente, nem affoitamente segurar o que he incerto: ide-vos governando pelos dictames que vos dei, e sabei que caminhais direito para o fim que pertendeis.

Silv. Ora com vossa licença. Eu creio que, ainda governando-se Eugenio por esses dictames, não vai tão seguro, que não tenha perigo de erro. Vós dizeis, que quando eu na idéa do sujeito estou vendo claramente hum predicado, ou sinal infallivel delle, posso seguramente affirmallo.

Teod. Assim o disse, e assim o direi, se me não convencerdes do contrario.

Silv. Tendes contra isso muitas proposições, cujo sujeito não existe, e se costumão dar por fal-

falsas ; e com tudo na idéa do sujeito se vê claramente o predicado.

Eug. Eu requeiro exemplos , porque sem isso pouco entendo.

Silv. Eu os ponho : supponde que digo : *O Rei de Veneza he homem , o Marquez de Cacilhas he fidalgo ; as Baleias do Téjo são viventes.* Vós rides , Eugenio ? ora dizei se são verdadeiras , ou falsas estas proposições.

Eug. Os predicados parece que se incluem nas idéas do sujeito ; porque *a Baleia* essencialmente he *vivente* ; *os Marquezes* necessariamente são *fidalgos* , e *os Reys* são *homens.*

Silv. Assim será ; porém nem Veneza tem Rei , porque he huma Républica ; nem o Téjo tem Baleias , nem Cacilhas he titulo de algum Marquez , que até agora ouvesse.

Teod. Chamão-se estas proposições nas aulas *de subjecto non supponente* : e destas costumão dizer , que são falsas , e na realidade o são ; porque não obstante parecer que na idéa do sujeito se vê claramente o predicado , com tudo não he assim como parece : e a razão he , porque *Baleias do Téjo* são nada , são huma ficção do entendimento , são huma quiméra : ora as quiméras , e ficções do entendimento não são animaes , nem viventes : o mesmo digo *do Rei de Veneza* , que he outra ficção do entendimento ; e assim não podemos delle affirmar predicado nenhum , que tenha entidade verdadeira , nem dizer delle que he homem.

Silv. Pois na idéa de hum Rei não se inclue o ser homem ?

Teod.

Teód. Conforme for o Rei : se for Rei verdadeiro, então sim ; se for Rei fingido, não, porque nesse caso compõe-se a sua idéa de cousas fingidas. Pelo que, Eugenio, tomai este dictame: *Toda a vez que o sujeito da proposição se suppõe que existe, e na realidade não existe, já não se póde delle affirmar predicado real, e verdadeiro* (Proposição 67.) E a razão he, porque nesse caso fica o sujeito sendo huma pura ficção, a qual não tem ser, nem entidade; e de huma cousa fingida não podemos affirmar cousa verdadeira, e real.

Prop. 67.

Silv. Eu já passei por isto ha muito; mas parece-me que essa regra não he geral ; porque se nós, estando a Sé Apostolica vacante, dissessemos : *o Summo Pontifice he Vigario de Christo*, ninguem se havia de rir, sinal de que a nossa proposição seria acertada, e verdadeira ; e com tudo não existia o Summo Pontifice: logo tambem no nosso caso.

Teód. Amigo Silvio, vós pondes huma difficuldade grande ; mas creio que ha de dar bem luz no presente caso, e dar occasião a doutrina importante. Qualquer sujeito, ou suppomos, que agora existe, ou prescindimos disso, como quem diz, quer agora exista, quer não. Se suppomos que existe, e elle na realidade se não acha no Universo, fica sujeito ficticio, imaginario, quimerico, falso, e fabuloso, e verdadeiramente he hum *nada*. Pelo contrario, se fallando do tal sujeito, prescindimos da sua existencia, e dizemos, quer

ago-

agora exista, quer não, (porquê fallamos do sujeito em si, e no que toca á sua natureza, ou á sua essensia) então, ainda que elle não exista actualmente no Mundo, nem por isso fica imaginario, nem fingido, nem quimerico: e deste modo podemos nós affirmar muitas cousas de sujeitos, que não existem. No caso que allegais, he verdade dizer que *o Summo Pontifice he homem, que he vivente, que he Sacerdote, que he Vigario de JESU Christo*, etc.; porque quando affirmamos estes predicados, nem dizemos, nem suppomos que existe o Summo Pontifice, mas dizemos que quer elle exista agora, quer não, quando o ouver forçosamente ha de ser *Sacerdote*, *vivente*, *Vigario de Christo*, etc. porque estes predicados são da sua essensia, e sempre o acompanhão. Quereis ver isto claramente? ora reparai. Se eu disser no tempo da Sé Vacante: *O Papa, que hoje ha, he homem, ou he Sacerdote*, etc. não digo bem, e todos se hão de rir de mim; porque dizer eu: *O Papa, que hoje ha*, he fingir huma cousa na cabeça, e desta mesma ficção não posso eu dizer, que he *homem*, nem *vivente*, etc. Porém se eu disser simplesmente: *O Papa he homem*, já digo bem, porque não supponho que existe determinadamente; mas fallo do Papa absolutamente, quer agora exista, quer não, porque o meu sentido he dizer delle, que toda a vez que existir, ha de ser *homem*, e *Sacerdote*, etc. Pelo que, Eugenio, reparai bem no dictame, que vos dei. Eu não disse, que

toda

toda a vez que o sujeito da proposição não existia, já não podiamos affirmar delle predicado real, e positivo: disse, que quando a proposição suppunha que existia, e na realidade assim não era, que então tudo era perdido. E por este motivo, dizer que *o Rei de Veneza he poderoso*, que *as Balleias do Téjo são corpulentas*, etc. he dizer despropositos, pois as taes proposições suppõem que ha, ou costuma haver Balleias no Téjo, que ha, ou costuma haver Reis em Veneza, e isto he huma ficção.

Eug. Já percebo.

Teod. Accrescento agora outro dictame, pelo que disse Silvio, e vem a ser este: *Quando a proposição não póde suppôr, ou não suppõe a existencia actual do sujeito, posso delle affirmar os seus predicados necessarios, ainda que não exista; mas os predicados contingentes, não.* (Proposição 68.) V. g. posso dizer no tempo da Sé Vacante: *O Summo Pontifice he Sacerdote*, e não posso dizer: *O Summo Pontifice he enfermo*; a razão he, porque os predicados necessarios sempre se incluem na idéa do sujeito, ou a seguem em todo o estado, quer exista só no entendimento, quer exista na realidade, e assim não he preciso que o sujeito exista realmente, para sabermos que tem aquelle predicado. Pelo contrario, os predicados que não são necessarios, como nem se incluem, nem acompanhão sempre a idéa do sujeito, he preciso esperar que existão, para ver se os tem, ou se os não tem; e por

Prop. 68.

isso

isso quem os affirma, sempre suppõem, que o sujeito existe; e se não existir, fica o sujeito reduzido a huma cousa quimerica, e fingida, da qual se não póde affirmar predicado verdadeiro, e real.

Eug. Tenho percebido bem.

Teod. Advirto agora, que algumas proposições ha, cuja verdade he mui duvidosa; porque he mui duvidoso, se ellas suppõem, ou não a existencia do sujeito. Supponhamos, que morrêrão todos os Medicos (perdoai a supposição.)

Silv. Eu perdoo: como eu esteja com saude perfeitissima, supponde, como quizerdes, que eu morri.

Teod. Está bem. Nesse caso se dissermos: *O Medico he homem*, fica a proposição duvidosa; se o meu sentido for: *O Medico, que ha agora, he homem*, he falsa; porque então finjo o sujeito, e dessa ficção affirmo que he homem; porém se o meu sentido for o *Medico, toda a vez que o houver, ha de ser homem*, então disse verdade. Por tanto nessas proposições, e outras semelhantes he preciso cautéla; por quanto muitas vezes suppõe, e fingem que o sujeito existe, e isso bota a perder a sua verdade, pois (como já disse) ficão com hum sujeito fingido, e quimerico; e não suppondo que o ha, mas fallando absolutamente, e como quem diz: *Se o houver, ou quando o houver*, então não he fingido, mas verdadeiro.

Silv. Do que tendes dito infiro eu, que dais por

por verdadeiras as proposições, que nas Escólas chamão de *sujeito per accidens conjuncto*, *e predicado simples*, como v. g. *o homem branco he branco*; *o varão sábio he sábio*, etc. ainda no caso que não existão os sujeitos dellas.

Teod. Dou-as por verdadeiras, e essensiaes, quando ellas não fingem, nem suppõem expressa, ou tacitamente a existencia dos sujeitos, v. g. *o homem, que he agora branco, ou o varão, que he agora sabio*; mas fallando francamente, e prescindindo da sua actual existencia, então dou-as por tão verdadeiras, e essensiaes, como esta: *O animal racional he racional*, etc. porque a idéa do predicado se inclue manifestamente na idéa do sujeito; e he o mesmo que dizer: *Quem tiver dous predicados, tem necessariamente hum destes dous*; ou por outro modo: *Quem for homem, e além disso for branco, he branco*; e não póde haver cousa mais certa, nem mais evidente, e essensial.

Silv. Pois essa questão nas Escólas he mui debatida.

Teod. Não o nego: eu resolvo-a com esta distincção. O que faz essas proposições falsas, meu Silvio, he suppôr tacita, ou expressamente a existencia dos sujeitos, que não ha: daqui he que vem todo o mal.

Silv. Tenho contra isso, que se eu disser: *O homem Leão he homem*, ou *a Aguia racional he aguia*, deveis dizer, que são verdadeiras, porque a idéa do predicado se involve na idéa

do

do sujeito; e todo o mundo dá essas proposições por falsas, e quimericas.

Teod. E tambem eu: e negarei, que a idéa do predicado se involva na idéa do sujeito. Olhai, Silvio, quando dous predicados são incompativeis, o mesmo he ajuntallos, que destruillos; assim acontece a esses predicados *homem*, e *leão*, ou outros semelhantes; em os ajuntando, já o *homem* fica fingido, e tambem fingido o *Leão*; e por conseguinte na idéa do sujeito não se inclue a idéa do predicado. Porquanto da parte do predicado como a palavra *homem* está só, toma-se por homem verdadeiro, pois não ha quem embarace essa natural intelligencia; e assim venho a affirmar *o homem verdadeiro do homem fingido.* Eugenio, tomai sentido neste dictame importante: *Quando eu ajunto duas cousas, que nunca se podem unir, o querer ajuntallas, he fingillas; e desse sujeito quimerico, e fingido não posso affirmar predicado real, e verdadeiro* (Proposição 69.) Assim quando digo, *homem leão he homem*, affirmo em lugar de *homem*, e *leão* verdadeiros, hum homem, e hum leão imaginarios. Pelo contrario, quando eu ajunto cousas, que entre si não repugnão, como v. g. *homem*, e *sabedoria*, ou *brancura*, etc. então, ainda que as considere juntas, não as finjo, e posso reputallas por verdadeiras. Se me entendeis, Eugenio, passemos adiante; mas conservai bem esta doutrina, que he importantissima, muito mais do que podeis imaginar.

Prop. 69.

Eug.

Eug. Parece-me, Teodosio, que vos tenho entendido bem; e posto que estas cousas pedem grande attenção, não acho o que receava, segundo a informação de Silvio.

Silv. Lá iremos para diante, quando Teodosio tratar das proposições Modaes, vereis que he hum labyrintho, que ninguem se entende nelle.

§. IV.

Das proposições, a que chamão Modaes.

Teod. SEja embora já, que não vem fóra de tempo. Olhai, Eugenio, cousas ha, que não são difficultosas em si; mas são difficultosas, porque as fizerão taes, sem que ellas o fossem: eu vos direi neste ponto o que he certo, e o que importa: o demais como he escusado, não importa que seja escuro.

Silv. Ora vejamos como fazeis essa separação do util, e do escusado.

Teod. Chamamos proposição *Modal* aquella; que não sómente diz que o sujeito tem ou carece de predicado; mas que declara o *modo*, com que o tem, ou carece delle; v. g. esta: *O homem necessariamente he vivente*; *o impio difficilmente se salva*; *o justo ultimamente he feliz*; *Anibal casualmente venceo*, etc. Estas proposições para serem verdadeiras, não só he preciso que o predicado esteja no sujeito, mas que esteja daquelle modo que el-

las dizem, aliàs he falsa a proposição. Se eu disser: *Creso necessariamente foi rico*, não fallo verdade, porque ainda que teve riquezas, não as teve necessariamente: foi cousa, que mui facilmente podia não ser assim, como tem succedido a muitos. Do mesmo modo se disser: *Pedro casualmente he homem*, não digo bem, porque ainda que tem o predicado, não o tem *casualmente*, mas *necessariamente*. Pelo que tomai este dictame unico, e importante: *Em qualquer proposição devemos reparar não só no predicado, mas no modo, com que ella diz, que o sujeito o tem, ou que carece delle; e em qualquer cousa que se falte á verdade, devemos dar por falso todo o juizo* (Proposição 70.) E aqui está tudo o que he preciso dizer ácerca das *Modaes*.

Prop. 70.

Eug. Esse dictame he bem conforme á razão; não he crivel que me esqueça.

Silv. Adverti sempre, que os Filosofos costumão contar só quatro *Modos*, que vem a ser, *necessario*, *impossivel*, *possivel*, *e contingente*, que isto he cousa importante.

Teod. Podem contar tantos modos, quantos adverbios ha, que se possão pôr nas proposições, porque todos elles modificão a affirmação, ou negação. Estes adverbios, *ordinariamente*, *casualmente*, *provavelmente*, *raramente*, *communmente*, *alternativamente*, etc. postos em qualquer proposição, já a fazem *Modal*; de sorte, que podem passar de falsas para verdadeiras, e ás avéssas; pois ás vezes convindo o predicado ao sujeito absolutamente,

não

não lhe convém daquelle modo, que a proposição diz; pelo que, Silvio, não são sómente quatro classes de proposições *Modaes*, são tantas, quantos adverbios ha.

Silv. Sempre se hão de reduzir aos *quatro*; nem eu nas Escólas conheci outros, senão os quatro, que disse.

Teod. Debalde tomareis esse trabalho, porque tem aquelles adverbios significações mui diversas: o que nos importa, he saber, que de todos elles se usa, e em todos se dá a mesma doutrina. Agora se se podem reduzir todos áquelles quatro, deixo á vossa curiosidade: se quizerdes trabalhar em vão, ou divertir-vos com isso, podeis fazello. Os Filosofos Peripateticos, Eugenio, erão tentados com o numero de quatro; como vião quatro partes do mundo, querião quatro humores só no corpo humano, quatro fazes na Lua, quatro opposições, quatro modaes, etc.; e seja como for, tudo ha de ser do número quatro. Ora seja como quizerdes, e reduzi a quatro todos os adverbios imaginaveis, e então serão só quatro as Modaes.

Silv. Vós parece que jurastes de não concordar em nada comnosco.

Teod. Eu vou attendendo á instrucção de Eugenio, e passo a advertir-lhe huma cousa, que não será inutil. Algumas proposições há, que ainda nas Escólas se chamão *Modaes*, e rigostosamente fallando, não o são: v. g. estas: *O homem ser discursivo he necessario, ou he cousa necessaria*, e outras semelhantes. Digo

pois, que rigorosamente fallando, esta proposição não he *modal*, mas absoluta; porque o sujeito desta proposição não he o *homem*, mas he todo este dito, *ser homem discursivo*; e deste dito se affirma hum predicado simplesmente, que vem a ser este, *cousa necessaria*; e como esta proposição affirma o predicado simplesmente, sem adverbio que explique o modo, com que o predicado convém ao sujeito, vem a ficar proposição absoluta, ainda que o sentido della equivalle a estoutra Modal, que diz: *O homem necessariamente he discursivo.* Advirto mais, que não vos embaraceis com o lugar, em que se põe as palavras, para saber qual he o sujeito, ou predicado; por isso tanto vale dizer eu, *he cousa necessaria ser o homem discursivo*, pondo em primeiro lugar o verbo *he*, dahi o predicado *cousa necessaria*, dahi o sujeito *ser o homem discursivo*; como se trocar os lugares, e disser, *necessario he ser o homem discursivo*, ou, *ser o homem discursivo he necessario.*

Eug. Já estou advertido, e percebo bellamente.

Silv. Não vou contra isso, posto que me parece muito escrupulo não chamar a essas proposições Modaes.

Teod. Não duvido que se reputem Modaes, por equivalerem a ellas; porém, como eu chamo proposição Modal aquella, que affirma, ou nega o predicado, dizendo juntamente o modo, com que o tem, ou o não tem, por esta definição ficão aquellas proposições excluidas,

por-

porque o predicado he simplesmente *cousa necessaria*, como já disse.

Eug. Pergunto eu: E nas negativas ha a mesma doutrina?

Teod. A mesma: porém quero acautelar-vos huma equivocação; e vem a ser, que a proposição Modal não ha de negar o adverbio, mas deixallo isento da negação, v. g. se eu disser: *Pedro não he rico, necessariamente*, esta proposição não he Modal; para o ser hei de pôr o adverbio antes da negação, deste modo: *Pedro necessariamente não he rico.*

Eug. Mas então he falsa.

Teod. Seja embora, sempre serve para exemplo; aqui tendes huma verdadeira: *Pedro necessariamente não he chumbo.*

Eug. Tenho percebido.

Teod. Pois tendes entendido tudo o que ha nesta impertinente materia que mereça atenção; o demais serve para se divertirem nas escólas engenhos ociosos.

§. V.

§. V.

Das proposições Complexas.

Silv. BEm podeis, Eugenio, crer, que Teodosio faz quanto póde por vos livrar de difficuldades; pois o que nas aulas nos cança, e fatiga bem o entendimento, o dá por explicado nestas conferencias em quatro palavras.

Teod. Eu bem sei, que muitas cousas omitto, que nas aulas se tratão; porém entendo, que nada deixarei, que seja preciso para o fim que pertendo. Agora entramos com as proposições complexas, que tambem tratarei com passo ligeiro; porque me tem ensinado a experiencia, que a pessoas de juizo desembaraçado mais faceis são certas materias tomadas singelamente, do que examinadas com as reflexões das aulas. Agora vós o vereis; pois explicados simplesmente alguns termos, espero que Eugenio, sem ter nesta materia instrucção alguma, vá respondendo como vós responderieis: vós que estudastes nas aulas. Dizei-me, Eugenio, se eu disser agora, que *vós, e Silvio passeais*, fallarei verdade?

Eug. Não certamente, porque eu estou sentado, e só Silvio he quem passeia.

Teod. Bem está: logo *quando eu n'uma proposição affirmo ou nego algum predicado de dous sujeitos juntamente, não basta que hum*

só

só o tenha ou careça delle, para ser verdadeira (Proposição 71.). Assentai este dictame.

Prop. 71.

Eug. Nisso não ha dúvida: escusado he delle fazer memoria.

Teod. Pois isso he o que se diz nas aulas das proposições *copulativas*; quero dizer, daquellas, que ajuntão dous sujeitos com a conjuncção *e*, como eu fiz, dizendo: *Vós, e Silvio.* Pergunto mais; e para ser verdadeira esta negativa: *Nem Eugenio, nem Silvio estão fallando*, que he preciso?

Eug. Tambem he preciso que ambos estejão callados; porque se hum fallar, já a proposição mentio.

Teod. Aquillo he, Silvio, o que se diz nas aulas, e nada mais; mas logo me respondereis no fim: vamos ás *Condicionaes*; isto he, áquellas proposições, que affirmão ou negão o predicado debaixo de certa condição. Supponde vós, que eu dizia: *Se he certa a noticia da morte do Papa, temos Sé vacante*; pergunto, para ser verdadeira esta minha proposição, he preciso que com effeito o Papa esteja morto?

Eug. Não.

Teod. Será preciso, que com effeito estejamos já em Sé vacante?

Eug. Tambem não, porque vós não dizieis que o Papa morreo; mas que no caso que morresse, se seguia infallivelmente termos Sé vacante.

Teod. Bem: logo *quando huma proposição for*

con-

condicional, para ser verdadeira, não he preciso que exista a condição ou a cousa affirmada, basta, e he preciso que a cousa affirmada se siga da condição. (Proposição 72.) Eis-aqui outro dictame. Em todas as proposições condicionaes vereis isto mesmo que se requere, e basta que da condição forçosamente se siga isso que se diz; por isso he verdade dizer: *Se houver hoje terremoto, ha de haver muito susto: se o nosso visinho sahir Cardeal, ha de haver muita alegria: se chegar a frota até sabbado, hei de ganhar tres apostas*, etc. Ainda que nada disto aconteça, sempre fallo verdade.

Prop. 72.

Eug. Tenho isso por cousa evidentissima.

Teod. Pois eis-ahi o que se ensina nas aulas, e nada mais; e por esta razão dizem, que he falsa esta proposição: *Se Luiz XV. he branco, he Rei de França*; por quanto ainda que he verdade o ser elle branco, que isto he a condição; ainda que tambem seja verdade o ser Rei de França; com tudo como isto de ser Rei de França não se segue de ser branco, fica a proposição falsa. Vamos a estoutra proposição, que já he d'outro genero. Supponde que eu digo: *Porque sou Cardeal, sou Ecclesiastico*, fallo verdade?

Eug. E como haveis de fallar verdade, se vós sois hum Cavalheiro casado, que nem Cardeal sois, nem tal nunca vos passou pela cabeça?

Teod. Pois como! de ser Cardeal não se segue necessariamente ser eu Ecclesiastico?

Eug.

Eug. Isso he no caso que vós fosseis Cardeal; mas não o sois.

Teod. Eis-ahi como para ser verdadeira esta minha proposição, não basta que huma cousa se siga da outra, assim como diziamos nas condicionaes; mas he preciso que na realidade se verifique huma, e mais outra.

Eug. Assim he, nem eu duvidei disso já mais.

Teod. Pois assim discorrem nas Escólas ácerca das proposições *Racionaes*, ou *Causaes* (chamão causaes aquellas, que dizem a causa, ou a razão, por que o sujeito tem o predicado.) Dizem pois, que para as *Proposições causaes serem verdadeiras, he preciso que huma cousa se siga da outra, e de mais a mais, que se verifiquem na realidade ambas.* (Proposição 73.) Por isso dizendo eu: *Se for Cardeal, sou Ecclesiastico*, fallo verdade; porém voltando a proposição de fórma, que não fique *condicional*, mas *causal*; usando da palavra *porque*, ou *por quanto*, já fica falsa, e não he *condicional*, mas *causal*; e assim para ser verdadeira, he preciso que eu seja Cardeal, e que seja Ecclesiastico; e que além disso o ser Cardeal seja razão bastante para ser Ecclesiastico; pois só então concordarão comigo, se disser: *Por quanto sou Cardeal, sou Ecclesiastico.*

Prop. 73.

Eug. Tudo isto são cousas tão patentes, que ninguem me parece que duvidará dellas.

Teod. Dizeis bem; mas he preciso reduzir a certos principios, ou regras esse mesmo commum sentir, de sorte que saibamos o porque

se

se dá huma proposição por falsa, ou por verdadeira. Vamos ás proposições *Disjunctivas*, que são aquellas que affirmão hum predicado indeterminadamente, como estas: *Pedro ou está são, ou enfermo. A estas horas a fróta ou chegou á Bahia, ou se perdeo*, etc. onde vereis que se affirmão os predicados com indeterminação. Ora adverti, que aquella disjunção *ou*, humas vezes cahe no sujeito, como quando digo: *Ou vós, ou Silvio me disserão isto*, por não estar certo qual dos dous foi, quem mo disse; mas estou certo, que hum de vós mo disse: outras vezes aquella particula *ou* cahe no predicado, como quando digo: *Pedro he ou rico, ou mui bem governado*; e outras vezes a disjunção *ou* cahe no verbo, como quando digo: *Pedro ou he, ou foi Corregedor do Crime*. Para estas proposições serem verdadeiras, basta ser huma parte verdadeira; porém podem ser ambas, como v. g. nestas que acabo de apontar; basta que se verifique huma destas cousas para serem verdadeiras as minhas proposições; porém se ambas se verificarem, tambem ficão verdadeiras: como por exemplo, se ambos vós me tivesseis dito aquellá noticia: Se Pedro for rico, e além disso bem governado; e se Pedro tiver sido, e ainda for Corregedor do Crime. Donde se vê, que *para serem verdadeiras as disjunctivas, basta a verdade de huma parte; mas podem ser ambas verdadeiras.* (Proposição 74.) Notai esta regra geral.

Prop. 74.

Silv. E vós não admittis proposições Disjuncti-

ctivas, que peção a verdade de huma parte sómente, por serem termos oppostos, como quando dizemos: *Ou morrer, ou vencer*; e tambem como dizião alguns Santos: *Ou padecer, ou morrer*?

Teod. Eu explico isso. Como nas proposições disjunctivas basta só huma parte para serem verdadeiras, he muito frequente usarmos nellas de partes oppostas, e encontradas: v.g. ou *são*, ou *enfermo*, ou *rico*, ou *pobre*, ou *innocente*, ou *culpado*; e quando os termos são contradictorios, pondo-se hum, se tira o outro infallivelmente: donde se segue, que não podem ser verdadeiras ambas as partes da Disjunctiva; porém isso não nasce da força da *Disjunção*, mas nasce da opposição dos termos, que por casualidade aconteceo serem contradictorios. A força da disjunção pede sejão *diversos*, em ordem a que possa hum estar sem o outro; pelo que no caso que se exclua hum e se negue, o outro fique; aliàs faltaráõ ambos a hum tempo, e ficará deste modo a proposição falsa, pois não se verifica o que pede a Disjunção; porém serem os termos entre si *oppostos*, he cousa que não he da essencia da Disjunção; podem ser *oppostos*, e podem não ser oppostos; mas sómente *diversos*, como nestes exemplos: *Ou he rico, ou bem governado*; *ou Pedro ou Paulo matárão este homem*; *ou he pobre ou miseravel*, etc. os quaes não tem opposição entre si; e por isso póde acontecer, que em qualquer disjunção destas, ambas as partes sejão verdadeiras.

Silv.

Silv. Contra isso está o commum sentir, porque costumamos formar syllogismos disjunctivos, nos quaes posta a disjunctiva, e verificada huma parte, negamos a outra: e isto não pode ser, senão por ser tal a força desta *Disjunção*, que sómente consinta a verdade de huma parte, e não a de ambas.

Teod. Meu Silvio, esses syllogismos disjunctivos são cavillosos, e a seu tempo vos direi os muitos perigos, que ha nesse modo de discorrer. Ainda quando os termos são oppostos, a força da Disjunção só pede que não possão faltar ambos a hum tempo, como nessas proposições que allegastes para exemplo: a opposição de *morrer*, *e vencer*, só serve á disjunção, porque o Capitão queria que os seus soldados não ficassem tranquillos, ou militassem froxamente, contentando-se com ficarem vencidos: isto não queria elle por modo nenhum; e por isso só lhes dava a escolha dos outros dous termos, que era *vencer*, ou *morrer*; e que tivessem por certo, que a não vencerem, havião de morrer. O mesmo digo dos Santos, quando dizião a Deos *ou padecer*, *ou morrer*; o que pertendião era sómente não levar huma vida descançada e tranquilla; e não querião ser privados de ambas as cousas, vivendo sem padecer; e isto confirma a doutrina dada, que a Disjunção não póde nunca estar privada de ambas as partes: huma ha de verificar-se infallivelmente. Agora o serem os termos entre si tão oppostos, que só hum se possa verificar, he cousa que lá pertence á

materia em que cada hum falla, mas não á força da proposição Disjuntiva. Confesso que como he mui frequente usar dos termos contradictorios na Disjunção; e nelles posto hum termo se nega o outro, cuidão muitos que isto he regra geral, e privilegio da Disjuntiva; mas he engano, porque isso só nasce da sua opposição dos termos, e não da Disjunção, a qual só pede, que negando hum termo, se infira o outro, por não poder estar sem ambos. E desta equivocação de muitos, que cuidão que a Disjunção tem esta força, nascem mil enganos nos syllogismos disjunctivos, como vos direi a seu tempo.

Silv. Está bem, lá veremos isso melhor.

Teod. Agora accrescento, que ha outras proposições, que chamão *exceptivas*, as quaes tem suas leis especiaes. Eu ponho huma proposição exceptiva: *Todos os filhos de Adão, excepto Christo, e sua Mãi, forão peccadores.* Pede a verdade desta proposição duas cousas: huma, que Christo, e a Senhora não tivessem o minimo peccado; e outra, que só elles ficassem livres da culpa. A estas se reduzem outras mais: e todo o ponto está em reparar bem na força da particula, que se põe, v. g. *Sômente*, *excepto*, *igualmente*, *unicamente*, *depois*, *ultimamente*, &c. Em se reparando bem na força da particula, ou adverbio, que se mette na proposição, logo se vê, o que he preciso para ser a proposição verdadeira: e não me demoro mais nisto.

Silv. Fazeis bem; porque se vos mettesseis a to-

todas as difficuldades, que jogão com estas doutrinas, nem em dez dias as acabaveis.

Teod. Assim he: e daqui se tira a solução de mil difficuldades, ainda na Theologia, e contra os Hereges; porém isso pertence á materia particular que se trata. As leis geraes, e verdadeiras são estas; cada qual as applique á materia, sobre que he a questão, reparando sempre se se falla em rigor, ou de modo vulgar menos rigoroso. Vamos adiante.

Silv. Vamos, que eu gósto de ver a Eugenio caminhar mui socegado por cima de caminhos bem escabrosos.

Teod. Mas seguros.

Silv. Isso sim.

Teod. Adverti, Eugenio, que a escabrosidade não está tanto no caminho, que eu aponto, e por onde vós ides; está no que fica ás ilhargas; e quando nos queremos apartar das regras geraes, torcendo-as para alguma materia particular, então he que achamos mil difficuldades. Vamos ás opposições.

Eug. Vamos ao que quizerdes de mim.

§. VI.

§. VI.

Das proposisões, que são oppostas entre si.

Silv. EU não posso negar, que cousas ha que são faceis, e bem faceis; e com tudo examinadas pelo modo, que costumamos nas aulas, ficão tão embaraçadas, que já mais se podem desenredar dellas alguns homens de juizo delicado. Que cousa mais certa, mais clara, e facil até aos ignorantes, do que não poder huma cousa ser, e não ser ao mesmo tempo; e com tudo nas aulas ha sete mil difficuldades nas proposições contradictorias, sendo certissimo na realidade tudo quanto dizemos dellas; e sendo tão claro, que até os rudissimos o sabem, e conhecem.

Teod. Quereis vós, Eugenio, que eu vos explique com hum simile o que acaba de dizer Silvio. Lembra-me de ter lido no célebre Moliers huma Comedia, que elle intitula *le Bourgeois Gentilhome*; isto he, *o Camponez cavalheiro.* Nesta Comedia pois, tendo introduzido hum rustico na empreza de parecer fidalgo da Corte, e tomando mestres para tudo, o representa dando lição de ler e escrever, e o mestre faz huma grande explicação fysica do som, e pronúncia das letras, tanto vogaes, como consoantes, v. g. que para pronunciar hum *a*, ou hum *d* he preciso abrir a boca as-

assim, e lançar a respiração deste modo, mover desta fórma a lingua, abrir os beiços, com esta figura; etc. e faz isto tão diffusamente, e com tanta especulação, que o pobre discipulo se vê atarantado com pronunciar hum *a*, ou hum *d*; e lhe sua o topéte (como nós costumamos dizer) tanto para decorar as regras dos movimentos da lingua, beiços, e respiração, como para praitcar tudo isto. Ora supposta a sua rusticidade, bem se deixa ver, que quanto he pela explicação do mestre, ainda que verdadeira, e exactissima, nem n'um anno poderia o pobre homem rezar o *Padre nosso.* O Moliers pinta isto com côres tão vivas, e joga de tal modo com o caracter deste ignorante aprendendo, e do Mestre ensinando-o, que fará rir o homem mais melancolico; e na verdade, que ninguem póde conter o riso, quando se representa hum homem attarantado, e ensaiando-se muito tempo a pronunciar hum *a*, ou hum *d*, etc. cousas que esse mesmo rustico, sem que nunca tivesse mestre algum, pronunciava com todo o desembaraço. Já vos rides sem ver a Comedia?

Eug. Basta fingir na consideração esse passo para não me poder conter.

Teod. Pois fazei de conta que os Filosofos são outros taes mestres do *Camponez cavalheiro*; pois sabendo todos nós que huma cousa não póde ao mesmo tempo ser, e deixar de ser isso mesmo que he, nos armão taes arengas, e difficuldades, que aos pobres estudantes lhes dá bom trabalho responder a mil argumentos,

que

que se fórmão sobre as contradictorias; e lhes custa a explicar, que se huma cousa he isto ou aquillo, não póde nesse tempo, e nesse sentido deixar de ser isso, que suppomos que he.

Eug. Ainda não sei bem que cousa são contradictorias.

Teod. Duas castas ha de opposição entre os juizos, ou proposições; humas são *contradictorias* entre si, outras *contrarias*: quando huma proposição diz sómente o que he preciso para falsificar, ou impugnar o que diz a outra, fica sua *contradictoria*; porém se diz alguma cousa de mais, já fica *contraria*: ponhámos exemplos. Dizeis vós, olhando para este rio: *Todos os navios, que estão no Téjo, são Inglezes.* Se eu impugnar isto, dizendo que *algum navio do Téjo não he Inglez*, tenho dito sómente o que he preciso para falsificar o vosso dito; e neste caso a minha proposição he contradictoria da vossa.

Eug. Bem percebo; e como hei de impugnalla com huma proposição que seja não contradictoria, mas *contraria*?

Teod. Podem ser muitas as contrarias da vossa proposição; porque qualquer cousa, que eu accrescente á minha contradictoria, já fica não contradictoria, mas contraria, que he mais. Supponde vós que eu digo: *Nenhum navio do Téjo he Inglez*, já fica contraria; porque para ser falso o que dissestes, bastava haver algum navio, que não fosse Inglez; e eu digo mais, porque affirmo que nenhum he Inglez.

Silv. Dessa não ha dúvida, que he contraria, e são as que me ensinárão nas aulas: agora quero ouvir quaes são as outras.

Teod. Eu as assino. Supponde vós que eu digo: *Muitos navios do Téjo não são Inglezes*, eis-ahi huma contraria; vai outra: *Aquelle navio ultimo do Téjo não he Inglez*, tambem he contraria; porque nestas duas digo mais alguma cousa além do que he preciso para ser falsa a proposição de Eugenio. Não sómente digo que *algum* navio não he Inglez, mas accrescento que esse tal navio he *aquelle determinado*; e isto he de mais. Tanto assim, que por isto só que eu accrescento, póde ser falsa a minha proposição juntamente com a de Eugenio. Daqui he que nasce aquella regra, Silvio, que todos dão sobre a verdade, ou falsidade das proposições oppostas. Dizem, Eugenio, que das contradictorias, se huma he falsa, a outra que impugna, ha de ser forçosamente verdadeira; mas as contrarias podem ser juntamente falsas; de sorte, que sendo huma falsa, não se póde dahi inferir que a outra he verdadeira: por quanto como ella, além do preciso para contradizer a outra, accrescenta alguma cousa, nisso que accrescenta póde ser demaziada, e perder, como dizem, por carta de mais. Nesse exemplo, que puz, se vê isso bem claramente. Vós dizieis, que *todos os navios do Téjo erão Inglezes*; isto he falso; e se eu me contentasse com dizer, *algum navio do Téjo não he Inglez*, isto infallívelmente seria verdade; porém se accrescentas-

tasse que esse tal era este primeiro, ou aquelle ultimo, isto podia ser mentira; *como succede agora*, pois este primeiro, e aquelle ultimo são Inglezes. Tambem se accrescentasse, que muitos navios estavão aqui, que não erão Inglezes, podia ser falso; por quanto bastava que houvesse hum que o não fosse, para a vossa proposição se falsificar. Ultimamente se eu me não contentasse com dizer que havia algum navio que não era Inglez, mas accrescentasse que nenhum havia aqui que o fosse, ainda era mais demaziado, e por conseguinte tambem era falsa a minha proposição. O que faz que minta quem impugna huma proposição falsa, he ser demaziado no modo de a impugnar; e como posso sello por muitos modos, por isso por muitos modos tambem me posso desviar da verdade; e assim contradizendo-nos hum ao outro, ambos podemos dizer o que não he assim.

Eug. Ambos mentiamos nesse caso; eu por affirmar mais do que devia, e vós por negardes mais do que era razão.

Teod. Porém nas contradictorias não póde acontecer isso; porque se huma proposição sómente diz o que he preciso para a outra ser falsa, e estoutra chegar a ser falsa, já quem a contradiz falla verdade.

Eug. Já entendo; e venho a concluir, que as contradictorias não podem ser ambas falsas, mas as contrarias sim. Pergunto agora: E poderão ser ambas verdadeiras?

Teod. Essa pergunta não a farieis, se reparasseis

seis bem: pois se ellas se contradizem, e impugnão mutuamente, como podem ser verdadeiras ambas?

Eug. Tendes razão.

Teod. Adverti, que para se formar a contradictoria de qualquer proposição he preciso cautéla, em ordem a não pôr se não o preciso para falsificar a outra; e isto he cousa de muita importancia, porque até os Hereges se valem destas equivocações contra os Catholicos, e he preciso estarmos acautelados. O modo mais ordinario, e mais seguro de fazer a contradictoria de qualquer proposição he pôr huma negação que negue toda a proposição inteira, como se eu contradissesse a vossa proposição deste modo: *Nem todos os navios do Téjo são Inglezes.* Convém muito ver bem em que lugar hei de pôr a minha negação; porque, pondo-a fóra de lugar, ficará talvez a proposição contraria, e poderá ser demaziada, e falsa. Como se dissesse: *Todos os navios do Téjo* não *são Inglezes.*

Eug. Essa ficava falsa.

Teod. Hei de pôr o *não* antes de tudo. Bem vejo que ás vezes não faz a proposição sentido mui natural e claro; mas devo explicallo por outra que o declare bem, a qual ha de dizer sómente o que for bastante para falsificar a primeira, v. g. se disser: *Pedro certissimamente he Santo*, direi: *Não he certissimamente Santo*, porque para falsificar o dito basta que não seja a sua santidade tão certa, como dizem; e não he preciso negar absolutamente a

san-

santidade, basta negar a certeza. Do mesmo modo seria demaziado se dissesse *certissimamente não he Santo*, porque isso ainda era muito mais, porque era negar a certeza, negar a santidade, e sobre isto affirmar, que havia certeza de não ter a santidade. N'uma palavra vos advirto, que a palavra *não*, em rigor só póde negar o que vai depois della, posto que no commum modo de fallar isto tem sua excepção, por força da natural collocação de que usamos em algumas frazes vulgares: como quando duvidando da certeza de alguma testemunha pouco segura, dizemos: *Isso agora mui certo não o he*: onde a collocação põe o *não* depois da palavra *certo*, devendo ser o seu lugar antes desta palavra, deste modo: *Isso agora não he mui certo.* Porém nestes casos logo se conhece o sentido, e se percebe a collocação.

Eug. Essa regra boa he.

Teod. Advirto mais, que não convém tomar as cousas materialmente, como fazem os rapazes; mas devemos tomallas como homens de juizo, e seriamente. Eu me explico. Se vós disserdes huma proposição, e eu vos quizer contradizer, não me hei de agarrar ás palavras materialmente, contentando-me com as impugnar; mas hei de impugnar as palavras conforme o vosso sentido. Exemplo. Dizia Wiclefo: *Os accidentes não ficão na Eucharistia sem sujeito*; quero eu com a Igreja contradizer esta proposição, não hei de dizer cégamente: *Os accidentes ficão sem sujeito*, como dizem os Peripatheticos. *Silv.*

Silv. Pobres Peripatheticos, nunca se lhes perdoa.

Teod. Não me interrompais com o vosso genio jocoso. Não devemos, Eugenio, contradizer a Wiclefo deste modo, porque isso he tomar as palavras cégamente; havemos de tomallas no seu sentido: elle queria que ficasse páo, e accidentes, e o dizer, *não ficão accidentes sem sujeito*, era dizer, *ficão com sujeito.* Isto supposto, quem quizer contradizer esta proposição de Wiclefo, ha de dizer: *Os accidentes não ficão com sujeito.* E deste modo não nos embaraçamos sobre o ficarem, ou não ficarem accidentes; mas sobre o não ficar substancia de páo, que esse he o ponto principal da Igreja contra o Herege.

Eug. Agora me lembro do que me dissestes ha annos, e entendo isso muito melhor.

Teod. Advirto ultimamente, que como a qualidade das contradictorias he tal, que não consente serem ambas verdadeiras, nem ambas falsas; *se se negar huma proposição por ser falsa, podemos logo inferir a sua contradictoria como verdadeira: e do mesmo modo se se conceder huma proposição como verdadeira, podemos logo negar a sua contradictoria como falsa.* (Proposição 75.) Tomai sentido neste dictame.

Prop. 75.

Eug. E nas contrarias posso usar do mesmo modo de argumento, inferindo huma, se me negão outra?

Teod. Esquecia-me acautelar isso: por nenhum modo podeis argumentar assim. A razão da

dif-

differença he bem clara: porque das duas contradictorias huma forçosamente ha de ser verdadeira, como já disse: logo se negão huma, hão de conceder-me a outra; porém as contrarias podem ser ambas falsas; e por esta razão quem nega huma, póde negar tambem a outra.

Silv. No exemplo dos Navios tendes huma clara demonstração disso; se eu disser: *Todos estes navios são Inglezes*, haveis de negar isto como falso; e se eu inferir a contraria: *Logo nenhum destes navios he Inglez*, tambem ma haveis de negar; porque tanto n'uma, como na outra era excessivo.

Eug. Entendo agora bem.

Teod. Mas tendo vós negado esta: *Todos os navios são Inglezes*, póde Silvio inferir a contradictoria: logo *algum navio destes não he Inglez.* Esta forçosamente se ha de conceder. Vamos a outro ponto, que este quanto mais se especula, mais se difficulta.

Eug. Já eu me hia confundindo com esta differença de contrarias e contradictorias.

§. VII.

§. VII.

Das Proposições, que se convertem.

Teod. AGora quero-vos explicar outro modo que ha de argumentar, que conduz muito para fazer patente huma verdade, que estava occulta; e vem a ser a conversão das proposições: isto he, voltallas ás avéssas, *pondo o predicado em lugar do sujeito, e o sujeito em lugar do predicado*: v. g. dizeis vós: *Algum Santo he rico*; posso inferir: *Logo algum rico he Santo.* Isto, que nestes exemplos parece cousa pueril, e escusada, he de muita importancia para tudo o que he argumentar a convencer, quer seja em Geometria, quer em Theologia, quer em qualquer outra materia.

Silv. Não ha dúvida, que manejando estas armas quem he destro nellas, facilmente póde embaraçar a qualquer desacautelado, e o enredará, ainda em cousas bem claras, e patentes.

Teod. Não queria eu que esse fosse o uso destas armas; queria que Eugenio só as empregasse em fazer patente, e manifesta a verdade escondida. Muitos dos que tem engenho vivo abusão das sciencias, empregando os seus dictames para máo fim; eu ensinarei o uso, e acautelarei o abuso, dizendo-vos como vos podereis livrar de que vos enredem os Sofistas.

Eug. Assim como o meu intento não he enganar ninguem, assim tambem he livrar-me de que me enganem.

Teod. Com effeito aqui são mui faceis os enganos; por isso mesmo que os erros se encobrem com huma tal apparencia de verdade, que nenhuma suspeita dão, de que debaixo desta apparencia se occulte o erro. Sabereis pois, Eugenio, que dous modos ha de *conversão propria*: huma perfeita, a que nas aulas chamão *simpliciter*; outra menos perfeita, a que nas aulas chamão *per accidens*. A perfeita conserva a mesma quantidade na proposição; isto he, converte huma universal em outra universal, e huma particular em outra particular: a outra conversão menos perfeita converte huma universal em outra particular.

Silv. Ponde-lhe exemplos, que vos ha de entender melhor.

Teod. Se eu disser: *Todo o homem he vivente; logo todo o vivente he homem*, fiz huma conversão *simpliciter*, ou perfeita, porque converti huma universal n'outra tambem universal; porém supponde vós que eu dizia: *Todo o homem he vivente; logo algum vivente he homem*, neste caso fazia huma conversão *per accidens*, ou menos perfeita; por quanto de huma universal inferia huma particular; e como não se conservava a mesma quantidade na proposição, ainda que se conservassem os mesmos termos, e o mesmo verbo, não ficava a conversão tão perfeita.

Eug. Mas eu reparo em que essa conversão, que

que chamais perfeita, he falsa, por quanto nem todos os viventes são homens.

Teod. Reparais bem: mas eu de proposito escolhi esse exemplo, para que visseis que a proposição universal affirmativa não se póde converter com essa conversão perfeita, e que só admitte a menos perfeita. Agora a universal negativa, e a particular affirmativa, essas sim: podeis convertellas perfeitissimamente. Eu vos ponho exemplos. Ide vós praticando as doutrinas; convertei esta universal negativa: *Nenhum homem he pedra.*

Eug. Supponho que devo passar o sujeito para predicado, e o predicado para sujeito, e conservar o mesmo verbo, e tambem a mesma quantidade na proposição.

Silv. Assim he: feito isso, está bem convertida a proposição.

Eug. Pois eu o faço: *Nenhum homem he pedra*: agora converto; logo: *Nenhuma pedra he homem.*

Teod. Assim he: conservastes a palavra *nenhum*, que he o sinal da quantidade universal; conservastes o verbo *he*; e puzestes o sujeito no lugar do predicado, e o predicado em lugar do sujeito; fizestes o que devieis fazer. Convertei agora esta particular affirmativa: *Algum pobre he feliz.*

Eug. Converto-a deste modo: *Algum feliz he pobre.*

Teod. Acertastes.

Eug. E a particular negativa não se póde converter?

Teod. Não: e se não, vede se desta: *Algum animal não he leão*, podemos inferir, *logo algum leão não he animal.*

Eug. Isso he grande falsidade.

Teod. Supposto saberdes já como se faz a conversão perfeita, ou simples; convém saber quaes são as proposições, que consentem essa conversão. Sabei pois, que só a universal negativa, e particular affirmativa se podem converter perfeitamente. Não digo isto, porque nunca se ache proposição universal affirmativa que fique verdadeira, ainda depois de convertida, mas porque isso será casualidade; e nós sómente damos regras seguras, constantes, e infalliveis. O mesmo digo da particular negativa, que só por casualidade ficará verdadeira, se se converter com conversão perfeita. Quereis saber a razão de huma, e de outra cousa?

Eug. Quero.

Teod. Olhai, Eugenio, a identidade (isto he, ser huma cousa o mesmo com outra) lá tem sua semelhança com a união; e he mutua, assim como a união: se este dedo está unido á mão, tambem a mão está unida ao dedo; e do mesmo modo a identidade: se aquelle homem he aquelle vivente, tambem aquelle vivente he aquelle homem.

Eug. Até ahi he cousa evidentissima.

Teod. Vamos á distincção, que consiste em huma cousa não ser outra: digo pois, que se assemelha á separação; e assim como a separação entre duas cousas he tambem mutua, e não póde o pomo estar separado do ramo,

sem

sem que o ramo esteja separado do pomo; assim tambem a distincçáo: se tudo o que he *homem* se distingue de tudo o que he *pedra*, tambem tudo o que he *pedra* se distingue de tudo o que he *homem*.

Eug. Tambem nisso concordo facilmente, porque he evidentissimo.

Teod. Pois aqui tendes a razáo, por que se convertem as duas proposiçoes, que disse: Converte-se a particular affirmativa; porque se he verdade dizer: *Algum pobre he feliz*, he sinal que esse pobre (seja qual for.) e esse sujeito feliz sáo huma mesma cousa: logo esse sujeito feliz tambem he o mesmo com esse pobre; e por conseguinte podemos dizer: *Algum feliz he pobre.*

Eug. Náo ha cousa mais clara, e convincente.

Teod. Vamos á universal negativa: se he verdade dizer: *Nenhum homem he pedra*, he sinal que entre todo o *homem*, e tudo o que he *pedra*, se dá distincçáo; e que nunca se acharáõ estas duas cousas identificadas: logo nenhuma *pedra* terá identidade com *homem*; e assim he verdade dizer: *Nenhuma pedra he homem.* Percebeis isto?

Eug. Claramente.

Teod. Demos agora a razáo, por que as outras duas proposiçóes, tanto a universal affirmativa, como a particular negativa, náo admittem esta conversáo, se náo por casualidade. Vós bem vedes, Eugenio, que por eu conceder o pouco, náo me podem obrigar a que conceda o muito.

Eug.

Eug. He certo.

Teod. Ora quando digo: *Todo o homem he vivente*, concedo identidade entre todos os homens, e alguns viventes, mas não com todos os viventes, aliàs diria, que os homens tinhão identidade com os cavallos, com os lagartos, com as baleias, &c. nem eu puz na proposição palavra alguma que estendesse a palavra *vivente* a todos os viventes, nem disse: *Todo o homem he todo o vivente*; o que estendi foi o termo *homem*, dizendo: *Todo o homem.* Supponde agora, que vós converteis, dizendo, logo *Todo o vivente he homem*; já nesta proposição punheis identidade entre os homens, *e todos os viventes*; e isto he muito mais do que eu tinha dito, porque na primeira só fallava de alguns viventes; e por este motivo não me podeis obrigar a concedello, porque quem concede identidade com alguns viventes, não fica obrigado a concedella com todos.

Eug. Tendes razão. Vamos á particular negativa.

Teod. Digo o mesmo. Se eu disser: *Algum animal não he leão*, digo que os leões se distinguem de algum animal, mas não de todos os animaes; e se disser, logo: *Algum leão não he animal*, concedo distincção entre esse leão, e todos os animaes; por quanto quem diz absolutamente *não he animal*, nega todos os animaes. Ora isto he muito mais do que eu tinha concedido; e sendo mais do que havia dito, não me podem obrigar, pelo que tinha dito, a que o conceda: por isso, se con-

ver-

verterem desse modo a proposição particular negativa, digo que não he segura a conversão, nem válida. Não he isto assim, Silvio?

Silv. Assim he.

Teod. Ainda falta o dar-vos alguns dictames para acautelar os enganos, que vos podem fazer os Sofistas maliciosos, paliando o erro debaixo da evidencia destas leis constantes das conversões.

Eug. Antes que passemos a isso, deixai-me recapacitar esses dictames: *A universal negativa, e particular affirmativa podem-se converter perfeitissimamente.* (Proposição 76.) Cá faço memoria deste dictame.

Prop. 76.

Teod. Assim he; agora accrescentai que *a universal affirmativa póde-se converter com conversão menos perfeita* (Proposição 77.), isto he, em particular: por exemplo, se disser: *Todo o homem he vivente*, posso dizer: logo, *algum vivente he homem*: a razão he, porque se todo o homem he vivente, ha de haver identidade entre o *homem*, e algum *vivente*; logo tambem ha de haver identidade entre algum *vivente*, e o *homem*; e poderemos dizer: *Algum vivente he homem*, que isto he o que diziamos na conversão.

Prop. 77.

Eug. Nunca me dissestes cousas mais evidentes, que estas.

Teod. Mas por claras, e evidentes não deixão de ter alguns perigos: logo os vereis. Quero dar-vos as regras para as cautélas: *Toda a vez que hum termo na mudança das proposições se não entende do mesmo modo, já a conver-*

são

são leva vicio. (Proposição 78.) A razão he, porque importa pouco, que a palavra seja a mesma, se não he o mesmo o que eu tinha na minha mente, quando usava della. Ponho exemplo. Estando Sé Vacante, se eu disser: *Todo o Papa he Christão*, digo verdade; e se eu a converter: *Logo algum Christão he Papa*, não digo bem; porque isso he mentira, estando a Sé Vacante.

Prop. 78.

Eug. Está galante argumento! Eu sei que isso não he assim; mas não sei como me hei de desembaraçar dessa difficuldade.

Teod. Destas ha muitas, as quaes se fundão em doutrinas certissimas, e evidentissimas, mas insensivelmente nos conduzem a absurdos horrendissimos, por não termos a devida cautéla. Haveis de saber, Eugenio, que qualquer nome, v. g. *homem*, ou se póde tomar pelos significados, que existem, ou por todos os significados, quer elles existão, quer não: ora vai grande differença de huma cousa á outra; e por isso se n'uma proposição se tomar o nome *homem* só pelos homens que existem, e na outra se tomar absolutamente, vem a haver grande engano, cuidando eu que he a mesmas cousa, sendo na realidade cousas mui diversas: esta doutrina he geral. Accrescento agora huma observação, que haveis de achar verdadeira, e importante. Quando o predicado he accidental ao sujeito, costuma o sujeito tomar-se sómente pelos que existem; por isso se eu disser: *Hum homem he rico; hum Christão he Papa; hum navio está parado*, etc.

to-

todos suppõem que eu fallo de homens, e Christáos, e navios existentes, e só dos existentes: pelo contrario se eu disser: *O homem he racional*; *o Christão crê em Christo*; *o navio he feito de madeira*, todos suppõem que eu fallo absolutamente não só dos homens, e navios, que existem, mas de todos geralmente; por quanto como affirmo destes sujeitos predicados, que lhes são essenciaes, quer elles existão, quer não existão, sempre lhes convém os taes predicados.

Silv. Nisso todos concordão: não tenhais naquillo dúvida, Eugenio.

Eug. Estou por isso: continuai.

Teod. Supposto isto, estabeleçamos huma regra geral, pela qual nos havemos de governar em mil acontecimentos: *Toda a vez que o predicado he essencial ao sujeito, este naturalmente se toma absolutamente não só pelos que existem, mas pelos que não existem. Pelo contrario, quando o predicado he accidental ao sujeito, este naturalmente se toma só pelos que existem* (Proposição 79.), porque só delles he que se póde verificar a proposição.

Prop. 79.

Eug. Estou nisso, e cá vou assentando com as demais essas regras, que estabeleceis.

Teod. Isto supposto, quando nós voltamos huma proposição, e a convertemos, acontece mui frequentemente, que sendo antes o predicado essencial, fica accidental, v. g. se disser; *Todo o que tem cinco moedas, tem duas*, digo huma proposição, em que o predicado he

es-

essencial; pois quem tem cinco, não póde deixar de ter duas: ora se converter a proposição, fica já o predicado accidental, porque se converte nesta: *Algum, que tem duas moedas, tem cinco*; e bem vedes que he isto cousa mui contingente, e accidental. Daqui segue se, que pela regra que vos acabei de dar, os termos mudão de supposição; porque na primeira proposição como essencial se tomavão absolutamente, e na segunda como accidental se tomão sómente pelos que existem.

Eug. Applicai essa doutrina ás proposições da difficuldade, que já me parece vou attingindo a resposta.

Teod. Na primeira proposição: *Todo o Papa he Christão*, affirmo hum predicado essencial, pois o Papa verdadeiro não póde deixar de ser Christão; e por isso fallo absolutamente de todos os Papas, quer existão, quer não existão; e quando a converto, dizendo: *Algum Christão he Papa*, affirmo hum predicado accidental; pois a qualquer Christão, que subir áquella Dignidade, foi isso cousa mui contingente, e duvidosa; por esse motivo todos que me ouvem dizer isto, suppõem que eu fallo só dos Christãos que existem; e já assim se muda de supposição, pois na primeira proposição a palavra *Christão* se tomava absolutamente, e na segunda sómente pelos Christãos que existem.

Eug. Logo nem todas as converções, que dissestes, são seguras.

Teod. São seguras; quando não se muda de

supposição ; fazei vós , que se tomem as palavras na mesma supposição em ambas as proposições , e vereis como fica boa a conversão. Quando eu disser : *Todo o Papa he Christão*, perguntai vós de que Papas ou Christãos fallo eu , se dos que existem , ou dos futuros , e preteritos ; e eu responderei , que não fallo dos que existem , pois sei que nenhum Papa existe no tempo da Sé Vacante ; e tambem não fallo dos Christãos que existem , pois esses não são Papas. Supponde agora , que eu na segunda proposição fallo tambem dos Christãos passados , ou futuros , e achareis muitos , de quem se affirma com verdade , que são Papas , pois dizemos : *S. Pedro he Papa , Benedicto XIV. he Papa* , etc. Bem vejo que de ordinario quando digo : *Algum Christão he Papa* , tomo isso pelos que existem , accommodando-me ao sentido natural , mas isso he falso no tempo da Sé vaga ; porém se me quizer conservar na mesma supposição da proposição antecedente , hei de fallar dos Papas , e Christãos absolutamente , prescindindo da sua existencia ; e nessa supposição fica verdadeiro dizer : *Algum Christão he Papa.* Perdoai , Silvio , a minha demora neste ponto , que eu julgo por mui importante , e quiz que Eugenio me percebesse com toda a clareza.

Silv. Eu estimei a vossa explicação , porque a acho muito natural , e conforme á boa razão.

Teod. E haveis de reparar , que quasi todas as cavillações , que se armão nestas regras de conversões , nascem daqui : e por esta razão ,

co-

como nós tomamos as palavras no sentido mais natural, e obvio, n'uma proposição tomâmos a palavra só pelos sujeitos, que existem, e na outra tomamo-la absolutamente, e prescindindo da existencia, e deste modo, sem fé-pararmos, variamos de supposição. Porém âgora acautellados com esta advertencia; poderemos tomar os termos em ambas as proposições na mesma supposição, e fica tudo verdadeiro. Torno a recommendar-vos, Eugenio, que quando vos virdes embaraçado com alguma difficuldade semelhante, examineis bem este ponto, e observai se algum termo n'uma parte se toma pelos sujeitos que existem; e na outra absolutamente; por quanto sendo assim, já vedes a raiz da cavillação; pois, não se tômando a palavra em ambas as partes do mesmo modo, he como se não fosse a mesma palavra nas duas proposições.

Silv. Tambem algum dia me vi embaraçado com outras semelhantes proposições, como v. g. *Nenhum homem he Filosofo*, a qual póde ser verdadeira, morrendo todos os Filosofos; e com tudo estoutra, em que ella se converte: *Nenhum Filosofo he homem*, sempre he falsa: mas agora vejo que, para todas serve a mesma resposta.

Teod. Como Eugenio me entende, e vós concordais, não acumulo mais doutrinas, nem difficuldades, porque a parcimonia nesta materia he mui precisa para a clareza. Basta por hoje; agora gozemos do recreio da passagem, entretendo-nos em conversação mais amena, e que

nos deixe attender ao que vai pelo rio; porque eu vos affirmo, que nem sei se tem sahido, ou entrado alguns navios, nem tenho dado fé do que tem passado por diante de meus olhos.

Eug. O mesmo me tem succedido a mim: nem estas materias se podem tratar bem com meia attenção da nossa alma: querem toda a attenção, e toda a alma.

Teod. São mais abstractas que as da Fysica; e quanto mais fogem dos sentidos, mais puxão pela attenção do entendimento. A' manhá entraremos a fallar do Discurso.

Silv. Ainda falta muita cousa sobre as proposições. Falta a conversão por *contraposição*; faltão as *Consecusões.*

Teod. Essa conversão por *contraposição* não he legitima conversão, he hum modo de argumentar, que eu explicarei a seu tempo; e o mesmo digo das *Consecusões*, que são especie de discurso. Além de que, agora Eugenio me não havia de entender bem: á manhá continuaremos com o que eu julgar mais a proposito.

Eug. Em tudo me confórmo com o vosso parecer, e sujeito á vossa vontade.

Teod. Demos agora hum passeio, que a viração nos convida.

Silv. Seja embora.

TAR-

TARDE XXXXIII.

Do Discurso bem formado.

§. I.

Do que se requer para ser o Discurso bom.

Teod. ORa, amigo Silvio, hontem passeámos com o corpo, e hoje passearemos com o entendimento. Ou para o dizer melhor, trataremos de como a nossa alma deve caminhar, quando quizer passar de huma verdade para outra, para que não succeda cahir nessa passagem em algum precipicio.

Silv. Cousa he que succede a muita gente boa.

Teod. Duas qualidades ha de pessoas, que tem maior perigo que as outras, de cahir em erro, quando vão a discorrer. Huns são os de engenho vivo, e fogoso; outros os de juizo leve; e ambos cahem mui facilmente quando discorrem: acontece nos passos da alma o mesmo que acontece nos do corpo. Os rapazes, Eugenio, andão sempre a saltar, e correr de huma para outra parte, sem reparar onde põem os pés, levados do impeto, e impaciencia, que lhes causa a idade fogosa, e a le-

leveza dos pés, e tambem a da cabeça; e por isso dão muitas quédas a cada passo, sem que a experiencia de humas os ensine para acautellarem as outras. Assim são muitos homens, que por ter engenho fogoso, e impaciente, mal põe huma proposição, atirão logo comsigo á consequencia, sem dar tempo a que o juizo repare bem onde ha de pôr os pés; do que nasce cahirem em muitos erros. Outros cahem por ter o juizo mui leve, de sorte que ainda que olhem muitas vezes para as cousas, não he com a reflexão precisa para verem bem esse mesmo objecto para onde olhão; e assim cuidão que he pedra firme, o que na realidade he atolleiro, e dão comsigo em terra: quero dizer, cuidão que he verdade certa, segura, e clara, quando nada disso he, e cahem no erro.

Eug. Pois eu já não sou rapaz; e assim como a idade me não consente esses saltos perigosos nos movimentos do corpo, não he razão que seja menos acautellado nos do entendimento.

Teod. A primeira cautéla já a tendes nos dictames, que vos dei ácerca do bom uso das Idéas, e do Juizo; agora vos darei outros a respeito do Discurso. De dous principios procedem os erros no discurso: o primeiro he de ser falsa a proposiçãão antecedente, que he o fundamento, em que fazemos força, e como fincapé, para passar adiante: o segundo he de ser mal tirada a consequencia, e não pormos o segundo pé onde o deviamos pôr, e tirarmos

a

a consequencia que não deviamos tirar. Nos dictames antecedentes bastantemente acautelei os erros, que vos podem vir do primeiro principio: agora acautellarei os outros: he precisa attenção bastante.

Silv. Nisso descançai: pois ninguem se póde gabar de ter discipulo mais attento.

Eug. A politica, e o desejo da minha instrucção assim o pedem.

Teod. Antes que passemos adiante, supponho que vós bem sabeis, que eu por esta palavra Discurso entendo *huma passagem que a alma faz de huma proposição para outra, a qual della se siga.* A primeira proposição chama-se *antecedente*; a que se infere della chama-se consequencia, ou *consequente.* E daqui logo podeis tirar luz para fazer varias reflexões importantes. Primeira, que não basta encadeiar duas proposições entre si, para haver discurso; por quanto se huma não nascer da outra, ainda que eu faça passagem de huma proposição para a outra, não fórmo discurso.

Eug. E que he preciso para huma proposição se seguir, e nascer de outra?

Silv. Que esteja dentro della, assim como o menino deve estar dentro do ventre de sua mãi, para a seu tempo della nascer. Vós rides?

Teod. O caso he, que zombando vos explicastes admiravelmente. Nem eu me podia explicar com mais propriedade. Se huma proposição se não inclue, e está fechada dentro da outra, como ha de poder tirar-se della, ou nascer della, ou seguir-se della? que tudo he

o

o mesmo? Esta he a energia daquella palavra *logo.* Por tanto fique-vos esta regra impressa na memoria : *Todo o discurso para ser bom deve inferir da proposição antecedente aquillo sómente que estiver envolvido dentro della.* (Proposição 80.)

Prop. 80.

Eug. Então de que me serve o discurso? porque se eu por elle não tenho nada de novo, mas sómente o que tinha envolvido dentro da primeira proposição , que eu já conhecia , de pouco ou nada me vem a servir o discorrer.

Teod. Sempre nos serve de muito o bom discurso , porque com elle conheço claramente , e vejo com os olhos da alma o que , por estar dentro da outra proposição, não podia ver tão claramente. Tornemos á comparação de Silvio. Nascendo hum menino , não temos neste mundo nada de novo , que antes não houvesse ; mas vemos claramente cá fóra , e conhecemos bem o que não podiamos ver , nem conhecer em quanto não nascia. Assim he a verdade , que pelo discurso se deduzio de alguma proposição , onde se continha ; porque por este meio ficou manifesta , e antes estava occulta.

Eug. Agora me convencestes : qual he a outra reflexão que dizieis?

Teod. A segunda reflexão , ou consequencia , que podemos tirar da definição do discurso , he esta : *Póde hum discurso ser bom , ainda que conste de proposições falsas.* (Proposição 81.) A razão he , porque assim como huma verdade póde ter dentro em si outra verdade,

Prop. 81.

tam-

tambem huma falsidade póde ter dentro em si outra falsidade; por conseguinte, se eu discorrendo inferir de huma falsidade outra, que dentro della se inclue, já discorro bem; porque conforme a definição, faz a minha alma passagem de huma proposição para outra que della se siga.

Eug. Mas sendo tudo falso, póde ser bom, e verdadeiro discurso!

Teod. Reparais bem, mas não confundais huma cousa com outra: ha discurso *bom*, e ha discurso *verdadeiro*: discurso bom he o que infere bem; isto he, o que tira a consequencia, que lá estava dentro da outra proposição donde se inferio: se faz isto, he *discurso bom.* Agora ser o discurso *verdadeiro*, he mais alguma cousa, porque requer que seja verdade o que elle diz; e para isso he preciso que sejão todas as proposições verdadeiras. Tenhovos posto no costume de pôr exemplos, devo fazello já por obrigação. Se eu disser assim: *Eu sou Rei de Castella*, *logo sou Monarca poderoso*, todos dirão, que eu não fallo verdade, e que não he *verdadeiro* o meu discurso; mas todos hão de confessar, que eu discorro *bem*; porque chegado a ser Rei de Castella, havia de ser Monarca poderoso, pois isto se encerrava dentro da primeira proposição.

Silv. Não ha dúvida que vós, se fosseis Rei de Castella, forçosamente havieis de ser Monarca poderoso.

Teod. Reparastes, Eugenio, no que disse Silvio? Silvio fez agora huma proposição condi-

ci-

cional, em que servia de condição o *antecedente*, e affirmava o *consequente*; disse assim: *Se fosseis Rei de Castella*; eis-aqui o antecedente servindo de condição: *Havieis de ser Monarca poderoso*; eis-aqui affirmada a consequencia. Ora lembra-vos o que vos disse das proposições condicionaes? que para a proposição condicional ser verdadeira bastava que da condição se seguisse o affirmado, ainda que tudo fosse falso?

Eug. Lembrado estou disso.

Teod. Pois aqui tendes a prova, e o fundamento de todo o bom discurso. Examinai, e vede se podeis formar huma condicional verdadeira, em que o antecedente sirva de condição, e o consequente seja o affirmado; se a puderdes fazer de sorte que fique verdadeira, fica o discurso bom; se a não puderdes fazer, he o discurso máo, ainda que as proposições sejão todas verdadeiras.

Eug. Já estou nessa doutrina bem instruido. Mas dizei-me isto: e quando eu ponho primeiramente duas proposições, e dellas infiro huma terceira proposição, qual he a antecedente, e qual a consequente?

Teod. Fizestes bem em perguntar, porque havieis de equivocar-vos alguma vez. Quando se faz isso chama-se esse discurso *syllogismo*, como v. g. este:

Todo o homem he vivente;
Pedro he homem:
Logo Pedro he vivente.

As

As primeiras duas proposições juntas fazem hum *antecedente*; e a ultima proposição, que leva a palavra *logo*, he a consequencia, ou conclusão. Ora as duas proposições chamão-se *premissas*; e á primeira dellas costumão chamar *maior*, á segunda *menor*; porém ás vezes se trocão.

Eug. E em qual dellas se contém a conclusão, ou de qual dellas nasce?

Teod. Nos syllogismos mais perfeitos, e naturaes póde incluir-se em qualquer dellas; de sorte porém que huma serve de conter dentro em si a conclusão; e a outra de mostrar como nella se contém tudo, em ordem a que nós a tiremos para fóra com a palavra *logo.* Com o exemplo já posto me entendereis melhor. Nesse discurso a conclusão se inclue na primeira, diz ella, que *Todo o homem he vivente.* Ora nesta regra geral se comprehende tambem *Pedro*; e por conseguinte quando eu digo, que *Pedro he vivente*, digo claramente o que já tinha dito na primeira confusamente; e a segunda proposição sómente serve de declarar que *Pedro* pertence áquella regra geral que dizia *Todo o homem he vivente.*

Silv. Isso está mui claro, e sempre me criárão com isso. Agora o que não entendo he dizerdes vós, que a conclusão se póde incluir tambem na segunda proposição: isto para mim he cousa nova.

Teod. Eu o mostro. Qualquer termo commum tem duas cousas, que são, *extensão* e *comprehenção.* Pela *extensão*, pertence o termo a mui-

tos

tos sujeitos, como v. g. o termo *homem*, que pertence a Pedro, Paulo, Francisco, etc. Pela *comprehenção*, envolve o termo muitas idéas; como v. g. o termo *homem*, que envolve a idéa de *vivente*, *racional*, *corporeo*, etc. Posto isto, digo que a conclusão sempre se envolve no antecedente; mas podemos dizer que se envolve na *maior*, porque o sujeito da conclusão, que he *Pedro*, se envolve na extensão do sujeito da maior, que he *homem*; e no demais são o mesmo as duas proposições, como se vê, escrevendo huma por baixo da outra:

Todo o homem *he vivente*: (maior)
Logo Pedro *he vivente.* (conclusão.)

Aqui se vê, que quem diz *Todo o homem*, tambem falla em *Pedro*. Podemos tambem dizer, que a conclusão se envolve na menor; porque o predicado da conclusão, que he *vivente*, se envolve na comprehenção do predicado da menor, que he *homem*; e no demais não differem essas duas proposições: escrevei-as com o lapis huma por debaixo da outra:

Pedro he homem: (menor)
Logo Pedro he vivente (conclusão.)

Vedes que na idéa de *homem* se envolve a idéa de *vivente*? e por conseguinte quem diz *homem*, diz tambem *vivente*. Posta esta explicação, se vê manifestamente como no mesmo syllogismo póde a conclusão considerar-se ora inclusa na maior, ora na menor, como se vê escrevendo assim o syllogismo inteiro, e reflectindo bem nelle: *To-*

Todo o homem he vivente;
Pedro he homem:
Logo Pedro he vivente.

Aqui com huma vista de olhos se conhece o que vos disse.

Eug. Assim he: o *Pedro* da conclusão inclue-se em *Todo o homem* da maior, e o *vivente* da conclusão inclue-se na idéa de *homem* da menor.

Silv. Sempre o outro modo de explicação he mais natural.

Teod. Mas tambem deste modo se verifica a essencia de qualquer discurso, a qual está em pôr huma proposição, e depois tirar cá para fóra o que lá estava dentro della. Puz esta proposição: *Pedro he homem*, e entro a examinar o que se envolve nisto de ser *homem*, e acho que se envolve o ser *vivente*; e vou logo affirmar claramente isto mesmo de *Pedro*; e fórmo o discurso, dizendo: *Pedro he homem: logo Pedro he vivente.* Por tanto, Eugenio, quando eu ponho huma proposição só, e della tiro a consequencia, já se sabe, que dentro da primeira se ha de incluir a segunda; quando ponho duas proposições antes da consequencia, huma serve de conter a conclusão, outra serve de mostrar como se contém; e a palavra *logo* a tira para fóra, em ordem a conhecermos claramente o que lá estava escondido. Supponho que me entendeis.

Eug. Clarissimamente.

§. II.

§. II.

Do Principio, ou Maxima fundamental, que dá a força a todo o discurso bom.

Teod. VAmos agora a mostrar donde nasce a força de todo o discurso bom; ou qual he o *Principio*, por que todo o homem de juizo maduro está obrigado a conceder a consequencia, quando ella he bem deduzida.

Silv. Nisso já sei que haveis de ter pendencias comigo, porque fui criado com o meu *Quae sunt eadem*, etc. e vós seguis o *Dici de omni*, etc. (1)

Teod. Eu, amigo Silvio, não faço tenção de contender comvosco agora, que só cuido em instruir a Eugenio: não me metto nestas questões; vou-o instruindo como mais util me pare-

(1) O Principio, que nas Escólas se dizia que era o fundamento de todo o discurso, era este: *Quae sunt eadem uni tertio, sunt idem inter se*; este servia para os silogismos affirmativos; e para os negativos servia este: *Quando unum est idem alicui, cui aliud non est idem, ipsa quoque non sunt idem inter se.* Depois os Modernos examinando bem a Aristoteles, achárão que para os affirmativos elle se valia do Principio *Dici de omni*, isto he: *Quod dicitur de aliquo, dicitur de omni eo, quod est ipsum*, e para os negativos se valia do *Dici de nullo*, isto he: *Quod negatur de aliquo, de nullo, quod est ipsum, dici potest.*

rece. Quem se agradar da minha explicação, siga-me; quem não se agradar della, fique-se em paz; e deixe-me ir o meu caminho, que eu não impugno ninguem, nem desprézo ninguem. Vamos ao caso, Eugenio. Vós já sabeis que a conclusão, ou consequencia se envolve dentro do antecedente.

Eug. Estou firme nisso.

Teod. Logo *a boa consequencia he parte do antecedente.* (Proposição 82.)

Prop. 82.

Eug. Não o posso negar.

Teod. Ora firmai bem na vossa memoria essa proposição, porque he importantissima.

Eug. Descançai, que certamente me não esquecerá.

Teod. Digo agora huma verdade clarissima, a qual quero que ponhais bem defronte dos olhos toda a vez que discorrerdes; e vem a ser esta: *Quem dá o Todo, dá qualquer parte delle; e quem nega a parte, nega tambem o Todo.* (Proposição 83.) Duvidais disto?

Prop. 83.

Eug. Só se fosse louco poderia duvidar de cousa tão manifesta. Quem me dá cinco, necessariamente me dá dous, porque dous são parte desses sinco; e quem me não quer dar dous, muito menos me quererá dar cinco, que são o Todo daquella parte. Que dizeis, Silvio.

Silv. Não me pergunteis isso.

Teod. Estamos bem concordes. Pois, amigos, eis-aqui o *Principio* fundamental, por onde Eugenio se ha de governar, para obrigar a todos, a que lhe concedão a consequencia, quando ella for boa; por quanto como a con-

se-

sequencia he *parte* do Antecedente, vem a ser o Antecedente hum *Todo* a respeito da consequencia: e assim pelo Principio, que acabo de explicar, quem der, ou conceder o Antecedente, que he hum *Todo*, ha de dar, ou conceder a Consequencia, que he a sua *parte*; e quem negar a Consequencia, que he *parte*, ha de ser obrigado a negar tambem o Antecedente, que he o *Todo*. E deste modo fica obrigado a negar isso que concedeo, e confessar que fez mal em o conceder; mas se não quizer confessar, que errou, então conceda tambem a Consequencia; pois he loucura dar o Todo, e negar a parte, que nelle se contém. Concordais nisto, Silvio?

Silv. Quem póde deixar de concordar comvosco, sendo isso huma cousa evidentissima? Mas....

Teod. Deixemos esse *mas* para outra occasião; não embaracemos a Eugenio com disputas de aulas. Como dizeis que isto he verdade, posso sem escrupulo instruillo por este modo.

Silv. Tendes razão: mas ferve-me o sangue quando vos vejo tomar estrada diversa da que sempre vi seguir aos outros.

Teod. Pois se vos ferve o sangue, sangrai vos, que para isso sois Medico. Vamos ao que importa. Outra proposição ha, Eugenio, que parece boa, e parenta deste Principio fundamental, que expliquei; mas he falsa, e origem de grandes enganos; e vem a ser esta: *Quem nega o Todo, nega a parte que nelle se contém*; esta he huma mui grande, e mui disfarçada falsidade.

Eug.

Eug. A mim parecia-me essa proposição verdadeira; porque se nego o Todo; nego tudo quanto vai dentro delle.

Teod. Enganais-vos. Ora vede: se vós me pedirdes cinco moedas por titulo de divida, eu hei de negallas, e dizer que tal não ha; que as não devo; e que as não quero dar; mas com tudo se me pedirdes duas moedas, não as negarei, porque com effeito vo-las devo. Ora vedes, que sendo duas moedas parte de cinco, eu posso negar as cinco, que são o *Todo*, e não negar as duas, que são a *parte*.

Eug. Tendes razão, equivocava-me.

Teod. Ora vamos experimentar estes *Principios* em algum discurso, para ver se elles obrigão, ou não a todos a que, se concederem o Antecedente, concedão tambem o Consequente. Eu ponho este discurso:

O homem de bem não faz acção má;
O peccado he acção má:
Logo o homem de bem não faz peccado.

Como este discurso he bom, deve o Consequente ser parte do Antecedente; e com effeito he parte da maior; o que se vê claramente, conferindo huma proposição com outra: escrevei-as ambas em hum papel, huma por baixo da outra, deste modo:

O homem de bem não faz acção má:
Logo o homem de bem não faz peccado.

Cotejai-as agora, e achareis, que só differem nisto; a maior diz *acção má*, a consequencia

diz *peccado.* Ora quem não vê, que na palavra *acção má* se involve tambem o *peccado*; sendo o *peccado huma acção má*, como diz a menor? Supponhamos agora, que algum Fidalgo ás avéssas, quero dizer, Fidalgo, que faz acções vis, e peccados públicos, supponhamos, digo, que quer defender-se; e que, concedidas as premissas, nega a consequencia, dizendo, que em hum homem Cavalheiro, como elle, não são reprehensiveis certos peccados. Este homem forçosamente ou ha de conceder a consequensia, que negou; ou negar o Antecedente, que concedeo; porque *acção má* he hum *Todo*, que comprehende em si, como parte sua, tudo o que for peccado; por conseguinte, se me concede o Todo, ha de conceder a parte; e se me nega esta parte, ha de negar o Todo. Se diz, que o homem de bem deve fugir de *toda a acção má*, forçosamente ha de dizer, que deve fugir do peccado. E se teimar, dizendo, que póde não fugir do *peccado*, então fez muito mal em dizer, que como homem de bem havia de fugir de *toda a acção má.*

Silv. O pobre homem ha de ver-se apertado; porque dizer, que deve fugir de *toda a acção má*, mas não do *peccado*, que he acção má, he contradizer-se manifestamente: dizer que o peccado não he acção má, he herezia; dizer que elle não he homem de bem, supposto o fazer publicamente acções más, isso não lhe está bem. Sempre está apertado.

Teod. Alli vereis, Eugenio, a força do discurso,

so; e do Principio, em que elle se funda: antes que formassemos o discurso; aquelle homem tinha na cabeça estas proposições. Primeira: *No homem de bem, e fidalgo não são reprehensiveis certos peccados.* Segunda: *O homem de bem deve fugir de toda a acção má*; porém sendo o peccado acção má, bem vedes que o tal Cavalheiro se contradizia, ora concedendo, ora negando ao homem de bem esta *acção má*, e mui socegado agazalhava no seu entendimento esta contradicção, sem advertir nella; veio o discurso, e por força delle já conhece o seu erro. Vamos adiante.

§. III.

Do primeiro preceito, para formar discursos bons.

Eug. SE tudo for tão claro como até aqui, nenhum susto tenho de não perceber.

Teod. Trabalharei por vos fazer tudo claro, sem que falte ao substancial, e importante; para o que já tómo a licença de omittir tudo quanto me parecer superfluo aos meus intentos, e vossos; e dou licença a que cada qual julgue de mim como quizer, e ainda sem eu lhe dar essa licença, assim o farão.

Silv. Em huma instrucção particular podeis seguir o methodo que quizerdes, sem offensa de ninguem.

Teod. Entre varios modos de formar discursos, alguns ha, que são clarissimos, e perfeitissimos: darei hum dictame para os formar, e de caminho explico o seu artificio. Mas antes de tudo advirto, que eu chamo *regra geral* a qualquer proposição universal, porque falla geralmente de todos os seus sujeitos. Isto posto, vai agora o dictame. (Proposição 84.)

Prop. 84.

Posta huma regra geral, se ella se applicar a algum sujeito, diga-se por conclusão desse sujeito o que se disse na regra geral. Vamos agora a reduzir este dictame á prática, e ponhamos alguns exemplos. Seja este o primeiro:

Todo o vicio he feio; (Regra geral)
A vingança he vicio: (applicação)
Logo a vingança he feia. (conclusão.)

Aqui tendes hum discurso perfeitissimo, cujo artificio he o mesmo que vos disse: pomos primeiramente a regra geral, que *todo o vicio he feio*; depois applicamos esta regra ao vicio da vingança, e na conclusão dizemos da vingança o que fica dito na regra geral; convém a saber, que he cousa feia. Ora a evidencia deste discurso está em que, se huma regra se concede, e me dizem, que hum determinado sujeito pertence a essa regra geral, claro fica que deste determinado sujeito hei de dizer o que se disse na regra geral. Por quanto a regra sendo geral he hum Todo; o sujeito, á que se applica, se lhe pertence, he parte des-

te

te Todo; por conseguinte, se me dão o Todo, hão de dar-me tambem a parte delle, conforme o Axioma ou Principio estabelecido.

Eug. Cousas tão evidentes como esta, se se explicão mais, faz-se-lhes injúria.

Teod. Ponho outro syllogismo negativo com o mesmo artificio.

A injúria de Deos nunca dá honra; (Reg. ger.)
O desafio he injúria de Deos: (applicação)
Logo o desafio nunca dá honra. (conclusão.)

Eug. Estou corrente neste modo de discorrer. Cá assento esse dictame na minha memoria.

Teod. Falta agora advertir duas cousas para cautéla. Primeira, que a regra deve ser absolutamente geral; porque não o sendo, e falhando em algum caso, póde acontecer que esse tal caso, em que falha, seja aquelle a que se vai applicar no syllogismo; e então já temos falsidade na conclusão, como acontece neste discurso:

Todo o homem estima o ouro; (Reg. ger.)
S. Francisco foi homem: (applicação)
Logo S. Francisco estimou o ouro. (conclusão.)

Aqui o discurso pecca, porque usa de huma regra, que não he absolutamente geral, mas admitte suas excepções; e por isso a conclusão he errada.

Silv. Quando se fórmão estes discursos perfeitissimos, já se vê que deve ir tudo em grande rigor; e então as regras geraes sempre são absolutamente geraes, e sem excepção alguma.

Teod.

Teod. A segunda advertencia he, que muitos discursos parece que são formados por este dictame, e não o são; porque parecendo que a regra se applica, em vez de se applicar se aparta. Eu ponho hum exemplo:

> *O que Deos manda he santo;*
> *A Virgindade Deos não a manda:*
> *Logo a Virgindade não he santa.*

Eug. Esse discurso não he bom, seja pelo que for. A maior he verdadeira, e tambem a menor; porque a Virgindade aconselha-se, mas não se manda no Evangelho; porém a consequencia he falsa, e falsissima.

Teod. E parece o discurso armado na fórma dos outros, que ha pouco disse; mas he enganoso; e o engano está em que, posta a regra geral, não se applica ao sujeito da conclusão: reparai no syllogismo, e examinai a menor: que diz a menor?

Eug. Diz assim: *a Virgindade Deos não a manda.*

Teod. Pois isso não he applicar a regra geral, he excluilla. A regra geral falla *do que se manda*; a menor diz da Virgindade, *que se não manda.* Ora he bem claro, que aquillo *que se não manda*, não cabe na regra geral, que só falla daquillo, *que se manda.*

Silv. Em vez de applicar a regra geral á Virgindade, se exclue della.

Teod. Ora isto, que aqui he mui claro, ás vezes se disfarça de modo, que engana a grandes homens. Eu vi a hum homem de pasmo-

so engenho, que deo grande credito á sua nação, andando fóra do Reino; e em hum Tratado seu da Santissima Trindade, dá mil voltas para responder a certo argumento, o qual tem este artificio, que acabo de mostrar; e sendo hum homem pasmoso, não advirtio nesse engano; por quanto se advertisse nelle, nem resposta lhe quereria dar, pela não merecer.

Silv. Não ha juizo tão agudo, que ás vezes não tenha inadvertencia.

Teod. Por este mesmo dictame se podem formar outros discursos menos claros, mas igualmente seguros. Vós já sabeis, que as proposições affirmativas se convertem, trocando-se o predicado em sujeito, e o sujeito em predicado: com esta differença sómente, que a particular se conserva sempre com a mesma quantidade, e a universal se converte em particular.

Eug. Bem me lembro.

Teod. Isto supposto, a proposição que applica a regra geral, como sempre he affirmativa, póde converter-se; mas ou convertida, ou antes de se converter, sempre serve de fazer applicação da regra geral; porém quando se converte, já fica o syllogismo menos claro. Ponhamos exemplo. Digo assim:

Todo o Santo he feliz; (Regra geral)
Algum pobre he Santo: (applicação.)
Logo algum pobre he feliz.

Es-

Este syllogismo he perfeitissimo, e está pelo dictame proposto; mas se eu converter a menor, e não disser: *Algum pobre he Santo*, mas *algum Santo he pobre*, sempre a regra geral, que falla de todo o Santo, se applica ao pobre, de quem hei de fallar na conclusão; e por isso fica o silogismo seguro, posto que não fique tão claro, por ser aquella applicação menos natural; eu fórmo o syllogismo inteiro:

Todo o Santo he feliz; (Regra geral)
Algum Santo he pobre: (applicação.)
Logo algum pobre he feliz.

Conferi hum com o outro, escrevendo-os em hum papel, e vereis que toda a diversidade dos syllogismos consiste em ser a applicação mais ou menos natural.

Eug. Escrevendo-se ambos, e cotejando-se entre si, conhece-se clarameete o artificio, e a diversidade de ambos.

Teod. Porém se eu converter só a conclusão, tendo deixado as duas premissas intactas sem as converter, fica tambem o discurso bom, posto que menos natural; como se disser:

Todo o Santo he feliz; (Reg. geral)
Algum pobre he Santo: (applicação)
Logo algum pobre he feliz: (conclusão)
Logo algum feliz he pobre. (convertida.)

E ahi tendes a conclusão que logo podieis tirar immediatamente das premissas; mas então ficava o syllogismo menos natural.

Eug. Assim he.

Teod.

Teod. Por tanto, Eugenio, confirmai-vos no dictame que vos dei, e usai delle de qualquer modo que vos parecer, com tanto que vos segureis na substancia do dictame, que he pôr a regra geral, depois applicalla, e no fim concluir, dizendo desse objecto da applicação o que se diz na regra geral.

Eug. Não me esquecerei nunca.

§. IV.

Do segundo dictame, para formar discursos bons.

Teod. QUero agora dar-vos outro dictame para formar com diverso artificio muitos discursos bons. Mas para me entenderdes bem, quero que façais differença de duas cousas diversas, que parecem huma mesma. Posta qualquer regra geral, posso assinar objectos que não pertencem á regra, e objectos que differem della; isto he, que não concordão com ella: ponhamos hum exemplo, digo eu: *Todo o homem foge dos desprezos*; eis-aqui huma regra geral: se depois disso me fallarem nos leões, nos cavallos, nas pedras, etc. tudo isso são objectos que não pertencem á regra, porque só falla dos homens; mas se me apontarem S. Francisco, direi que pertence á regra, mas que não concorda com ella, antes differe della muito; pois a regra diz que *fogem dos desprezos*, e S. Francisco os buscava.

Eug. Descançai, que bem se percebe o que he *não pertencer*, e o que he *não concordar*; não pertencer he não entrar na classe dos sujeitos; e não concordar, he ser por outro modo do que diz a regra: se a regra diz *foge dos desprezos*, não concordar he não fugir; se a regra dissesse *não foge dos desprezos*, então nesse caso não concordar era *fugir*. Socegai, que percebo bem.

Prop. 85. *Teod.* Estimo: vai agora o dictame. (Proposição 85.)

Posta huma regra geral, se apparecer sujeito, que com ella não concorde, bem podemos inferir que lhe não pertence.

Já adverti que a regra ha de ser absoluta, e rigorosamente geral; com exemplos me explico melhor. Digo assim:

Todo o sábio he docil; (Regra geral)
O teimoso não he docil: (differe.)
Logo o teimoso não he sábio.

Quero pôr outro discurso com regra geral negativa:

Nenhuma materia entende; (Regra geral)
A nossa alma entende: (differe.)
Logo a nossa alma não he materia.

Deveis reparar que nestes dous dircursos o artificio he o mesmo: a differença está em que n'um a regra geral he affirmativa, e nesse caso a proposição que assina o objecto que não concorda, deve ser negativa, como vedes no primeiro discurso; n'outro porém a regra geral

he

he negativa, e nesse caso a proposição, em que se põe o objecto que não concorda, deve ser affirmativa, como se vê no segundo syllogismo.

Eug. Tenho entendido bem.

Teod. Como a Logica trata as cousas por modo scientifico, tem obrigação de dar os dictames, e dar tambem a razão delles. A razão pois deste dictame he o mesmo Principio, em que eu disse que se fundava toda a força syllogistica: *Quem dá o Todo dá a parte.* Por quanto se me dizem que *todo o sábio he docil*, dão-me hum *Todo*, quero dizer, huma regra geral, que comprehende como partes todos os sabios. Ora negando-me a conclusão, querem que o *teimoso* pertença a esse numero dos *sábios*, e que seja parte desse honrado *Todo*; ao mesmo tempo que dizem na menor, que esse teimoso não he docil; donde vem a dizer juntamente, que *Todo o sábio he docil*, e que *huma parte desse Todo* (que vem a ser o terceiro) *não he docil*, contra o Principio que diz: Quem me concede o Todo, concede-me tudo que for parte delle. Por conseguinte, quem estiver nesta maxima, ha de conceder o dictame assinado; e confessar, que *posta huma regra geral, se apparecer sujeito, que não concorde com ella, certamente lhe não pertence.*

Eug. Estas cousas são mui verdadeiras, porém mui delicadas.

Teod. Mas tambem mui evidentes e claras.

Eug. Assim he. Pergunto agora, se á regra ge-

geral deve ir sempre em primeiro lugar?

Teod. Deve ir em primeiro lugar, se quizermos que o discurso fique mui natural; mas se a puzermos em segundo lugar, tambem fica o discurso bom, com tanto que sempre a conclusão seja a mesma, isto he, que diga que o tal sujeito não pertence a regra geral. Eu ponho hum mesmo discurso, posto de ambos os modos, para verdes que sempre fica bom. Digo assim:

Nenhum homem de bem serve ao demonio;
O que pecca serve ao demonio:
Logo o que pecca não he homem de bem.

Este discurso está natural, porque fica a regra geral em primeiro lugar. Agora ponho a regra geral em segundo lugar; mas com a conclusão sempre do mesmo modo, que se ella estivesse em primeiro:

O que pecca serve ao demonio;
Nenhum homem de bem serve ao demonio (R.):
Logo o que pecca não he homem de bem.

Eug. Já estou advertido; e para conhecer qual he a regra geral, logo os termos me ensinão; porque em vendo a palavra *Todo*, *Nenhum*, *Qualquer*, já vejo que essa he a regra geral.

Silv. Fazei vós, Eugenio, alguns syllogismos conformes a este segundo dictame, para vos desembaraçardes, e Teodosio ficar socegado, e certo de que entendestes bem.

Eug. Deixai-me ir de vagar, que me parece que atinarei.

To-

Todo o homem de honra merece credito; (R. g.)
Quem mente não merece credito: (differe.)
Logo quem mente não he homem de honra.

Teod. Está bem feito este discurso, e conforme ao segundo dictame: fazei outro com regra geral negativa.

Eug. *Quem he senhor d'uma cousa, não he seu escravo*; (Regra ger.)
O avarento he escravo do ouro: (differe.)
Logo o avarento não he senhor do ouro.

Teod. Estais examinado, e approvado.

Advertencia sómente para aquelles que frequentárão as aulas.

NAs escólas para se significarem as diversas proposições de que se podem formar os dircursos, se valem das quatro vogaes, significando o A a universal affirmativa, o E a universal negativa, o I a particular affirmativa; o O a particular negativa. Além disso, se estabelece que as tres proposições de qualquer discurso só podem constar de tres termos. O que vai nas duas premissas, chama se *meio-termo*; os outros dous chamão-se *extremos*, hum *maior*, outro *menor*; e os dous extremos se ajuntão na conclusão. Quando o *meio termo* he sujeito em huma premissa e predicado em outra, dizem que he a *Primeira figura.* Quando o *meio termo* he predicado em ambas, he a *Segunda figura*; e quando he sujeito em ambas, he a *Terceira figura.* Na primeira assinão quatro modos directos, os quaes valendo-se da significação das vogaes que disse, significão por

es-

estes vocabulos *Barbara*, *Celarent*, *Darii*, *Ferio*; e estes quatro modos estão conformes ao primeiro preceito, que assim se deo (pag. 339.). Na Terceira figura se assinão seis modos *Darapti*, *Felapton*, *Disamis*, *Datisi*, *Bocardo*, *Ferison*; e estes estão conformes ao mesmo primeiro preceito, applicando-se não do modo mais natural, mas do outro menos natural, que fica explicado. Os modos indirectos da primeira figura *Baralipton*, *Celantes*, *Dabitis*, *Fapesmo*, *Frismeso* tambem pertencem ao mesmo primeiro preceito, havendo alguma conversão ou transposição nas proposições, ou só na conclusão. Porém os quatro modos, que assinão para a segunda figura, a saber, *Cesare*, *Camestres*, *Festino*, *Baroco*, pertencem ao segundo preceito. Advirto, que a regra geral em *Bocardo* está na primeira, não obstante ser particular: nem podia estar na segunda; porque sendo affirmativa, não póde em si conter huma regra geral negativa, qual he a que rege huma conclusão negativa. Agora para se descubrir na primeira (não obstante ser particular) esta regra geral, deve attender-se a que tem o predicado distribuido; e que por hum modo seguro se póde tambem distribuir o sujuito, para haver regra geral negativa. Isto se vê melhor, praticando esta doutrina em hum sylogismo.

Aliquis homo non est lapis
Omnis homo est animal
Ergo aliquod animal non est lapis.

Perguntemos de que se verifica a maior; e dando-nos Pedro v. g. digamos: *Ergo Petrus non est lapis*; e depois infiramos esta: *Ergo nullius Petrus est lapis*; depois reduzamos a menor, que he universal affirma-

mativa, a esta singular: *Petrus est animal*, porque nella se envolve; e depois convertamos essa singular, dizendo: *Ergo aliquod animal est Petrus*; depois arma-se em Ferio este sylogismo.

Nullus Petrus est lapis
Aliquod animal est Petrus
Ergo aliquod animal non est lapis.

A qual he a mesma conclusão de *Bocardo*; onde se vê que estava envolvida na primeira proposição. Isto tem obrigação de dizer todos os que se valem do principio *Dici de nullo*, porque hão de mostrar proposição, onde se contenha o dito principio.

§. V.

Dos syllogismos truncados, a que chamão Enthymemas.

Silv. E Dais por completa a instrucção sobre os syllogismos absolutos, só com estes dous dictames?

Teod. Sim, por quanto creio que por elles se podem fazer todos os syllogismos que costumão dar-se por bons, sendo de proposições simples e absolutas.

Silv. Ainda não fallastes dos *Enthymemas*, que são frequentissimos, e devião ser primeiro, por serem huns meios syllogismos e mais imperfeitos.

Teod. Agora he o seu lugar, porque só agora me podia entender bem Eugenio: haveis de

sa-

saber, que nestes syllogismos que tenho explicado, muitas vezes supprimimos alguma proposição, por ser mui sabida, e tão notoria, que ainda sem a proferirmos, todos a tem no pensamento: deste modo fica o syllogismo mutilado, porque se lhe cortou huma parte; mas a consequencia sempre he a mesma, e tem a mesma força, que teria, se estivesse completo, por quanto a proposição que se supprime nunca deve ser proposição de que se duvide.

Eug. Ponde-me exemplos, e entenderei melhor.

Teod. Com muito gosto. Supponde vós que formavamos este syllogismo:

Todo o homem póde enganar-se;
Vós sois homem:
Logo vós podeis enganar-vos.

Tinhamos hum syllogismo completo, e bem feito; porém como ambas as premissas são mui claramente verdadeiras, podemos supprimir qualquer dellas; e pondo só huma, inferir a consequencia. O mais ordinario he pôr a regra geral, e supprimir a applicação, como cousa escusada, por ser notoria; e assim dizemos:

Todo o homem póde enganar-se:
Logo vós podeis enganar-vos.

Neste caso a proposição que se supprimio foi esta, *vós sois homem*, a qual por notoria se não explicou. Este modo de argumentar tem ás vezes mais galanteria, e graça, porque em certo modo lá como que se enfastia o entendi-

dimento, quando lhe lembrão huma cousa de que elle não podia esquecer-se.

Silv. Tambem agrada, por ser mais breve.

Teod. Assim he. Outras vezes porém supprime-se a regra geral; e pondo-se clara a applicação, tiramos a consequencia, como quando dizemos:

Vós sois homem:
Logo podeis enganar-vos.

Eug. Já vejo que ahi se deve entender a regra geral que diz: *Todo o homem póde enganar-se.*

Teod. Porém deste modo não fica tão clara a razão e força da consequencia, porque sempre nasce da regra geral; e como esta fica supprimida, fica o discurso menos claro, mas sempre bom. Advirto porém que não deve supprimir-se senão proposição, que seja mui notoria; e por isso com grande energia supprimimos em alguns discursos proposições falsas, querendo deste modo que insensivelmente passem por notorias, e sabidas; como se hum mecanico quizesse em paizes remotos passar por Cavalheiro, diria por este modo: *Eu não tenho carruagem, não posso sahir fóra, porque os titulares da Corte nunca andão a pé*, supprimindo, e dando por notoria a proposição que alli faltava, e que devia dizer: *Eu sou Titular*; mas este não o dizer; e dallo a entender como cousa notoria, e sabida; tem mais energia do que dizello claramente.

Silv. Nos discursos familiares são estes syllogis-

mos mutilados muito mais frequentes que os outros.

Teod. De ordinario não se achão na conversação estes syllogismos secos, de termos simples, e formados daquellas tres proposições essensiaes; mas convém saber bem como elles se fórmão em termos simples, e absolutos, para depois com facilidade perceber se são bons ou máos em termos mais ornados, e compostos; ou tambem mais concizos, ou mais supprimidos.

Eug. Assim he em tudo.

Teod. Seguem-se agora os syllogismos complexos, isto he, formados de proposições *Condicionaes*, *Dijunctivas*, etc.

Silv. Oh, Deos nos acuda: e quem se ha de entender com isso?

Teod. Não tenhais terror panico, que não sois criança. Socegai, que em poucas palavras póde Eugenio ter regras para formar bons syllogismos dessas proposições complexas, que tanto medo vos mettem, e tão precisos são na praxe.

Silv. Confesso que praticamente usamos mais destes syllogismos complexos, que dos outros simples e absolutos; mas se ainda as regras, que nas aulas se dão para os simples, causão tanto embaraço, que será, se quizermos reduzir os outros a regras certas?

Teod. Tudo he mais facil do que vós imaginais.

§. VI.

§. VI.

Dos syllogismos condicionaes.

Silv. VEjo fazer milagres, que nunca esperei ver na minha vida.

Teod. Ainda haveis de ver milagres maiores, se Deos nos ajudar. Os syllogismos condicionaes são os que se valem de alguma proposição condicional; a qual ordinariamente he a regra geral. Ora a condicional tem duas partes; a saber, a *Condição*, e o *Dito*.

Eug. Que chamais vós *Dito*?

Teod. Chamo *dito* de huma proposição o que ella affirma, ou nega; v. g. digo eu: *Se Pedro he fraco, não deve ser soldado*; nesta proposição *ser Pedro fraco*, he a condição, e *não deve ser soldado*, he o dito; o qual sempre se funda sobre a condição; humas vezes este *dito* he negativo, outras vezes he affirmativo, como logo vereis.

Eug. Estou já inteirado do que dizeis: continuai no que querieis dizer.

Teod. Digo, que de dous modos podemos discorrer condicionalmente; o primeiro he: *Posta a condicional como regra geral, e depois verificada na menor a condição; podemos inferir na conclusão o dito da condicional.* (Proposição 86.) Mostro exemplo; e fica logo explicado o dictame. Prop. 86.

Se a lisonja he vicio, não he digna de homem de bem;
Ora a lisonja he vicio:
Logo não he digna de homem de bem.

Vedes que a condicional dizia, que a lisonja não era propria de homem de bem, no caso que fosse vicio; depois verificou-se que era vicio, e seguio-se concluir que com effeito a lisonja não era de homem de bem. Este modo de discorrer corresponde ao primeiro dictame dos syllogismos perfeitissimos, porque a condicional equivale a huma absoluta, que diga assim: *Todo o vicio he indigno de homem de bem*; depois se diz que *a lisonja he vicio*, fica na consequencia, que *he indigna de homem de bem*, conforme o primeiro dictame. E toda a condicional se póde trocar por huma absoluta, que sirva de regra geral: e deste modo fica provada a segurança deste dictame.

Silv. Pouca prova necessita, por ser evidentissimo; pois manifestamente a conclusão se envolve na maior, e se verifica na menor; de sorte que dizendo nós, que a lisonja, no caso que seja vicio, não he de homem de bem, e depois verificando-se que he vicio, já está dito que a lisonja não he de homem de bem: e quem negar isto, nega o que concedeo nas premissas.

Eug. Percebo bem.

Teod. O outro modo de discorrer condicionalmente he este: *Posta a condicional na maior, e excluido o dito na menor, podemos na con-*

se-

ssquencia negar a condição, (Proposição 87.) como neste discurso: Prop. 87.

Se a mentira alguma vez for louvavel,
Deos ha de approvalla.
Ora Deos nunca póde approvar a mentira:
Logo nunca he louvavel.

Tambem este segundo dictame concorda com o segundo, que se deo para os syllogismos absolutos; porque convertendo a condicional em regra geral absoluta do modo que fizemos ha pouco, sem mais diligencia fica o syllogismo absoluto, e governado por esse segundo dictame (pag. 329.) Eu o faço; e cotejando hum com outro sillogismo, vereis como hum equivale ao outro:

Tudo o que he louvavel, Deos approva;
A mentira nunca Deos a approva:
Logo a mentira nunca he louvavel.

Eug. Gósto muito deste modo de provar os dictames, fazendos-os connexos huns com os outros já provados, porque huma só razão confirma ambos.

Teod. Destes dous modos se podem fazer bons discursos condicionaes. Advirto agora, que ha aquí hum modo de discorrer pessimo, que costuma enganar os desacautellados; e vem a ser este: *Posta a condicional, excluir a condição para excluir o dito*, isto he pessimo modo de discorrer: ponho exemplo, e vereis:

Pedro, se matou, tem crime;
Ora Pedro furtando não matou:
Logo Pedro furtando não tem crime.

Estes discursos correspondem aos que já démos por enganosos ha pouco (pag. 326.), quando disse que posta a regra geral, e negando-se a applicação della a certo sujeito, não era licito negar delle o que se dizia na regra geral, e que erão falsos este, e semelhantes syllogismos.

Todo o que mata tem crime;
O que sómente furta não mata:
Logo o que sómente furta não tem crime.

Eug. Deos nos livre de semelhantes discursos.

§. VII.

Dos discursos disjunctivos, e copulativos.

Teod. VAmos a outros discursos mui frequentes, e usados, que são os *Disjunctivos*: Isto he, que se fundão sobre huma proposição disjunctiva. Para serem bons, vos dou esta regra: *Posta huma disjunctiva, e negada huma parte, infallivelmente se póde inferir a outra.* (Proposição 88.)

Prop. 88.

Eug. Venha exemplo, e fica entendido o dictame.

Teod. Poucos dias ha que ouvi discorrer por este modo a hum Ministro do Evangelho, e vi

vi na commoção dos ouvintes que todos se deixavão convencer da sua efficacia. Dizia elle assim : *O peccador, quando não faz caso do que Deos manda ; huma de duas, ou se ha de ficar rindo de Deos , por ter zombado delle impunemente , ou tem de cahir debaixo da sua espada terrivel. Ora de todos quantos me ouvem não ha hum que se atreva a dizer-me , que espera ficar-se rindo de Deos : Logo haveis de confessar-me , que tendes de ser summamente infelices, cahindo debaixo da sua espada terrivel.* Eu reduzo o discurso a poucas palavras, para se ver melhor o seu artificio :

Quem desobedece a Deos , ou se fica rindo delle impunemente , ou o ha de pagar ;
Não se ha de ficar rindo impunemente :
Logo ha de pagallo.

Eug. Já vejo o artificio : dizemos na maior que ou ha de ser isto, ou aquillo ; depois na menor dizemos , não he isto , e inferimos, logo ha de ser aquillo. Desre modo tenho eu discorrido muitas vezes, sem saber nada de Logica.

Teod. Convém agora saber a razão disso que fazieis, e provar o dictame. Como a disjunctiva nunca póde ser verdadeira, sendo ambas as partes falsas , segue-se que se eu excluo huma parte , não ha remedio senão admittir a outra. E tambem aqui se verifica a doutrina já dada, de que a conclusão está incluida nas premissas ; porque dizendo-se na maior , que hu-

huma daquellas duas cousas ha de ser verdadeira; e dizendo-se na menor, que não he esta, já nisso mesmo se diz que he verdadeira a outra parte.

Eug. Isso he clarissimo.

Teod. Advirto, que ha perigo aqui de huma equivocação. Maliciosamente se fórmão alguns discursos, que são pessimos, e enganão com sua apparencia de verdadeiros, e são deste modo: *Posta a disjunctiva, admittem huma parte, para na conclusão excluir a outra.* Por este modo se fazem muitos enganos. Ponho exemplo: Vejo que Pedro em todas as suas funcções apparece com luzimento, e digo que *elle ou he rico, ou bem governado*: desta proposição verdadeira póde algum valer-se para discorrer assim:

Pedro ou he rico, ou bem governado;
Eu sei que elle he bem governado:
Logo não he rico.

Este discurso não presta, porque verifica huma parte para excluir a outra; e suppõe que a disjunctiva não póde ter ambas as partes verdadeiras, v. g. que não póde o homem ser juntamente rico, e bem governado. Ora isto he falsissimo, porque para a disjunctiva basta huma parte verdadeira, mas não lhe faz mal que o sejão ambas; póde ser huma verdadeira, e ser tambem a outra. Pelo que, meu Eugenio, não confundais este máo modo de discorrer com o outro que vos ensinei como bom: *Posta a disjunctiva, e excluida huma*

par-

parte , forçosamente se ha de admittir a outra; porque não podem ser ambas falsas, sendo verdadeira a disjunctiva. Mas posta a disjunctiva, e verificada huma parte , nem por isso se segue , que se ha de excluir a outra, porque ambas podem ser verdadeiras.

Eug. Já percebo a cavillação , e o motivo do engano; e fico acautelado.

Silv. Só tenho contra isso , que tenho ouvido dizer , que para a dijunctiva se requeria alguma opposição entre as duas partes , e que não podiamos dizer : *Pedro ou he homem , ou vivente* ; porque homem , e vivente não se oppõe, antes hum tráz comsigo o outro predicado : e se nós estamos nesta doutrina , então algum fundamento ha, para que, se admittimos algum membro da disjunctiva, excluamos o outro , v. g. se dizemos: *Pedro ou mente, ou falla verdade*; *eu sei de certo que mente : logo não falla verdade.*

Teod. Amigo Silvio , não duvido que tenhais ouvido isso; porém muitas cousas tereis ouvido que não são verdade. Para huma disjunctiva requer-se alguma diversidade das partes , de sorte que possa alguma dellas ser verdadeira sem a ourra o ser, aliàs he ridicula a proposição; mas não he precisa a opposição entre os membros, ou partes da disjuncção: por isso vendo que hum homem disfarçou huma injúria , digo com acerto : *Fulano ou he santo, ou prudente* , e mais ser prudente não se oppõe a ser santo. Vós muitas vezes vendo hum homem que não póde comsigo , dizeis

que

que ou está doente, ou muito fraco; e não se oppõe estas duas cousas, basta que haja diversidade, de sorte que possa estar algum desses membros sem o outro, como acontece nos exemplos que disse, e tambem no que vós apontastes: como v. g. se vejo ao longe mover-se hum vulto, digo, o que lá vem ou he homem, ou pelo menos vivente; e basta poder ser *vivente* sem ser *homem*, para ser a proposição acertada.

Silv. Sempre quando os membros são oppostos, fica a disjunctiva mais clara, e o discurso mais patente.

Teod. E ás vezes mais cavilloso; porque em sendo a opposição contraria, já temos o laço armado para cahir no engano. Ora que me dizeis a este discurso?

> *O Mentiroso ou se ha de crer, ou contradizer;*
> *O Mentiroso nunca se deve crer:*
> *Logo sempre se deve contradizer.*

Silv. Parece-me bom, e ahi vereis o que acabo de dizer; porque a disjunctiva consta de duas partes entre si oppostas, e logo se vê como o discurso procede com clareza.

Teod. Pois se he bom este discurso, trazei comvosco sempre agua ardente, e panos para fios; porque se ouverdes de andar contradizendo sempre os que mentem, tendes de ter muita pendencia.

Eug. Pois aquella proposição disjunctiva não he verdadeira?

Teod. Digo que não: e pela opposição de seus membros parecia mui verdadeira, mas são demasiadamente oppostos, isto he, contrarios, e não só contradictorios. Se dissessemos, ou havemos de crer o mentiroso, ou deixar de o crer, isso sim; mas ou *crer*, ou *contradizer*, isso he muito, porque a prudencia manda em muitos casos nem *crer*, nem *contradizer*, mas callar, e disfarçar. Adverti, Eugenio, em huma doutrina mui importante: em sendo os membros da disjunctiva oppostos com opposição contraria, nem por isso deis a disjunctiva por verdadeira; e por essa razão, negada huma parte, se não póde affirmar a outra.

Silv. Seja como quizerdes, que não estou com animo de questionar hoje.

Teod. Passemos agora aos discursos *copulativos*, que são o avesso, ou contrario dos *disjunctivos*. Ponho logo o exemplo, e depois explicarei nelle o seu artificio:

Ninguem póde estar innocente, e culpado;
Todos nós somos culpados em Adão:
Logo ninguem está innocente.

O seu artificio he este: *Posta huma copulativa, que negue a conjunção de duas partes; se depois se verifica huma dessas partes, no fim exclue-se a outra.* (Proposição 89.) Podemos pôr tambem por exemplo hum discurso de JESU Christo contra os Avarentos. Dizia o Senhor assim:

Prop. 89.

Não

Não podeis servir a Deos, e ás riquezas;
Vós, avarentos, servís as riquezas:
Logo não podeis servir a Deos.

A maior he expressa; mas o Senhor occultou a menor, e a consequencia, deixando-lhes isso a elles, para que a si mesmos se condemnassem. Aqui agora ha outro perigo de cavillação, e engano; e vem a ser, quando, pondo a regra geral (a qual não consente que estejão as duas partes juntas), depois na menor excluimos huma das partes, para na consequencia affirmar a outra; isto he muito máo: com hum exemplo me explico. Digo assim:

Não se póde servir a Deos, e ás riquezas;
O prodigo não serve ás riquezas:
Logo o prodigo serve a Deos.

Eug. Nada, nada desse discurso; elle he falso, seja pelo que for.

Teod. Dizeis bem: o que devia ser para ser bom este discurso, era: *Pôr na maior a regra geral, que negue a conjunção de duas partes, e depois na menor verificar huma parte, para na consequencia excluir a outra*; e como este discurso ultimo faz pelo contrario, nega huma parte, para pôr a ourra, fica cavilloso.

Eug. Dissestes bem, que este modo de discorrer era contrario do disjunctivo. O disjunctivo nega huma parte para affirmar a outra; e este copulativo affirma huma parte para negar a outra. Em cada hum dos discursos fazendo

o que deve , fica bom ; fazendo o contrario, he cavilloso.

Teod. A razão deste dictame he esta. Posta a regra geral, fica impossivel ajuntarem-se ambas as partes; ora se a menor verifica huma, bem se infere na conclusão que se deve excluir a outra; aliàs estarião ambas juntas, contra o que disse a maior.

Eug. Estas doutrinas accommodão-se tanto com a razão , que huma vez explicadas , não podemos duvidar dellas por modo algum.

Teod. Privilegio he esse só da verdade. Ora destes discursos complexos, que vos tenho explicado, eu resumo aqui em tres dictames tudo quanto tenho dito, para que vos não confundais, e mais facilmente vos lembreis.

1 Nos condicionaes , posta a condição, affirmai o dito : e negado o dito, negai a condição.
2 Nos disjunctivos , excluida huma parte, ponde a outra.
3 Nos copulativos, se puzerdes huma parte, negareis a outra.

E fóra disto tudo he cavillação , e engano. Conservai-os na memoria.

Eug. Descançai , que nunca me esquecerei de dictames tão racionaveis.

§. VIII.

§. VIII.

De outros modos que ha de discorrer bem.

Teod. ALém destes modos que temos dito, outros modos ha de discorrer mui usados: hum delles he o que nas aulas se chama *conversão de contraposição.*

Eug. Não entendo esses vocabulos.

Teod. Ora eu vos digo o que isto quer dizer, explicando o artificio destes discursos: *Posta huma regra geral affirmativa, de todo o contraditorio do predicado, se póde affirmar o contradictorio do sujeito.* (Proposição 90.) Como v. g.

Prop. 90.

Todo o homem de honra falla verdade: Logo quem não falla verdade não he homem de honra.

Eug. Esse modo de discorrer parece-me bom.

Teod. E funda-se no segundo dictame, e no principio fundamental que assinei para os discursos perfeitos. Se a regra affirmativa he geral, he sinal que o predicado se involve no sujeito, e he como parte delle; por conseguinte quem não tiver o predicado, que he parte, não póde ter o sujeito, que he como hum todo, segundo o Principio, ou Maxima, que diz: *Quem negar a parte, deve negar o todo.*

Silv. E como explicais vós essa conversão na particular negativa; onde não ha essa regra geral?

Teod.

Teod. Essa conversão ainda que a haja, não se usa della praticamente, por ser summamente barbara, constando a consequencia de tres negações (1); e como Eugenio nunca se ha de servir deste modo de discorrer, de que me serve explicar-lho?

Eug. Doutrinas inuteis não mas ensineis por vida vossa, que he cousa nociva occupar a memoria com ellas, podendo encher esse vão com outras doutrinas de muita utilidade.

Teod. Outros dous modos ha de discorrer, que nas aulas chamão consecuções: hum he *consecução de oppostos*; outro *consecução de conjuntos*: sobre cada hum vos darei hum dictame para vosso governo. Para a consecução de oppostos sirva esta regra: *Postos dous termos contradictorios, se affirmais hum, podeis negar o outro; e se negais hum, podeis affoitamente affirmar o outro.* (Proposição 91.) Exemplo. Nas acções moraes ser *licito*, e ser *prohibido*, são termos contradictorios: digo eu agora: de qualquer acção moral, que falleis, se affirmardes hum desses dous termos, podeis negar o outro; e se negardes hum, podeis affirmar o outro.

Prop. 91.

Eug. Entendo, e parece-me que me atrevo a pôr exemplos do que dizeis: digo assim:

A

(1) Faz-se assim segundo as regras da aula: *Algum animal, não he homem*: logo *algum não homem, não he não animal.*

A guerra entre Christãos não he acção prohibida;
Logo he acção licita.

Aqui vendo excluido hum termo, affirmo o opposto. Agora porei exemplo, em que vendo posto hum termo, exclua o outro; e digo assim:

O duéllo entre Christãos he acção prohibida:
Logo não he acção licita.

Teod. Acertastes: e a razão desse dictame he bem manifesta; porque sendo os termos contradictorios, nem podem estar ambos, nem faltar ambos; por conseguinte pondo hum, podemos negar o outro; e negando hum, podemos pôr o outro. Advirto porém, que alguns termos parecem contradictorios, e são *contrarios*, e nestes ha grande perigo de engano; porque negado hum, nem sempre se póde inferir o outro: e a razão disto he, porque sendo *contrarios*, podem faltar ambos a hum tempo. Agora estes dous termos *doente*, e *são*, parecem contradictorios, e são contrarios. O mesmo digo destes *Pio*, e *Impio*, *Letrado*, e *Ignorante*, etc.

Eug. Ensinai-me a conhecer isso.

Teod. Os termos contradictorios são aquelles, que não admittem meio entre si; de sorte, que hum sómente se contenta com excluir o outro, sem accrescentar mais nada; por quanto, se accrescentou alguma cousa de mais, já ficão *contrarios*. Lembrai-vos do que vos dis-

disse os dias passados (1), para distinguir as proposições contrarias das contradictorias; e o mesmo digo dos termos contradictorios, e contrarios Agora estes, *Santo*, e *impio*; *Letrado*, e *rude*, são contrarios; porque ser *impio*, não diz sómente *não ser Santo*, mas ter além disso maximas contrarias ao Evangelho; e póde hum homem ordinario nem ser *Santo*, nem *impio*: o mesmo digo destes termos *são*, e *enfermo*, tomados obsolutamente.

Silv. Esses certamente são contradictorios, porque não ha meio: quem não estiver *são*, ha de estar *doente*; e quem não estiver *doente*, certamente está com *saude*.

Teod. Por essa razão haveis de approvar este discurso: *Aquella pedra não está com saude; logo está doente.*

Silv. A pedra nem saude, nem doença póde ter, senão metaforica.

Teod. Dizeis bem; mas por isso mesmo provo eu, que aquelles termos tem meio entre si, e são contrarios; porque *são* diz *não ter doença*, e além disso *ser capaz de a ter*; e isto, que accrescento de mais, he que faz ser esse termo *contrario* do outro, quando podia ser *contradictorio*, se sómente dissesse *doente*, e *não doente.*

Silv. Isso mesmo tem os termos que vós propozestes para exemplo, que, se bem me lembro, forão, *Licito*, e *prohibido*: tambem por essa doutrina são contrarios.

(1) Tarde XXXXII. §. VI. pag. 287.

Teod. Assim he, que são contrarios; mas não reparastes no que eu accrescentei? eu disse, que *nas acções moraes* erão contradictorios, e ainda o digo, porque não ha meio; mas tomados absolutamente, são contrarios: o mesmo digo dos termos *são*, e *doente*, que absolutamente são contrarios, pois ha meio; mas fallando só dos animaes, digo que são contradictorios, porque o não ha; e assim *animal são*, e *animal doente* não passão de contradictorios, como tambem *acção licita*, e *acção prohibida*.

Silv. Desse modo concordarei comvosco.

Teod. Advirto, que *sendo os termos contrarios, sempre he bom o discurso, que, vendo hum termo affirmado, nega o outro. Mas não he bom o discurso, se negado hum termo, affirma o outro.* (Proposição 92.) A razão he; porque sendo contrarios, ainda que possão faltar ambos, nunca podem estar ambos no sujeito; e assim se vemos lá hum, podemos seguramente negar o outro.

Prop. 92.

Silv. Ainda vos falta outra consecução *dos Conjuntos.*

Teod. Sobre esta consecução vos darei, Eugenio, dous dictames, por onde com segurança vos podeis governar nestes discursos. O primeiro he: *Quando as palavras não mudão de sentido, tanto podemos affirmar de hum sujeito dous predicados juntamente, como cada hum de per si:* (Proposição 93.) v. g. se digo: *O Marechal de Turena foi hum Heroe pio*; posso inferir *logo foi Heroe*, e do mes-

Prop. 93.

mo modo inferir *logo foi pio*; e tambem ás avessas, se disser *D. João o V. foi Principe*, e tinha já dito delle; que *foi mui entendido*, posso inferir: *Logo D. João V. foi Principe mui entendido*. A razão deste dictame he; porque se o sujeito tem aquelles dous predicados, tanto importa affirmallos por huma proposição, como por duas; e se lhe falta algum predicado dos dous que se apontão, então nem com huma proposição se podem affirmar ambos, nem com duas separadas.

Eug. Isso he mui conforme á razão.

Silv. Todo o perigo, Eugenio, está em que as palavras, quando as separamos, tem ás vezes mui diverso sentido, do que ajuntando-as. Por isso não he bom este discurso: *Alexandre foi grande soldado*; logo *Alexandre foi grande*, e *Alexandre foi soldado*, porque nos consta que foi pequeno de corpo.

Teod. Por isso logo no dictame acautellei isso mesmo, por quanto ás vezes o commum uso de fallar dá ás palavras diversos sentidos, quando as acha separadas: *Grande*, he indifferente para significar grandeza de corpo, ou de valor, ou de letras, ou de virtude, etc., e vai grande differença de ser grande no corpo a ser grande em qualquer das outras qualidades. Vamos ao segundo dictame: *Negando qualquer predicado solto, podemos negallo tambem, pondo-o juntamente com qualqur outro; porém negando dous predicados juntos, não he licito negar cada hum de per si só.* (Proposição 94.) A razão deste dictame he

Prop. 94.

o principio de todo o discurso ; porque negada a parte, nega-se o todo ; porém negado o todo , nem por isso se segue negar qualquer parte. Podemos sim inferir huma disjunctiva das duas partes : v. g. se me dizem que *Nero não foi Imperador benigno*, posso eu inferir : *Logo ou não foi Imperador , ou não foi benigno* ; por quanto , a ter ambos estes predicados, não poderião dizer, que não foi Imperador benigno. Estas cousas são tão claras, que escusão maior explicação : e dou a conferencia por acabada. Descançai agora , Eugenio , que assás fatigada tereis a cabeça. Vamos a ler as Gazetas do Norte, que me vierão esta manhã.

Eug. Vamos.

TAR-

TARDE XXXXIV.

Dos sofismas, ou discursos maliciosos.

§. I.

Exame, que se póde fazer em qualquer discurso, para conhecer se elle he, ou não he bom.

Eug. SAbereis, Teodosio, que tenho passado pela memoria os dictames, que hontem me déstes para os discursos; e depois de fazer reflexão sobre elles, me persuado que me não hei de enganar já com discursos errados.

Teod. Ahi vai já hum erro, e não he pequeno, Eugenio. O saber distinguir sempre a verdade do engano, he cousa mui difficil; e por certo que o não seria, se vós estivesseis já capaz de o fazer.

Silv. Filosofos tenho eu encontrado de tão agudo engenho, que se quizerem, vos hão de obrigar a conceder a cousa mais manifestamente falsa. De sorte que haveis de estar certissimo de huma cousa, e taes discursos vos hão de formar, que vós negueis isso mesmo, de que estais certissimo. Bem vejo que a isto poucos chegão; mas assim deve ser, porque em

em qualquer sciencia poucos são os que chegão á sua ultima perfeição.

Teod. E por este discurso vos quer Silvio insensivelmente persuadir, que a ultima perfeição da Filosofia Racional, a que poucos chegão, he saber bem mentir, enganar, e fazer errar os outros, que sinceramente querem ir caminho direito para a verdade. Não permitta Deos, Eugenio, que vós chegueis nunca a tal perfeição.

Silv. Vós não podeis negar, que nisto he que se vê a delicadeza do engenho.

Teod. A delicadeza do engenho, e perfeição da Filosofia Racional está em descubrir a verdade occulta, quando ella parece que estava lá escondida nos profundissimos seios da natureza. Aqui só chegou hum Newton, descubrindo o Mecanismo dos Ceos, como se tivesse toda a sua fábrica entre as mãos, ou fazendo anathomia nos mesmos raios do Sol, mostrando aos olhos e separadas, as partes de que se compõe. Aqui só chegou hum Galileo, descubrindo a falsidade do horror do vacuo, que tanto atemorizava o mundo, e pezando o ar, que tinha passado até então por izento da gravidade. Aqui chegou hum Harveo, descubrindo a circulação do sangue, ignorada por tantos seculos. Aqui chegárão outros muitos Modernos, descubrindo á força de hum discurso delicadissimo, e certissimo muitas verdades até então ignoradas. Isto he, que he a perfeição desta Arte, e não o encubrir a verdade, e enthronizar o erro. Mas, em fim,

Eu-

Eugenio, sempre he preciso fazer estudo sobre a *Sofistica*; quero dizer, sobre esta Arte de formar discursos cavillosos, para vos não deixardes enganar dos que della se valerem por malicia, e pessimo gosto. Porém, antes que entremos pelo interior desta materia, quero dar-vos logo hum dictame, com que podeis fazer experiencia, e prova, se qualquer discurso he bom, ou cavilloso.

Eug. Não me retardeis hum momento dictame de tanta importancia.

Teod. *Confrontando a conclusão com as proposições antecedentes, se ella se inclue dentro de alguma, he bom o discurso; senão se contém, he máo.* (Proposição 95.) Já hontem vos disse cousa equivalente; mas agora o quero explicar mais práticamente, que já me haveis de entender melhor. Para conhecerdes claramente, e com facilidade se a conclusão se inclue n'alguma proposição antecedente, haveis de advertir no que já disse: todo o termo tem *extensão*, e tem *comprehensão*. Quando o termo he commum, que convém a muitos sujeitos, como v. g. *homem*, que convém a muitas possoas, dizemos que tem extensão, a qual he total, quando ao termo se ajunta a palavra *todo*, *nenhum*, *qualquer*, ou quando vai depois da negação, porque esta exclue tudo: isto he extenção. Agôra *comprehensão* do termo he incluir na sua idéa, ou conceito estes, ou aquelles attributos: como v. g. *homem* que envolve na idéa *ser vivente*, *ser mortal*, *ser creatura de Deos*, *ser corporeo*, *ser dis-*

Prop. 95.

cur-

cursivo, etc. Tudo isto se envolve na *comprehensão* do termo *homem*. Supposto isto, para examinar se a conclusão de qualquer discurso se inclue nas proposições antecedentes, hei de cotejalla com qualquer dellas; e como a conclusão só differe de qualquer proposição antecedente em hum termo, não resta senão combinar este termo com o outro, em que differem; se se inclue, ou na extensão, ou na comprehensão, he bom o discurso; senão se inclue, he cavilloso. Ponho exemplos; e digo assim:

Toda a ingratidão he indigna de hum homem honrado;
Todo o peccado he ingratidão:
Logo todo o peccado he indigno de homem honrado.

Temos que examinar se a conclusão se inclue na maior: v. g. cotejemos huma proposição com outra, e para isso escrevei-as com o lapis huma debaixo da outra: ponde lá:

Toda a ingratidão he indigna, etc.
Logo todo o peccado he indigno, etc.

Só differem estas proposições em que a conclusão diz *peccado*, e a maior diz *ingratidão*. Pergunto: e o *peccado* não he huma especie de *ingratidão*?

Eug. Sem dúvida, porque he ingratidão a Deos.

Teod. Bem está: logo se o *peccado* se inclue na extensão do termo *ingratidão*, claro fica, que a conclusão se inclue na maior, e fica o discurso approvado.

Eug.

Eug. Poucas cousas tenho entendido tão completamente, como esta: a diligencia de reparar nas proposições escritas he precisissima para as cotejar bem, que de cabeça não he facil fazello.

Teod. Cotejemos agora a conclusão com a menor, a ver se tambem se inclue nella; escrevei-as para as cotejar:

Todo o peccado he ingratidão:
Logo todo o peccado he indigno de hum homem de honra.

Aqui só differem em que huma diz *ingratidão*, outra diz *indigna de hum homem de honra.* Ora na idéa da *ingratidão* achar-se-ha *ser cousa indigna de hum homem de honra?*

Eug. Não ha cousa mais abominavel, mais feia, e mais indigna de hum homem de honra, que ser ingrato ao seu bemfeitor. Quem me chamar *ingrato*, chama-me quantos nomes feios, e vís póde chamar-me. Eu no conceito de ingratidão tenho ser huma cousa vilissima, e indigna da honra, da razão, da Christandade, e da Civilidade.

Teod. Está bem. Pois se isso he assim, já a conclusão se inclue tambem na menor. Por isso se eu disser sómente: *Todo o peccado he ingratidão, logo he indigno de hum homem de honra*, discorro bem, porque na proposição antecedente se inclue a conclusão.

Eug. E será preciso que a conclusão se inclua não só n'uma proposição antecedente, mas em ambas?

Teod.

Teod. Sendo o syllogismo negativo, deve constar de huma premissa negativa, e outra affirmativa; e a conclusão sempre ha de ser negativa. E sendo isto assim, sómente se póde incluir a conclusão na premissa negativa. Porém sendo o syllogismo affirmativo, póde conter-se em qualquer dellas; mas sempre fica mais claro o buscalla na que serve de regra geral; e achando-se n'uma proposição, he escusado buscalla na outra; porque já se sabe que póde della nascer, e tirar-se para fóra.

Eug. Percebo a differença dos syllogismos affirmativos aos negativos; e por essa razão muito mais facil será de examinar a malicia dos negativos.

Teod. Enganais-vos, porque esses dão em certo modo mais occasião aos enganos; e senão, experimentai: supponde que eu digo assim:

> *Vós não sois Silvio;*
> *Silvio he homem:*
> *Logo vós não sois homem.*

Que respondeis a isto? As premissas são certas, e a consequencia parece bem deduzida; mas certamente que o não he: onde está o erro?

Silv. Vós rides, o rir não he responder; já que estais tão adiantado nesta instrucção, respondei a isto.

Eug. Como hei de responder, se está provado que não sou homem? Teodosio com o seu discurso me dispensou do trabalho de responder, porque me privou da racionalidade. Como

mo elle he o que eu não sou, póde ter o juizo que eu não tenho, e dizer o que eu não digo.

Teod. Está bem: ora vamos a examinar pelo dictame que vos dei, se a conclusão se contém dentro de alguma premissa. Mas antes que entremos nessa empreza, dai-me attenção a huma doutrina muito importante. Olhai, Eugenio, posta huma cousa, põe-se todos quantos attributos ella tem; mas negada essa cousa, nem por isso se negão todos os seus attributos. Exemplo: A mentira tem estes attributos, *ser feia*, *ser nociva*, *ser contra a honra*, *ser prohibida*, etc. onde quer que me puzerdes *mentira*, seguramente podeis pôr *feia*, *nociva*, *prohibida*, etc. Mas de quem negardes a mentira, nem por isso podeis negar aquelles attributos; porque se disserdes *o furto não he mentira*, não podeis dizer: logo não he *feio*, não he *nocivo*, não he *prohibido*, etc. Supponho que entendeis isto: falta dar a razão. He esta, que já disse muitas vezes: *Posto o todo, põe-se a parte.* Mas *negado o todo, nem por isso se nega a parte.* Ora como qualquer attributo, ou predicado de huma cousa he em certo modo parte della, segue-se claramente a doutrina, que vos dei, que quero que graveis bem na vossa memoria, como quem na carta de marear nota os baixos, em que hia perigando, para sempre se desviar delles: *Posta qualquer cousa, podemos pôr todos quantos attributos ella tem. Mas negada qualquer cousa, não he seguro ne-*

Prop. 96. *negar todos os seus attributos* (Proposição 96.)

Eug. Tendes razão em dizer, que essa doutrina he mui importante: ide agora explicalla.

Teod. Aqui agora tem uso o dictame, que acabo de vos dar: quem for Silvio, ha de ter tudo quanto elle tem; mas quem não for Silvio, não fica por isso privado de todos os attributos, de que elle goza. Quem for Silvio, ha de ser *Medico*, ha de ser *rico*, ha de *ter muito juizo*, ha de *ter genio jocoso*, e ha de ser *homem*. Mas quem não for Silvio, bem póde ter muitos dos attributos, e predicados que nelle ha. Muita cautéla, Eugenio, com as conclusões negativas: quando as compararades com as premissas, não haveis de comparar predicado com predicado; v. g. aqui não haveis de comparar *homem* com *Silvio*; mas haveis de comparar *não ser homem*, com *não ser Silvio*; e logo vereis como a conclusão não se envolve na maior; porque *não ser homem algum*, he mais do que *não ser Silvio*; e como o mais não se póde incluir no que he fica manifesto que a conclusão, que diz *não sois homem*, não se póde envolver na maior, que diz *não sois Silvio.* Ao contrario do que seria, se o syllogismo fosse affirmativo com o mesmo artificio: supponde que eu dizia:

Vós sois Silvio;
Silvio he homem:
Logo vós sois homem.

Dizia bem; porque *ser Silvio*, he muito mais, que

que simplesmente *ser homem*: logo dizendo a conclusão *sois homem*, e a maior *sois Silvio*, menos diz a conclusão, do que a maior, e vem a ficar incluida nella, e ser bom o discurso. Vede a differença que vai da conclusão negativa á affirmativa.

Eug. Já estou bem capacitado della, e confirmado no dictame, que me acabais de dar.

§. II.

De dous sinaes para conhecer que a conclusão se não contém nas premissas.

Teod. QUero-vos dar alguns sinaes para facilmente, e como á primeira vista de olhos conhecerdes as conclusões, que se não contém nas premissas. O primeiro he: *Toda a vez que hum termo na conclusão se toma geralmente, e na premissa não se tomava assim, já a conclusão não se contém na premissa*: (Proposição 97.) a razão he, porque o termo tomado geralmente he mais extenso do que quando se não toma assim: logo fica na conclusão em certo modo maior que na premissa, e por conseguinte não se póde comprehender nella.

Prop. 97.

Silv. Isso he o que nas aulas se explica, dizendo que na conclusão se não ha de distribuir termo algum, que se não ache distribuido nas premissas.

Teod.

Teod. Não ha dúvida, que isso mesmo he: ponho exemplo, e fica explicada a regra:

Todo o Avarento he vicioso;
Alguns ricos são avarentos:
Logo todos os ricos são viciosos.

Este discurso hia sendo bom; mas a conclusão o botou a perder, porque devia dizer *alguns ricos*, e disse *todos os ricos*; e isto lhe fez muito mal, pela regra que acabo de dar: quem diz *todos os ricos*, comprehende todos; e na menor só se fallava de alguns: logo mais ampla ficava a conclusão, que a menor; e já não póde caber dentro della; e por isso tambem não póde nascer della.

Silv. Não digais mais, que está clarissimo; só falta saber se Eugenio se lembra dos sinaes, por onde se conhece que hum termo está distribuido, ou se toma geralmente.

Eug. Quando tem antes de si a palavra *Todo*, *Nenhum*, ou *qualquer*, etc.

Teod. E tambem quando o termo está negado, e excluido, e tem antes de si a palavra *Não*; porque quem nega, e exclue hum termo, exclue todos os seus individuos absolutamente.

Prop. 57.

Eug. Já me dissestes isso, e fizestes bem em mo lembrar outra vez. Vamos ao outro sinal, que dizieis.

Teod. Muitas vezes vos tenho dito, que para o discurso ser bom, deve haver huma regra geral, e que esta deve applicar-se ao sujeito da conclusão. Ora para isto convém que hum mesmo termo vá em ambas as premissas, e

a

a este tal termo chamamos *Meio termo.* Digo agora: *Toda a vez que o Meio termo em nenhuma premissa se toma geralmente, he o discurso máo.* (Proposição 98.) A razão he, porque nesse caso posso eu n'uma premissa tomallo por huns, e n'outra por outros sujeitos; e assim não fica huma premissa bem explicada pela outra: com exemplos me explicarei melhor. Digo eu assim: escrevei lá, Eugenio.

Prop. 98.

Todo o Avarento he vicioso;
Todo o Prodigo he vicioso:
Logo todo o Prodigo he avarento.

Este discurso não he bom, porque o *Meio termo* he a palavra *vicioso*, e não se toma geralmente na primeira, nem na segunda. Na primeira falla-se de huns viciosos, que guardão o dinheiro como reliquias; na menor falla-se de outros viciosos mui diversos, que o espalhão como arêa; assim não se une huma proposição com a outra, nem huma he applicação da outra. Ainda que ambas levem a palavra *Todo*, esta só tem virtude para fazer tomar geralmente o sujeito, mas não chega a sua virtude ao predicado. Eu ponho outro discurso, cuja distribuição chegue ao predicado, e vereis como fica bom. Digo assim:

Nenhum Santo he vicioso;
Todo o prodigo he vicioso:
Logo nenhum prodigo he Santo.

Este conclue bem, porque na maior se falla

de

de todos os viciosos; e por conseguinte tambem os prodigos ahi se comprehendem. Se entendeis bem, passamos a outra cousa.

Eug. Entendo: socegai.

§. III.

Dos sofismas, que peccão no fundamento.

Teod. EM qualquer materia os erros são muitos, e a verdade he somente huma: e esta he a propriedade dos desvios, que são muitos em hum só caminho direito. Por tanto convém pouco a pouco ir descubrindo os principios dos desvios, e perigos que póde ter, quem anda em busca da verdade. E porque o bom discurso, segundo o que está dito, consiste em huma regra geral bem applicada, donde se tira a consequencia, podem todos os descaminhos da verdade, e vicios do discurso tambem reduzir-se a tres classes. Porque huns péccão no fundamento, ou na regra geral; outros péccão na applicação; outros péccão na má inferencia da conclusão. E começando pela primeira classe dos discursos, que péccão no fun-damento, aqui pertencem, os que se fundão nas Maximas erradas, por causa das *preoccupações*, ou *prejuizos*, dos quaes já fallei no principio desta Logica. Discurso fundado em maxima errada, ou seja da Authoridade, ou dos sentidos, ou do costume, etc. já se vê que pec-

pecca no fundamento. Tambem aqui pertencem *os que tomão por fundamento do discurso aquillo, que devia ser fim delle.*

Silv. Nas escólas chamamos a isso *petere principium*; cousa que Aristoteles reprehende; de sorte que por nenhum modo ha de hum homem suppôr como fundamento do seu discurso aquillo mesmo que vai a provar: porque se eu o vou a provar; he certo que ainda se duvída da sua verdade; e duvidando-se della, como póde ser fundamento de bom discurso?

Teod. Dizeis muito bem: e eu só tenho que apontar exemplos. E já que fallastes em Aristoteles; sirva de exemplo hum máo discurso, que Gallileo notou no mesmo Aristoteles. Perdoai, Silvio, este sacrilegio.

Silv. Gallileo notar erros em Aristoteles? no Mestre de todo o mundo, e que ensinou a discorrer a todo o genero humano, he grande atrevimento! Quem havia de dizer a Aristoteles, que Gallileo havia de notar erros nos seus discursos? Nunca tal lhe veio ao pensamento.

Teod. Dahi o que se segue he; que Aristoteles não era Profeta, e que não adivinhava futuros: deixemos isso. Elle para provar que a terra está no centro do Universo, faz este discurso: *Em todas as cousas graves ha inclinação para o centro do Mundo; e como por experiencia sabemos, que todas as cousas pezadas inclinão para o centro da terra, segue-se que o centro da terra he o mesmo centro do mundo, ou do Universo, e que assim o globo da terra fica no meio do Mundo.*

Silv. E que máo he esse discurso?

Teod. Suppõe como fundamento, que os corpos graves inclinão para o centro do Universo; e isto he o mesmo que elle pertende provar, e do que duvidão todos. Os que disserem com Copernico, Descartes, Newton, e outros, que a Terra he hum planeta, e que o Sol fica, como já vos expliquei, no centro do Universo, ou deste systema planetario, a que pertencemos, nisso mesmo negão que os corpos graves inclinem para o centro do Universo. Eu não digo que Aristoteles suppõe como fundamento do discurso a mesma conclusão claramente; mas que suppõe a mesma conclusão disfarçada, sendo esta táo incerta, e táo duvidosa como elle: pois inclinarem os córpos graves para o centro da Terra he certo; agora ser centro do Universo esse ponto, para onde inclinão os graves, he cousa incertissima, e que hão negar todos os que negarem, que a terra esteja nesse centro do Universo.

Silv. Como o fim destas conferencias não he revindicar a honra de Aristoteles, calo-me. Mas sabei que ahi havia muito que dizer.

Teod. Fique-vos pois na memoria esta cautélla, Eugenio: *Hum discurso não deve tomar por fundamento aquillo mesmo, de que se duvída, e que se intenta demonstrar.* (Proposição 99.)

Prop. 99.

Eug. Eu vou notando todos esses perigos do erro, como o Piloto vai notando na carta de marear todos os cachópos, e baixos, em que vio perigar os outros.

Teod.

Teod. Ainda ha aqui outro perigo; e vem a ser, supprimir a maxima do discurso, não sendo ella mui evidente. Alguns juizos fogosos, e impacientes, em vez de expressar a regra geral do discurso em que se fundão, a supprimem; e supprimida ella, não se descobre tanto a sua incerteza, ou falsidade, como se fosse expressa; e assim passa sem ser registada; e leva o erro encuberto, sem que nós o conheçamos. Com os exemplos me explico melhor. Se perguntarem a hum Peripathetico, se sobre a região do ar ha região do fogo, responde promptamente que sim; e querendo dar a razão, diz: *Assim o diz toda a escóla Peripathetica com o seu principe Aristoteles*; e fica com muito socego, supprimindo a regra geral, ou fundamento deste discurso; que he esta: *Tudo quanto diz a escóla Peripathetica com o seu principe, he verdade.* Ora mui pouco ha de ver, quem não vir que esta regra geral he falsa; e se algum a expremisse claramente no discurso, logo mostrava a sua paixão, cegueira, ou leveza; porém como se supprime, passa insensivelmente, e ao longe, e ninguem faz tão madura reflexão sobre ella, nem se examina, e assim fica o discurso falso.

Silv. E quem vos diz que he falso?

Teod. Por ora contento-me com que tenha perigo de o ser; pois sobre a sua verdade já fallámos, quando tratámos da região do fogo: foi força de exemplo. Porém com tudo isso, se vós quando para prova de alguma cousa alle-

gardes a Aristoteles, claramente puzerdes esta maxima: *Tudo quanto Aristoteles diz he verdade*, todos se hão de rir de vós, e muito mais os que tiverem noticia do muito em que errou, como homem que era.

Silv. Desse mesmo modo discorrem muitos, quando dão por fundamento de qualquer dito o testemunho de outros.

Teod. Não o nego; porém se esse testemunho he tal, que possa supportar o pezo desta regra geral, *o que fullano diz he verdade*, fica o discurso bom; se não póde com prudencia exprimir-se esta proposição, já fica o discurso fraco, e sem fundamento. E de caminho vos quero advertir, Eugenio, o que muitos bons críticos advertem, que convém reparar nas circunstancias que dão pezo á Authoridade, para ver se póde, ou não, ser fundamento do discurso. Alguns dizem: Este voto he deste Principe, ou daquelle grande General, ou daquelle Letrado. Resta saber se a materia de que se falla he tal, que sejão proprias as circunstancias desses sujeitos, para dar pezo ao seu voto. Se he em materia de guerra, mais pezo tem o voto de hum bom General; se he de politica, mais pezo tem hum voto de hum Principe; se he desta, ou daquella materia, pertencente aos estudos de hum Letrado, os seus estudos dão pezo ao seu voto. Porém de ordinario confundimos isto; e se hum homem faz no Mundo figura respeitavel, a tudo dá pezo a sua authoridade, não devendo ser assim. Estava eu ha poucos dias

em

em huma conversação, em que gavavão grandemente hum certo Orador, que nos tempos passados florecêra na Corte; e quem o gavava sómente dava por fundamento do seu dito ter prégado com grande acceitação da Corte; respondeo hum crítico, dizendo: *E talvez que nesse tempo a Corte entendesse bem pouco de eloquencia.* Todos se surrírão, e não se fallou mais no ponto; porque se elle dissesse que os Professores da Eloquencia, e os que tinhão feito estudo por bons livros sobre a Arte de persuadir, todos o approvão, então discorria bem, supponde esta regra por fundamento do seu discurso: *O que uniformemente approvão na materia de Eloquencia os Professores, ou os que seriamente a estudão por bons livros, he bom.* Mas ser hum Sermão approvado por hum Principe, ou por hum General, ou por hum Letrado na Jurisprudencia, se não consta que tenhão nesta materia ou estudos, ou bom gosto, nada faz para julgarmos que he bom.

Eug. Nisso mui frequentemente costumamos cahir todos, se não temos muita cautéla.

Teod. Pois se as quédas são frequentes, deveis com mais razão acautelar-vos; e assim tomai de memoria este dictame: *Não se deve supprimir no discurso proposição, que não seja mui evidente.* (Proposição 100.) E a razão deste dictame he bem manifesta; porque exprimindo-se a proposição, fica defronte dos olhos, e facilmente se conhece a sua falsidade; e supprimindo-se, passa de corrida, e ao lon-

Prop. 100.

longe, e não se repara nella, e a deixamos ir como verdadeira, sendo ás vezes bem falsa.
Eug. Descançai, que fico bem advertido.
Teod. Outro perigo ha de suppôr insensivelmente proposições falsas para fundamento do discurso, e acontece principalmente quando a pessoa, em cuja authoridade nos fiamos, falla com graça, e suavemente se insinua nos corações dos que a ouvem, porque insensivelmente assentão todos nesta maxima disfarçada; *O que este homem diz he verdade.* E por isso os Mestres da arte de persuadir ensinão não só a pôr cuidado na substancia dos argumentos, que próvem a verdade; mas em todos os modos de insensivelmente se ir cada qual introduzindo no coração de quem o ouve; em ordem a que, tendo-lhe já dominado o coração, lhe captivem tambem o entendimento. Eis-aqui porque tem feito tanto damno os discursos do desgraçado *Voltaire*; infelicissimo homem, que devendo a Deos hum engenho pasmoso, e rarissimo, todo o tem empregado contra Deos, e contra a Religião, temperando com hum tal assucar, e graça o veneno de seus falsos discursos, que quem o lê, se deixa pouco a pouco ir persuadindo, sem querer. Ao mesmo tempo que disso mesmo que elle diz, se fosse dito seccamente, e sem os enfeites da sua arte de fallar, nenhum homem se deixaria convencer. Por isso acho que se explicou bem quem, acabando de lêr hum seu Poema sobre a Religião Natural, e o seu *Optimismo*, se explicou em Francez deste modo: *C'est un De-*

mon eloquent ce qui parle: He hum demonio eloquente o que aqui falla. Por tanto tende grande cautéla, Eugenio, com aquelles, que fallão com graça, e com fraze agradavel, porque a mesma amenidade de estilo faz que insensivelmente assentemos nesta regra: *O que este homem diz he verdade.* E se não, pergunto eu: Hũma cousa dita em verso eloquentissimo, ou com muita energía, e graça, he mais verdadeira do que se fosse dita simples, e seccamente?

Eug. Certamente não; mais agradavel sim, porém mais verdadeira não.

Teod. Logo para nós tomarmos por fundamento do nosso discurso o dito de hum Author, não devemos fazer caso algum da sua graça, da galanteria dos seus versos, ou da amenidade do seu estilo; e por isso quando o Author tiver estas circunstancias, devemos acautelarnos muito, e nunca nem expressa, nem tacitamente suppôr esta regra geral: *O que diz este grande homem he verdade*, porque póde a amenidade do estilo encubrir muita malicia.

Eug. Fico advertido disso.

Teod. Ponde logo firme na vossa memoria estoutro dictame: *Quando os discursos são amenos, e mui engraçados, deve-se pôr mais cuidado no exame das suas proposições, porque tem mais perigo o engano.* (Proposição 101.) Prop. 101.

Eug. Nunca me déstes dictame mais preciso, nem mais importante.

§. IV:

§. IV.

Dos discursos, que peccão na má applicação.

Teod. SEguem-se os discursos, que, tendo fundamento certo, peccão na má applicação; que destes tambem encontramos muitos na praxe. Supponhamos que no passeio vos encontrais com hum cavalheiro, a quem tirais o vosso chapéo, ou fazeis algum comprimento, e que elle vos não responde; ficais ardendo, e dizeis comvosco: *Este homem he incapaz de viver entre gente civilisada.* Não he assim?

Eug. Assim he; e creio, que dizendo isso, nenhuma injúria lhe fazia.

Teod. Fazeis injúria: nem tendes motivo para assim o condemnar. Vós quando o condemnais no Tribunal do vosso entendimento, formais este discurso: *Todo o soberbo, e impolitico he incapaz de viver entre gente civilisada; este homem he soberbo, e impolitico: logo he incapaz de viver entre gente civilisada.*

Eug. E que máo he esse discurso?

Teod. Póde ser máo; porque a regra geral sim he verdadeira, e o fundamento do discurso he bom, mas a applicação he precipitada, e póde não ser boa: se o Cavalheiro não advertisse em tal, ou por ver pouco, ou por ir cuidando em cousa mui diversa, já nesse caso

er-

errraveis, porque nem era soberbo, nem impolitico, e desse modo não lhe podeis applicar a regra geral, que tinheis estabelecido.

Eug. Agora advirto, que desse modo terei errado muitas vezes.

Teod. Os engenhos vivos, e promptos tem mais perigo disso; porque apenas tem a regra geral, ou fundamento, como sabem a que fim se prepara essa regra, e todo o seu intento he tirar a consequencia, dáo hum salto; e supprimindo a applicação, atirão comsigo á consequencia: de que nasce, que sendo ás vezes hum erro, ou cousa mui duvidosa, cuidão que he huma cousa certissima. Pelo que, meu Eugenio, tomai este dictame: *Não nos contentemos com ser o fundamento, ou regra geral verdadeira; examinemos se está bem applicada.* (Proposição 102.)

Prop. 102.

Silv. Muita paciencia he necessaria a hum homem para ser bom Logico.

Teod. Amigo Silvio, nunca se acertou pela pressa, nem errou pelo vagar em discorrer; não está o caso em julgar depressa, mas em julgar bem. São estes dictames errados?

Silv. Não: são para mim evidentissimos.

Teod. Pergunto mais, e são inuteis?

Silv. Tambem não, se hei de fallar sinceramente.

Eug. Pois sendo isso assim, não me fatigo de os ouvir. Teodosio, quero caminhar de vagar, e não quero cahir depressa.

Teod. Vamos á terceira classe de discursos máos, por ser a consequencia precipitada.

§. V.

§. V.

Dos discursos, que peccão na consequencia precipitada.

Silv. QUanto a mim quasi todos os que são máos, peccáo nisto.

Teod. A's vezes já o vicio vem de longe, outras só está o vicio na má consequencia. O primeiro modo de peccar nesta materia, que me occorre agora, he inferir huma regra geral, sem ter corrido o que he preciso para isso. Ponhamos exemplo: Quer algum persuadir que os Cometas são annúncio de successos calamitosos, e allega que no anno de tantos appareceo hum Cometa, e morreo Julio Cesar; que em outro tal anno a apparição de outro Cometa, se seguio a morte deste, ou daquelle Principe; que em outro anno a tal calamidade precedêra hum Cometta; que em outro determinado anno depois do Cometa se ateára a guerra, etc. e infere assim: *Logo toda a vez que apparece Cometa, devemos recear calamidade.* Este discurso, todas as proposições em que se funda, são verdadeiras; mas a consequencia he má, e precipitada; porque para tirar por consequencia huma regra geral, he preciso que nunca falte; e para isto não basta o exame de quatro, ou cinco casos, pois por todos esses Cometas, a que se seguírão calamidades, se poderáõ

ráõ allegar dobrados, a que nenhuma notavel calamidade se seguio.

Silv. No meu tempo náo: sempre tem sido annúncios infelices.

Teod. Já n'outra occasião examinámos essa materia; e como os casos funestos lembráo mais do que os ordinarios, facilmente vos lembrareis das calamidades que se seguíráo aos Cometas; e dos Cometas, a que se náo seguíráo, náo vos lembrais.

Eug. Náo nos embaracemos com isso, que pertence á Fysica.

Teod. Outro exemplo porei em materia diversa, que pertence aqui. A's vezes para tirarmos por consequencia huma regra geral, usamos de huma disjunctiva, mas que náo he bastante. Hontem cahistes vós neste defeito, e agora vo-lo quero pôr diante dos olhos para cautéla, porque as proprias quédas ensináo mais que as alheias. Faltáráo-vos as cartas de vosso irmáo, e discorrieis assim: Ou me faltáo cartas por meu irmáo estar enfermó, e devo entristecer-me; ou porque se esquece de mim, e devo queixar-me; ou porque mas furtáo no Correio, e isto me offende: *Logo por qualquer modo que isto seja, tenho razão de me affligir, e inquietar.*

Eug. E vós náo achais esse discurso bom?

Teod. Náo; porque para haverdes de tirar essa consequentia geral, e dizerdes *por qualquer modo que fosse*, era preciso ter corrido todos, e vós sómente fallastes em tres, e muitos mais podiáo ser os motivos de vos faltarem

as

as cartas. Podia ser por estar proximo á partir, e ter feito conta de ser carta viva; podia ser por descuido do seu criado, quando levou as cartas ao Correio; podia ser por inadvertencia de quem fez as listas no Correio; podia ser equivocação de vosso irmão, mettendo-as no masso do Alémtéjo, para onde costuma escrever; porque por todos estes modos se me tem a mim retardado cartas: e já desenganado de que não erão os motivos tão funestos como temia, me emendei de ser Profeta, e agoureiro de mim mesmo.

Eug. A verdade he, que quem vai a tirar huma consequencia, de cuja verdade está persuadido, não tem paciencia para andar correndo, e examinando todos os cantinhos, por onde póde estar escondida a falsidade, e engano; e logo dá a sentença absoluta, e geral. Mas eu me acautelarei.

Teod. Ponde pois na vossa memoria este dictame: *Nunca de casos particulares se infere regra geral, senão correndo-os todos.* (Proposição 103.) O modo mais facil de o fazer, he formando huma disjunctiva de partes oppostas, de sorte que qualquer caso, a escapar de huma parte, não escape de se comprehender na outra. Como se sahindo a desafio, eu dissesse comigo: *Ou mato a meu contrario, ou não o mato: se o mato, fico perdido; se o não mato, tambem fico perdido: logo chegando a sahir a desafio, sempre estou perdido.*

Prop. 103.

Silv. A este modo de argumentar chamão nas aulas argumento *Bicorne*, isto he, de duas

pon-

pontas; de sorte que ou n'uma, ou noutra se encrava o inimigo. Mas nem sempre se póde argumentar desse modo.

Teod. Quero agora abrandar hum pouco o rigor desta lei. Quando a consequencia, que pertendo tirar, não he huma regra geral rigorosissima, mas sómente huma regra geral moralmente fallando, então basta discorrer por huma grande parte de individuos, e casos particulares. Isto acontece quando vemos que algum moço de boa indole, genio brando, e tenra idade, com as más companhias se perverte; porque tomando occasião desse caso, e contando mais alguns, que são assás frequentes, depois de referir quatro ou cinco, tiramos esta consequencia, que *Todo o mancebo de pouca idade, e genio docil, se dá com más companhias, se corrompe.*

Eug. Esse discurso he frequentissimo, e sempre o tive por bom.

Teod Bom he na realidade; porque nós não pertendemos na consequencia dar huma regra geral rigorosa, mas só queremos dizer que isto he o que succede commummente.

Silv. Quando todos os casos particulares se fundão na mesma razão, acho que basta menor número de successos para inferirmos por consequencia a regra geral, como acontece no presente argumento.

Teod. Dizeis bem; porque como a razão do genio, idade, e má companhia, fazem huma cousa, que mui fortemente inclina para o mal, não só pela experiencia dos casos particulares,

mas

mas tambem pela disposição das circunstancias podemos conjecturar o que succederá nos mais casos de semelhantes circunstancias. Mas quando não ha razão, que seja fundamento para a regra geral, se elle sómente se funda nos casos particulares, convém que sejão muitos mais; aliàs podem proceder de huma casualidade, e não fica a regra geral verdadeira.

Silv. O que succede não poucas vezes.

§. VI.

Dos discursos nados pela equivocação das palavras.

Teod. VAmos á outra especie de sofismas, mais maliciosos, e mui frequentes, e são os que se fundão em equivocação de palavras. Palavras ha, que significão ás vezes cousas bem diversas; e valendo-me eu da mesma palavra, ora a tomo por huma cousa, ora por outra, e venho deste modo a vender duas cousas por huma, e fazer hum terrivel engano. Com hum sofisma destes me fizerão rir muito, quando andava em Coimbra; e foi hum caso galante. Estavamos huns poucos de estudantes a conversar; e hum Veterano tinha tomado por empreza persuadir a certo Novato, que o boi do presepe se salvára. Repugnou o Novato a dar-lhe credito, e o Veterano fingindo grande impaciencia, se queixou da sua incredulidade a outro, que casualmente

te entrava de novo. Este, que percebeo o intento da queixa, mostrando grande desprezo do Novato, respondeo com bem energia: *E donde, se não dahi, se originou o signo de Tauro.* Vós rides! pois o mesmo me succedeo a mim, e a todo o congresso; pois ninguem pôde conter o riso, vendo tal lembrança. O discurso tacito deste Estudante era este: *No Ceo ha Tauro; Tauro he boi: logo no Ceo ha boi.*

Silv. Dai-me vós esse discurso por bom, que então, havendo de ter algum boi entrado no Ceo, está em primeiro lugar o boi do presepe.

Eug. Seguramente: mas dizei, Teodosio, onde está o vicio do discurso?

Teod. A palavra *Tauro* tem duas significações, ou significa a constelação do Ceo, ou o animal da terra: estas duas cousas são mui diversas; mas o discurso as confunde como se fossem huma; e na primeira proposição *Tauro* significa a constelação, na segunda significa o animal; e assim a equivocação da palavra faz a confusão. Por tanto, Eugenio, tomai este dictame: *Nunca no discurso se deve consentir palavra, que ahi tenha dous sentidos.* (Proposição 104.)

Prop. 104.

Eug. Pela galanteria do exemplo me ha de lembrar sempre o dictame.

Teod. Todas as palavras dão lugar á equivocação, se ha malicia em quem usa dellas; porque ora se tomão por si mesmas, ora pelo seu significado: exemplo será este discurso.

Ho-

Homem não tem p.
Pedro he homem.
Logo Pedro não tem p.

Aqui ha fallacia, ou engano; porque a palavra *homem* na maior toma-se por si mesma, e na menor toma-se pelo seu significado, por isso se faz grande confusão.

Eug. Mas que hei de responder a estes discursos, sendo verdadeira cada proposição de por si, e parecendo bem armadas, e sendo a consequencia falsa?

Teod. Em vós conhecendo a malicia de quem assim vos quer confundir, se for materia de pouca importancia, dizei-lhe que sim, e concordai com tudo o que elle vos disser. Deste modo zombais delle, como elle quer zombar de vós, por quanto argumentos para meninos não merecem resposta de homens serios. Porém outros sofismas se fazem mais maliciosos, e mais nocivos, porque são em materias de muita importancia: o seu artificio consiste tambem n'um engano de palavras; e vem a ser, que com a mesma palavra significamos huma cousa, ora tomada absolutamente, ora tomada em determinado estado, e modo. Lembrai-vos do que vos tenho dito ácerca dos *Concretos*, pois agora tem seu lugar essa doutrina. Se eu disser *Arco*, com esta palavra posso significar ou a vara que succede estar torta, fazendo sómente reflexão na vara simplesmente; ou posso significar a vara determinadamente posta desse estado, isto he, fazendo re-

reflexão tambem sobre o modo com que está. Ambas estas cousas se explicão pela mesma palavra, tendo em si bem grande diversidade: e sendo isto assim; não podem deixar de nascer d'aqui grandes enganos; se de huma parte houver malícia, e da outra não houver càutéla. Ponhamos este exemplo:

O arco necessariamente he torto;
Esta vara he arco:
Logo esta vara necessariamente he torta.

Aqui toda a malicia está em fazer, que a mesma palavra se tome em diversos sentidos; na maior a palavra *arco* toma-se por huma cousa, que essencialmente consta de vara, e tórtura; e na menor toma-se a mesma palavra *arco* pela vara, que casualmente succede estar torta, e isto são cousas mui diversas.

Eug. Bem me lembro do que me dissestes os dias passados em hum dictame, que me déstes: *Que por modo nenhum tomasse o mesmo Concreto em dous sentidos no mesmo discurso* (pag. 239. et seq.)

Teod. Estimo bem a vossa memoria; e por conclusão desta materia acautelai-vos bem deste perigo grandissimo, e disfarçado, e tomai este dictame importantissimo: *Nunca tomeis huma palavra em dous sentidos no mesmo discurso*; porque sendo a palavra a mesma, parece que significa huma mesma cousa; e tomando-se em dous sentidos, verdadeiramente significa cousas diversas; e temos engano, achando-nos com duas cousas por huma

mesma; e daqui sahem erros gravissimos: apontarei alguns, e dou a conferencia por acabada. Diz o ímpio Libertino: *Jesu Christo diz no Evangelho, que veio salvar os peccadores; eu peccando livremente, sou peccador: logo peccando livremente, hei de salvar-me.*

Eug. Deos me livre de tal blasfemia: onde está ahi o erro?

Teod. A palavra *peccador* póde tomar-se ou por peccador *arrependido*, ou *obstinado*; a maior he verdadeira, fallando dos peccadores, que quizerem arrepender-se; e na menor, quando o ímpio diz: *Eu peccando livremente, sou peccador*, entende-se a palavra *peccador* por hum obstinado, e sem tratar de arrepender-se: e bem vedes que são cousas mui diversas *peccador*, que quer arrepender-se, e *peccador* mui contente de o ser. Semelhante he outro pessimo sofisma, que fazem os desesperados sobre as palavras de S. Paulo: *S. Paulo diz, que os peccadores não tem herança no Reino de Christo; eu, por mais que me arrependa, sempre sou peccador: logo não tenho herança no Reino de Christo.*

Silv. Ahi he a mesma resposta, se me não engano.

Teod. Assim he: na maior o *peccador* toma-se pelos *obstinados*, na menor pelos *arrependidos*; e como a palavra he a mesma, faz-se nisto a cavillação, tomando-se duas cousas diversas, como se fossem huma só. E se bem reflectirdes, Eugenio, aqui vem a parar a maior parte das cavillações, tomando-se a mes-

ma

ma cousa em diversos estados, ou por diversos modos, e parecendo huma mesma, quando na realidade faz diversas figuras, e tem diversos attributos. A doutrina que vos dei, fallando das idéas, muito vos há de ajudar para este ponto; lembrai-vos della, e dos dictames, que tendes apontado.

Eug. Eu os conservo a todos, para me ir lembrando com facilidade de toda a vossa doutrina, quando por fraqueza de memoria me succeda esquecer della.

Silv. Ainda a não encontrei mais feliz.

Teod. Sempre approvo o terdes huma como lista de todos os dictames, que vos tenho dado, porque em quatro minutos renovais toda a noticia, que vos dou sobre a Logica. Agora descancemos destes discursos, que não são os mais amenos.

Eug. Como sejão os mais importantes, isso he o que basta para que com gosto me entretenha com elles.

Teod. Vamos a jogar hum pouco, que convém dar descanço ao entendimento.

Eug. Vamos.

TARDE XXXXV.

Do Methodo.

§. I.

Da diversidade, que ha entre os dous Methodos de Invenção, *e de* Doutrina.

Teod. HOje, meu Silvio, tendes que ouvir lingua nova, porque havemos de tratar do que nunca nas vossas aulas se tratou, e vós reputais por bem inutil.

Silv. Ainda nas mesmas materias, que estudei, vós lhe fazeis tal mudança, que sempre venho a ouvir lingua nova, nem vos ouço aquelles termos, com que me creárão, nem hum *signáte*, nem hum *exerciter*, nem hum *formaliter*, ou *reduplicative.* Paciencia, que em tudo ha modas: mas vamos adiante. E que materia temos para hoje?

Teod. Havemos de tratar do Methodo.

Eug. Que quer dizer Methodo? que quero logo ir percebendo.

Teod. Methodo chamamos nós: *A ordem, com que a alma deve dispôr os seus juizos, e discursos para conseguir o fim, que intenta.*

Silv. Quer Deos, que sem isso passárão todos os Filosofos até agora. Com que tambem isto he Logica?

Teod.

Teód. Tambem. Amigo Silvio, haveis de saber, que para se conhecer huma verdade, ou para se provar, não basta muitas vezes hum só syllogismo, são necessarios muitos. Ora estes muitos syllogismos podem-se arrumar de muitos modos, e convem que a ordem seja boa, para não confundirem, em vez de aclararem. Assim como vós julgais importantissima a ordem, e disposição de varios juizos para formar hum bom syllogismo, tambem he importantissima a ordem, e disposição entre varios syllogismos para formar huma boa *demonstração.* Proposições verdadeiras mal dispostas não fazem bom discurso; e do mesmo modo discursos verdadeiros mal arrumados, não fazem bom argumento, nem boa demonstração Para isto, meu Silvio, requer-se grande engenho, ou grande estudo, e reflexão. Pessoas ha, que gritão huma tarde inteira, e nada concluem; e pessoas, que com duas palavras atacão hum homem, e o prendem de mãos, e de pés, e obrigão a confessar a verdade.

Eug. Já sei que quer dizer *Methodo*, continuai.

Teod. Dous fins póde ter hum homem nos seus argumentos: hum he achar a verdade incognita, e escondida; outro he dalla bem a conhecer depois de achada. Como são dous os fins da demonstração, ou argumento, dous hão de ser tambem os caminhos, por onde o devemos conduzir. Explica-se bem a diversidade destes dous methodos com o que nos acontece nas Genealogias. Queremos saber a Genealo-

gia

gia de hum Heroe, e começamos a fazer anathomia no seu sangue (permitti-me a explicação), entramos a examinar de quem he filho, depois seus avós, bizavós, terceiros, e quartos avós, etc. cada vez subindo mais para cima, até dar no que foi cabeça da familia. Achada porém a ascendencia, quando queremos dalla a conhecer, começamos dessa origem da familia, e vamos tecendo a serie genealogica, contrahindo-a sempre mais, e mais até chegarmos ao Heroe de quem se trata. De sorte que quando queremos achar a Genealogia do Heroe, começamos debaixo para cima; e quando a temos achado, e a queremos declarar mais, começamos de cima para baixo. O methodo de achar, he ir cavando desde o sujeito particular, subindo sempre ás cabeças da familia. Mas o methodo de a explicar he começando dessa cabeça de familia, e vir descendo até o particular.

Silv. Acontece como na conducção das aguas da vossa quinta: o methodo de achar a agua foi cavando, e minando desde a vossa quinta até á raiz do monte, onde estava a mãi da agua; e o methodo de a dar a beber a todos, foi começando a encanar essa agua lá desde a sua origem, e sitio, onde appareceo, fazendo-a sempre descer até á fonte, que lhe tinheis preparado.

Teod. Boa comparação escolhestes, que assim he na verdade.

Eug. Com ella tenho entendido bem o que dizeis.

Teod.

Teod. Melhor ainda o entendereis, vendo praticar hum, e outro methodo. Questiona-se, por exemplo, se a alma do homem he immortal. Se isto for ainda incognito, ou duvidoso, devemos examinar a verdade por hum modo; mas depois de acharmos essa verdade, devemos provalla por outro. O primeiro modo, ou methodo de a achar chama-se *Analytico*, ou por *AnálySe*; o segundo de ensinar chama-se *Synthetico*, ou por *Syntese*. Começo pois a cavar nos predicados da alma, para ver se entre elles acho esta verdade.

A nossa alma he immortal.

Para achar esta verdade, entro logo a cavar no objecto da questão; e examinando o que he a nossa *alma*, acho esta verdade,

1 *No homem ha substancia intelligente.* Vou cavando mais; e digo, esta substancia ou he simples, ou composta de muitas tambem espirituaes, das quaes cada huma seja simples; aliàs se comporia a alma de infinitas substancias, sendo cada huma das partes composta de muitas, e cada huma dellas de outras muitas, etc.

2 Ora como a *intelligencia não he cousa que possa nascer da conjunção de muitas partes entre si*, assim como nasce a *figura*, a *extenção*, a *flexibilidade*, segue-se que se essa alma he intelligente, e consta de partes, alguma dellas ha de ser *intelligente*, aliàs de muitas substancias incapazes de percepção resul-

sultaria *alma intelligente* ; e essa parte que for intelligente, o ha de ser por si, e independente das mais, pois que a união, e conjunção não dá intelligencia. Logo essa parte he intelligente, sendo simples, e por conseguinte

3 *No homem ha substancia intelligente, e simples.* Continuemos para diante. A substancia simples não póde perecer, nem ser destruida, por lhe desunirem as partes, pois as não tem : e por conseguinte não póde ser destruida, ficando alguma cousa della, assim como he destruido o homem, ficando o corpo na terra, e a alma no Ceo ; ou como he destruida huma arvore, ficando parte em cinzas, parte em vapores, parte nas particulas de fogo que voárão, etc. Por tanto a substancia simples se perecer, ha de perecer de todo, e anniquillar-se, não ficando nada della : logo

4 *Esta substancia simples só póde ser destruida por anniquillação.* Sendo assim, fica isenta da jurisdicção das creaturas, por quanto se sabe que nenhuma creatura póde reduzir substancia alguma a ser *nada* : assim como não póde converter o *nada* em substancia, creando ; tambem não póde converter a substancia verdadeira em *nada*, anniquillando-a. O que nós vemos fazer ás creaturas quando destroem outras, he mudar huma cousa em outra, v. g. *páo em cinzas*, *agua em vapor*, *edificio em pedras soltas*, etc. ; mas nunca vêmos converter huma substancia em *nada*. Isto supposto, temos mais esta verdade, que

A

5 *A alma do homem não póde ser destruida pelas creaturas.*

6 Ora *nós chamamos immortal o que não póde ser destruido por creaturas.* Temos logo a verdade que buscavamos; a saber, que

A alma do homem he immortal.

Eis-aqui huma demonstração pelo Methodo analytico, ou de *Invenção.* Quero agora fazer outra demonstração, em que mostre a verdade que achei, e vai pelo methodo *synthetico*, ou de doutrina.

1 Primeiramente: *Eu chamo immortal tudo aquillo que não póde ser destruido pelas creaturas.* (Defin.)

2 Além disso, supponho como cousa certa, que *as creaturas não tem força para anniquillar, e reduzir a nada aquillo que tem ser real, e verdadeiro.* (Axiom.)

Segue-se daqui que *as creaturas não podem destruir a substancia simples*; porque como esta não póde ser destruida por separação de partes, pois as não tem, só poderia ser destruida por *anniquillação*, para o que não tem força todas as creaturas, conforme o Axioma precedente; e por conseguinte temos estuotra verdade.

3 *A substancia simples não póde ser destruida por creaturas.*

4 Tambem devemos suppôr esta verdade certa. *A intelligencia, e virtude de conhecer, não se fórma, nem está em conjunção de partes.* (Axiom.)

Lo-

5 Logo *a substancia intelligente he simples.* (Prop. dem.)

6 Logo *a nossa alma como he intelligente, he simples.* (Prop. dem.)

Isto supposto, discorro assim.

A substancia simples não póde ser destruida pelas creaturas (num. 3.); a nossa alma he simples (num. 6.) Logo não póde ser destruida pelas creaturas: isto he o que nós chamamos ser immortal (num. 1.) Logo

A nossa alma he immortal.

Eug. Eis-ahi já demonstrada a verdade da questão.

Teod. Aqui vedes como quando eu quiz achar a verdade, que ainda não sabia, fui desde o objecto da questão, que era a alma, subindo para principios geraes; porém quando quiz provar a verdade, que tinha achado, comecei por principios geraes, para vir parar á alma, que era o objecto da questão. Se fizestes reflexão n'uma, e outra demonstração, verieis que em ambas davamos os mesmos passos, isto he, tocavamos nas mesmas verdades; porém toda a differença estava na ordem.

Eug. E qual desses methodos achais vós que he melhor?

Teod. Cada qual se deve usar para o seu fim. Para achar a verdade, da qual se duvída, só póde ser o primeiro, que he he o *Analytico*; porque forçosamente havemos de começar a cavar desde o objecto da questão, pois não sa-

sabemos de que lado nos ha de vir a luz da verdade. Por isso cavamos aqui mesmo, e vamos descubrindo pouco a pouco donde vem a luz. Porém para provar a verdade já conhecida, he incomparavelmente melhor o segundo, que he o *Synthetico.* E não posso deixar de vos dizer, que de ordinario nas escólas se procede ás avéssas; porque as provas das questões são pelo methodo Analitico; de sorte que a prova vem a acabar nos principios geraes, quando por elles he que deviamos principiar.

Silv. Eu nunca reparei nisso: vós em tudo achais que reprehender.

Teod. Vós bem vedes, que de ordinario o modo de provar he este. Põe-se hum syllogismo, cuja conclusão he a proposição do assumpto; e depois fórmão segundo syllogismo, o qual prova a maior, ou menor do primeiro, e depois a maior, ou menor deste se prova por terceiro syllogismo, e as proposições deste por quarto, etc. não he assim?

Silv. Assim he.

Teod. Pois este he o methodo de achar, e não o de doutrina. Havião de começar por este principio, em que acabou a prova, e dahi tirar a proposição do terceiro syllogismo, e deste inferir a do segundo, e do segundo a do primeiro, e deste a proposição do assumpto. Assim em menos palavras se prova mais efficazmente, e com mais clareza, e tambem se evita o enfado de mil syllogismos. Ora quando na invenção se tocárão diversas proposições, que necessitavão de prova, e cada hu-

ma

ma levou differente rumo ; para demonstrar a verdade achada, devo pegar de hum principio, que conduz para a prova de alguma proposição, que já sei que me he precisa, e ir tirando consequencias até estabelecer essa proposição ; depois dobro a folha, como dizem, e salto a outro principio, no qual se funda a prova da outra proposição, e vou deduzindo desse principio consequencias até estabelecer es'outra proposição ; valho-me então de ambas, e vou-as encaminhando até á consequencia desejada.

Silv. Cada qual porte-se como foi criado.

Teod. Dizeis bem, que isso he ter constancia. Passemos adiante, Eugenio, e vamos a dar as regras, que se devem observar nestes dous methodos, tanto no de invensão, como no de doutrina.

§. II.

Das leis do Methodo Analytico, ou de Invenção.

Silv. ORa vamos a essas leis, que eu estudei bem tempo Logica, e nem me lembro de que semelhantes pontos se tratassem, nem ouvi fallar em tal ; mas tambem não ouço fallar em infinitas cousas, que então me davão bem cuidado.

Eug. Cada qual como o crearão. Não percamos tempo, Teodosio.

Teod. Eu as vou explicando pouco a pouco.

PRI-

PRIMEIRA LEI.

ANtes que se busque a verdade de qualquer proposição, deve-se reparar muito nella. (Proposição 105.) Esta he a primeira lei para achar a verdade de qualquer questão, aliàs poderemos cuidar que achamos a sua verdade, e enganar-mo-nos, ou poderemos tella diante dos olhos, e não a conhecermos. Da falta de observancia nesta lei succedem algumas desordens, porque formamos na imaginação huma idéa mui diversa da questão proposta: humas vezes por accrescentar circunstancia, que nella não havia; outras por reputar por circunstancia essencial o que tal não he, e casualmente se põe no enigma; outras vezes em fim por não advertir em alguma circunstancia, que a questão tinha. Ponhamos exemplos. Em huma occasião certos rapazes pescadores perguntárão a Homero: Quaes erão os animaes, que quem os apanhava, ficava sem elles; e não os caçando, os levava para casa. Dizem que Homero, por mais que cançou a sua cabeça, não achára a verdade deste enigma.

Prop. 105.

Silv. Nem eu sei como possa elle ser verdade. Ora deixai ver se lhe dou no ponto da solução.....

Eug. Não vos canceis, que facilmente nos dirá Teodosio a sua solução, e escusamos de cortar o fio ao discurso.

Teod. Homero confundio-se, porque não repa- rou

rou bem na questão. Poz na sua idéa circunstancia, que a questão de si não tinha. Como os que fazião a pergunta erão rapazes de pescadores, cuidou que os animaes da questão serião peixes, e com esta circunstancia bem difficultoso era achar a verdade do enigma: porém a questão só fallava de animaes absolutamente.

Silv. Ainda fallando de animaes absolutamente, eu não sei como possa ser verdadeiro o enigma.

Teod. Vede se ha alguns animaes, que tragamos em nós mesmos, os quaes nos sejão tão desagradaveis, que tanto que os achamos, os lancemos fóra de nós.

Eug. Já sei: desses terião os rapazes as cabeças bem providas. Ora não ha dúvida, que he verdadeiro o enigma, e bem verdadeiro.

Teod. E toda a sua difficuldade estava em não reparar bem nos termos da pergunta. E por isso quem arma os enigmas os veste ás vezes de circunstancias escusadas, para que estas, confundindo-se com as outras precisas, deixem o entendimento confuso, para não reparar bem no que deve. Tal he este enigma: *Qual he a primeira cousa que faz hum veado, quando se põe ao Sol?*

Silv. Quem ha de agora saber cá isso? só quem andar nas montarias, e tiver noticia de todas as acções dos veados.

Teod. Já estais cahido no laço do enigma. A questão não diz, que isso que faz o veado tanto que chega ao Sol, he tão particular do veado,

co, que nenhuma outra cousa o faça: o perguntar-se só do veado, não he dizer, que só elle o faz; póde ser que seja cousa transcendente por tudo.

Silv. Não me demoreis mais, que eu tenho tentação com enigmas, ou adivinhações, como lhe costumamos chamar: dizei o que he?

Teod. He a sombra: nem póde haver cousa mais prompta, como he apparecer a sombra do veado, tanto que elle se puzer ao Sol. Vós estais rindo, e com razão; mas vedes práticamente, que toda a difficuldade estava em buscar cousa que fosse propria do veado, quando elle se põe ao Sol; aliàs se dissessemos, qual he o effeito que faz qualquer corpo opaco, quando se põe defronte do Sol, logo todos dizião, que era a sombra?

Eug. Sem dúvida.

Teod. Tambem se pecca nesta materia por defeito; isto he, por não reparar em circunstancia essensial, como succede quando se propõem a questão da possibilidade do movimento perpétuo por artificio: respondem muitos com o movimento dos Moinhos de agua, ou cousa semelhante; não advertindo que nellas o movimento he pela natureza, e não pela arte, como diz a questão que se examina. Vamos á

SE-

SEGUNDA LEI.

PAra se examinar a verdade de qualquer questão, deve-se dividir a questão em quantas partes for possivel. (Proposição 106.) Esta lei he importante para se conhecer bem a questão, em ordem a obrigar o entendimento a que repare em todas as circunstancias, por quanto huma só que lhe escape, póde ser causa do erro. Ponhamos exemplos. Questiona-se se he cousa justa condemnar Pedro á morte por commetter furto. Devo separadamente considerar, que quer dizer *cousa justa*, isto he, *conforme as leis*; depois reparar em *ser Pedro*, isto he, Ecclesiastico, ou Secular, menino, ou ancião, mentecato, ou homem de juizo, etc. Devo tambem reparar na palavra *commetter*, para ver se foi com advertencia, ou sem ella, se estava bebado, ou demente, etc. Devo reparar na palavra *furto*, para examinar que furto foi, se grave, ou leve, se com sacrilegio, ou rapina, ou repetição, etc. Ultimamente reparar na *morte*, para saber que morte ha de ser; e na palavra *condemnar*, para saber por quem ha de ser condemnado, se por Juiz secular, ou Ecclesiastico; desta, ou daquella jurisdicção, etc. Huma só circunstancia, que se despreze, póde occasionar muito grande erro na resolução deste ponto.

Prop. 106.

Silv. Desse modo he segurissimo o não errar: mas he huma impertinencia muito grande.

Teod.

Teod. Seja embora; porém mais tempo se gasta em altercar razões, e bem inutilmente, quando a questão se resolve com precipitação, porque tudo são bulhas, e não se sabe quem tem razão: e fazendo o que eu digo, logo se vê onde vai o erro, ou equivocação, no caso que a haja. Vamos á

TERCEIRA LEI.

Todas as circunstancias inuteis se devem pôr de parte. (Proposição 107.) O fim desta lei he evitar confusão ao entendimento; porque quanto menos cousas tem que examinar, mais póde reparar, e attender a cada huma dellas. Por exemplo, na questão que disse, examinando nós *a Pedro*, podemos achar muitas circunstancias uteis, e muitas inuteis: v. g. se era homem de probidade, ou perdido; se era secular, ou Ecclesiastico; se formoso, ou feio, Letrado, ou idiota, rico, ou pobre; Portuguez, ou estrangeiro, etc. Destas circunstancias algumas são importantes, outras não; lançadas fóra as inuteis, fica mais lugar para pezar, e examinar as importantes: porém advirto que ás vezes he importante huma circunstancia, que parecia bem inutil. Eu já vi nesta Corte livrar hum homem da forca pela folhinha de algibeira. Não cuideis que zombo, porque lhe valeo a circunstancia de não haver luar naquella ora em que lhe imputavão o crime; e huma testemunha, e talvez a mais forte, allegava, que com a luz

Prop. 107.

 do

do luar o tinha visto commetter o crime: veio a folhinha, e pelos dias da Lua se examinou que não havia luar áquellas horas; e escapou da morte.

Eug. Em materias semelhantes não ha desprezar nada. Forte susto havia de ter o pobre homem.

Teod. Não tinha outra defeza para contradizer as testemunhas. Demos mais outra lei.

QUARTA LEI.

Prop. 108.

AS cousas certas separão-se logo das incertas, que admittem questão. (Proposição 108.) Esta lei he de grande importancia; porque feita esta separação, tem o nosso entendimento menos cousas a que attender, e póde examinallas melhor. Vamos a praticar a lei no caso do furto, de que ha pouco fallei. Supponhamos que he certo ser Pedro secular, certo que estava senhor de si, certo que fez a acção criminosa; e tambem que he certo ser repetida, e que as leis determinão pena de morte aos furtos desta qualidade, quando são graves: toda a dúvida, e questão cahe agora sómente sobre a gravidade da materia, e circunstancia de arrombamento, ect.; e como sómente este ponto he o que resolve a questão, facilmente se examina a sua verdade; o que não aconteceria, se promiscuamente se fallasse em todas as circunstancias. Ainda faltão mais duas leis precisas: huma he a

QUIN-

QUINTA LEI.

AS partes, em que se resolveo a questão, devem-se ir ajuntando outra vez, a ver se do seu ajuntamento nasce luz para a verdade. (Proposição 109.) Esta lei deve-se observar, porque muitas vezes succede que de nenhuma circunstancia por si só nasce a connexão com o predicado, de que se questiona; mas nasce de se ajuntarem duas circunstancias. Exemplo. Supponhamos que a questão do furto he sobre se Pedro ha de ser condemnado como sacrilego, por fazer furto estando na Igreja. De estar Pedro na Igreja não se segue, que foi sacrilego. Tambem o não foi por furtar simplesmente; mas foi sacrilego, por se ajuntar a acção do furto com assistencia no templo.

Prop. 109.

Eug. Muita paciencia, e muita reflexão he precisa para averiguar qualquer ponto com certeza.

Teod. Assim he; porém todo o trabalho, que emprégo em achar a verdade, he bem empregado. Vamos á ultima lei.

SEXTA LEI.

QUando, feito tudo isto, não apparecer luz para conhecer a verdade da questão, deve-se buscar huma, ou muitas idéas que medeiem entre o predicado, e o sujeito della; a ver se por ellas vem a descubrir-se

 es-

Prop. 110.

esta connexão. (Proposição 110.) Explico a lei, e fica provada a sua utilidade. Temos huma questão fortemente debatida sobre a demanda de D. Luiz, que pertende ser senhor da quinta do Sobral; esta questão não se póde resolver com se examinar sómente o sujeito, nem o predicado, ainda com todas as circunstancias já ditas: he preciso buscar algumas idéas médias para descubrir esta connexão, se a houver. Ver se ouve aqui doação, ou compra legitima; e havendo-a, por ella podemos conhecer que *D. Luiz* tem direito á dita fazenda: se não ouver doação, ou compra, póde haver herança, como elle pertende; por quanto quer que sua madrasta comprasse a dita fazenda, e que a deixasse em testamento a seu pai, de quem o dito D. Luiz a herdou na sua legitima. Tres cousas ha aqui, que necessitão de exame para saber se D. Luiz tem o tal direito. Huma he, que seja filho legitimo de D. Jorge seu pai; a segunda he, que o testamento, em que sua mulher lhe deixou a dita fazenda, fosse válido; a terceira em fim, que a compra que fizera D. Umbelina sua mulher, fosse boa: sem estas tres cousas se examinarem, não póde ninguem conhecer com prudencia, que D. Luiz tem direito á dita fazenda; por isso deve com miudeza ser examinada cada huma destas cousas de per si; porque estas idéas mediando entre o predicado, e sujeito da questão, dão a conhecer que ha, ou que não ha connexão entre elles; que D. Luiz tem, ou que não tem o tal direito.

Eng.

Eug. Todos estes dictames se conformão admiravelmente com a razão ; e a experiencia mostra que são bem necessarios.

Silv. Os que são prudentes , e querem atinar com a verdade , sem estes dictames, e só levados pela boa razão, fazem tudo isto.

Teod. Pois essa he a obrigação da verdadeira Logica, dar aos que o não sabem aquelles dictames , que praticão com prudencia , e felicidade, os que sabem buscar , e achar a verdade. Nem para outro fim se instituio a Logica, senão para que cada qual pudesse achar nos dictames juntos aquellas regras , que se achão dispersas no uso dos sábios de muitos annos. Passemos adiante.

Eug. Falta agora o Methodo de ensinar a verdade, depois de huma vez a termos achado.

§. III.

Das primeiras tres leis do Methodo Synthetico, ou de Doutrina.

Teod. Achada a verdade, convém ensinalla com clareza, e certeza; de sorte que quem nos ouvir, claramente a conheça, e se certifique della: para isso se começa por cousas certas, e evidentes, ás quaes o nosso entendimento dá assenso sem o menor escrupulo; e depois se vão deduzindo consequencias, as quaes, por nascerem de verdades evidentes, tambem o ficão sendo : pois humas dão

luz

luz ás outras, até que por consequencias successivas se infere a conclusão que se pertendia: e vem por este modo a ficar certa, e clara, caminhando sempre o entendimento com passos seguros.

Silv. E quaes são essas verdades certas, por onde se deve principiar?

Teod. São definições, e Axiomas. As definições, como já vos disse, são de dous modos: ou são *definições de nome*, ou de *cousa*: as *definições de nome* consistem em explicar cada hum o que quer significar por esta, ou por aquella palavra: as *definições de cousa* consistem em explicar, que predicados são essensiaes a esta, ou áquella cousa; no que ha grande differença, porque sobre eu declarar quaes são os predicados essensiaes de qualquer cousa, póde haver grande questão, difficuldade, e dúvida: porém em declarar eu o que entendo por esta, ou por aquella palavra, nisto nenhuma dúvida póde haver: por quanto quem me póde a mim negar, ou impedir, que eu signifique por huma palavra o que eu digo que quero significar? por certo que nisto ninguem me póde pôr dúvida: e por conseguinte as definições de nome são evidentissimas. Em eu dizendo: Chamo triangulo a isto, círculo a estoutro, etc. deve-se estar pelo que eu digo.

Silv. He livre a cada qual explicar-se como quizer.

Teod. Nisso alguns preceitos ha conformes á razão, que já toquei. Mas além das defini-

ções de nome, se acha no *methodo Synthetico*, ou de *Doutrina* uso de *Axiomas*. Tomai sentido, Eugenio: *Nós pela palavra axiomas entendemos humas verdades tão certas e claras, que quem entender os termos, não duvide, nem possa duvidar dellas.*

Eug. Eis-ahi huma definição de nome.

Teod. Dizeis bem: e ponho por exemplo alguns axiomas pertencentes à diversas materias. Digo: *Vinte são mais que dezenove; a virtude he amavel; corpo e espirito são cousas diversas*, etc.

Eug. Já sei que cousa são axiomas.

Teod. Ora supposto isso, no Methodo de doutrina observem-se estas leis.

PRIMEIRA LEI.

PAra se mostrar com evidencia a verdade achada, só devemos usar de definições de nome, axiomas, ou proposições evidentemente provadas; Proposição III.) a razão desta lei he, porque não sendo assim, já a proposição, que se provou, póde ficar duvidosa, nascendo a dúvida de que não fosse verdadeira alguma proposição, que serve de fundamento. Porém não entrando na demonstração se não definições de nome, e axiomas evidentes, ou proposições já demonstradas, ninguem póde duvidar de ser verdadeira a conclusão; por quanto se suppõe que a dedução ha de ser legitima.

Prop. III.

Silv. Não ha dúvida que assim bem provada fica; mas isso na praxe he quasi impossivel.

Teod. Se vós tivesseis estudado Geometria, verieis que lá não ha outro modo de provar; e se leseis o grande Wolfio, acharieis que em todas as materias usa deste methodo scientifico de Mathematica, posto que ás vezes escorrega como homem que he, e se equivoca; mas com boa desculpa, e sempre tem grande merecimento. E nesta obra se vê, como em qualquer materia, se o Mestre sabe, póde mostrar a verdade por hum modo evidente, ou que muito se chegue para essa evidencia. Vamos a outras leis.

SEGUNDA LEI.

N*Aõ se deixe passar termo escuro, que se não explique com a sua definição de nome.* (Proposição 112.) Prova-se esta lei, porque ás vezes toda a pendencia, e escuridade da questão se desfaz com se explicar bem o que se entende por huma palavra, a qual talvez se julgava clara, e que todos a entenderião; mas na verdade não a entendião todos do mesmo modo. Porei hum exemplo, que ensinará a muitos a não julgarem por superfluas muitas definições. Simão *Stevin*, célebre Mathematico do Principe de França, faz huma grande bulha sobre esta questão; se a unidade he numero, ou não; e leva com impaciencia, que muitos digão que não he número. Nesta contenda ambos os partidos tem

Prop. 112.

ra-

razão, e nenhum a tem; porque toda a pendencia cessaria, se cada qual declarasse que he o que entende por esta palavra *número*; palavra, que todos talvez reputaráõ ser de significação tão notoria, que escuse a definição. Vede se isto he assim: *Stevin*, segundo a sua doutrina, ha de definir o número assim: *Número he aquillo, pelo que se explica, e conta a quantidade de qualquer cousa*; ora segundo esta explicação, quem póde duvidar que a unidade he número? pois por ella explicamos, e contamos quanto huma cousa he maior que a outra. Porém os que seguirem a definição de Euclides, e disserem, que *Número he huma multidão de unidades juntas*, sómente se estiverem loucos poderáõ dizer, que *a unidade he número*. Por isso antes de ventilar qualquer questão, deve cada hum explicar bem o que quer significar por esta, ou por aquella palavra: pois este desprezo occasiona ás vezes muita bulha, e ninguem se deve escusar disto. A hum certo homem douto em huma questão literaria perguntou seu contendor: *Que entendeis vós por esta palavra*? e deo-lhe huma resposta bem pouco judiciosa, mas era porque não estava na importancia desta doutrina; disse com muita cólera: *Eu entendo o que todos entendem*: se assim respondesse *Stevin*, até o dia de juizo ficaria a gritar pela injustiça que lhe fazião os seus contendores em não concordarem com elle: e se dissesse cada qual claramente o que entendia por esse termo, não havia lugar nem para se levantar questão. *Eug.*

Eug. Nunca póde haver perigo por muita explicação.

Silv. Sendo assim, nunca se concluirá huma demonstração; porque primeiramente hei de definir os termos da questão; depois hei de definir os termos de que usar nessas definições; e depois os de que uso nestas novas definições; e assim nunca acabarei de definir o preciso para huma demonstração, ou prova da questão.

Teod. Poupava-vos esse escrupulo, se tivesse já explicado a

TERCEIRA LEI.

NAs definições não se use senão de vozes de significação, notissima, ou já explicada. (Proposição 113.)

Prop. 113. *Silv.* Com esta lei se acautéla o meu escrupulo; porque usando nós nas primeiras definições de palavras já explicadas, ou que tenhão significação notissima, fica superfluo o explicallas.

§. IV.

§. IV.

De mais duas leis para o Methodo Synthetico, onde se trata da Evidencia.

QUARA LEI.

Teod. EM *lugar dos axiomas só devemos pôr aquellas verdades, que consideradas com attenção mediocre, sejão tão claras, que ninguem seriamente as possa negar.* (Proposição 114.) A razão desta lei he, porque para huma verdade se pôr na classe de Axiomas, não he preciso que ninguem se atreva a duvidar della, ou negalla; porque então nada seria claro, havendo alguns engenhos taes, que, como já vos disse, fazem profissão de negar tudo, ou duvidar de tudo. Estas dúvidas assim são da bocca, e não do entendimento; e no caso que sejão do entendimento, só procedem de não se entenderem os termos, ou de não fazer nelles a devida reflexão. Por exemplo: Se eu disser, *que o Todo he maior que a sua parte*, ou que *Tres são mais do que dous*, ainda que encontre quem duvide disso, ou o impugne, não devo apear estas verdades da classe dos Axiomas; por quanto devo crer, que estas dúvidas ou são dúvidas só de boca, e não seriamente do juizo, ou que não entendêrão os termos.

Prop. 114.

Silv. Mas quem ha de regular essa attenção mediocre?

Teod.

Teod. Chamo attenção mediocre a que basta para eu reflectir nos termos da proposição: v. g. na palavra *Todo*, e na palavra *parte*, e na palavra *Maior*: em eu percebendo bem a significação destas tres palavras, reflectindo nellas, tenho attenção mediocre. Se com esta só vejo que a proposição me captiva o entendimento, dou-a por *Axioma*; senão, devo polla na classe das que necessitão de prova, e já não fica *Axioma*.

Eug. Já sei o que hei de pôr na classe de axiomas: em eu vendo que huma verdade he tão clara, que ninguem a contradiga, já a dou por *Axioma*.

Teod. Não he isso assim, fallando absolutamente. Não basta que ninguem contradiga huma verdade, he preciso que ninguem a possa contradizer seriamente. Muitas cousas ha, que algum tempo ninguem as contradizia; e hoje sabemos que são falsissimas. Algum dia todos assentavão, que havia na natureza horror do Vacuo, que havia Região do fogo, que o Ar não pezava. Sendo tudo pelo contrario, como já vos tenho mostrado.

Eug. Agora fico confuso; porque sendo isto assim, poderemos ter sempre receio de que pelo tempo adiante se venha a duvidar do que hoje todos dão por certo; e assim não acharemos verdades, de que nos possamos valer para Axiomas das demonstrações.

Silv. Poupastes-me agora o trabalho de arguir a Teodosio, que estava com isso mesmo no pensamento.

Teod.

Teod. Responderei a ambos com esta pergunta : Pelo tempo adiante poderá alguem crer, que 3 não são mais que 2, ou que a virtude não he estimavel , ou que o círculo não seja redondo , ou o triangulo não tenha tres cantos? Dizei-me, pelo tempo adiante poderá alguem pôr isto em dúvida?

Silv. Disso certamente ninguem poderá duvidar, só estando fóra de si.

Teod. Pois eis-ahi como são os Ax omas de que eu fallo; são tão evidentes, e claros, que ninguem os nega , nem póde negar ; e estamos certos, que ninguem os ha de já mais negar, só se for zombando.

Eug. Pois em que está essa evidencia, ou impossibilidade , para que ninguem duvide delles, quando vemos tantas cousas, que corrião por certas, serem hoje manifestamente falsas?

Teod. Consiste nisto : em que na idéa do sujeito vê o entendimento a idéa do predicado : sendo isto assim, não sómente o entendimento diz que sim , mas claramente vê que todos, se olharem para o tal sujeito, hão de dizer o mesmo ; pois ninguem póde seriamente negar do sujeito o predicado, que está vendo nelle : no número 3 todos estavão vendo 2 ; e além disso a unidade , que fica de excesso sobre o numero 2 , por conseguinte na idéa do sujeito , que he 3 , vem todos claramente a maioría, ou excesso sobre 2 ; e todos hão de dizer 3 são mais do que 2. Havendo isto, ainda que todo o mundo o negue , eu não posso duvidar que a proposição he para mim axio-

ma:

ma: não havendo isto, ainda que todo o mundo affirme, não bastará para fazer, que essa proposição seja axioma.

Silv. Já vejo que toda a evidencia a pordes em que na idéa do sujeito se veja idéa do predicado.

Teod. Assim he: por isso a proposição, que não era evidente por si mesma, o póde ficar depois da demonstração, por quanto a demonstração fez que eu visse na idéa do sujeito esse predicado que eu não via lá, posto que lá estivesse. Serve a demonstração como de luz, que faz ver o que antes se não via; e por isso póde a proposição depois de demonstrada servir de Axioma; não porque o seja, mas porque faz o mesmo effeito. Advirto que nas demonstrações ás vezes tambem entra huma cousa, que chamão *Postulados*, e se podem reduzir a Axiomas.

Silv. Que quer dizer *Postulados*?

Teod. Chamamos Postulados a tudo aquillo, que sendo evidentemente possivel fazer-se, se pede que se faça, e se suppõe feito.

Eug. E ahi temos outra Definição de nome.

Teod. Dizeis bem; mas eu me explico mais com exemplos. Supponde que quero demonstrar huma verdade Geometrica, para a qual demonstração me he preciso fazer hum triangulo igual a outro: peço eu que se faça, e supponho-o feito como pedi; eis-aqui hum Postulado, porque posso dizer, *este Triangulo novo he igual ao antigo*; (assim se suppõe) porque he evidentemente possivel ser assim;

sim; e como eu suppuz isso, caminhando o discurso sobre essa supposição, he evidente que o novo Triangulo he igual ao antigo, e póde por este modo reduzir-se a Axioma.

Eug. Já sei o que são Postulados.

Teod. Agora vai o ultimo preceito sobre a Demonstração deste methodo.

QUINTA LEI.

PAra se demonstrar a verdade pelo methodo de doutrina, deve-se começar pelos axiomas geraes, e definições, e vir contrahindo pelas consequencias do Discurso estas verdades geraes ao objecto particular da questão. (Proposição 115.) A razão desta lei he, porque nisto he que consiste a differença dos dous methodos, hum he Analitico, ou de *Resolução*, e consiste em pôr o entendimento os olhos no objecto singular da questão, e ir como fazendo anatomia, e separação até ficar nas razões commuas, e evidentes; e assim principia o entendimento pelo escuro, e acaba no claro, e evidente: pelo contrario, no Methodo Synthetico, ou de doutrina, a que tambem chamão de *Composição*, deve começar o entendimento pelos axiomas geraes, e definições, e vir descendo para o objecto singular, deste modo vem do claro para o que até então era escuro; mas vem o entendimento trazendo comsigo a luz, de sorte que nunca dá passo, que não seja mui seguro. Succede nisto o que acontece a quem

Prop. 115.

vai

vai ver humas casas, que estão fechadas: este homem ou póde entrar por alguma escura, e ir abrindo, e abrindo as portas até dar com a janella da ultima, a qual dá claridade a todas; ou póde pelo contrario ir logo entrando por alguma salla, que tenha a janella aberta, e ir abrindo outras, que vão recebendo a claridade da primeira; e deste modo dá passos seguros, e vê por onde vai, porque sempre vai com claridade. Este segundo modo he como o Methodo de *doutrina*; e o primeiro como o de *invenção*. Isto bem se entende. Agora vou a tratar d'uma cousa bem util.

§. V.

Do Methodo de disputar.

Eug. E Que vem a ser essa materia, cuja utilidade tanto encareceis?

Teod. Quero dar-vos algumas leis para o bom Methodo de disputar.

Silv. Pois que! vós esperais que Eugenio ande argumentando pelas conclusões?

Teod. Não; mas quero que na conversação, quando quizer contender, dispute como Filosofo, e não teime como ignorante, nem ralhe como regateira; porque na verdade vos digo que ha muito poucas pessoas, que saibão conduzir bem huma disputa. A qual sendo bem governada, he das cousas mais agradaveis ao entendimento; e sendo mal conduzida, não ha

cou-

cousa mais feia. Mas já que vós, Silvio, me tocastes nas disputas das conclusões, vos apontarei algumas leis para estas disputas das aulas; porque dellas á proporção se póde deduzir o que se deve observar nas disputas da conversação. E para tratarmos este ponto com clareza, estabeleçamos tres verdades fundamentaes, donde se tirão todos os dictames, ou leis, que vos quero dar; e de caminho, Eugenio, vou praticando o methodo de doutrina, de que acabamos de fallar.

Eug. Seja embora assim; que desse modo entenderei perfeitamente o que fica dito, e ficarei persuadido do que me quereis dizer.

Teod. Primeiro Axioma; *O fim, que deve ter a disputa, he conhecer a verdade da questão proposta.*

Segundo Axioma: *O fim, que deve ter o arguente, he só mostrar a difficuldade que tem contra si a proposição, que se defende.*

Terceiro Axioma: *O fim, que deve ter o defendente, he só mostrar a sua proposição livre daquella difficuldade.*

Convém primeiramente persuadir-se cada qual do fim que deve ter no que faz, para o fazer bem feito; e por conseguinte he preciso que cada hum tenha bem diante dos olhos o fim, a que deve encaminhar o seu discurso. De ordinario disputa-se muito mal, porque cada qual não se encaminha ao fim, que deve ter. O fim do arguente de ordinario he enredar o defendente mais com malicia, que com difficuldade: este he hum dos effeitos da cor-

rupção da nossa natureza, e huma ambição da falsa gloria, porque contentamo-nos com ver os outros cahidos diante de nós, ainda que seja por tropeçar, e não pelos vencermos; e já que o não fazem por obsequio, e por adoração, o fação por miseria sua, e traição nossa; o que he bem rematada loucura, posto que seja frequente. Do mesmo modo ordinariamente o fim do defendente he mais embaraçar que o seu contrario ponha a difficuldade, do que mostrar que a sua conclusão fica live della: por isso cada hum faz muito mal o seu officio: hum tudo o que faz he usar de cavillações indignas de hum homem serio; o outro tudo o que faz he furtar o corpo á difficuldade, embaraçando todos os passos que o arguente quer dar para expôr a sua difficuldade. São semelhantes ao máo Toureador, que crava logo o rojão de fórma, que o Touro fique manco, para que não possa dar dous passos, nem investir airosamente. O bom defendente ha de estar tão firme nos fundamentos da sua questão, que nelles he que se ha de segurar contra toda a difficuldade: deve esperar a pé firme, e com o peito franco o encontro do inimigo: e o bom arguente ha de francamente, e em direitura correr a lança ao amago da questão, como quem busca o peito do inimigo; e não ha de procurar enganos; pois deste modo se vê quanta he a força da difficuldade, ou do fundamento em que a questão se estriba. Se eu estou persuadido que a minha sentença he verdadeira, não póde ser ver-

da-

dade o que ma destroe; e se he verdade o que me oppõe, devo examinar bem se me fere, ou não; porque sendo verdade, não póde ser contraria á minha verdade, pois nunca houve opposição entre huma verdade, e outra. Estais vós por estes Axiomas, Silvio?

Silv. Estou, porque são notoriamente conformes á boa razão.

Teod. D'qui se deduzem as mais leis.

PRIMEIRA LEI
Para o Arguente.

O Arguente antes de impugnar a questão deve mui claramente conhecer o sentido della. (Proposição 116.)

Prop. 116.

Prova-se esta lei; porque se o Arguente não sabe bem o sentido da questão, he impossivel que chegue ao seu fim, que he expôr a difficuldade que tem contra ella. Muitos ha que peccão contra esta lei: porque tendo genio fogoso, mal ouvem a proposição, soando-lhes mal, pégão fogo, e começão a esgrimir em vão, sem saberem onde hão de correr a estocada; e cansão-se em atirar cutiladas ao vento, peleijando contra ninguem. Ponhamos exemplo. Dizem muitos Modernos, que a alma dos brutos he pura materia: ouvio isto certo homem douto da nossa Corte, péga da pena, e faz por longas paginas huma dissertação, em que prova que os brutos são viventes, como se nós negassemos isso. Cançou-se, e trabalhou muito, e não fez nada, porque

não entendeo bem o que nós dizemos; e provou huma cousa, que ninguem negava. Outro exemplo temos. Os Peripatheticos gritão, e põem as mãos na cabeça, quando houvem dizer aos Modernos que não ha fórmas, nem accidentes, que tenhão ser, ou entidade distincta da materia; e vão buscar Concilios, e Padres, e definições de Pontifices, etc. para provar que na Sacrosanta Eucharistia ficão accidentes de pão, e vinho: canção-se em vão, que nenhum homem póde negar isso, só se for cégo; pois todos vemos na Divina Eucharistia côr de pão, e vinho; todos sentimos o seu cheiro, sabor, pezo, etc.: e assim canção-se em impugnar o que ninguem diz: pois todo o ponto consiste em averiguar se esses accidentes são alguma pura apparencia, como dizemos do sabor, pezo, etc. ou alguma materia extrinseca, como dizemos da côr, cheiro, ect. ou pelo contrario se são cousa distinta de tudo o que he materia, que alli ficasse.

Silv. Tendes fallado nisso tantas vezes, que julguei que vos darieis já por satisfeito; mas já vejo que em toda a parte haveis de mostrar esse irreconciliavel odio aos Peripatheticos.

Eug. Eu tenho percebido a lei, e a sua importancia, deixemos isso; vamos ás outras, que não gósto de perder tempo.

SE-

SEGUNDA LEI
Para o Arguente.

Teod. *O Arguente disfarce tudo o que não faz ao ponto, ainda que seja manifestamente falso.* (Proposição 117.) A razão desta lei he, porque, como disse, o fim do arguente só deve ser mostrar a difficuldade, que tem contra si aquella conclusão, que se defende: para isto se fazer bem, he preciso não misturar cousas diversas, e que não fazem ao ponto; aliàs distrahido o pensamento com outros fins, não póde chegar ao que pertendia. Advirto, que em muitos defendentes ha esta malicia, que vendo-se apertados da difficuldade, deixão cahir algumas proposições falsas, para que o arguente se vá atrás dellas, e deixe o ponto principal que hia seguindo; fazem como os Toureiros, quando se vem apertados, que dão sinal aos Capinhas, para que divirtão o touro, chamando-o para outras partes. E por isso o que deve fazer o arguente he disfarçar tudo o que não faz ao ponto, e não tirar os olhos do fim a que se encaminha, e ir sempre direito, em ordem a que fique manifesto se a difficuldade fere a conclusão, ou se a conclusão fica livre da difficuldade.

Prop. 117.

Silv. Muitas vezes argumentando eu, zombárão de mim por esse modo, porque não me soffria o coração dizerem-me huma cousa falsa, sem que eu lhe mostrasse aos olhos a fal-

si-

sidade della : e quando hia chegando a isso, me dizião outro despreposito, e eu perdia o sentido do primeiro, e me encaminhava atrás deste novo; e depois de bem cançado, quando tornava a mim, já não sabia onde ficava a questão; mas hei de me acautelar.

TERCEIRA LEI
Para o Arguente.

Teod. *O Arguente deve abster-se de toda a palavra de injúria, ou desprezo, ou vaidade.* (Proposição 118.) Prova-se ser esta lei importantissima, porque isto não conduz nada para o seu fim, antes embaraça chegar a elle: toda a palavra de injúria, ou desprezo, ou vaidade escandaliza o defendente, e faz que os ouvintes attendão a cousa diversa do ponto, que se tratava; d'aqui segue-se, que nem o defendente, nem os ouvintes dão toda a attenção á força da difficuldade, e assim não a podem pezar bem. Contra esta lei pecca grande parte dos arguentes em Portugal, sendo por outra parte pessoas bem politicas, e bem criadas; alli põem de parte tudo isso, e fazem mais papel de regateiras, que de homens, e de homens de bem, como costumão ser.

Prop. 118.

Eug. Ora acertastes com o meu pensamento; e confesso-vos, que me admirava ver que á entrada da salla dos actos contendião em comprimentos de politica, e se cançavão com obsequios de lisonja; e depois esses mesmos,

sem

sem politica, nem attenção, se tratávão com bem grande grosseria, e descompostura, nunca podia concordar estas cousas, sendo tão diversas; e agora estimo saber que he erro contra o preceito da Logica.

QUARTA LEI
Para o Arguente.

Teod. *O Arguente deve dispôr de fórma o syllogismo, que prove só o que lhe negárão no precedente, ou tire alguma consequencia do que no antecedente lhe disserão.* (Proposição 119.) Dou a razão da lei, porque só deste modo póde caminhar direito ao fim que intenta: provando o que lhe negárão, faz que lhe concedão a consequencia, que então deduzia do que lhe não querião conceder, a qual se suppõe levar a difficuldade. Mas se do que está concedido vir que se segue a difficuldade, que intenta mostrar, deve inferilla do que concedêrão, porque desse modo chega mais brevemente a fazer conceder huma cousa contraria á conclusão. Adverte-se que os syllogismos devem ser os mais curtos que for possivel; porque sendo compridos, não he facil repetirem-se, nem perceber-se toda a força que tem; e sem se perceber bem, a força dos syllogismos, não se póde avaliar bem o pezo da difficuldade que elles levão. Isto he de summa importancia, serem curtos, e só com as palavras preciosas. Nunca soffrerei em syllogismo de arguente a palavra *porque*; essa

Prop. 119.

sa palavra significa razão de outra cousa; guardem lá esse *porque*; ou essa razão, para quando for precisa; digão a proposição simples; que se lhe duvidarem della, puxaráõ pelo *porque*, e então a provaráõ. Vai grande differença dos syllogismos de quem faz huma dissertação, aos syllogismos de quem disputa. O que faz huma dissertação, deve pôr tudo mui claro, e com algum ornato; o ornato he para agradar, a clareza he para convencer; e por isso deve insinuar a razão de tudo o que diz, quando não for manifestamente verdadeiro. Mas o que disputa, como vai dando ao seu contendor o seu discurso por partes, deve dar-lhe cada cousa de per si, e offerecer-lhe a proposição simplesmente; se a acceita, poupou-lhe o trabalho de mostrar a razão, por que a dizia; se lha não acceita, deve então provalla de proposito. Estes syllogismos curtos, e limpos de todo o ornato, e ampliação, ficão mui formosos: e logo se vê se são, ou não são concludentes. Tambem tem outra utilidade; e vem a ser, que negada hnma proposição, como he simples, e não contém diversas cousas, sabe-se o que se nega, e sabe-se o que se deve provar; e quando huma proposição levava comsigo o *porque*, ou cousa differente, que a fazia mais abundante, não se sabe onde prende o escrupulo, que a fez negar, nem para onde se deve encaminhar a prova, que a faça conceder. Estas são as principaes leis do Arguente.

Silv. Acho-vos muita razão; e a verdade he

que

que estas leis são precisissimas para se disputar como he razão. E que leis temos nós para o Defendente?

Teod. Tambem deve observar suas leis não menos importantes para conseguir o seu fim de mostrar a sua conclusão firme, e livre das difficuldades. Pois he certo que para hum homem conseguir qualquer fim, que intenta, deve caminhar por certas leis.

PRIMEIRA LEI
Para o Defendente.

Teod. *O Defendente tendo repetido o syllogismo que se lhe oppõe, responda distinctamente a cada proposição delle.* (Proposição 120.) Esta lei he importante, e tem duas partes: darei a razão de ambas ellas. Deve o defendente repetir primeiro todo o syllogismo que lhe oppõe, porque isto tem muitas utilidades; huma he mostrar aos ouvintes, e ao arguente, que percebeo bem todas as suas proposições, e a sua deducção dellas: segunda, moderar hum pouco o fogo que nas respostas nimiamente repentinas costuma ser origem de muitos erros; e isto ainda nos grandes estudantes, e de especial habilidade. Grande mercê he de Deos conhecermos as cousas como são, olhando para ellas de vagar; querer logo repentinamente ver as intrigas occultas, e difficuldades do discurso, e acertar logo o nó da difficuldade, isto he querer huma cousa muito difficil: pelo que prudentemente se

Prop. 120.

se repete primeiro o syllogismo todo. Porém repetido elle, deve-se a cada proposição dar a resposta; porque como aqui se pertende examinar se aquelle discurso prova, ou não prova contra a conclusão, e isto depende de ser verdadeira cada proposição de per si, deve examinar-se a sua verdade separadamente, para o arguente saber qual ha de provar. Se a proposição he absolutamente verdadeira, deve conceder-se absolutamente, e sem medo, porque a verdade nunca foi mãi da mentira; se eu estou certo que a proposição, que se me offerece, he verdade, não devo ter medo de a conceder, porque nunca della se me ha de seguir senão verdade. Mas se a tal proposição for falsa, deve absolutamente negar-se: se tiver hum sentido verdadeiro, e outro falso, deve explicar-se; e depois conceder hum, e negar outro. Advirto aqui, que não parece razão que o defendente esteja (como alguns) a distinguir sempre as proposições, fazendo de cada huma explicações imaginarias, que nunca vierão ao pensamento. Isto sómente serve de demorar, de embrulhar, e de fazer o acto summammente injucundo. Outros á maneira de homens de pouca palavra, tornão atrás do que huma vez disserão: e aquelle mesmo sentido, que concedêrão absolutamente, quando distinguírão huma proposição, depois não o deixão passar em salvo, sem novas, e novas explicações.

Silv. Em distinguir nunca ha perigo.

Teod. Mas ha demazia, superfluidade, enredo,

e

e embaraço para nunca se expôr a difficuldade. Parecem-se estes defendentes com aquelle Toureador (continuemos com a mesma comparação) que, estando todo o concurso preparado para ver a contenda, elle para se livrar dos perigos e sustos, se fosse para a porta do Touril, e embaraçasse por todos os modos que sahisse o Touro.

Eug. Mostrava notavel valor, e destreza! o concurso ficaria bem contente. Desse modo nem o Touro fazia as sortes, nem elle mostrava que se sabia livrar delle.

Teod. Pois assim são estes defendentes: convidão os arguentes para virem expôr as difficuldades que tiverem contra a sua conclusão, e em vez de os deixarem com politica expôr a sua razão de dúvida, só cuidão em os suffocar ao principio, para que elles não possão dizer o que lhes occorre. Isto em bom Portuguez não he defender bem conclusões, he impedir que se argumente; e era mais facil impedillos, fechando-lhes a porta, e não os deixando entrar em casa. Toda a formosura destes actos consiste em deixar pôr francamente toda a difficuldade; e cortalla, dando-lhe só o golpe no principal nó, por onde se ha de dissolver. Ora quando succeder encontrar cousas falsas no syllogismo, mas que não fazem ao ponto, donde depende a solução da difficuldade, devemos dar-lhe passagem, mas não concedellas; dizendo que passe a proposição sem exame, que he o mesmo que dizer, que supposto não a julgamos por verdadeira, por

nos

nos não embaraçarmos com o exame desse ponto, o qual não he preciso, a suppomos embora verdadeira, para ir ao ponto principal. Os que amão sinceramente o exame da pura verdade, fazem isto para ir examinar o ponto da difficuldade; os que se temem desse exame, estimão distrahir o arguente com qualquer outro exame de cousa diversa, e negão tudo o que he falso.

Silv. Ora se ambas as proposições forem verdadeiras, e o syllogismo, por ser cavilloso, tirar consequencia mal tirada, que deve fazer o defendente?

Teod. Deve conceder ambas as premissas, e negar a conclusão; por quanto só tinha obrigação de a conceder, se ella estivesse dentro das premissas; porém como se suppõe que não se inclue nellas, pois he mal deduzida, nenhuma injúria faz em conceder as premissas, e negar a consequencia. Mas se fizer isto a algum syllogismo bom, saiba que o arguente póde dar tal volta ao syllogismo, que appareça claramente a injustiça que lhe fez, e que negou a consequencia, que já estava virtualmente concedida nas premissas: o que he feio, e dá a conhecer a ignorancia do defendente.

SE-

SEGUNDA LEI
Para o Defendente.

Teod. *O Defendente não deve dar á razão do que diz, se não depois de exposta toda a difficuldade.* (Proposição 121.) A razão desta lei he, porque se a não observar, necessariamente ha de haver grande perturbação. Convém dar a cada cousa o seu tempo: e então o tempo he só para pezar bem a difficuldade do arguente; e isto só se faz, examinando bem cada proposição daquellas, em que elle se funda: se eu, que defendo, tenho motivos para a conceder, ou negar, devo obrar segundo esses motivos; mas não he tempo de os expôr, senão no fim, e aqui se occuppa a

Prop. 121.

TERCEIRA LEI
Para o Defendente.

O Defendente no fim faça hum epilogo breve da força da difficuldade, e da sua solução. (Proposição 122.) O fim desta lei he, para que o que se disse por toda a disputa se possa perceber claramente, pondo-o diante dos olhos em poucas palavras; e aqui cabe bem dar a razão do que disse, durando a disputa; pois deste modo não perturba já o arguente, antes faz que á vista do pezo dos fundamentos que ha por huma parte, se possa dar a justa estimação aos fundamentos que

Prop. 122.

ha pela outra. Em tudo se requer brevidade, e clareza: dizer só o preciso, porque o demais, além do ser superfluo, he nocivo, pois embaraça, e furta a attenção do que he digno della. O nosso espirito naturalmente se enfastia de tudo o que he nimio, e começa a aborrecer-nos, e affligir-nos tudo o que reputamos por superfluo; e estando a alma com tedio, para nada olha com attenção, e perde-se todo o trabalho, porque fallar diante de quem não attende seriamente, he fallar debalde. Estes são os dictames mais precisos, e uteis neste modo de disputar, que se usa nas escólas: porém para a conversação, ha outro Methodo de disputar muito mais claro, convincente, e breve, e tambem mais engraçado: e neste queria eu que vós, Eugenio, fizesseis particular estudo, porque he o que mais vos convém para os encontros, que tereis a cada passo.

Eug. Não me demoreis isso, por quem sois, porque me quero prevenir para esses encontros.

§. VI.

Do Methodo de disputar de Socrates.

Silv. NAõ sei que Methodo he esse, que vós tanto encareceis, que he diverso deste de syllogismos encadeiados, de que usamos nas aulas: nunca usei de outro methodo senão deste, até nas conversações.

Teod.

Teod. O Methodo, a que chamão *Socratico*, ou de Socrates, he mui claro, e mui proprio da conversação, porque he cheio de politica, de perguntas, e respostas; o que tudo he mui frequente nas conversações familiares. Consiste o seu artificio em obrigar o nosso contrario a que explique tanto a proposição que defende, e todas as suas consequencias, que vem a apparecer manifestamente a contradicção, ou absurdo que nella se encerrava.

Eug. Isso por esse modo he mui nobre, e mui conveniente. Ponde-nos exemplo prático desse modo de disputar.

Teod. Antes que ponha o exemplo, darei os dictames, para ficar mais clara depois a sua intelligencia.

PRIMEIRO DICTAME.

O Arguente deve portar-se com o seu adversario como se delle quizesse aprender fundamentalmente a sua doutrina. (Proposição 123.) A razão deste dictame he, porque deste modo o defendente sinceramente abre todo o systema da sua doutrina, sem occultar cousa alguma; e por conseguinte tem o arguente lugar de ver as incoherencias, ou absurdos, que nessa doutrina se involvem; o que não costuma succeder, se não se observa este dictame, porque então o defendente falla com reserva, e por partes he que vai dizendo ora este ponto, ora aquelle, conforme o pede a disputa: e nunca se percebe tão bem o

Prop. 123.

o systema da doutrina, como dando-se toda francamente. Além disso, póde ser qué o arguente deste modo fassa diverso conceito da doutrina, e lhe pareça melhor do que antes; pois que ouvindo-a com animo sincero, tem mais disposição para penetrar a connexão de suas partes entre si, e conhecer a verdade, se a houver. Por onde, quer queira impugnar, quer defender, he util esta diligencia. Além deste dictame, deve observar outro.

SEGUNGO DICTAME.

O Arguente deve mostrar maior rudeza, e maior dejejo de perfeita intelligencia naquelles pontos onde suspeita que se envolve a falsidade; de sorte que seja o contrario obrigado a explicar as palavras escuras, e as consequencias da sua doutrina, até que por si appareça a falsidade escondida. (Proposição 124.)

Prop. 124.

A razão he, porque este methodo encaminha-se a que o mesmo defendente mostre a falsidade da conclusão que defende, e deste modo se consegue isto. Agora já podeis melhor entender os exemplos, os quaes não podem ser tão bons, como serião, se Silvio não estivesse já advertido da minha simulação; mas sempre o faremos do melhor modo. Vós Silvio, haveis de fazer agora este papel como de comedia; defendei vós, que eu representarei o arguente.

Silv. E que ponto ha de ser o da questão?

Teod.

Teod. Seja o da alma dos Brutos, em que sei que estais mui firme, e nella podeis sem violencia representar bem o papel de defendente da doutrina Peripathetica.

Eug. Não lhe ha de custar a fazer bem o papel, porque de dentro do coração lhe sahirá tudo quanto disser a seu favor. Começai vós, Teodosio.

Teod. Amigo Silvio, sei que tendes meditado muito neste ponto da alma dos brutos, e tomára que sinceramente me instruisseis da vossa doutrina, porque a queria entender bem, e seguilla, se me parecer verdadeira. Dizei-me se reputais a alma dos brutos por espirito?

Silv. Por nenhum modo: aliàs seria immortal como a nossa alma.

Teod. Pois credes que he pura materia a alma, que os faz mover?

Silv. Nem tambem isso: he huma alma material, mas de nenhum modo he materia; e posto que seja da *mesma esféra*, e da *mesma ordem* que a materia, e dependente della, nem he espirito, nem he materia; he material.

Teod. Está bem; e supponho que esta alma material da mesma ordem da materia, e da mesma esféra he o principio de todas as acções dos brutos, assim como a nossa alma he o principio de todas as acções do homem.

Silv. Claro está; porque em todo o vivente a sua alma he o principio de todas as suas acções; e aqui vereis o desproposito dos Modernos, que querem que huma pouca de materia seja nos brutos o principio das suas acções,

sendo tão admiraveis, e que a sua alma seja como a mola no relogio. Eu me admiro, que se capacitem disto, sendo as acções dos brutos tão judiciosas, e sagazes, que ás vezes excedem as dos homens; como vemos na raposa, nos cães de caça, nos bugios, etc.

Teod. Visto isso toda a industria que admiramos nas acções dos brutos tem a sua raiz nessa alma, que lhe dais: e essa alma he que acautéla os perigos; essa alma dispõe os meios para conseguir os fins; essa alma fórma os pasmosos discursos, que admiramos.

Silv. Nunca lhe havemos de dar discurso perfeito como ao homem.

Teod. Eu não digo, que elles tem discurso perfeito. Só pergunto se essas acções dos brutos que nelles vemos, com as quaes elles lá buscão meios para conseguir o que desejão; essas acções, as quaes vós dizeis que em certo modo vencem as dos homens, pergunto se procedem dessa alma, que elles tem, de sorte que seja ella quem as disponha, e governe?

Silv. Isso sim, por quanto não ha dúvida nenhuma, que para isso he que Deos deo a alma aos viventes, para lhes mover os membros, e governar as acções.

Teod. Pois sendo assim, não percebo bem como essa alma póde ser material, isto he, da mesma ordem, e da mesma esféra da materia, como vós dissestes; por quanto se a materia pura não póde discorrer, nem dispôr, e governar as acções com sagacidade, e industria, parecia-me que tambem essa alma de que

fal-

fallamos, sendo material, e da mesma esféra; e virtude que a materia, tambem não poderia governar essas acções tão admiraveis. Perdoai-me a rudeza; más tomára entender isto bem.

Silv. Sempre vai grande differença do que he materia á alma material.

Teod. Pois se vai grande differença, já então havemos de pôr á alma material em esféra, e ordem muito superior á materia, pois póde governar as acções do bruto, que a materia não póde governar, principalmente vendo que as dispõe, e governa com tanta astucia, que ás vezes igualla, e ás vezes vence as do homem, como vós confessais.

Silv. Pois que dúvida póde haver nisso, se a razão o convence?

Teod. Já agora vou entendendo melhor, porque ao principio cuidava eu que vós dizieis que essa alma era material, por ser cá da *mesma ordem, e da mesma esféra da materia*: agora he que vejo que me enganei (1). Mas só me resta o entender como póde essa alma sem ser espirito, nem cousa que se chegue para essa classe; como póde, digo, dispôr meios para conseguir fins, acautelar perigos, etc. Não entendo como póde estar a formiga despejando o celeiro depois da chuva, e seccando o trigo ao Sol, prevendo que se o não secca, ha de grelar; se grelar não lhe dura; se lhe não dura, vem o Inverno, e não achará

(1) Aqui já apparece a contradicção com o que fica dito assima (pag. 433.)

rá provimento ; se não achar provimento, ha de ter fome ; e se tiver fome, ha de padecer incommodo, e trabalho, e talvez a morte: não sei como possa huma alma material ir adevinhando futuros encadeiados, e distantes, e ao mesmo tempo acautelar esses futuros com huma serie bem ordenada de meios oportunos, conhecendo, que se o trigo estiver ao Sol, ha de seccar; seccando, não ha de grelar ; não grelando, durará muito tempo; durando, tem que comer em todo o Inverno; tendo que comer, não padecerá fome, nem a morte. O mesmo vemos no cão, que estando satisfeito de comida, vai esconder na terra o osso que lhe sobeja, para o ir buscar a seu tempo : aqui adevinha a fome, quando não houver tanta abundancia de ossos ; adevinha, que se o não esconde, virá outro cão que lho coma ; que se o enterrar bem, ninguem dá com elle ; que a todo o tempo que quizer, alli está ; que remediando-se com elle, escapa da fome, etc. Tomára entender bem como a alma material póde conhecer tudo isto.

Silv. Os brutos se fazem esses discursos, he por hum modo material, e sem juizo : elles não aprendem Filosofia, nem estudão Logica.

Teod. Essa he a minha maior confusão, que queria que vós me explicasseis bem, porque vejo que muitos homens com alma racional, e espiritual, e estudando muito, não tem a providencia, e cautélas, que admiramos nas formigas, nas raposas, cães, bugios, etc. e digo cá comigo: Valha-me Deos, se me en-

con-

contrar com algum *Materialista*, (que ha muitos por nossos peccados nestes tempos) e me disser, que os homens não tem alma espiritual, eu não hei de saber dar-lhe resposta; porque o argumento em que eu me fiava era mostrar-lhe as acções dos homens bem ordenadas, pelas quaes elles se acautélão dos futuros, e se lembrão do passado; e como a materia não póde ter memoria do passado, nem prever os perigos do futuro, nem conhecer a connexão, e proporção de huma acção presente com o damno futuro, por quanto estas cousas não cabem nos sentidos, pareciame que havia de convencello, e obrigallo a dar ao homem huma alma espiritual. Mas agora como me dizeis, que *as acções dos brutos são ás vezes mais sagazes que as dos homens*, como me dizeis que *a sua alma he quem lhas governa, dispõe, e ordena*, como me dizeis que *essa alma não he espiritual*, fico confuso (1); porque se huma alma, sem ser espirito nem espiritual, póde governar todas as sagacissimas acções dos brutos, e conhecer proposições, futuros, e passados com cautélas, e astucias, etc. fico com a boca tapada, se me disser outro tanto da alma do homem.

Silv. Eu confesso que tendes razão. Essa he huma das cousas mais difficeis de explicar, e que nós não sabemos. Mas o que eu digo he assim; aliàs que quereis vós que eu diga?

Teod.

(1) Eis-aqui a outra contradicção mais manifesta

Teod. Eu não quero nada: só digo (será por ignorancia minha) que entendia melhor o que dizem os Modernos; porque elles dizem, que a alma dos brutos só tem por officio mover os seus membros, como a móla do relogio move as rodas; mas que a alma não dispunha as acções, nem as governava, e ordenava; que Deos era quem as combinava humas com outras, e dispoz, quando formou aquellas máquinas. Assim como quem governa, e coordena os movimentos do relogio, he o relojoeiro que tem muito bom juizo, posto que esteja fóra do relogio, e talvez já seja morto, quando o relogio ainda vai andando bem, por disposição, e governo delle. Isto pareciame mais natural, e conforme á razão; porém não vos agasteis, que será isto pouca percepção minha.

Eug. Ora basta de papel de comedia, que já não posso conter o riso. Vós agora imitastes bem a raposa, cuja astucia tanto exaltastes, e fostes com a maior dissimulação descubrindo todas as incoherencias, e contradicções das doutrinas dos Peripateticos; e já vejo que este modo de disputar, e arguir he muito mais politico, e mais galante, e mais util.

Silv. E não fiz eu tambem o meu papel muito a vosso gosto?

Eug. Sim, e o fizestes bem de coração, dizendo o que na verdade sentieis dentro delle.

Teod. Ora sabei que dou por concluida a vossa instrucção sobre a Logica. Não vos poupei a cousa alguma, que me parecesse necessaria

pa-

para o fim que tendes de discorrer bem, e acertar com a verdade nos vossos juizos. Tudo o demais que omitti, me pareceo ou inutil, ou posititivamente nocivo: póde ser que me enganasse, não o duvido: cada qual vá por onde melhor lhe parecer, que eu fui por este caminho. Agora vamos a divertir-nos a casa do nosso Amigo N. que chegou de fóra ontem á noite.

Silv. Não posso acompanhar-vos, nem estes dias, porque sou chamado para huma junta fóra da terra; e pela manhá tenho de fazer jornada, he preciso preparar-me esta noite; e já estava receiando que hoje não acabasseis a Logica, pois teria disgosto, se a não visse concluir.

Teod. Tambem eu o estimo; e pois que vos ausentais, peço-vos que vos não demoreis muitos dias, que Eugenio vos espera com saudade grande.

Eug. Sem vós virdes não entramos em outra materia.

Silv. Nem a minha occupação, nem a vossa amizade, e obediencia me consentirá fóra da terra muitos dias: ficai-vos embora.

Teod. Ora, Eugenio, já que ficamos sós, quero agora que me mostreis essa vossa memoria, que Silvio chama de algibeira, porque quero ver a serie dos Dictames, que vos tenho dado em toda a Logica, e quero ver se falta algum, que vos seja preciso.

Eug. Aqui os tendes nesta lista, póstos pela mesma ordem que mos ensinastes. Vede-a de vosso vagar....

Teod.

Teod. Tenho lido, e sómente vos recommendo, que tomeis estes Dictames bem de memoria, que achareis nelles huma guia segurissima, e como hum fio que vos desembarasse dos labyrinthos, em que costuma o nosso entendimento enredar-se.

Eug. Para os confirmar na memoria, he que os escrevi neste papel.

Teod. Vamos á nossa visita.

Eug. Vamos.

CATALOGO
DAS PROPOSIÇÕES FUNDAMENTAES,
em que se contém toda a Logica.

Da nossa Imaginação, e seus actos.

Prop.

Do Entendimento, e suas Idéas.

Prop.

se-

mos

que tragão o seu nome: se o estilo, maximas, e opiniões são as mesmas que o Author mostra em outras obras suas: se os Escritores proximos áquella idade attribuem essa obra ao mesmo Author, e nada nella se encontra, que seja contrario á Historia daquella idade, nem seja indigno do Author, seguramente se lhe póde attribuir, pag. 189.

Prop. 50. *Se huma Tradicção perpétua, desde os tempos proximos ao Escritor, concorda com o livro, deve-se ter por genuino,* pag. 189.

Prop. 51. *Quem quizer entender bem qualquer Escritor, deve lello na lingua em que elle escreveo, e entendella bem,* pag. 195.

Prop. 52. *Não se devem tomar as palavras núas, e descarnadas do contexto, e systema do Escritor, mas deve-se attender a todo o systema, e Principios de que o Escritor se vale,* pag. 198.

Prop. 53. *Não devemos interpretar o sentido do Author, accommodando-nos ás nossas opiniões, mas ás delle; nem indo já de proposito assentando que segue, ou que impugna o nosso partido, mas havemos de entrar no exame do seu sentir com total indifferença,* pag. 199.

Prop. 54. *As palavras do Author devem-se tomar no sentido mais obvio, e literal; excepto se esse sentido for cousa absurda, ou encontrar as regras precedentes,* pag. 200.

Prop. 55. *Quando no Escritor se achão opiniões encontradas, deve-se ver se de proposito mudou de sentença; e sendo assim, devemos seguir a ultima: porém se não se conhece o ani-*

Do bom uso das nossas Idéas.

Do Juizo, ou sentença, que dá o nosso entendimento.

Do Discurso bem formado.

Prop.

Do Methodo.

Leis para achar a verdade.

Leis

Leis para ensinar a verdade.

Leis para as disputas.

Prop.

INDICE
DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, que se contém neste Tomo VII.

A

Das

Quan-

Co-

E

F

H

I

Co-

Maior

M

N

O

P

Com-

T

V

F I M.